



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA LOPES**

**A MODALIZAÇÃO EM AUTOBIOGRAFIAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**  
**CONTEMPORÂNEO**

**FORTALEZA**

**2022**

MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA LOPES

A MODALIZAÇÃO EM AUTOBIOGRAFIAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO  
CONTEMPORÂNEO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L854m Lopes, Maria de Fátima de Sousa.  
A Modalização em autobiografias do português brasileiro contemporâneo / Maria de Fátima de Sousa  
Lopes. – 2022.  
196 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação  
em Linguística, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.
1. Modalização. 2. Autobiografia. 3. Gramática sistêmico-funcional. I. Título.

CDD 410

---

MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA LOPES

A MODALIZAÇÃO EM AUTOBIOGRAFIAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO  
CONTEMPORÂNEO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira

Aprovada em: 29/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Izabel Larissa Lucena Silva  
(Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB)

---

Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*A todas e a todos que escolheram mudar o  
mundo por meio da educação.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas raízes femininas, iniciando com minha avó Alzira Ribeiro Guimarães, pelo incentivo por meio da frequente contação da sua história de vida, principalmente no que toca ao seu processo de alfabetização ocorrido às escondidas do seu pai, e que, por isso, teve sua mão fraturada por ter demonstrado resistência, uma vez que era proibido às mulheres da família desenvolverem a leitura e a escrita. Sou grata à minha mãe, Matilde de Sousa Lopes, que me levou para a escola desde os dois anos de idade, e com seu apoio inconsciente, tão logo descobri o mundo das letras. Agradeço a minha irmã Edilena Nobre, que sempre me mostrou a riqueza do caminho do conhecimento através do seu exemplo, e sou grata à mais recente mulher da família, Sofia Moura, por me motivar a seguir e a ser melhor, para mim e para ela, levando-me a entender os desafios da maternidade e ampliando compreensões antes ignoradas por mim.

Agradeço ao Robson Moura pelo apoio contínuo, tanto no mestrado quanto no doutorado, pelas palavras de afeto e de encorajamento constante, pela forma tranquila de ver a vida. Sem ele, tudo teria sido mais difícil. Sou grata pela paz que me passa, pelos sonhos compartilhados, por vibrar comigo a cada acerto e por me acolher a cada decepção, principalmente nesse percurso acadêmico que venho trilhando.

Agradeço aos meus irmãos Eilton, Erivardo e Edval por compartilharem comigo conversas, brincadeiras e conhecimento.

Agradeço à minha grande orientadora Márcia Teixeira Nogueira pela partilha do conhecimento realizada nas disciplinas da graduação, do mestrado e do doutorado; pela paciência em me orientar; pelas muitas vezes que me levou a parar, repensar e refazer pontos necessários para a melhoria da tese; pelas constantes reuniões pelo Meet nesses tempos de pandemia e pela compreensão em situações difíceis, fazendo-se exemplo de profissionalismo, humanidade e liderança. Agradeço por tudo, e lamento por não ter conseguido responder a todas as suas expectativas.

Agradeço a minha querida e para sempre professora Nadja Paulino Pessoa Prata, que me enveredou pelo caminho acadêmico, que me fez acreditar na minha força e coragem, que me auxiliou nas disciplinas de Estágio, assim como nas qualificações. Muito obrigada por compartilhar o conhecimento e a experiência de vida, pelo apoio acadêmico e pelas contribuições neste trabalho, professora.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES - pelo financiamento dos meus estudos, contribuindo significativamente para a minha manutenção na Universidade.

Sou grata a todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística pelas valiosas contribuições nos estudos da linguagem, com destaque para Márcia Nogueira, Nadja Prata, Ricardo Leite, Márluce Coan, Hebe Macedo e José Américo.

Agradeço à disponibilidade da banca em avaliar a qualidade do meu trabalho e contribuir com seu posicionamento para o melhoramento desse estudo. De forma especial, agradeço as valiosas e indispensáveis contribuições da Professora Dra. Izabel Lucena, do Professor Dr. Wellington Mendes e da Professora Dra. Nadja Prata, pois foram essenciais para o melhoramento desta pesquisa enquanto integrante dos estudos funcionalistas da linguagem. Agradeço também as ricas contribuições da Professora Dra. Sandra Maia no que se refere às discussões envolta do discurso autobiográfico.

Agradeço ao bom amigo André Oliveira pelas conversas, pelo apoio acadêmico, pelo companheirismo e pelas risadas, pois muito ajudaram a amortecer o caminho árduo da pós-graduação em Linguística.

Agradeço às amigas Ana Patrícia e Giselli Freitas pelo apoio, pelas trocas de experiências, pelo estímulo à evolução constante, pela torcida, pelos momentos de descontração etc. Isso, e muito mais, fizeram e fazem muita diferença na minha vida pessoal e acadêmica. Obrigada, minhas queridas amigas.

Agradeço à amiga Fátima Carla pelas palavras de incentivo e de acolhimento; pelos aprendizados a partir do seu exemplo e pela torcida nos momentos de desafio.

Agradeço continuamente à família PRECE (Programa de Educação em Células Cooperativas), pois sem este programa jamais teria ingressado numa Universidade pública, em especial, agradeço ao professor Manoel Andrade.

Agradeço também aos amigos Hermison Bezerra e Daniele Mota, que me acompanharam, me encorajaram e me ajudaram a construir a pessoa que sou.

Finalmente, agradeço a Deus, força maior que me tem movido até aqui, e agradeço a mim por me fortalecer nesse caminho nada cômodo, diante de momentos de incerteza, da rotina acadêmica estressante, das crises de identidade e ansiedade, dos muitos questionamentos sobre as razões por que continuar etc. Em meio a tantos motivos para me desviar do doutorado em Linguística e seguir a vida profissional e familiar com um pouco mais de tranquilidade, sobressaiu-se a vontade de seguir, de evoluir nos estudos da área que escolhi para a vida, ciente

da imensidão inesgotável que há para conhecer. Então, por pretender ser uma professora em busca cada vez mais de consciência na condução e orientação do saber, seguirei na trilha do conhecimento. Se a vida acabar hoje, estarei feliz por ter escolhido o caminho do conhecimento, da educação e da linguagem.



## RESUMO

Este estudo objetiva analisar a Modalização em autobiografias no português brasileiro contemporâneo, tendo em vista a tomada de posição do autor na construção das suas experiências ao narrar sua história de vida. Tomamos como Modalização, o recurso linguístico relativo aos graus de *probabilidade* e de *usualidade* com que o falante descreve suas experiências e crenças. Para a realização desse estudo, utilizamos a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), de Halliday e Matthiessen (2004; 2014), como suporte teórico. Essa gramática considera que as representações do mundo e das experiências do falante são consequências das escolhas léxico-gramaticais feitas em contextos específicos de uso e considera a Modalização um fenômeno de avaliação do conteúdo quanto ao eixo do conhecimento (*probabilidade*) e da frequência (*usualidade*). O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi composto de um recorte proveniente de seis autobiografias. Após a identificação dos recursos de Modalização nessas amostras, estes foram analisados segundo parâmetros que caracterizam a Modalização em cada contexto, tais como os seus tipos, os valores, a orientação, a manifestação, a interferência da Polaridade negativa, a tipologia textual, os Processos Experienciais alvos do fenômeno, as formas de expressão e o tempo das formas verbais. Utilizamos o software SPSS (*Statistical Package for Social Science*, versão para Windows) como ferramenta na análise quantitativa relativa aos parâmetros acima. Interpretamos, em seguida, os resultados obtidos em análise uma qualitativa. Foram localizadas 314 ocorrências no *corpus*. Concluímos que os autores se apropriam, com um pouco mais de frequência, da construção dos efeitos de sentido no eixo da *probabilidade* modal (57%); que se utilizam, com mais frequência, dos *graus altos* (43,3%) da Modalização, incidindo nos valores de “certeza” e “alta frequência” (44,2%), para apresentar narrativas de fatos importantes da sua experiência; que se posicionam predominantemente de forma *objetiva implícita* (64,4%), por meio, principalmente, de formas *adverbiais* (58,9%). Evidenciamos, ainda, que os autores se utilizam do recurso da Polaridade negativa para *deslocar o valor da Modalização de um polo a outro* (podendo também atenuar e intensificar o valor modal); que a Modalização, nesses textos, escopa prioritariamente *Processos Materiais* (42%), indicativos de fazeres e aconteceres contados pelos autores (repercutindo também, ambigualmente, em “comportamentos” e/ou “dizeres”); que o *Pretérito Imperfeito do Indicativo* foi significativo na temporalidade das expressões verbais de Modalização, sinalizando os costumes ou a duração dos efeitos modais e que, em trechos do tipo *Narrativo*, o uso de modalizadores é mais frequente (93%). Constatamos, então, que a Modalização é um recurso relevante usado no gênero autobiografia,

e se caracteriza, como supomos, por ancorar o posicionamento do autor na narração de suas experiências, de forma a avaliar, no campo da certeza e do comprometimento, conteúdos acerca da formação de sua subjetividade.

**Palavras-chave:** modalização; autobiografia; gramática sistêmico-funcional.

## ABSTRACT

This study aims to analyze Modalization in autobiographies in contemporary Brazilian Portuguese, considering the author's position in the construction of his experiences when narrating his life story. We take as Modalization, the linguistic resource related to the degrees of probability and usuality with which the speaker describes his experiences and beliefs. To carry out this study, we used the Systemic-Functional Grammar (GSF), by Halliday and Matthiessen (2004; 2014), as theoretical support. This grammar considers that the representations of the world and of the speaker's experiences are consequences of the lexicogrammatical choices they make in specific contexts of use and considers Modalization a phenomenon of content evaluation in terms of the axis of knowledge (probability) and frequency (usuality)). The corpus used in this research was composed of a clipping from six autobiographies. After identifying the Modalization resources in these samples, they were analyzed according to parameters that characterize Modalization in each context, such as their types, values, orientation, manifestation, interference of negative Polarity, textual typology, Processes Experiential targets of the phenomenon, the forms of expression and the tense of the verbal forms. We used the SPSS software (Statistical Package for Social Science, version for Windows) as a tool in the quantitative analysis for further qualitative analysis. 314 occurrences were found in the corpus. We conclude that the authors use, with a little more frequency, the construction of meaning effects on the axis of modal probability (57%); that they frequently use the high degrees (43.3%) of Modalization, focusing on the values of “certainty” and “high frequency” (44.2%), to present narratives of important facts from their experience; who are predominantly positioned in an implicit objective manner (64.4%), mainly through adverbial forms (58.9%). We also evidence that the authors use the Negative Polarity resource to shift the Modalization value from one pole to another (which may also attenuate and intensify the modal value); that Modalization primarily focuses on Material Processes (42%), indicative of doings and happenings told by the authors (also reflecting, ambiguously, on “behaviours” and/or “sayings”); that the Past Imperfect of the Indicative was significant in the temporality of the verbal expressions of Modalization, signaling the customs or the duration of the modal effects and that, in Narrative-type excerpts, the use of modalizers is more frequent (93%). We found, then, that Modalization is a relevant resource used in the autobiography genre, and is characterized, as we suppose, by anchoring the author's position in the narration of his

experiences, in order to evaluate, in the field of certainty and commitment, contents about the formation of their subjectivity.

**Keywords:** modalization; autobiography; systemic-functional grammar.

## RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar la Modalización en autobiografías en portugués brasileño contemporáneo, considerando la posición del autor en la construcción de sus experiencias al narrar su historia de vida. Tomamos como Modalización, el recurso lingüístico relacionado con los grados de probabilidad y habitualidad con que el hablante describe sus experiencias y creencias. Para llevar a cabo este estudio, se utilizó como soporte teórico la Gramática Sistémico-Funcional (GSF), de Halliday y Matthiessen (2004; 2014). Esta gramática considera que las representaciones del mundo y las experiencias del hablante son consecuencias de elecciones lexicogramaticales realizadas en contextos de uso específicos y considera la Modalización como un fenómeno de evaluación del contenido en términos del eje del conocimiento (probabilidad) y de la frecuencia (habitual). El *corpus* utilizado en esta investigación estuvo compuesto por un recorte de seis autobiografías. Luego de identificar los recursos de Modalización en estas muestras, se analizaron según parámetros que caracterizan la Modalización en cada contexto, tales como sus tipos, valores, orientación, manifestación, interferencia de la Polaridad negativa, tipología textual, Procesos Experienciales donde cae el fenómeno, las formas de expresión y el tiempo de las formas verbales. Se utilizó el software SPSS (Statistical Package for Social Science, versión para Windows) como herramienta en el análisis cuantitativo para posteriores análisis cualitativos. Se encontraron 314 ocurrencias en el *corpus*. Concluimos que los autores utilizan, con un poco más de frecuencia, los efectos de construcción de significado en el eje de probabilidad modal (57%); que utilizan con frecuencia los grados altos (43,3%) de Modalización, centrándose en los valores de “certeza” y “alta frecuencia” (44,2%), para presentar narraciones de hechos importantes de su experiencia; quienes se posicionan predominantemente de manera objetiva implícita (64,4%), principalmente a través de formas adverbiales (58,9%). También evidenciamos que los autores utilizan el recurso de Polaridad Negativa para cambiar el valor de Modalización de un polo a otro (que también puede atenuar e intensificar el valor modal); que la Modalización se enfoca principalmente en Procesos Materiales (42%), indicativos de hechos y acontecimientos narrados por los autores (reflejando también, ambiguamente, “comportamientos” y/o “dichos”); que el Pasado Imperfecto del Indicativo fue significativo en la temporalidad de las expresiones verbales de Modalización, señalando las costumbres o la duración de los efectos modales y que, en extractos de tipo Narrativo, el uso de modalizadores es más frecuente (93%). Encontramos, entonces, que la Modalización es un recurso relevante utilizado en el género autobiográfico, y

se caracteriza, como suponemos, por anclar la posición del autor en la narración de sus vivencias, con el fin de evaluar, en el campo de la certeza y del compromiso, contenidos sobre la formación de su subjetividad.

**Palabras-clave:** modalización; autobiografía; gramática sistémico-funcional.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tipos de Modalização nas autobiografias .....	115
Tabela 2 - Graus de Modalização nas autobiografias.....	117
Tabela 3 - Valores da Modalização nas autobiografias .....	117
Tabela 4 - Orientação da Modalização nas autobiografias.....	121
Tabela 5 – A influência da Polaridade na Modalização .....	128
Tabela 6 – Processos Experienciais no escopo da Modalização .....	131
Tabela 7: Interseção entre os Processos Experienciais e o tipo de Modalização .....	140
Tabela 8 - Expressões instauradoras da Modalização nas autobiografias .....	142
Tabela 9 - Verbos auxiliares modais nas autobiografias .....	151
Tabela 10 - Expressões e tipos da Modalização .....	156
Tabela 11 - Tipologia textual e Modalização nas autobiografias .....	160

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Oferta e demanda de informações / bens e serviços.....	56
Quadro 2 - Classificação das modalidades conforme Hengeveld (2004).....	79
Quadro 3 - Orientação e a manifestação da modalidade .....	92
Quadro 4 - Modalização: tipo e orientação combinados .....	94
Quadro 5 - Os valores da Modalização .....	95
Quadro 6 - Modalidade na Gramática Sistêmico-Funcional .....	95
Quadro 7 - Exemplificação da ficha de análise das ocorrências .....	108
Quadro 8 – Categorias da Modalização e sua manifestação nas autobiografias analisadas...	166



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Estratificação da linguagem .....	49
Imagem 2 - Tipos de Processos Experienciais .....	70
Gráfico 1 – Tempo e modo das expressões verbais da Modalização nas autobiografias .....	158
Gráfico 2 – Tipologia textual e tipo de Modalização .....	162

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	18
2	A AUTOBIOGRAFIA COMO CONTEXTO DE ANÁLISE DA MODALIZAÇÃO .....	27
2.1	Por que uma análise da Modalização em autobiografia? .....	27
2.2	Caracterização geral do gênero autobiografia .....	28
2.3	Autobiografia enquanto gênero para investigação da Modalização. ....	31
2.1	Síntese conclusiva .....	36
3	FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO E A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL .....	37
3.1	Breve histórico sobre a perspectiva funcional dos estudos linguísticos .....	37
3.2	A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) .....	43
3.2.1	<i>A Metafunção Interpessoal – a oração como troca</i> .....	55
3.2.2	<i>A Metafunção Ideacional</i> .....	61
3.3	Síntese conclusiva .....	71
4	MODALIDADE E MODALIZAÇÃO NA LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL .....	72
4.1	Visão geral sobre a Modalidade .....	72
4.1.1	<i>Os tipos de modalidade</i> .....	77
4.2	A Modalidade na GSF: delimitação e ramificações .....	83
4.2.1	<i>A delimitação da Modalidade na GSF</i> .....	85
4.2.2	<i>A Modalização na GSF</i> .....	92
4.2.3	<i>Resumo do tratamento da Modalidade na GSF</i> .....	95
4.3	Síntese conclusiva .....	97
5	METODOLOGIA .....	99
5.1	Natureza da pesquisa .....	99
5.2	Constituição e caracterização do <i>corpus</i> .....	100
5.3	Categorias para análise da Modalização nas autobiografias .....	103

5.4	Procedimentos de análise.....	109
5.5	Síntese conclusiva.....	111
6	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA MODALIZAÇÃO EM AUTOBIOGRAFIAS</b> .....	113
6.1	<b>Aspectos da Modalização em autobiografias.....</b>	113
6.1.1	<i>Tipos de Modalização nas autobiografias.....</i>	114
6.1.2	<i>Graus e valores da Modalização.....</i>	116
6.1.3	<i>Orientação modal.....</i>	120
6.1.4	<i>Polaridade da Modalização.....</i>	126
6.1.5	<i>Processos Experienciais no escopo da Modalização.....</i>	130
6.1.6	<i>Expressões instauradoras da Modalização nas autobiografias.....</i>	141
6.1.7	<i>Tempo e modo verbais em associação às marcas de Modalização.....</i>	157
6.1.8	<i>Tipologia textual e Modalização.....</i>	160
6.2	<i>Casos inusitados de Modalização.....</i>	163
6.3	Síntese conclusiva.....	168
7	<b>CONCLUSÃO.....</b>	170
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	175
	<b>ANEXO 1: DADOS REFERENTES À CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....</b>	181

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se abriga nos estudos linguísticos em descrição e análise funcionalista dos fatos da língua. Cientes de que a Modalização<sup>1</sup> é um tipo de modalidade que diz respeito às nuances de *probabilidade* e de *usualidade* com que o indivíduo descreve suas experiências e crenças, realizamos, neste estudo, uma análise funcional da Modalização em autobiografias, a fim de identificar uma caracterização dos efeitos modais desse tipo de modalidade no gênero<sup>2</sup> citado. Gênero em que a Modalização parece desempenhar função proeminente na construção discursiva. Realizamos esta pesquisa sabendo que descrever, sistematicamente, as relações funcionais entre recursos linguísticos e construção discursiva é uma tarefa primordial para a análise funcional do texto.

A categoria discursiva modalidade é entendida como os elementos linguísticos ligados ao evento de produção do enunciado que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do falante<sup>3</sup> com relação ao discurso. É nessa categoria que está o foco desta pesquisa. A modalidade, tal como é compreendida na concepção de Halliday e Matthiessen (2014), é tratada como as escolhas linguísticas possíveis, entre os polos positivo e negativo, de manifestação linguística, na qualificação de conteúdos experienciais e opiniões. Dentro dessa gradação, o falante tem, a seu dispor, meios linguísticos de agir interpessoalmente, isto é, de trocar informações e de trocar bens e serviços. Ao trocar informações, o falante aciona seu conhecimento experiencial e deixa marcas de seu comprometimento com a veracidade do que é dito, considerando seus posicionamentos e crenças. Nessas trocas de informações, em que o falante oferece ou demanda informação, a linguagem pode manifestar diferentes graus de *probabilidade* e de *usualidade* a respeito da informação trocada, e é nesse terreno onde opera a Modalização.

Nosso objetivo geral é investigar a relação entre as expressões que operam a Modalização e o gênero autobiografia. Para a realização deste estudo, optamos pela perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, uma vez que consideramos a língua como um sistema à disposição do falante para realizar suas escolhas linguísticas. Essas escolhas variam em função

---

<sup>1</sup> Usamos Modalização para fazer referência a um tipo da categoria Modalidade, conforme trabalhada na Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiessen (2004; 2014), e equivale, aproximadamente, à modalidade dita *epistêmica*. Dessa forma, não se trata do “ato de modalizar”, como discutido em outros trabalhos.

<sup>2</sup> Tomamos, neste trabalho, a autobiografia como gênero do discurso baseados em Bakhtin (2012).

<sup>3</sup> O termo “falante” é usado, neste trabalho, em referência ao indivíduo e aos aspectos de compreensão e produção linguística, oral ou escrita, relacionados a ele, de forma geral. Usamos esse termo com base em seu uso corrente em pesquisas orientadas pelo Funcionalismo linguístico.

das motivações sociodiscursivas de cada contexto de uso. Como menciona Neves (1996), ao tratar do funcionalismo de Halliday, o sistêmico diz respeito às escolhas entre os termos do paradigma, sob a ideia de que escolha produz significado e, sendo assim, a perspectiva sistêmico-funcional é, antes de tudo, paradigmática.

Nesse sentido, segundo Halliday (1976), a forma particular assumida pelo sistema gramatical está relacionada de perto às necessidades sociais e pessoais que ela é chamada a atender; colocando-se, então, à disposição do falante para agir socialmente por meio da linguagem. Partindo desse ponto de vista, a oração, quando é considerada uma troca, é analisada não só como representação da realidade, mas também como uma parte da interação entre falante e ouvinte. Dessa forma, supomos que, mesmo sendo a autobiografia um gênero referente à história de vida de um indivíduo, escrita por ele mesmo, e com narrativa tomada como trama textual predominante, a identidade desse indivíduo é linguisticamente ou, para sermos mais exatos, interacionalmente construída.

Quando dizemos que a linguagem está à disposição das escolhas de um indivíduo para que este aja socialmente, consideramos que as especificidades dessas escolhas dependem das especificidades de cada cultura, o que nos leva a considerar, segundo a Linguística Sistêmico-Funcional, o conceito de Contexto de Cultura. Esse entorno cultural condiciona e explica as múltiplas manifestações linguísticas possíveis numa dada interação. E, dentro dele, o indivíduo faz uso da linguagem em variadas situações. Cada situação possível dentro desse entorno cultural é interpretada como Contexto de Situação. É nesse contexto que ele organiza suas escolhas linguísticas com base nas suas intenções, conforme alguns padrões situacionais.

A partir desse entendimento, esta pesquisa busca fazer uma análise da Modalização como recurso relevante na construção e constituição autobiográfica. Sabemos que o gênero autobiografia possui uma estrutura típica. E, ao compararmos textos pertencentes a esse mesmo gênero, percebemos que eles apresentam escolhas linguísticas recorrentes quanto a seus aspectos formais e funcionais. Nesse sentido, é importante compreender que nada ocorre na língua por acaso. O sistema gramatical da língua é estruturado e organizado para servir às demandas de cada indivíduo em cada situação comunicativa. Quando pessoas de um mesmo contexto sociocultural objetivam construir textos determinados, há um alinhamento, embora flexível, das suas escolhas para a efetivação do conteúdo comunicado em uma dada interação. É também nesse ponto que age esta pesquisa: na busca pelo conhecimento sobre as possíveis recorrências de escolhas linguísticas referentes à Modalização em autobiografias.

Para o desenvolvimento deste trabalho, consideramos que a linguagem é, antes de tudo, funcional, pois está a dispor dos usuários da língua para a manifestação das suas experiências com base na sua realidade material, mental e relacional; constituindo relações entre falante e ouvinte ou entre autor e leitor na troca de informações e na troca de bens e serviços.

Nesse tocante, e como dispõe a Gramática Sistêmico-Funcional (2014), as representações de nosso mundo e das nossas experiências são consequências das escolhas léxico-gramaticais que fazemos em contextos específicos de uso. A língua torna-se, assim, um instrumento que vai muito além da organização estrutural no nível da frase, já que tem sua funcionalidade ligada à produção de significados funcionais. Assim sendo, um texto é produto de seu entorno e funciona nele; possui uma estrutura genérica, tem coesão interna, tem significado, e significado é opção, que depende de um fluxo contínuo de seleções engrenadas.

É a partir desse pensamento que consideramos a modalidade como as múltiplas opções usadas pelo indivíduo para apresentar sua percepção sobre o que informa, com base em uma escala de possibilidades, que tem como limites um “sim” e um “não”. Dentro desses limites, há a Modalização, que se relaciona ao eixo do conhecimento. A modalidade possibilita, assim, deixar, nos textos, as marcas de posicionamento de quem os formula e transmite uma mensagem. O contexto de manifestação modal que nos interessa nesta pesquisa é a autobiografia, gênero caracterizado como uma narrativa retrospectiva em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, enfatizando sua vida individual, como aponta Lejeune (2008). Identificar e entender as relações da manifestação de recursos modais na autobiografia possibilita uma compreensão das motivações da Modalização nesse tipo de narrativa.

Considerando que o gênero autobiografia se configura como uma atividade desenvolvida por um autor que discorre sobre sua vida, sobre suas experiências do modo como ele as percebe, apontando caminhos para desvendarmos os posicionamentos imbricados na construção da sua identidade, julgamos ser bastante relevante investigar as escolhas linguísticas epistêmicas feitas e que podem ser representativas nesse gênero narrativo. Com isso, acreditamos que a autobiografia não apenas relata fatos passados sobre as experiências do autor, mas, por meio desses relatos, aponta caminhos que permitem ao leitor conferir marcas da sua identidade e do seu julgamento frente a questões múltiplas de caráter pessoal e sociocultural.

É sabido que o indivíduo, por meio de modalizadores, demonstra maior ou menor grau de engajamento com relação à proposição ou à proposta de ação veiculada, de forma a indicar os destinos para os quais os diversos enunciados podem ser direcionados para atender

suas intenções. Dessa forma, os modalizadores são de naturezas distintas e, a depender do tipo de modalidade em foco, podem manifestar sentidos distintos, dentre eles, *probabilidade, usualidade, desejo, ordem, permissão, proibição, crenças, habilidades* etc. Como dissemos, o recurso linguístico da Modalização, enfocado neste trabalho, corresponde ao tipo de modalidade referente ao eixo da *crença* e da *usualidade*, reportando-se ao conhecimento que o falante tem sobre alguns eventos, que pode indiciar a sua percepção sobre o grau de relevância do que é dito. As expressões linguísticas contempladas por esses eixos estão presentes em muitos gêneros do discurso.

Especialmente no que tange à autobiografia, deixamos em evidência que o trato com gêneros narrativos como esse não é simples e nem objetivo, pois os aspectos referentes a sua constituição são inferidos por meio dos efeitos de sentido gerados pelas expressões linguísticas escolhidas pelo autor. É neste eixo que está um ponto importante da pesquisa, revelar que a Modalização é um recurso relevante no estabelecimento dos efeitos de sentido centrais no percurso de construção do texto autobiográfico.

A subjetividade do autor, nesses textos, não é dada, é construída histórica e socialmente, por meio daquele que produz o discurso com base na sua intencionalidade. O autor não discorre sobre si mesmo de forma gratuita, mas almeja transmitir uma mensagem, mensagem esta que traz seus julgamentos imbricados. O autor busca comunicar sua trajetória, assim como sua percepção em relação a tudo o que considera significativo e que o cercou e norteou até o momento de escrita. Fazendo isso, expõe o que julga conhecer, define-se e organiza e projeta uma imagem daquilo que é (ou que quer parecer).

Ao discorrer sobre suas experiências, o autor organiza seu discurso no intuito de passar a imagem objetivada por ele ao seu leitor, seja ela de um vencedor, sofredor, eterno aprendiz etc. Para isso, conscientemente ou não, escolhe os elementos léxico-gramaticais necessários para expressar os significados que pretende. Nossa investigação entra em cena neste ponto também, uma vez que nos interessa entender como se dão as escolhas que permitem que o autor modalize seu discurso a fim de expressar seu conhecimento com base nas suas crenças, deixando marcas, assim, da sua visão de mundo e da imagem que dele deseja projetar. Sendo assim, buscamos entender as funções e o funcionamento da linguagem, considerando o entorno contextual do uso da Modalização, uma vez que é fundamental para a ampliação e para o desenvolvimento dos estudos em Linguística.

Seguindo a apresentação do que se trata esta pesquisa, deixamos claro que consideramos o viés gramatical, juntamente com algumas condicionantes pragmático-

discursivas. Diante do exposto, realizamos um trabalho de análise primeiramente gramatical, teoricamente orientada no Funcionalismo linguístico, uma vez que consideramos o arcabouço pragmático-discursivo motivador das escolhas linguísticas, e ponderamos sobre alguns aspectos de ordem textual. Acreditamos que o discurso autobiográfico pode condicionar o uso de determinados modais epistêmicos, ou seja, o caráter experiencial do gênero pode motivar a escolha por expressões da ordem do conhecimento, e esses modais podem evidenciar marcas de posicionamento do autor, orientando o leitor a perceber como a sua identidade é/foi construída.

Outros trabalhos já se ocuparam em analisar a Modalização com base na Gramática Sistêmico-Funcional e em gêneros que abarcam tipologias além da argumentativa, como ocorreu com a pesquisa de Nascimento (2010). O estudo do pesquisador investiga a Modalização como um fenômeno discursivo em 15 notícias de Popularização da Ciência (PC) do site *BBC News International*. A alta ocorrência de operadores com Baixo Valor modal nas notícias indicou um baixo grau de comprometimento dos falantes com suas proposições, permitindo, assim, a expansão dialógica que caracteriza a prática social de PC contemporânea (MYERS, 2003).

Sob outra perspectiva, temos o caso do trabalho intitulado “Os Processos Mentais na narrativa autobiográfica de um imigrante nos EUA: uma análise sistêmico-funcional”, de Andrade (2011). Neste caso, o foco da pesquisa são os Processos Mentais relacionados à organização do contexto com significados ideacionais - fontes para a construção de conteúdo - usados para construir o *campo* (a ação social). No trabalho aqui desenvolvido, no entanto, analisamos, principalmente, as relações modais imbricadas no discurso autobiográfico e que denunciam o grau de comprometimento do autor com aquilo que diz.

Outra pesquisa com foco na modalidade em narrativas é o trabalho de Marino Neto (2006), que objetivou analisar, comparativamente, a manifestação da modalidade epistêmica em narrativas orais de experiência pessoal e recontada. O autor concluiu que a narrativa de experiência pessoal apresentou menor índice de Modalização e, independentemente do tipo de narrativa (experiência pessoal ou recontada), houve o predomínio do efeito de descomprometimento por parte dos informantes em relação ao conteúdo relatado. No entanto, esse efeito de descomprometimento, quando a Modalização se faz no terreno da não certeza, apresentou maior frequência nas narrativas de experiência pessoal.

Os três trabalhos mencionados tratam de aspectos referentes à oração como troca e à oração como representação da experiência, considerando os aspectos de investigação



linguística em gêneros comportam a tipologia narrativa (notícias, autobiografias e narrativas orais). Nesses trabalhos, a nosso ver, os discursos narrativos se revelaram grandes motivadores de expressões epistêmicas devido, principalmente, ao caráter experiencial dos conteúdos veiculados no gênero. Esses estudos, dentre outros, impulsionam nossa pesquisa e nos motivam a buscar compreender se há escolhas significativas em relação ao uso da Modalização nos textos autobiográficos.

A modalidade, em sua complexidade, tem sido trabalhada em diversos vieses. Novas possibilidades de significado atribuídos ao domínio funcional da modalidade surgem e, com elas, redefinições e recategorizações. No entanto, o entendimento da relação entre a modalidade epistêmica e a construção discursiva, assim como das relações entre as expressões modais e seu entorno comunicativo, no que se refere aos textos de predominância narrativa e de natureza autobiográfica, precisa ser mais aprofundado. Por esse motivo, buscamos analisar que motivações impulsionam e que aspectos circundam o uso das expressões de Modalização em autobiografias redigidas no português brasileiro contemporâneo. Pensamos que essa realização pode ser útil para os estudos no âmbito do Funcionalismo linguístico na medida em que a compreensão de aspectos linguísticos e extralinguísticos referentes ao gênero do discurso estudado pode abrir caminhos para uma compreensão mais profunda da Modalização e sua relação com a construção dos julgamentos do falante ao apresentar sua história de vida.

Antes de apresentarmos os problemas específicos dessa pesquisa, firmamos que o nosso problema central é buscar responder a seguinte pergunta: *como se caracteriza a Modalização no gênero autobiografia, tendo-se em vista sua manifestação ao ancorar o posicionamento do autor na construção das suas experiências na narração da sua história de vida?* Para respondermos a essa questão geral, formulamos as seguintes questões específicas: (i) Com que recorrência as expressões dos dois tipos da Modalização (*probabilidade* e *usualidade*) são identificadas no *corpus* em análise? (ii) Que grau, do tipo *probabilidade* e *usualidade*, é mais recorrente no *corpus*? (iii) Quais os valores mais representativos da Modalização são identificados nas autobiografias? (iv) Como e com que frequência são marcadas a orientação (objetiva/subjectiva) e a manifestação (explícita/implícita) da Modalização nas autobiografias analisadas? (v) Que efeitos geram os recursos de Polaridade negativa nas manifestações modais das autobiografias sob análise? (vi) Que Processos Experienciais são representados como escopos da Modalização? (vii) Quais as formas de expressão são mais usadas pelos autores para deixarem marcas da Modalização nos seus textos? (viii) Qual o tempo predominante em que ocorrem as expressões verbais manifestantes da

Modalização e que efeitos de sentido ele constrói? (ix) Em qual tipologia textual é mais recorrente o uso da Modalização?

Nossa hipótese geral é que a *Modalização, no gênero autobiografia, se caracteriza por ancorar o posicionamento do autor na narração de suas experiências, de forma a avaliar, no campo da certeza e do comprometimento, conteúdos acerca da formação de sua subjetividade*. Supomos que a Modalização é um recurso de avaliação disponível aos autores para expressarem suas percepções relativas à certeza e à frequência acerca dos eventos de que, em geral, participaram. Acreditamos que tomar posição, principalmente, ao manifestarmos o que conhecemos de perto, é mais fácil. Sendo assim, as percepções de certeza e de comprometimento seriam fortes indícios da manifestação das crenças do autor nas autobiografias, ao narrarem fatos importantes da formação da sua identidade. Buscamos testar a hipótese geral descrevendo e analisando, quantitativa e qualitativamente, as expressões da Modalização nas obras autobiográficas mencionadas no que tange à análise léxico-gramatical, semântica e pragmática.

Como hipóteses específicas, traçamos as seguintes conjecturas. Quanto à questão de pesquisa (i), formulamos a hipótese de que, dos dois tipos de Modalização existentes (*probabilidade e usualidade*), destaca-se no *corpus* o tipo *probabilidade*, isso porque uma característica da autobiografia é a marcação da presença de um autor-narrador apresentando os fatos mais significativos da sua vida, em que se espera que ele demonstre apropriação dos feitos narrados e, por isso, pensamos que as marcas do valor de certeza seriam mais frequentes. Como hipóteses para as questões de pesquisa (ii) e (iii), previmos uma presença significativa do *alto grau* de *probabilidade* e de *usualidade* modal, que incide nos valores de certeza e alta frequência, visto que acreditamos que os autores expressariam posicionamentos referentes ao que tomavam como certo e a eventos corriqueiros da sua trajetória de vida para assinalar aspectos relevantes da sua experiência. Para a questão de pesquisa (iv), supomos que a orientação e a manifestação modais caracterizam-se pela subjetividade explícita do autor, devido ao caráter pessoal e subjetivo do gênero. Para a questão relativa à Polaridade dos enunciados (v), supomos que a Polaridade negativa altera o valor da Modalização de um polo a outro, já que as expressões de efeito polar negativo, normalmente, anulam o significado inicial da expressão a que se referem, e esse fato seria mais frequente do que outras funcionalidades relacionadas à marca da Polaridade em expressões modais. Com relação ao tipo de processo representado pelas orações cujo conteúdo é qualificado pelos recursos de Modalização, questão (vi), julgamos que seriam identificados, mais frequentemente, Processos Mentais, uma vez que,

na autobiografia, enfoca-se a vida do autor e as marcas de sua avaliação subjetiva sobre ela, deixando-se transparecer eventos do mundo interno do autor, crenças, dúvidas, desconhecimentos, emoções etc. Quanto à questão (vii), sobre os recursos modalizadores mais utilizados, formulamos a hipótese de que os autores das autobiografias escolhem meios linguísticos, em geral, muito frequentes, tais como verbos modais, verbos encaixadores epistêmicos, seguidos de substantivos e advérbios, pois os verbos modais são meios de manifestação da Modalização que expressam avaliações de crença e comprometimento, e os verbos epistêmicos remetem a conhecimentos oriundos da experiência, relacionados às percepções e crenças do autor. Com respeito ao tempo verbal, questão (viii), supomos que o tempo de maior frequência para gerar efeitos modais nas autobiografias é o Pretérito Perfeito do modo Indicativo, em razão de o gênero buscar cumprir com a função de apresentar fatos relevantes da vida dos autores ocorridos em um tempo marcado. Finalmente, para a questão (ix), sobre o tipo textual do segmento em que é mais frequente o uso dos modalizadores, supomos que, em trechos do tipo Narrativo, o uso de recursos de Modalização é mais frequente, em consequência de ser essa tipologia a que se espera ser mais predominantemente utilizada na construção do texto autobiográfico, pois se trata da narração da vida do autor por ele mesmo.

Conscientes de que compreender, analisar e descrever a(s) funcionalidade(s) das expressões linguísticas em contextos específicos de uso são tarefas que definem a atuação de um linguista funcionalista; de que toda instância discursiva abre o sistema para novos estímulos de seu meio social, como aponta Chouliaraki e Fairclough (1999), e de que é nesse âmbito que a linguagem é observada como um sistema aberto a mudanças socialmente orientadas, o que lhe confere capacidade teoricamente ilimitada de construção de significados, investigamos a relação constitutiva entre a Modalização e o gênero autobiografia, tendo em vista que julgamos ser esse fenômeno linguístico bastante revelador da natureza funcional dos textos autobiográficos.

Finalmente, na apresentação dessa pesquisa, desenvolvemos, primeiramente, um breve capítulo em que discutimos alguns aspectos gerais referentes à autobiografia, à escolha do *corpus* e ao fenômeno linguístico da Modalização. Logo após, contextualizamos o leitor sobre o enquadramento teórico para a pesquisa no Funcionalismo linguístico, adentrando, especificamente, nos pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Em seguida, apresentamos a categoria modalidade, a partir de concepções gerais, afunilando para o tratamento do sistema de Modalidade e da Modalização na GSF; depois disso, discorreremos sobre o processo metodológico que adotamos, detalhando a constituição do *corpus*

e os procedimentos seguidos na análise. No capítulo seguinte, expomos nossos resultados quantitativos e a interpretação desses resultados. No capítulo final, apresentamos nossas conclusões. No anexo, encontram-se as ocorrências identificadas no *corpus*.

## 2 A AUTOBIOGRAFIA COMO CONTEXTO DE ANÁLISE DA MODALIZAÇÃO

Neste capítulo, versamos sobre alguns aspectos envolvidos do gênero autobiografia e buscamos explicar ao leitor o que nos levou a estudar a caracterização da Modalização nesse gênero discursivo. Embora tenhamos apresentado na introdução alguns aspectos do desenvolvimento e descrição desta pesquisa, pontuamos, neste capítulo, algumas questões sobre a relação entre modalidade e autobiografia. Assinalamos, então, nossas considerações com base nos seguintes pontos (i) Por que uma análise da Modalização em autobiografia? (ii) Caracterização geral do gênero autobiografia e (iii) Autobiografia enquanto gênero para investigação da Modalização.

### 2.1 Por que uma análise da Modalização em autobiografia?

Primeiramente, firmamos que a escolha pelo gênero autobiografia foi motivada, de início, pela curiosidade em compreender as relações possíveis entre as escolhas linguísticas e a constituição do gênero. Especificamente, a autobiografia chama-nos a atenção porque apresenta aspectos que, comumente, não se enquadram em gêneros significativamente ilustrativos da manifestação da categoria modalidade (fenômeno que instaura a atitude do autor no enunciado), como os formados, predominantemente, da tipologia argumentativa, tais como o artigo de opinião, o editorial, dentre outros.

No entanto, pensamos, inicialmente, que se uma pessoa escreve sobre si, provavelmente não o faz sem tomar alguma posição. Escrever sobre si não é simplesmente noticiar um fato ocorrido, é passar para a linguagem verbal escrita vivências carregadas de sensações. Narrar, por exemplo, uma agressão sofrida vai além de apresentar friamente os fatos. Juntamente com a contação, o autor, em sua humanidade, deixa no discurso marcas que demonstram e o amparam nas suas percepções sobre o que passou. Não se trata de apenas expor um dado, como poderia acontecer no seguinte trecho da obra, em que suprimimos a expressão modal: “(...) ocorreu uma aproximação mais intensa, um laço mais profundo (...)”. Ao invés disso, temos “*Acreditei* numa aproximação mais intensa, num laço mais profundo de sentimento (...). (PP – pág. 08)”. Percebemos que a autora não só apresenta fatos, como também mostra suas percepções diante da vida sendo contada. Esse caso em exemplificação foi identificado quando a autora escreve sobre seu engajamento em um relacionamento que se tornou uma

expectativa frustrada, que ainda virá na narração. Então, julgamos que não se trata somente de narrar, mas se trata de “um narrar” com tomadas de posição e emissões de juízos.

Percebemos, com isso, a necessidade de mais estudos de gêneros de tipo predominantemente narrativo no tocante à manifestação das modalidades. Principalmente, gêneros que pedem a voz do autor, gêneros que tratem desse autor, gêneros em que o “dizer” pode também implicar um “ser”. Pois, segundo Neves (2006), todo ato de enunciar implica modalizar, por isso gêneros como a autobiografia, na nossa percepção, podem ser instâncias de manifestação e, portanto, de estudo da modalidade.

Ainda nessa linha, outra motivação para o estudo da Modalização no gênero autobiografia é o interesse em investigar como os conflitos individuais, considerando as motivações socioculturais, são entendidos, tratados e organizados léxico-gramaticalmente segundo a perspectiva dos autores dos textos em evidência.

Entendemos, então, que, uma vez que essa categoria linguística diz respeito a um conjunto de relações entre o autor, o enunciado e a realidade objetiva, não existem enunciados que não sejam modalizados. Firmamos, com isso, que, mesmo em textos narrativos, o narrador pode usar a modalidade como importante estratégia discursiva, de forma a reforçar as marcas de seu posicionamento em relação às experiências narradas.

## 2.2 Caracterização geral do gênero autobiografia

Tratando um pouco, especificamente, do gênero que analisamos a Modalização, é importante saber que, etimologicamente, o termo *autobiografia* se explica a partir do grego, em que *bíos* remete a *vida*, e *gráphein* remete ao ato de *escrever*, *desenhar*, *gravar* (MITIDIERI, 2010). Acrescido do radical grego *autós* - *auto*, temos a diferenciação desse gênero em relação à biografia, já que autobiografia consiste em um relato de vida pela própria pessoa que viveu os eventos relatados.

Conforme Lejeune (2008), a palavra *autobiografia* surgiu na Inglaterra no início do século XIX e era empregada em dois sentidos próximos, embora distintos. O primeiro foi proposto por Valpèreau, em 1876, significando “obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc,” em que o autor tem a finalidade de narrar sua vida, de apresentar seus pensamentos ou de manifestar seus sentimentos. A outra proposta foi a de Larousse, em 1896. Este apontou que autobiografia é “a vida de um indivíduo contada por ele próprio” (LEJEUNE, 2008, p. 53). O autor determinou os princípios fundamentais da autobiografia a partir do

estabelecimento da diferença entre romance autobiográfico e autobiografia, ao considerar a identidade, ou a não identidade, entre autor, narrador e personagem. Para Lejeune (2008), só há autobiografia quando há uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. Quando essa relação não se estabelece, temos um romance autobiográfico. Esse fato interfere também na percepção do leitor, uma vez que um leitor de autobiografia toma partido em relação ao que diz o autor, mostra-se curioso, numa atitude de “escuta”; isso porque o autor afirma dizer a verdade sobre si. No romance autobiográfico, o leitor se prende ao texto, e pode ser perdida a veracidade do que se diz, uma vez que se indetermina a relação entre autor, narrador e personagem.

É verdade que a autobiografia é popularmente conhecida como o gênero em que o autor retoma as partes mais relevantes da sua vida e as narra. Ao fazê-lo, há fatores sociais que determinam, de antemão, escolhas léxico-gramaticais para expressar essas experiências que serão representadas para que o narrador apresente, ao seu público, uma imagem construída segundo sua intenção. Por isso, vale adicionar que, como aponta Riessman (1993), ao contar uma experiência, o autor também cria um *eu* – como ele quer ser conhecido pelos outros.

É importante salientar que o autor da autobiografia escreve sobre sua vida considerando o conhecimento que tem de si próprio, de acordo com a história que tem na memória, que é entrecruzada com muitas outras histórias. É o olhar do autor sobre sua vida e a influência do outro na construção de sua história. Sendo assim, cada um tem razão no que relata, e tem razão não somente no seu caráter subjetivo, mas também no sentido de assumir a responsabilidade sobre o que apresenta. As histórias narradas pelo autor podem ser comprovadas por outras pessoas, por documentos ou provas materiais, mas são relatadas sob a interpretação pessoal do autor.

Ainda no processo de caracterização da autobiografia, é válido mencionar que esse gênero é organizado por meio de uma narrativa centrada no sujeito que a produz, reservada às suas reflexões e experiências particulares e é a expressão de sua autonomia, dado que a atitude do sujeito é essencial para o mundo, como apresenta Bakhtin (2012). É prazeroso lembrar e narrar acontecimentos envolvendo a singularidade de cada um, a linha cultural particular e a diferenciação dentro de uma organização social. A forte presença do “eu” na autobiografia remete a Bakhtin (2012) quando este apresenta reflexões sobre o ato responsável, pois, ao escrever, o autor analisa seus atos e assume “responsabilidade” sobre eles ao transmiti-los por meio da escrita. Por isso, a autobiografia é uma forma de reviver, de assumir suas ações, “é um

pensamento que age e se refere a si mesmo como único ator responsável” (BAKHTIN, 2012, p. 102).

Faraco (2009), a seu modo, menciona Bakhtin ao tratar deste gênero, afirmando que não o considera um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, pronunciado no interior do evento da vida vivida. Ao escrever uma autobiografia, o escritor precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, defende o teórico, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do apenas vivido. Para isso, o autor precisa dar a ela acabamento, o que ele só alcançará se distanciar-se dela, se olhá-la de fora, se tornar-se um outro em relação a si mesmo. Em outros termos, ele precisa se auto-objetificar, isto é, precisa olhar-se com certo excedente de visão e conhecimento, defende Faraco (2009).

Nesse âmbito, Faraco (2009) afirma ainda, baseado em Bakhtin, que ocorre com a autobiografia algo parecido com o que fazemos em frente a um espelho. Nunca estamos sozinhos. Um segundo participante está sempre implicado no evento da autocontemplação. O que ocorre, de fato, é que, quando nos olhamos no espelho, não vemos o mundo com nossos próprios olhos e desde o nosso interior; vemos a nós mesmos com os olhos do mundo – estamos possuídos pelo outro. Assim, temos que passar pela consciência do outro para nos constituir. Vemos, então, a relevância do autor atentar-se para as escolhas linguísticas feitas na construção das suas experiências e posicionamentos para que haja congruência entre o pensado e o escrito, de forma que transpareça a sua imagem intencionada.

Sobre o exercício de reflexão sobre si mesmo, convém mencionar o que assinalam Maia-Vasconcelos e Cardoso (2009). As autoras apontam que:

Contar a própria história é um exercício de autoconsciência, de distanciamento que faz com que o narrador, numa espécie de reflexão interna, seja expectador de si mesmo: um eu que deseja contar sua história pessoal, que cria e ao mesmo tempo observa, dialoga e intervém no processo de criação. (MAIA-VASCONCELOS E CARDOSO, 2009)

Conforme mencionam as autoras, construir uma autobiografia requer mais que o domínio estrutural do gênero, requer um exercício de percepção sobre si, que possibilite um olhar de fora, de forma a não somente construir, mas observar, sentir, conversar com o sujeito ali se construindo por meio das suas experiências. As autoras mencionam, ainda, que as narrativas autobiográficas formam uma classe narrativa que abrange as diversas formas de manifestações narrativas cunhadas na *emotividade* – relação com o emissor – e na realidade dos fatos. Mescla-se, então, o caráter emotivo ao aspecto factual do que é relatado.



### 2.3 Autobiografia enquanto gênero para investigação da Modalização.

Ao ponderarmos sobre os efeitos que os significados modais têm na construção discursiva da autobiografia, temos em mente que narrar a própria vida requer muito mais que organizar fatos e ordená-los numa linha do tempo para serem apresentados ao público; requer consciência sobre que imagem de si passar para o leitor, que experiências podem ser relevantes para confirmar marcas da personalidade do autor, dentre outros pontos. O autor é, assim, quem dá forma ao conteúdo; ele não apenas registra passivamente os eventos da vida, mas, a partir de certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente, como menciona Faraco (2009).

Como base no que informamos, acreditamos ser importante o tratamento da Modalização em autobiografias, uma vez que ela tem fundamental relevância na construção da subjetividade da pessoa enfocada no desenvolvimento do texto. É possível mencionar ainda o comentário de Passeggi (2014) ao estudar a autobiografia enquanto prática pedagógica com o objetivo de refletir sobre a resignificação da experiência:

Do ponto de vista psicológico da construção da subjetividade, as escritas autobiográficas mostram justamente à pessoa que narra essa descontinuidade, as rupturas, a imprevisibilidade, o fortuito e o papel das contingências como aspectos determinantes da experiência humana. (PASSEGGI, 2011, p. 154)

Neste trabalho, não fazemos um apanhado da relação da autobiografia com a prática pedagógica, mas o que Passeggi afirma sobre a subjetividade é de nosso interesse. Isso porque prevê-se que um dos aspectos do gênero autobiografia é a formação da subjetividade do autor. Tal ponto é apresentado pela autora como crucial, e, nessa constituição, são previstos fortúnios e infortúnios como essenciais na formação da experiência.

Vale assinalar que é nesses pontos também que atua a modalidade, uma vez que o fenômeno opera na instauração dos posicionamentos do autor frente às vivências positivas e negativas narradas. No trecho em destaque, percebemos que Passeggi menciona as eventualidades contadas como definidoras da experiência humana e que isso ajuda a constituir a subjetividade do autor. Subjetividade que pode ser arquitetada linguisticamente e ancorada pelo fenômeno da Modalização, por meio do uso de marcas que assinalam posicionamentos individuais dos autores, como expressões que projetam crenças, conhecimentos, desconhecimentos etc.; expressões do tipo: “*acredito*”, “*não acredito*”, “*sei*”, “*deve ter sido*”,

“*poderia ter sido*”, “*talvez*”, “*provavelmente*”, “*imagino*”, “*impossível*”, “*não havia dúvida*”, “*certamente*”, “*quem sabe*” etc.

Como as impressões deixadas pela composição textual precisam antes serem trabalhadas no campo pragmático, semântico e léxico-gramatical, retomamos ao ponto de que se faz necessário um estudo com os efeitos e sentidos da Modalização nas autobiografias, uma vez que ela auxilia na construção dos posicionamentos de quem escreve; e assinala aspectos da subjetividade e da reflexividade do autor. Como pontua Passeggi (2014), a reflexividade autobiográfica atua como uma disposição humana para refletir sobre si e as experiências vividas. Sendo inerente ao autor essa reflexividade autobiográfica, é inerente também ao autor-escritor a disposição de escolhas epistêmicas que reflitam impressões de ordens mentais diversas (cognitiva, emotiva, sensorial).

Esses aspectos se relacionam à consideração de Lejeune (2014) sobre o referido gênero. Lejeune (2014, p. 14) afirma, no livro *O pacto autobiográfico – de Rousseau à Internet*, que o gênero autobiografia possui alguns elementos que ajudam a defini-lo, tais como:

1. Forma de linguagem: narrativa e em prosa;
  2. Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade;
  3. Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador;
  4. Posição do narrador: identidade do narrador e do personagem principal e perspectiva retrospectiva da narrativa.
- (LEJEUNE, 2014, p. 14)

Esses aspectos da autobiografia, tais como a narrativa, a individualidade, as relações de identidade, as posições do narrador (...) nos direcionam a entender o quão rico é esse gênero no que diz respeito também às tomadas de posição do autor. A riqueza constituinte da autobiografia permite múltiplas reflexões que possibilitariam a geração de diversos trabalhos acadêmicos. Isso porque cada aspecto mencionado não é estático. Não há uma única forma de apresentar ao mundo a narração das nossas vivências. Não há uma única forma de marcar nossa identidade no texto ao escrevermos sobre nossa história. Isso é variável, embora essa variedade constitua um modelo flexível de constituição do gênero. O que não muda é o fato de o autor deixar suas impressões, independentemente da forma como tenha escolhido marcar seus posicionamentos. Não muda também o fator emotividade. Embora com variações de graus, esse fator leva novamente à tomada de posição. Não muda apresentar a frequência das vivências e, a partir disso, assinalar o que foi relevante ou não; o que ocorreu com raridade e feriu (por) uma vida toda ou o que aconteceu com grande frequência e fez-se significativo por isso, por exemplo.

A Modalização perpassa por entre esses fatores da linguagem que são relativamente permanentes quando objetivamos a constituição da nossa singularidade, a demarcação das relevâncias e a determinação dos nossos posicionamentos frente às experiências vividas.

Percebemos também que o aspecto narrativo da autobiografia é onde se delinea a vida contada. É a narrativa que molda os acontecimentos transcritos, assim como defendem Santos e Torga (2020) ao apresentarem que, por alguma razão justificável ao sujeito e a sua existência singular, as vivências passam agora a habitar o fio mnemônico, alinhavado discursivamente a partir das relações daquele que viveu, com quem viveu, onde viveu, o que viveu, etc. Uma malha infinda tecida de experiências.

Considerar os aspectos envolvidos da narrativa é fundamental no estudo autobiográfico. Nesse eixo, sabemos que a narração é sobre quem a produz, refere-se a fatos ocorridos em um passado (a curto, médio ou longo prazo), verifica-se a factualidade dos eventos apresentados, transparecem, paralelas a isso, avaliações particulares sobre situações específicas, dependendo do nível de foco que o autor queira dar a essas situações. Sabendo que a construção e delimitação de uma autobiografia preveem a narração de fatos, com base nas vivências experienciadas pelo autor em sua singularidade, o verossímil ganha espaço e é fator atrativo ao leitor.

Firmes na opção de análise delimitada por nós, definimos que trabalharíamos com autobiografias que haviam se constituído em obras autobiográficas. Definimos, também, que abrangeríamos obras de figuras públicas e de repercussão nacional. Definimos, ainda, que todos os autores seriam brasileiros e que as obras seriam escritas no português brasileiro contemporâneo, que abrange o século XX (a partir de 1950) e XXI.

Definido esses pontos, tomamos, como *corpus* para a realização desse trabalho, seis obras autobiográficas, de figuras públicas e de atuação social distinta. São personagens da música, da literatura, do esporte, da mídia, da economia, da política. Situamos o leitor, brevemente abaixo, sobre a composição do nosso *corpus*.

A primeira autobiografia constituinte foi a obra *Anarquistas, Graças a Deus*, publicada em 1979. A obra conta a trajetória de Zélia Gattai e sua família. A escritora intitula assim a sua obra por ser filha de anarquistas vindos de Florença. Após anos casada com Jorge Amado, a autora experimenta ser porta-voz na contação da saga da sua família. Por meio dessa obra, tomamos conhecimento sobre o percurso dos imigrantes italianos em busca da terra dos sonhos, e os enlaces psicológicos de Zélia em São Paulo, contando seus encantos, aprendizados, decepções e os mais diversos acontecimentos que lhe pareceram significativos. Apresenta o

trajeto do pai, Ernesto, e seu amor por carros, a rotina com a mãe, com os irmãos, com a babá Maria Negra, os momentos no cinema, no circo, na escola, assim como apresenta as mudanças vividas na cidade.

A segunda obra escolhida por nós foi *Rita Lee: uma autobiografia*, de Rita Lee (2016). Na sua escrita, a autora apresenta situações que representam o seu trajeto. Podemos perceber ocasiões excepcionais que foram de importância fundamental para a constituição da personalidade da artista. Rita Lee se mostra ousada, consistente, firme e, mesmo em situações frágeis, não escreve buscando a compaixão; consegue escrever com humor e ironia até os momentos mais difíceis da sua vida. Na sua autobiografia, há fatos que, para muitos, são sigilosos, comprometedores, e a autora os trata com leveza e distração. A obra trata de acontecimentos da infância, da juventude e da vida adulta de Rita Lee, apresentando os fortúnios e infortúnios.

A terceira autobiografia é intitulada *O que aprendi com o silêncio: Uma autobiografia*, de Monja Coen (2019). Jornalista, pensadora, ícone do budismo, Monja Coen escreve sua história de vida, enfocando seu encontro com o Budismo. Na obra, estão impressos seus posicionamentos, seus ensinamentos, os aprendizados, tudo de uma forma leve e tranquila. Apresenta fatos da infância, dos conflitos familiares, da sua vida em outro país. A autora mostra-se bastante envolvida na narrativa e trata as situações com emoção e suavidade, embora, em outros momentos, revele rápidos traços de ironia e humor.

A quarta obra se chama *Obra autobiográfica - Celso Furtado*, de Celso Furtado (edição de 1997). O autor apresenta sua trajetória; recorda peculiaridades do Rio de Janeiro; retoma situações referentes à Europa após a guerra; conta sobre seu doutorado em Economia, realizado em Paris, e aborda os desafios vividos. Celso Furtado narra também o período em que trabalhou com Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart (Ministro do Planejamento). Apresenta fatos de ordens política, intelectual e cultural. É uma autobiografia que, além de mostrar o percurso do economista, passa ao leitor conhecimento histórico, político e cultural.

A quinta autobiografia é de Gustavo Kuerten, e se chama *Guga, um brasileiro* (2014). A obra trata da história de vida do grande tenista brasileiro. Traz marcos da infância e adolescência do esportista. Guga direciona o foco para o seu sucesso em torneios, principalmente em Roland Garros. O tenista narra situações da sua infância em Florianópolis, cercado e orientado para o mundo esportista pela família; e relata também suas impressões sobre grandes nomes na sua vida, como seu pai, sua mãe, seus irmãos e seu treinador. A autobiografia de Guga empolga, emociona e prende o leitor na narrativa. Isso porque o tenista

mostra-se, como a maioria das pessoas diante dos grandes desafios, temeroso e acreditando pouco na sua vitória; até que seus esforços dão o retorno esperado: as vitórias em grandes competições.

Finalmente, a sexta obra autobiográfica escolhida para análise é *Paixão Pagu – uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão*, escrita por Patrícia Galvão (edição de 2005). A obra apresenta marcos da vida da escritora, jornalista e militante. Na autobiografia, a autora trata da sua trajetória de vida, mostrando fatos que comprovam sua prematuridade com relação às experiências vividas. Já muito jovem, vivenciou situações diversas e desafiadoras além do esperado para sua faixa etária. A obra está repleta de confissões de considerável impacto emocional. Enfoca, também, situações de cunho político e grandes encontros com personagens da política e da literatura brasileira.

Essas autobiografias, aqui brevemente apresentadas, chamaram-nos a atenção por relatar o trajeto de vida de personalidades popularmente conhecidas e porque todas elas são de autoria da pessoa biografada. Maia-Vasconcelos (2011) afirma que a nuance inserida pela presença viva do narrador atesta a significação do fato, a fronteira nítida entre realidade e ficção. A linguista aponta, ainda, que favorecer o discurso autobiográfico é dar peso ao testemunho e articular um conjunto de informações levando em conta a subjetividade do narrador. Esse comentário ampara nossa percepção de que um dos aspectos da autobiografia que favorece o uso da Modalização é a presença do narrador atestando o fato narrado. Sem isso, teríamos talvez o noticiamento de fatos, sem a interferência de um sujeito, fato que não favoreceria o uso de expressões geradoras dos efeitos da Modalização.

Outro ponto que consideramos importante ao buscar uma caracterização da Modalização em autobiografias é poder contribuir positivamente para os estudos nessa área; é poder também gerar impactos igualmente positivos no campo pedagógico. Como esse último ponto aconteceria? Sabendo-se da articulação da Modalização e seus efeitos no posicionamento do autor de autobiografia, isso pode acarretar, diante do conhecimento de uso e efeito modal, uma possível orientação de como realizar a construção de aspectos importantes na constituição do gênero, no caso, com o incentivo ao *uso de expressões epistêmicas para assinalar os posicionamentos do autor e com o incentivo ao uso de expressões indicativas de usabilidade para assinalar a relevância dos eventos narrados*.

Destarte, cientes de que a Modalização é um recurso necessário e revelador do gênero autobiografia, uma vez que esse gênero trata das experiências do autor, de forma a construir a sua subjetividade, os seus posicionamentos e juízos frente às situações contadas,

acreditamos que há muito o que se dizer da relação entre autobiografia e Modalização. Há um campo extenso de conhecimento a ser traçado, e esperamos que esse trabalho contribua para os estudos em descrição e análise linguística da Modalização em um gênero fundamental no campo pedagógico e psicológico da linguagem humana.

## 2.1 Síntese conclusiva

Este capítulo apresenta alguns aspectos da autobiografia enquanto contexto de análise da Modalização. Discorremos sobre denominações entorno do gênero com base em alguns autores, tais como Bakhtin (2012), Lejeune (2008, 2014), Riessman (1993), Faraco (2009), Maia-Vasconcelos (2009; 2011), Passeggi (2014).

Apresentamos, no texto acima, que consideramos importante entender as relações entre as escolhas linguísticas e a constituição do gênero autobiografia. Pontuamos que escrever sobre si pressupõe passar para a linguagem verbal escrita, além dos fatos relevantes da vida do autor, as sensações e as emoções sobre esses fatos; e que o gênero autobiografia se caracteriza por conciliar autor, narrador e personagem. Deixamos claro que concordamos com Neves (2006) em sua consideração sobre todo ato de enunciar implicar em modalizar.

No decorrer do capítulo, assinalamos alguns aspectos relevantes da autobiografia que podem motivar o uso da Modalização, tais como: (i) o fator narrativo e as tomadas de posição paralelas aos fatos contados; (ii) a construção da subjetividade e da reflexividade do autor e (iii) a presença do narrador atestando o fato narrado.

Apresentamos uma síntese das obras autobiográficas que recortamos para composição do *corpus*. Essas obras tratam de personalidades brasileiras e de envergadura nacional, tais como Zélia Gattai, Rita Lee, Gustavo Kuerten, Monja Coen, Celso Furtado e Patrícia Galvão.

Finalmente, defendemos que um estudo que busca uma caracterização da Modalização em autobiografias se faz relevante para os estudos em descrição e análise dos fatos da língua em contextos específicos de uso, assim como pode constituir uma utilidade pedagógica no que diz respeito à constituição do gênero. Mostramos que ainda há muitas possibilidades de estudos da modalidade no gênero autobiografia; gênero esse fundamental em diversos campos da linguagem humana.

### **3 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO E A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Neste capítulo, será apresentada nossa opção teórica para orientação desta pesquisa. A abordagem aqui realizada é pautada no aporte funcionalista da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), pois consideramos as implicações linguísticas e extralinguísticas na investigação do fenômeno da Modalização, de forma a proceder a análise linguística pela qual depreendemos sentidos com base na materialidade da língua, considerando o contexto de uso. O nosso foco, então, está na análise do estrato léxico-gramatical responsável pela realização da Modalização no discurso autobiográfico.

Dado o exposto, apresentamos considerações sobre o Funcionalismo linguístico em suas características gerais e, de modo mais específico, em explicações de base funcionalista da Modalização para a compreensão da sua manifestação em textos autobiográficos. Para a realização de uma análise funcional do discurso, apresentamos abaixo considerações acerca (i) da perspectiva funcional dos estudos linguísticos e (ii) da opção pela teoria da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), com foco nas Metafunções Interpessoal e Experiencial da linguagem.

#### **3.1 Breve histórico sobre a perspectiva funcional dos estudos linguísticos**

Primeiramente, e reforçando o já exposto acima, o referencial teórico da presente pesquisa toma como base os preceitos da teoria funcionalista da linguagem. Já é sabido que esta, de forma geral, entende a língua como um instrumento de interação, e defende sua não autonomia, concebendo-a como uma estrutura submetida aos aspectos do uso, já que este exerce grande influência sobre sua formação. Por isso, o Funcionalismo analisa a estrutura gramatical da língua e tem como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo, como explica Nichols (1984). Ajustamos nosso trabalho em concordância com o fato de que a concepção e análise da língua se dá no processo interativo, uma vez que ela é entendida como ferramenta essencial para a construção da interação humana. Isso se justifica porque, segundo Votre e Naro (1996), do uso da língua – a comunicação na situação social – origina-se a forma da língua, com as características que lhe são peculiares.

Para aqueles que não conhecem as raízes das teorias funcionalistas no estudo da linguagem, apresentamos a seguir algumas breves informações contextuais para fins de situar o leitor na orientação teórica funcionalista de análise linguística.

É sabido que o estudo formal das línguas humanas passou a ser considerado de ordem científica a partir da publicação e discussão do livro *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure, publicado postumamente, em 1916. A partir dessa obra, os estudos da linguagem humana passaram a contemplar o sistema, a estrutura e a função das línguas. Essa concepção de língua como um todo estruturado caracterizou o Estruturalismo Linguístico. No entanto, somente em 1926 é que se despertou o interesse no desenvolvimento de novos estudos estruturalistas da linguagem, começando a surgir críticas a alguns pressupostos rígidos de análise linguística.

Essas críticas levaram linguistas a refletir sobre o conceito de *função* como inerente à linguagem humana. Colocam-se em questão as muitas denominações para esse termo; dentre elas, define-se função como a relação entre as unidades de uma sentença, a fim de compreender as relações entre elas, denominação bastante utilizada pelos estruturalistas. Outros linguistas, no entanto, entendiam o termo função como o fato de que *cada estrutura gramatical aponta para uma função comunicativa da língua*.

Isso nos leva à compreensão do que escreve Lyons (1987), ao nos apresentar o Funcionalismo, caracterizando-o pela crença de que a estrutura fonológica, gramatical e semântica das línguas é determinada pelas funções que exercem nas sociedades em que operam. Os representantes mais conhecidos do nascimento do Funcionalismo linguístico são os membros da Escola de Praga, em que teve origem o Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 (marco apontado acima) e influente na Linguística europeia no período que precedeu a Segunda Guerra Mundial. Com destaque em Fonologia, a Escola de Praga causou seu primeiro impacto, mas seguiram estudos com ênfase na *multifuncionalidade da linguagem* e na importância das suas funções expressiva, social e conotativa, indo além de sua função descritiva.

Dentro da Escola de Praga, tiveram destaque Vilém Mathesius (fundador), Nikolaj Trubetzkoy, Roman Jakobson, Jan Firbas, dentre outros. Nesse panorama Europeu, o Funcionalismo disseminado em Praga foi, de fato, o mais representativo como marco inicial, sendo motivado pelas colaborações de Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei, da Escola de Genebra.

Cumprir lembrar, também, linguistas como André Martinet, que teorizou sobre o termo *função*. Este linguista francês estava ligado à área da Fonologia, e apresentou um estruturalismo carente de críticas, norteando, na linguagem, abordagens formais para o domínio da função e da comunicação.



Halliday, na escola de Londres, assim como Martinet, foi bastante influenciado pelo Funcionalismo de Praga, e defendeu a ideia da natureza da linguagem como sistema semiótico. O linguista defende, também, que a teoria linguística se organiza com duas possibilidades alternativas, que são a cadeia (o sintagma) e a escolha (o paradigma) e, com base nisso, desenvolve uma gramática sistêmica, de ordem paradigmática, uma vez que as unidades sintagmáticas apenas servem à realização, e as relações paradigmáticas comportam o nível mais abstrato e intenso da análise linguística.

Outro linguista influenciado pelo Funcionalismo praguense foi Simon Dik. Este era pertencente ao grupo holandês, juntamente com seus seguidores, e desenvolveu um modelo de sintaxe funcional em que as funções em uma sentença são analisadas em três níveis distintos. Defende o estudioso que a Linguística deve tratar de dois tipos de sistemas de regras: de um lado, as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas; de outro, as regras pragmáticas. Para ele, o principal interesse de uma linguística funcionalista está nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas. Assim, Simon Dik desenvolve uma Gramática Funcional, que discorre sobre a análise das sentenças em consideração integrada de três níveis: o sintático, o semântico e o pragmático.

A Gramática Funcional de Simon Dik vem sendo expandida por Hengeveld e Mackenzie (2008), com o tratamento para além da frase, para maior compreensão linguístico-funcional, dando origem à Gramática Discursivo Funcional (GDF). De autoria dos dois estudiosos mencionados, a GDF toma o ato discursivo, e não a frase, como unidade de análise, e tem duas características centrais: a) natureza modular, que prevê a existência de componentes envolvidos na produção do ato discursivo (Conceitual, Contextual, Gramatical e de Saída), níveis que integram o Componente Gramatical (Interpessoal, Representacional, Morfosintático e Fonológico) e camadas relativas a cada um desses níveis; b) estratificação descendente, inspirada em evidências psicolinguísticas da produção discursiva que, segundo o modelo, se dá por meio das operações de formulação, envolvendo os dois primeiros níveis) e codificação, envolvendo os dois últimos. A GDF tem orientado, principalmente, a pesquisa tipológica, por permitir comparações entre sistemas linguísticos em referência às camadas de cada um dos níveis envolvidos nessas duas operações.

De 1970 em diante, os estudos funcionalistas passaram a habitar também o território americano. As colaborações de Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón foram basilares para o desenvolvimento de estudos funcionais em terras norte-americanas. Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 163-165) nos informam que, no contexto descrito acima, a língua passou

a ser vista não como uma estrutura fixa; antes, ela estaria suscetível às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas e, por isso, sua estrutura gramatical se ajustaria à intenção do falante e às motivações do ato comunicativo. No que ficou conhecido como Funcionalismo norte-americano, são notáveis os estudos da chamada linguística cognitivo-funcional, desenvolvidos por estudiosos como Langacker, Croft e Lakoff e, ainda, Traugott, Hopper, Bybee, dentre outros, sobre as contínuas mudanças que sofre a gramática em virtude do seu uso.

Nessa perspectiva, outros estudos foram surgindo para a compreensão dos fatos da linguagem. Passou-se, então, à visão de que as estruturas das línguas e suas mudanças podem ser esclarecidas não somente a partir do viés comunicativo, abordando aspectos semânticos, pragmáticos, funcionais, sociais e culturais, mas também a partir do viés cognitivo, incluindo as habilidades cognitivas gerais basilares da mente humana.

Em Givón (1995, p. 09), identificamos algumas ideias centrais que caracterizam o Funcionalismo em geral e, particularmente, o Funcionalismo norte-americano: (i) a linguagem é uma atividade sociocultural; (ii) a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa; (iii) a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica; (iv) a mudança e a variação estão sempre presentes; (v) o significado é dependente do contexto e não atômico; (vi) as categorias não são discretas, mas gradientes; (vii) a estrutura é maleável, não rígida; (viii) as gramáticas são emergentes e (ix) as regras da gramática permitem desvios, exceções.

O alcance do Funcionalismo vem estendendo-se por toda a América. Em território brasileiro, há pesquisas nessa perspectiva teórica na descrição e análise linguística, com foco nas abordagens dos sentidos e efeitos de certas estruturas, considerando (ou não) fatores extralinguísticos; além do desenvolvimento de gramáticas elaboradas a partir do uso do português brasileiro, reconhecidas em todo o país. Vale ressaltar que temos distintos grupos de pesquisas no Funcionalismo em efervescente atuação na região Nordeste, tais como o Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF - UFC), liderado pela professora Márcia Nogueira, e o grupo de pesquisa intitulado Estudos Funcionalistas e o Ensino de Línguas (EFEL - UERN), liderado pelo professor Wellington Mendes, dentre outros de notável contribuição para os estudos funcionalistas da linguagem. Contamos, também, com relevantes pesquisas voltadas para a Linguística Funcional aplicada ao ensino de Português, que corroboram algumas orientações dos documentos oficiais da educação brasileira para o ensino de Língua Portuguesa.

De um modo geral, na perspectiva funcionalista de qualquer vertente, é defendido que todo indivíduo é dotado de uma habilidade que o permite usar e interpretar, de modo

comunicativamente eficaz, as expressões linguísticas na interação verbal. Essa habilidade é denominada *competência comunicativa*, nomenclatura difundida, inicialmente, por Hymes (1979), e que constitui o objeto de todo estudo funcionalista da linguagem. Essa capacidade permite que os falantes sejam capazes de adequar-se às diversas situações comunicativas, utilizando as expressões de modo apropriado, segundo as convenções linguísticas da interação verbal vigente e da comunidade da qual fazem parte.

Neves (2004) escreve que assumir a perspectiva funcional da língua representa romper com um paradigma formalista, em que o estudo da linguagem se faz considerando-a como um fenômeno isolado do seu uso social, alheio aos processos reais de funcionamento.

Pezatti (2011), em concordância com o descrito acima, afirma que o enfoque funcionalista considera como princípio fundamental subordinar o estudo do sistema linguístico ao uso. A partir desse ponto de vista, deriva-se a ideia de que, na relação entre linguagem e contexto social, o Funcionalismo considera, por princípio, a necessidade de descrever expressões verbais relativamente a seu funcionamento em contextos sociais específicos.

De tal modo, mesmo que a língua possa ser estudada a partir de diversos pontos de vista, a abordagem funcionalista nos parece viável para o cumprimento da descrição e análise da Modalização em autobiografias, pois considera a língua a partir do seu viés comunicativo, sendo a modalidade linguística um aspecto constitutivo da interação verbal. Dessa forma, concebe-se que a linguagem constitui uma atividade cooperativa regida por normas, regras linguísticas e pragmáticas, como expõe Simon Dik (1997). Os aspectos estruturais apontados por Dik (1997) são estabelecidos a partir da situação comunicativa corrente e são moldados, sincrônica e diacronicamente, com as pressões do discurso, sendo as regras linguísticas subordinadas às regras pragmáticas.

Ao se realizar uma análise linguística com base na perspectiva funcionalista da linguagem, considera-se que o indivíduo ocupa o papel central na investigação linguística, já que o objetivo é explicitar como falantes e ouvintes se comunicam entre si de modo eficiente por meio da expressão linguística (DIK, 1997). No caso da presente pesquisa, o autor se conecta ao leitor por meio escolhas linguísticas que produzam sentidos e efeitos ajustados a suas próprias intenções, concretizando uma situação comunicativa eficaz e relevante.

Ainda com base em Simon Dik (1997), o fato de a língua ser entendida não como um conjunto de expressões linguísticas arbitrárias que podem ser estudadas fora do contexto de uso, mas como um instrumento de interação social, usado com a intenção de estabelecer, primordialmente, interações comunicativas, reforça nossa opção por uma orientação

funcionalista para o tratamento da Modalização em autobiografias. A expressão linguística, assim, deve ser analisada dentro de um contexto, em que se considerem, tanto quanto possível, os participantes e suas peculiaridades, suas intenções comunicativas, seus papéis e as convenções definidas na interação social.

Assume-se, portanto, que a perspectiva funcional da linguagem tem como premissa básica de interesse a análise de como os usuários da língua se comunicam eficientemente em diversos contextos comunicativos. Isso nos leva aos pontos principais que estruturam as discussões dentro da perspectiva funcionalista na gramática proposta por Halliday e Matthiessen (2014), que são: o uso, o significado e o social.

Considerado em seu caráter instrumental, o fenômeno da Modalização é aqui investigado na análise das expressões linguísticas como escolhas feitas pelos autores de autobiografias para explicitar a avaliação de um conteúdo quanto ao eixo do conhecimento e da frequência.

Partimos do entendimento de que as ideias básicas que sustentam a teoria funcionalista da linguagem são materializadas em gramáticas que tratam as línguas naturais com interesse central nas funções que as expressões linguísticas desempenham na vida dos indivíduos. Hoje, contamos com distintas gramáticas chamadas funcionais. Todas elas consideram, no mínimo, as relações pragmáticas, semânticas e morfossintáticas para a análise dos eventos da língua, configurando, para Halliday (1985), a certeza de que uma gramática funcional se caracteriza como uma gramática natural, uma vez que é possível explicar todos os eventos relacionados a como se dá o uso da língua.

Os modelos teóricos funcionalistas nos são, por isso, os mais ajustados para a realização da análise e descrição linguística, pois acreditamos que as estruturas gramaticais das línguas estão condicionadas a seus contextos comunicativos, que envolvem os interlocutores, seus conteúdos compartilhados, papéis e propósitos na interação.

Em suma, a Linguística Funcional concebe que a gramática se conforma às regularidades no uso efetivo da língua, o que pode ser ilustrado a partir das condições discursivas em que ocorre a interação comunicativa como um todo. Ancorados no exposto, apresentamos, a seguir, nossa opção pela Gramática Sistêmico-Funcional, com foco em dois dos conceitos que são operacionalizados nesta pesquisa.

### 3.2 A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF)

Em continuação à exposição sobre nossa escolha teórica para realização deste estudo, firmamos que, dentre os representantes do Funcionalismo linguístico, optamos pela contribuição, primeiramente, do linguista britânico Michael Halliday. Esse, em colaboração com outros teóricos, que serão referidos a seguir, propõe uma teoria funcionalista de ordem, ao mesmo tempo, sistêmica e funcional, e busca estabelecer relações entre as escolhas semanticamente relevantes feitas na língua, como um todo, almejando chegar, assim, à resposta à seguinte questão: Por que um falante faz determinadas escolhas linguísticas dentre as tantas disponíveis em certa língua para constituir o seu enunciado? Para o autor, a resposta dessa questão pode ser encontrada a partir da compreensão de que o sistema linguístico está intrinsecamente ligado ao sistema social, ao uso.

O funcionalista, juntamente com a contribuição de outros cientistas, tais como Matthiessen, Hasan, dentre outros, desenvolveu o alicerce para o que conhecemos hoje como Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF). Vista também como uma das abordagens funcionais dentro da corrente funcionalista, no que diz respeito ao estudo da linguagem, a LSF toma como base a noção de que a função mobiliza escolhas no sistema linguístico. Na teoria da LSF, a gramática é vista a partir de como ela é utilizada na produção de significados funcionais.

Tal proposta, alavancada nos estudos de Halliday, é sistêmico-funcional porque concebe a língua como uma rede de sistemas conectados de que o falante faz uso para produzir significados em situações comunicativas. Nessa perspectiva, a língua deixa de ser tratada como um sistema regulado por regras imanentes e passa a ser estudada na perspectiva de que, como sistema semiótico, é produtora de significados, e é analisada e descrita como um fenômeno social com múltiplas possibilidades de geração de sentidos e modificada constantemente por quem faz uso dela.

Isso nos leva a compreender, de forma geral, que há dois conceitos essenciais para a compreensão da linguagem na perspectiva da LSF: os conceitos de sistema e de função; o que norteia o entendimento da língua como uma organização em dois eixos: o sintagmático (no nível da estrutura) e o paradigmático (no nível das escolhas). No primeiro eixo, visualizam-se as relações ajustadas pelos elementos em sequências e, no segundo eixo, visualizam-se as relações de escolha dos elementos da língua para composição estrutural da cláusula (ou oração). É sobretudo neste último eixo que os autores supracitados desenvolvem a teoria da LSF, como

comenta Eggins (1994), já que a língua é um recurso para a produção de significados em contextos particulares, e não de sequências de elementos ordenados linearmente.

Com isso, dentro da teoria geral da LSF, delimitamo-nos ao estudo da Modalização ancorados pela Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiessen (2014). Na GSF, estabelece-se uma organização da linguagem que prevê uma *estrutura* de ordem sintagmática e paradigmática. A primeira diz respeito aos padrões ou regularidades que vão se somando na construção linguística, e a segunda diz respeito à organização de ordem sistemática, entendendo-se por *sistema* uma ordenação em outro eixo, acarretando padrões de sistematização de escolhas.

Entendemos que cada subsistema do sistema linguístico, em cada momento de escolha, contribui para a formação da estrutura da oração. Mas não há, na GSF, nenhuma sugestão de escolha consciente. Os “momentos” são passos analíticos na interpretação da gramática do significado. A partir do sistema de escolhas, a linguagem é vista como um recurso para fazer sentido, sentido este que se realiza através do texto, que é visto na GSF como um processo de fazer sentido no contexto.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 03 e 04) apontam que, para um gramático, o texto é um fenômeno rico, em que há muitos rostos que “significam” de muitas maneiras diferentes, e pode ser explorado a partir de muitas visões distintas. No entanto, duas delas são essenciais para os estudos linguísticos: (1) o foco no texto como um objeto por si próprio e (2) o foco no texto como um instrumento para encontrar sentido sobre pontos além do que é apresentado nele. Um texto, assim, é o produto da seleção contínua em uma rede muito grande de sistemas – um sistema de redes.

Segundo os autores, focando no texto como um objeto, um gramático faz perguntas como: Por que o texto significa o que significa (para mim ou para qualquer outra pessoa)? Por que é valorado como é? Focando no texto como instrumento, o gramático perguntará: O que o texto revela sobre o sistema da linguagem em que é falado ou escrito? Essas duas perspectivas são claramente complementares, conforme os estudiosos, pois não podemos explicar por que um texto significa o que ele significa com todas as várias leituras e valores que podem ser dados a ele, exceto por relacioná-lo com o sistema linguístico como um todo; e, igualmente, não podemos usá-lo como uma janela no sistema, a menos que entendamos o que significa e por quê.

Uma característica da abordagem que estamos adotando aqui (a GSF) é que ela é abrangente, uma vez que está preocupada com a linguagem em sua totalidade, de modo que o

que é dito sobre um aspecto deve ser entendido sempre com referência ao quadro total, apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 20)

Parafrazeando o dito dos autores, há muitas razões para adotar-se uma perspectiva sistêmica. Uma delas é a compreensão de que as línguas evoluem, uma vez que elas não são projetadas e, sim, evoluem/evoluíram para sistemas. As línguas não podem ser explicadas simplesmente como a soma de suas partes. A composição tradicional da GSF pensa na linguagem buscando entender a natureza e a dinâmica de um sistema semiótico como um todo.

A teoria, assim, concebe por "linguagem" o dizer natural, adulto e verbal, em que se considera por linguagem natural uma oposição à semiótica projetada, tais como a matemática e a linguagem de computador, por exemplo; por linguagem adulta, o período pós-infância, em oposição à protolinguagem infantil; e por linguagem verbal, em oposição à música, dança e outras linguagens artísticas, apontam os autores da GSF.

A teoria Sistêmico-Funcional tem este nome porque a gramática de uma língua é representada na forma de redes de sistemas, não como um inventário de estruturas. É claro que a estrutura é uma parte essencial da descrição; mas é interpretada como a forma externa constituída por escolhas sistêmicas, não como a característica definidora da linguagem. Uma língua é um recurso para fazer significado, e significado reside em padrões sistêmicos de escolha, como defendem Halliday e Matthiessen (2014).

O processo de interação social se estabelece por meio de textos, e estes precisam ser avaliados com base em seu propósito e em seu processo de criação, como discutem Fuzer e Cabral (2014). A forma de compreender a linguagem está no estudo do texto, pois é este que configura a linguagem funcional, ou seja, a linguagem que exerce uma função em um contexto.

Halliday (1998) diz que o texto é para o sistema semântico o que uma oração é para o sistema léxico-gramatical, e uma sílaba é para o sistema fonológico. Portanto, o texto é o produto de seu entorno e funciona nele; possui uma estrutura genérica, tem coesão interna, e constitui-se de significado. Este, por outro lado, é constituído a partir das escolhas dos falantes/autores em dada situação. Assim, o texto é, ao mesmo tempo, produto e processo.

Baseados em Halliday e Matthiessen (2014), compreendemos que o texto pode apresentar padrões de relação com a situação. Sobre isso, os autores tratam do conceito de registro. O registro é caracterizado como a organização de significados construídos em função da situação. Para que isso ocorra, a gramática é o ponto inicial. É a partir dela que é possível explorar a organização semântica. Isso nos permite realizar análises e descrições com base na

forma como as unidades linguísticas são escolhidas e estruturadas na construção semântica de um texto.

Como percebemos, para Halliday, a linguagem é um sistema sociosemiótico que possibilita ao homem representar sua experiência. Como sistema semiótico, a linguagem apresenta inúmeras realizações e está condicionada a fatores presentes fora da estrutura linguística. Isso nos leva a entender que todo uso linguístico que se constitua num texto está sempre envolvido por um determinado contexto. Esse contexto em que o texto se desenvolve está incluso no próprio texto mediante uma relação sistemática entre o meio social e a organização funcional da linguagem; cabendo, ao falante/autor, a seleção de elementos linguísticos apropriados para a situação.

Halliday e Matthiessen (2014) fazem menção às noções de contexto e sua importância na análise de um texto. No entanto, antes da proposta da GSF, Halliday (1989) já trazia discussões sobre o contexto. Uma delas diz respeito à distinção entre o Contexto de Situação e o de Cultura. Para o autor, a denominação Contexto de Situação se dá ao ambiente imediato no qual o texto está, de fato, funcionando, sendo utilizado para explicar por que determinadas informações são veiculadas pela fala ou pela escrita numa ocasião determinada, e por que deveriam ter sido veiculadas de um modo ou de outro, possibilitando a resposta a essas questões. A noção de Contexto de Situação permite, por exemplo, a interpretação de informações que não são expressas linguisticamente, mas que podem ser recuperadas (porque já foram expressas em algum outro ponto do texto) ou acessadas por conhecimento compartilhado, por percepção da situação extralinguística etc.

Já a denominação Contexto de Cultura, por sua vez, se aplica ao contexto entendido de forma mais ampla e aproxima-se da noção de gênero. Vale ressaltar que a noção de Contexto de Cultura foi inserida, inicialmente, pelo antropólogo Bronislaw Malinowski, nas décadas de 1920 e 1930, como apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 33). Essa concepção diz respeito às práticas relacionadas a distintas nações e suas respectivas etnias, assim como as relações ideológicas presentes nas comunidades e as instituições sociais presentes em determinada sociedade.

Ainda sobre contexto, Martin e Rose (2008) apontam que culturas envolveriam aglomerados de gêneros, todos estes identificados pelos grupos nos quais circulam; seriam mais do que as múltiplas situações sociais disponíveis na sociedade. Eggins (2004), por sua vez, afirma que há muitos distintos gêneros assim como há distintas atividades sociais disponíveis em dada cultura.



Voltando a tratar do Contexto de Situação, esse dá-se de forma mais imediata ao funcionamento do texto, e recebe maior foco na Gramática Sistêmico-Funcional. O entendimento do referido contexto permite aos usuários antecederem algumas noções, o que ajuda no momento de prevê uma interação, seja falada ou escrita.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 33 e 34), o tipo de situação pode ser caracterizado em termos de Campo, Tenor (relações) e Modo.<sup>4</sup> Campo é o que está acontecendo na situação: a natureza do que é social e da atividade semiótica; o domínio da experiência à qual esta atividade se relaciona (o "assunto" ou "tópico"). Tenor (doravante relações) diz respeito a quem está participando da situação: os papéis desempenhados pelos participantes na atividade sociossemiótica, envolvendo os papéis institucionais, papéis de *status* (poder), papéis de contato (familiaridade) e papéis sociométricos (afeto); e os valores que os falantes estabelecem na troca interativa. Por último, Modo condiz com o papel que está sendo desempenhado pela linguagem e outros sistemas semióticos na situação: envolve o meio (falado, escrito e várias outras categorias mais complexas); o canal (face a face, telefônico etc.); a contribuição retórica (didática, instrutiva, persuasiva e outras). Campo, Relações e Modo são, portanto, conjuntos de variáveis relacionadas com o contexto imediato da situação comunicativa.

Com base na GSF (2014), entendemos que o Contexto de Situação é menos estável que o Contexto de Cultura, já que este se constitui de práticas, valores e crenças mais recorrentes e que se mantêm ao longo do tempo numa certa comunidade, de modo a serem compartilhadas pelos seus integrantes. O Contexto de Situação, por sua vez, apresenta algumas variáveis e constitui-se do momento mais imediato em que o texto está inserido.

O Contexto de Situação está diretamente relacionado ao conceito de Registro, uma vez que esse contempla uma variedade de linguagem relacionada a uma variedade de situação, sendo um conceito de ordem semântica, como vimos em parágrafos anteriores. O Registro configura os significados que são normalmente relacionados a uma organização situacional que envolve o Campo, as Relações e o Modo do discurso. Esses três aspectos caracterizam o Contexto de Situação, definindo-o, e estão relacionados, respectivamente, às Metafunções da linguagem: Ideacional, Interpessoal e Textual, que serão caracterizadas a seguir. Tais Metafunções se realizam, respectivamente, por meio dos subsistemas de Transitividade, Modo e Tema, sobre os quais trataremos adiante.

---

<sup>4</sup> Tradução nossa. O original diz: *field, tenor and mode* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 33 e 34).

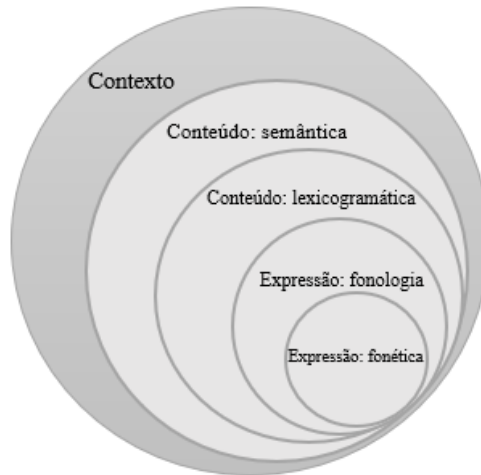
Como vimos, a subcategoria Campo diz respeito ao que acontece, ou seja, aos processos sociais e aos domínios de seus participantes criados pela linguagem na realização desses processos. A subcategoria Relação diz respeito a quem participa da interação, considerando-se os papéis sociais e as relações que mantêm entre si e seus papéis de fala, juntamente com as relações criadas pela linguagem na realização desses papéis. E o Modo diz respeito a como se dá o texto e sua função no contexto, considerando-se o canal (oral e escrito), o retórico, o que está sendo realizado pelo texto no que se refere à persuasão, à exposição, à descrição etc.

Em suma, o Campo se percebe pelos tipos de processos do subsistema de Transitividade manifestados pelos participantes responsáveis pela representação dos aspectos da realidade. Já a Relação é percebida na escolha das funções da fala (ordem, oferta etc.), no reconhecimento das relações pessoais envolvidas no processo interativo. E o Modo se observa na escolha léxico-gramatical específica da língua oral ou da língua escrita, no uso particular de recursos coesivos, entendendo o canal de fala e suas contribuições.

Tratamos, ainda que brevemente, das noções de contexto, pois, além do assunto ter destaque na Linguística Sistêmico-Funcional, é de nosso interesse compreender as relações contextuais na construção da Modalização em autobiografias, porque uma análise puramente semântica e léxico-gramatical pode não nos revelar dados relevantes para a investigação do fenômeno analisado.

Nesse aspecto, a Gramática Sistêmico-Funcional cria interfaces com os processos sociais nos quais estamos (também) engajados. Em uma descrição e análise linguística de base sistêmico-funcional, a linguagem é uma forma ímpar de estruturação para além da frase, a qual se orienta na léxico-gramática, marcada pela organização em segmentos e pela multiplicidade de funções. Tais segmentos ou estratos são particularizados a partir da ordem de abstração, de acordo com a imagem a seguir.

Imagem 1 - Estratificação da linguagem



Fonte: Adaptação nossa do modelo de estratificação da linguagem de Halliday e Matthiessen (2014, p. 26).

Essa estratificação permite que a linguagem seja organizada em quatro estratos: a semântica, a léxico-gramática, a fonologia e a fonética. Esses quatro estratos são agrupados em dois planos, o plano de conteúdo e o plano de expressão, como apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 26). Esse agrupamento está exposto na figura acima.

Conforme os teóricos, o plano do conteúdo se divide gradualmente em semântica e léxico-gramática, e o plano da expressão gradualmente se divide em fonologia e fonética. A relação de realização entre conteúdo e expressão, mais especificamente, entre léxico-gramática e fonologia é, em grande parte, convencional ou arbitrária (com certas exceções interessantes relacionadas à prosódia e à onomatopeia).

No entanto, a relação de realização entre os dois grupos do estrato do conteúdo (semântica e léxico-gramática) e os dois conjuntos de estratos de expressão (fonologia e fonética) é natural ao invés de convencional. Padrões de composição refletem padrões de significado. Parte da tarefa de uma teoria funcional da gramática é trazer esta natural relação entre manifestação linguística e significado. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 27)

A imagem acima nos leva a refletir sobre os processos necessários para a compreensão do que trata a GSF. A construção dos significados, que é dada a partir do sistema semântico, é realizada pelo estrato léxico-gramatical, no caso, a organização das frases (estruturas gramaticais e itens lexicais). O estrato léxico-gramatical é o resultado dessas escolhas significativas feitas pelo falante dentro da situação comunicativa, e é organizado pela fonologia e concretizada pela fonética e pela grafologia, a depender da manifestação textual, se

sonora ou gráfica. Ambos se constituem organizações que, juntas, auxiliam na composição do contexto.

Vale ressaltar que a semântica é a interface entre o contexto e o estrato léxico-gramatical. Ela transforma a experiência e as relações interpessoais em significado linguístico, e a léxico-gramática transforma esse significado em palavras, adotando a perspectiva do orador. A unidade básica da semântica é o texto – ou seja, a linguagem funcionando no contexto, uma instância do sistema semântico. Um texto é organizado internamente com padrões lógicos, experienciais, interpessoais e textuais. E, ao mesmo tempo, é organizado externamente como uma unidade operando em contexto. A estrutura do Contexto de Situação em que um texto opera é projetada no próprio texto. Se a situação é de "significado" em termos da atividade sociosemiótica, então toda a estrutura da situação é projetada no texto, defendem Halliday e Matthiessen (2014, p. 43)<sup>5</sup>.

Sendo assim, na perspectiva sistêmico-funcional, usamos a linguagem para dar sentido à nossa experiência e para interagir com outras pessoas. Isso significa que a gramática tem relação com o que acontece fora da linguagem: com os acontecimentos e condições do mundo, e com os processos sociais em que nos envolvemos. Mas, ao mesmo tempo, ela tem que organizar a construção da experiência e as manifestações dos processos sociais para que possam ser transformados em texto, como discorrem Halliday e Matthiessen (2014).

Nessa construção, primeiramente, a experiência e as relações interpessoais são transformadas em significado; este é o estrato da semântica. Na segunda etapa, o significado é transformado em texto; este é o estrato léxico-gramatical. Isto é, expressa-se o significado do ponto de vista de um orador, ou escritor, para um ouvinte, ou leitor. Depois, realizam-se os passos ao contrário.

Em paráfrase ao exposto na GSF, no estrato semântico, a linguagem se interliga com o mundo não linguístico (prototipicamente material). A maioria dos textos produzidos na vida adulta não se relacionam diretamente com os objetos e eventos em seu ambiente. Os significados realizados pelos textos e os significados realizados por um evento, em última análise, são construtos da experiência humana.

Para os autores da GSF, a interação com o ambiente ecossocial é uma propriedade da linguagem como *sistema*; é também, crucialmente, uma característica dessas instâncias através das quais pequenas crianças chegam a dominá-lo; mas não é algo que é reencenado em

---

<sup>5</sup> Tradução nossa. O original diz: The basic unit of semantics is the text – language functioning in context, an instance of the semantic system. A text is organized internally as patterns of logical, experiential, interpersonal and textual meaning. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 43).

cada texto. A experiência é lembrada, imaginada, abstrata, metafórica e mitologizada, e o texto tem o poder de criar seu próprio ambiente; mas ele tem esse poder por causa da maneira como o sistema evoluiu, fazendo sentido fora do ambiente como foi dado. Assim, Halliday e Matthiessen (2014, p. 29) pontuam que “Como gramáticos, temos que ser capazes de mudar nossa perspectiva, observando ora a partir do ponto de vista do sistema, ora a partir do ponto de vista do texto.”<sup>6</sup>

Nessa perspectiva da relação entre sistema e texto, adentremos um pouco mais na estruturação da Gramática Sistêmico-Funcional. Sua estrutura fundamental se constitui com base nas funções da linguagem. As funções *básicas* de linguagem, em relação ao nosso ambiente ecológico e social, são duas: a de fazer sentido a nossa experiência e a de agir nas nossas relações sociais. Vale ressaltar o foco que os autores dão à primeira função mencionada. Eles discorrem que a linguagem interpreta a experiência humana. Ela nomeia o que existe no mundo, interpretando-o em categorias. Não há aspecto da experiência que não possa ser transformado em significado. *A linguagem fornece uma teoria da experiência humana*, e certos recursos da léxico-gramática de cada língua são dedicados a essa função primordial.

A partir disso, Halliday e Matthiessen (2014) estruturam a composição das múltiplas manifestações linguísticas constituintes da nossa realidade social, e as organizam em correlação com as Metafunções. Segundo os autores, há uma longa tradição de falar sobre as funções da linguagem em contextos em que *função* simplesmente significa propósito de usar a linguagem, e não tem significado para a análise da própria linguagem. Mas a análise sistêmica mostra que *a funcionalidade é intrínseca à linguagem*: ou seja, toda a arquitetura da linguagem humana é organizada ao longo das linhas funcionais. A evolução das línguas se dá devido as múltiplas funções que vêm desempenhando para a espécie humana. O termo *metafuncional* foi adotado, então, para sugerir que a função é um componente integrado dentro da teoria geral da linguagem.

Assumindo-se essa perspectiva semântica, a linguagem cumpre, segundo Halliday (2004), três metafunções basilares, que são: compreender o meio (Ideacional); estabelecer relações com os outros (Interpessoal) e organizar a informação (Textual). O estudo da Modalidade, enquanto sistema, está voltado para os aspectos interpessoais e, por que não, experienciais da linguagem, uma vez que se destaca a atitude dos autores e de como essa atitude é codificada léxico-gramaticalmente.

---

<sup>6</sup> Tradução nossa. O original diz: As grammarians we have to be able to shift our perspective, observing now from the system standpoint and now from that of the text. ((HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 29).

Essas Metafunções, de acordo com a GSF, determinam a oração como uma unidade gramatical de múltiplas funções: a oração é organizada a partir dos significados Experiencial, Interpessoal e Textual, no estrato semântico, e como uma construção, no estrato léxico-gramatical. Assim, a oração se apresenta, ao mesmo tempo, como representação, como interação e como mensagem. Em vista disso, a partir dessas Metafunções, consideram-se todas as instâncias de realização da linguagem.

De forma sintetizada, a Metafunção Ideacional comporta duas subfunções básicas: a lógica e a experiencial. A lógica é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais. Sua unidade de análise é o complexo oracional. A experiencial é responsável pela construção de um modelo de representação de mundo. Sua unidade de análise é a oração.

Ao se analisar a oração como representação, o sistema relevante a ser considerado é o sistema de Transitividade, que possibilita a constituição da experiência em termos de escolhas entre os tipos de Processos, Participantes e Circunstâncias. A análise desse sistema a partir do texto possibilita a verificação de qual é a natureza das experiências que estão sendo representadas, quem delas participou, em que circunstâncias aconteceram, como e por quem são assim representadas. Assim, conforme Halliday e Matthiessen (2014, p. 213):

O sistema de Transitividade fornece os recursos léxico-gramaticais para a construção de uma quantidade de mudanças no fluxo de eventos como uma Figura, ou seja, como uma configuração de elementos centrados em um Processo (HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2014, p. 213)<sup>7</sup>

As Figuras são formadas a partir de um Processo e dos seus Participantes (quem participa do Processo), podendo constituir-se ainda das Circunstâncias (onde, quando, como, porque...). Dessa forma, os Processos somados aos Participantes e, de forma opcional, às Circunstâncias constroem significados experienciais da oração. Essa construção, Halliday e Matthiessen (2014) chamam de Figuras.

Nessa linha de raciocínio, Processo, Participante e Circunstância são categorias do sistema de Transitividade que explicam como fenômenos da experiência humana do mundo são construídos no nível da oração, gerando significados. A teoria prevê seis tipos de Processos pelos quais pode ser representada a experiência, cada qual com Participantes específicos. Os seis tipos de Processos são estes: Material, Mental, Relacional, Verbal, Comportamental e

---

<sup>7</sup> Tradução nossa. O original diz: The system of TRANSITIVITY provides the lexicogrammatical resources for constructing a quantum of change in the flow of events as a figure – as a configuration of elements centred on a process. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 213)

Existencial. Na próxima seção, discorreremos sobre esses Processos, ao tratarmos, especificamente, da Metafunção Ideacional e do sistema de Transitividade.

Ao se considerar a oração como troca, há aspectos léxico-gramaticais na língua que realizam a segunda Metafunção apresentada na GSF, a Metafunção Interpessoal da linguagem. Os significados interpessoais são basicamente produzidos pelo acionamento do sistema de MODO, no que diz respeito à gramática. Falantes organizam as orações como atos de fala em asserções, perguntas, ofertas e comandos, de modo a determinar as relações interpessoais, realizando papéis em interações retóricas e, assim, promovem a interação com seus enunciatários. Essa organização prevê recursos linguísticos significativos na manifestação de opiniões e atitudes, tais como os relativos ao subsistema de Modo, à Polaridade, à Modalização e à Modulação.

É fundamental entender que o Modo tem natureza mais gramatical e, na construção da oração na língua inglesa, diz respeito aos seguintes componentes: modo oracional, o qual compreende o Sujeito seguido do Finito, e o Resíduo, que contempla o Predicador, o(s) Complemento(s) e o(s) Adjunto(s). O subsistema de Modo, de interesse para o estudo da Modalidade, realiza duas funções - ofertar e demandar, que se desdobram em quatro funções primárias na língua, que são: ofertar e demandar informações; e ofertar e demandar bens e serviços.

Dessa forma, conforme descrito na GSF, no que diz respeito à troca de informações e à troca de bens e serviços, “essas duas variáveis, quando tomadas em conjunto, definem as quatro funções principais do discurso: ofertar, comandar, declarar e perguntar.”<sup>8</sup> (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 135). Sendo assim, na perspectiva da Metafunção Interpessoal, a oração se apresenta como a ponte que conecta autor e leitor ou falante e ouvinte, e não como uma representação da experiência, cumprindo com a função de promover a interação comunicativa. A Metafunção Interpessoal será detalhadamente tratada adiante.

Finalmente, ao considerar a oração como mensagem, capaz de sistematizar o fluxo de comunicação dos significados experienciais e interpessoais, temos a Metafunção Textual. Esta se realiza pelo subsistema relativo à estrutura temática, com duas funções que ocorrem, no domínio da oração, necessariamente nesta ordem: Tema e Rema. O primeiro é entendido como o ponto de partida da informação, selecionado pelo autor para a organização da sua mensagem. O Tema é identificado como aquele primeiro componente, na estrutura da oração, que exerce

---

<sup>8</sup> Tradução nossa. O original diz: These two variables, when taken together, define the four primary speech functions of offer, command, statement and question. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 135).

uma função no sistema de Transitividade, sendo, portanto, um Participante, uma Circunstância ou um Processo, que se posiciona no início da oração. O segundo, o Rema, por sua vez, de forma geral, é o restante da oração, a parte que desenvolve o Tema e a ele se correlaciona.

Em consonância com Halliday e Matthiessen (2014), dentro da questão temática, o Tema oracional pode ser Simples ou Múltiplo. Tema Simples é formado por um único constituinte que desempenha uma função no sistema de Transitividade. Classificado como Tema Ideacional ou Tópico, este é um elemento obrigatório em uma oração, pois diz respeito ao contexto local escolhido pelo locutor para o desenvolvimento da mensagem. Dessa forma, o Tema funciona como um guia para organizar a mensagem.

Já o Tema Múltiplo se diferencia por sua estrutura, que parte do Tema Ideacional ou Tópico, imprescindível na oração, antecedido pelo Tema Textual e/ou pelo Tema Interpessoal – ambos opcionais na oração. O Tema Textual, comumente, liga os significados experienciais representados no Tema Ideacional com o que está expresso antes, sendo responsável pela junção entre mensagens, como no exemplo, “(...) E esticar suas asas em um novo país” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014 p. 129)<sup>9</sup>. O Tema Interpessoal, por outro lado, aponta o tipo de interação entre falante e ouvinte, assim como posições assumidas, por exemplo, quando é solicitada uma informação, quando é expressa uma ordem ou quando é emitido um juízo de valor, como em “que prazer foi ver Robert novamente.”<sup>10</sup> (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 130)

Em síntese, ao descrevermos a estrutura do texto, temos, em primeiro plano, a perspectiva da Metafunção Ideacional, em que sequências são interpretadas através de recursos lógicos, e Figuras, através de relações experienciais. Ao mesmo tempo, os textos também são organizados em termos de relações interpessoais e textuais de significado. Interpessoalmente, um texto é uma série de trocas entre falante/autor e ouvinte/leitor – mesmo que seja um monólogo unilateral, que é essencialmente uma série de declarações reconhecidas silenciosamente pelo destinatário – como é o caso dos textos investigados nesta pesquisa (autobiografias). Essas trocas são impulsionadas por movimentos, que são realizados por orações em seu caráter Interpessoal e Textual. O texto, assim, comporta-se como um fluxo de informações ou, mais precisamente, como ondas de informações abrangidas por um Contexto de Situação e por um Contexto de Cultura.

---

<sup>9</sup> “(...) and stretch his wings in a new country.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 129)

<sup>10</sup> “(...) what a pleasure it had been to see Robert again.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 130)



Como dissemos, as três Metafunções mencionadas estão projetadas na estrutura do texto. No entanto, para a análise e descrição do fenômeno Modalização, tomaremos como orientação teórica os conceitos referentes às Metafunções Interpessoal e Ideacional, além das noções de contexto tratadas na GSF, pois buscamos compreender, na relação entre autor e leitor, como a Modalização está relacionada à construção dos sentidos e efeitos por parte do autor ao modalizar o enunciado construído com base em suas relações experienciais, compreendidas dentro de contextos particulares.

Enfim, o detalhamento teórico no âmbito da GSF sobre o processo de Modalização nos orienta para a percepção acerca dos posicionamentos e traços atitudinais do autor, possibilitando-nos, ainda, identificar se há um uso peculiar da Modalização no gênero autobiografia, uma vez que tal recurso permite ao autor a manifestação de atitudes, avaliações e julgamentos, abrindo caminhos para a percepção das suas intenções, conhecimentos e tomadas de posição em contextos específicos de uso.

### ***3.2.1 A Metafunção Interpessoal – a oração como troca***

Sabemos que, pela linguagem, podemos negociar relações e expressar opiniões e atitudes, produzindo significados de natureza interpessoal em textos. Tais significados são influenciados pela variável contextual Relações e realizam a Metafunção Interpessoal da linguagem, como apresentam Halliday e Matthiessen (2014).

Halliday e Matthiessen (2014) discorrem que, em simultaneidade com sua organização como mensagem, a oração também é organizada como um evento interativo. Por exemplo, ao fazer uma pergunta, um falante/autor está assumindo o papel de busca de informações e espera que o ouvinte/leitor assuma o papel de fornecedor das informações solicitadas. Os tipos fundamentais de papel de fala, que estão por trás de todos os tipos mais específicos de troca de informações e de bens e serviços, são dois: (i) dar e (ii) solicitar. Ou o falante está oferecendo algo ao interlocutor (uma informação, por exemplo) ou ele está demandando algo dele.

Em consonância com a GSF, um ato de fala é algo que pode mais apropriadamente ser chamado de interação: é uma troca, na qual dar implica receber e pedir implica dar em resposta. Parafraseando Halliday e Matthiessen (2014), se uma pessoa disser algo a alguém com o objetivo de que esse alguém faça algo por essa pessoa, como “dar-lhe um beijo”, “dar-lhe algum objeto”, como em “- Passe o sal!”, a mercadoria de troca é estritamente não verbal, o que

está sendo exigido é um objeto ou uma ação, e a linguagem é utilizada para ajudar o Processo. Nesse caso, não há uma troca de informações, mas uma troca de bens e serviços. Mas, se o falante disser algo com o objetivo de fazer o ouvinte comunicar alguma coisa, como em "É terça-feira?" ou "Quando você viu seu pai pela última vez?", o que está sendo solicitado é uma informação. A linguagem, assim, é o fim, assim como o meio, e a única resposta esperada é uma resposta verbal. Isto se configura como uma troca de informações.

Essas duas variáveis, quando tomadas em conjunto, definem as quatro principais funções da fala: ofertar, comandar, declarar e perguntar.

Escrevem os autores da GSF que, enquanto o que está sendo trocado são bens e serviços, as escolhas abertas ao interlocutor são relativamente limitadas, pois se restringe em aceitar ou rejeitar a oferta, obedecer ou desobedecer ao comando. Mas, quando o que está sendo trocado são informações, então as escolhas tornam-se mais complicadas do que na troca de bens e serviços. Isso acontece porque o ouvinte, na troca de informações, está sendo solicitado não apenas a ouvir e fazer algo, mas também para agir com um papel verbal, seja para afirmar ou negar, seja para fornecer uma informação em falta, como em: “- Que dia é? “- Terça-feira.”<sup>11</sup>, como explicam Halliday e Matthiessen (2014, p. 138).

Quando a linguagem é usada para trocar informações, a oração assume a forma de uma proposição. Assim, a função semântica de uma oração na troca de informações é uma *proposição*. Por outro lado, a função semântica de uma oração na troca de bens e serviços é de uma *proposta*. Ressaltamos, com base na GSF, que talvez seja mais fácil ver o princípio de responsabilidade em uma proposta, onde o Sujeito especifica aquele que é realmente responsável por realizar algo, neste caso, para a efetivação da oferta ou comando. Por exemplo, “Eu vou abrir o portão, certo?” (oferta), a abertura depende de mim; em “Pare de gritar, você aí!” (comando), é para você parar ou não.<sup>12</sup> O quadro abaixo organiza as informações discutidas acima.

Quadro 1 - Oferta e demanda de informações / bens e serviços

Papel da troca	Valor trocado	
	<i>Informações (Proposição)</i>	<i>Bens e serviços (Proposta)</i>
Ofertar	Declaração	Oferta
Demandar	Pergunta	Comando

<sup>11</sup> Tradução nossa. O original diz: What day is it? —Tuesday. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 138).

<sup>12</sup> Tradução nossa. O original dos exemplos desse parágrafo diz: *I'll open the gate, shall I?* (offer) the opening depends on me; in *Stop shouting, you over there!* (command) it is for you to desist or otherwise. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 146)

Fonte: Traduzido e adaptado de Halliday e Matthiessen, 2014, p. 136.

Seguindo esse pensamento, com base em Halliday e Matthiessen (2014), uma proposição ou uma proposta podem tornar-se discutíveis ao serem avaliadas em termos dos graus de probabilidade ou obrigação, respectivamente, associados a elas. O que esses graus têm em comum é a dêixis interpessoal, ou seja, eles localizam a troca dentro do espaço semântico que é aberto entre os interlocutores. Primeiramente, a dimensão é a do tempo, em que se interpreta o tempo interpessoalmente, como definido pelo que é “presente” para os interlocutores no momento de dizer. No que se refere à avaliação, enfoca-se na dimensão da Modalidade, em que se interpreta uma região de incerteza onde o falante pode expressar, ou pedir a alguém para expressar, uma avaliação da validade do que diz.

Assim, a Metafunção Interpessoal relaciona-se à interpessoalidade inerente à situação comunicativa, concretizando-se pelo acionamento do sistema de MODO. Como apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 142), no inglês, na constituição da oração como *troca*, a seleção do modo oracional está estreitamente relacionada ao constituinte Modo, que comporta o Sujeito seguido do Finito, realizando as quatro funções básicas na língua: ofertar e pedir informações e ofertar e pedir bens e serviços. Outras funções identificadas na oração nessa perspectiva interpessoal constituem o Resíduo, são elas o Predicador, o Complemento e o Adjunto.

Dessa forma, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014), Modo refere-se ao elemento que constitui as trocas de informações e de bens e serviços, e consiste em duas partes: (1) o Sujeito, que é um grupo nominal, e (2) o operador Finito, que faz parte de um grupo verbal. O Sujeito fornece a parte necessária para formar uma proposta ou proposição, de forma a especificar a entidade em relação ao que se alega a validade ou não de uma afirmação. Ele é o único responsável pelo funcionamento da oração como um evento interativo. O elemento Finito se constitui de um pequeno número de operadores verbais, expressando tempo (como os autores exemplificam no inglês com “is” (é/está), “has” (tem)) ou Modalidade (como “can” (pode), “must” (deve)).

Vale ressaltar que as orações, nessa troca de informações e serviços, apresentam-se em três modos: Interrogativo, Declarativo e Imperativo. O tipo que é caracteristicamente utilizado para a troca de informações é o modo Declarativo; para as ofertas, usa-se o Interrogativo (dentro da categoria Interrogativo, há uma distinção adicional entre Interrogativo SIM-NÃO, para questões polares, e modo Interrogativo com palavras interrogativas, que constituem a informação solicitada); e para os comandos, usa-se o Imperativo.

Ainda no que tange ao Modo, esse tem motivação semântica e sua contribuição se apresenta de forma distinta na oração. O Sujeito possui múltiplas possibilidades de substituição. O Finito traz consigo o tempo ou a opinião do falante, e nele está as Polaridades positiva e negativa, tendo a função de: (1) mostrar o tempo; (2) apresentar a Modalidade e (3) exibir os graus de Polaridade. O exemplo adiante ilustra as posições e funções do Sujeito e do Finito, vejamos:

A agência meteorológica deveria ter nos avisado.<sup>13</sup>

Sujeito                      Finito

Vemos, na exposição acima, que o grupo nominal “A agência meteorológica” se configura como o Sujeito da oração, ao passo que, no grupo verbal “deveria ter”, “deveria” é o elemento Finito, portador de Modalidade, uma vez que se refere a uma avaliação do autor que incide em uma obrigação.

De acordo com a GSF, o Sujeito, por ser de natureza interpessoal, é investido com responsabilidade modal e interage com outros aspectos interpessoais da oração, portanto ele precisa ser entendido a partir do conceito da oração como uma troca, um movimento na interação dialógica. Já o Finito, com base nos autores da GSF, como o próprio nome indica, tem a função de tornar a proposição finita. Uma boa maneira de fazer algo discutível é dar um ponto de referência no aqui e no agora; e é isso que o Finito faz. Ele relaciona a proposição ao seu contexto no evento de fala indicando o tempo de fala e o julgamento do orador, no que toca a língua inglesa.

A finitividade é, portanto, expressa por meio de um operador verbal que é temporal ou modal. Mas há uma característica adicional, que é um concomitante essencial do Finito, a Polaridade. Esta é identificada como a escolha entre os polos positivo e negativo. Para algo ser discutível tem que ser especificado entre os polos do “sim” e do “não”: ou “é” ou “não é”, em caso de proposição; e ou “faça!” ou “não faça!”, em caso de proposta, como escrevem Halliday e Matthiessen (2014, p. 144).

As relações semânticas, como são discutidas na GSF, não têm a ver diretamente com o valor de verdade; elas estão relacionadas com o consenso sobre a validade, e o consenso

---

<sup>13</sup> Tradução nossa. O original de “the weather bureau should have warned us (...)” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 142).

é negociado no diálogo, na troca. O problema só surge quando a predicação é interpretada em termos de valor de verdade, uma vez que propostas – comandos e ofertas – não têm esse valor.

Como apontamos, o outro componente integrante do sistema de MODO é o Resíduo. Este, por sua vez, consiste em elementos funcionais de três tipos: Predicador, Complemento e Adjunto, como descrevem Halliday e Matthiessen (2014, p. 151). O Predicador está presente em todas as principais orações; é realizado por um grupo verbal com a exceção do fator temporal e/ou o operador modal, que funciona como Finito no elemento Modo. A forma verbal “brilhava”, por exemplo, funciona como Predicador que poderia ser substituída pelo grupo verbal “estão brilhando”. O próprio Predicador é, portanto, não Finito; e existem orações não definidas que contêm um Predicador, mas nenhum elemento Finito, por exemplo, “comendo coalhada e soro de leite”. O Predicador ainda aponta a voz ativa ou passiva e o Processo oracional (ação, evento, Processo Mental, relação) que é predicado do Sujeito, como apontam os autores (2014, p. 152). Quando o Finito e o Predicador não são fundidos, o Predicador segue o Finito.

A combinação seria: Finito + Predicador, correspondendo ao Processo. O Complemento é um elemento dentro do Resíduo que tem o potencial de ser o Sujeito, mas não é; em outras palavras, segundo a GSF, ele é um elemento que tem potencial para receber esse *status* interpessoal elevado de responsabilidade modal - algo que pode ser o cerne do argumento, e é tipicamente realizado por um grupo nominal.

Já o Adjunto, mencionam Halliday e Matthiessen (2014, p 155), é um elemento que não tem o potencial de ser o Sujeito; ou seja, não pode ser elevado ao *status* interpessoal de responsabilidade modal. Isso significa que os argumentos não podem ser construídos em torno desses elementos que servem como Adjuntos; em termos experienciais, eles não podem ser construídos em torno de Circunstâncias, mas eles podem ser construídos em torno de Participantes. Um Adjunto é tipicamente realizado por um grupo adverbial ou um grupo preposicional (ou seja, preposição + grupo nominal, e não por um grupo nominal). A ordem típica dos elementos no Resíduo é: Predicador ^ Complemento (s) ^ Adjunto (s).

Em continuação, frisamos que é de nosso interesse basilar o componente interpessoal Modo, em particular, no que tange ao Finito. Isso porque as informações, trocadas entre os integrantes da interação, podem acontecer entre os polos afirmativo e negativo. Quando essas trocas acontecem entre esses dois polos, estão em níveis intermediários, onde temos as Modalidades, dentre elas, a Modalização.

Partindo dos conceitos tratados na GSF, para as Modalidades com valores de *probabilidade* e *usuabilidade*, ocorre a Modalização, que diz respeito às proposições. Diferentes das proposições, as propostas, que concernem a valores de obrigação e inclinação, ou melhor, a ofertas e comandos, são tratadas como alvos de Modulações. No caso das ofertas e comandos, há graus de obrigação (permitido, aceitável, necessário); no caso de ofertas, há graus de inclinação (inclinado, desejoso, determinado).

No que se refere às proposições, na troca informacional, entre os polos positivo (afirmação) e negativo (negação) de seus conteúdos de verdade, contamos com dois tipos de possibilidades intermediárias: graus de *probabilidade* e graus de *usuabilidade*. Os dois podem ser expressos a partir de verbos e adjetivos modais ou de adjuntos modais. Para fins de um detalhamento, os graus de *probabilidade* são três: possibilidade, probabilidade e certeza. Estes se realizam por meio de formas verbais do tipo “pode/é possível”, “deve/é provável”, “deve/é certo” etc. Os graus de *usuabilidade* também são três: baixa frequência, média frequência e alta frequência. Realizam-se com adjuntos modais ou sintagmas adverbiais do tipo “usualmente”, “às vezes”, “sempre”, “é costume” etc. Juntas, a *probabilidade* e a *usualidade* constituem o que Halliday e Matthiessen (2004) denominam Modalização.

Para Halliday e Matthiessen (2014, p. 692), a subcategoria *probabilidade*, pertencente à Modalização, faz referência à categoria modalidade epistêmica como tratada em Lyons (1977), pois se relaciona ao conhecimento ou crença do falante em relação à verdade de uma proposição. Vale adicionar que os graus da Modalização apontados pelos autores da GSF também demonstram traços atitudinais do autor em Modalização Objetiva ou Subjetiva, ao fazer suas escolhas linguísticas, que incide na presença ou ausência no texto de marcas relativas a avaliações de cunho pessoal. Não aprofundamos a discussão porque, no capítulo seguinte, detalharemos o fenômeno Modalidade na GSF, com foco nos aspectos formais e funcionais do nosso objeto de pesquisa, a Modalização.

Sabemos que a oração é vista não só como representação da experiência, mas também como uma parte integrante da interação entre falante e ouvinte, desempenhando funções de fala, como mencionado anteriormente. Assim, a oração é também uma troca, troca de informações e troca de bens e serviços.

Com isso, nas considerações de Halliday e Matthiessen (2014), a linguagem, nas situações comunicativas, cumpre papéis, como os de ‘dar’ ou ‘solicitar’ informações e bens e serviços, condicionados às relações de interação em que autor e leitor ou falante e ouvinte se encontram. Percebemos, então, que, quando oferecemos uma informação, fazemos uma

declaração, o que se configura, gramaticalmente, como modo oracional declarativo. Quando oferecemos bens e serviços, realizamos uma oferta, o que também se caracteriza pela escolha gramatical do modo oracional interrogativo, como exemplifica no português brasileiro Fuzer e Cabral (2014, p. 108). No entanto, ao solicitarmos bens e serviços, concretizamos um comando com a escolha do modo imperativo. Além dessas opções relacionadas ao subsistema gramatical de Modo, a língua dispõe de recursos como “verbos”, “adjetivos” e “advérbios modais”, que qualificam as proposições quanto ao grau de *probabilidade* e de *usualidade* (Modalização); e qualificam as propostas quanto aos graus de obrigação e inclinação (Modulação).

Enfim, Halliday e Matthiessen (2014, p. 25) nos lembram que a gramática é o ponto inicial para compreendermos a organização da semântica, e um estudo linguístico de tratamento sistêmico-funcional possibilita uma investigação da experiência humana de forma ampla e sistematizada, pois alcança diferentes estratos da língua em uso. Nessa perspectiva, Droga e Humphrey (2003) afirmam que o conhecimento da gramática nos permite analisar e descrever os modos como as palavras são selecionadas, organizadas e sequenciadas em forma de texto para produzir significados.

### **3.2.2 A Metafunção Ideacional**

Nesta subseção, apresentamos algumas noções acerca da Metafunção Ideacional, que condiz com o trato da oração enquanto representação. Essas noções se fazem necessárias para o desenvolvimento da análise dos tipos de conteúdo experiencial qualificados por expressões modalizadoras nas autobiografias em análise. Por isso, expomos, a seguir, conceitos trazidos pela GSF que foram operacionalizados na análise e descrição linguística no desenvolvimento desta pesquisa.

Inicialmente, como discorrem Halliday e Matthiessen (2014, p. 211), a oração – como qualquer outra unidade gramatical – é um edifício multifuncional composto por três linhas metafuncionais de significado. Assim, em uma instância de mais abrangente alcance, está a Metafunção Ideacional, que diz respeito à perspectiva de análise linguística em linhas representacionais, sejam essas representações internas ou externas ao falante.

Nesse sentido, ao representar a experiência, a oração interpreta uma infinidade de mudanças no fluxo de eventos. Essas mudanças ocorrem a partir de configurações distintas englobando Processos, Participantes envolvidos neles e qualquer Circunstância auxiliar. O Processo é representado a partir da sua localização, e desdobra-se através do tempo, sendo

realizado por um verbo marcado, por exemplo, para um “presente”, como no caso hipotético de expressar a oração “Disciplina é liberdade”, contrastando com um “passado”, por exemplo, em “era”, e com um “futuro”, como em “será”. O verbo “ser” representa um Processo oracional estabelecendo uma relação entre dois Participantes. Percebemos, neste exemplo, que os dois elementos são Participantes envolvidos no Processo que indica a experiência relacional de identificar um deles por meio do outro: um deles representando a expressão identificada (*disciplina*) e o outro representando seu significado, identificador (*liberdade*).

Para Halliday e Matthiessen (2014), a impressão mais latente que temos da experiência é o fato de ela consistir em um fluxo de eventos ocorridos, eventos futuros ou eventos que estão "acontecendo". Esse fluxo de eventos é incorporado em um aglomerado de mudanças representado pela gramática na oração, em que “cada aglomerado desse é modelado como uma Figura – uma Figura de acontecer, de fazer, de sentir, de dizer, de ser ou de ter”. Todas as Figuras consistem em um Processo de desdobramentos através do tempo, de forma que os Participantes estejam diretamente envolvidos nesse Processo de alguma maneira; e que, além disso, possam situar-se em Circunstâncias de tempo, espaço, causa, maneira, dentre outros tipos de circunstâncias.

Essas Circunstâncias não estão diretamente envolvidas no Processo; em vez disso, elas são auxiliares em relação a ele. Todas as Figuras providas da relação entre Processo, Participantes e, opcionalmente, Circunstâncias, estão classificadas na gramática da oração. Assim, ao mesmo tempo em que se apresenta como um modo de ação – ou melhor, de interação: de dar e exigir bens e serviços e informações – a oração também é um modo de reflexão, que busca levar à ordem linguística a nossa experiência com base em uma variação interminável de fluxos de eventos, como apresentam Halliday e Matthiessen (2014).

O sistema gramatical por meio do qual esse mecanismo é alcançado é o de Transitividade, como informam Halliday e Matthiessen (2014). O sistema de Transitividade fornece os recursos léxico-gramaticais para a construção das mudanças no fluxo de eventos, como uma configuração de elementos centrados em um Processo. Os Processos são interpretados em um conjunto gerenciável de tipos. Cada tipo constitui um distinto modelo ou esquema para interpretar um determinado domínio da experiência. Vale mencionar que o apontamento de Halliday com relação à Transitividade distingue-se do tratamento dado pela gramática tradicional. Não se trata, assim, da relação entre os verbos plenos e seus complementos, mas de um sistema que abarca a descrição da oração em sua composição semântica, representacional, que engloba Processos, Participantes e possíveis Circunstâncias.



Essa composição oracional descrita na GSF é considerada em um conjunto de categorias semânticas capazes de tratar como acontecimentos da experiência de mundo do falante/autor e são organizados linguisticamente. Assim, (i) os Processos representam a experiência ocorrida através do tempo, e são manifestados por grupos verbais; (ii) os Participantes representam as entidades que fazem o Processo acontecer ou estão, de algum modo, envolvidas nele, sendo manifestados, em geral, por grupos nominais, e (iii) as Circunstâncias representam as situações possíveis que qualificam a ocorrência do Processo, sendo manifestadas, tipicamente, por grupos adverbiais ou preposicionais.

Como dispõem Halliday e Matthiessen (2014), os Processos representam aspectos do mundo físico, mental e social. Contabilizam-se seis diferentes tipos interpretados pelo sistema de Transitividade na Gramática Sistêmico-Funcional. Para adentrar o assunto, os autores da referida gramática afirmam que a forma prototípica da experiência exterior é a realização de ações e eventos. Enquanto a da experiência interior é mais difícil de resolver; mas é, em parte, uma espécie de repetição do exterior, gravando-o, reagindo a ele, refletindo sobre ele. A gramática cria uma descontinuidade entre essas duas experiências, fazendo uma distinção bastante clara entre a experiência externa, ou seja, os Processos do mundo externo, e a experiência interior, ou seja, os Processos da consciência. Assim, temos uma distinção mais abrangente entre as orações de Processo Material e as orações de Processo Mental.

As orações de Processo Material são as que interpretam as experiências externas, muitas vezes, relativas a algo físico. As orações de Processo Mental são as que interpretam experiências internas, como as emoções, podendo ser de ordem afetiva, cognitiva ou perceptiva.

Além desses dois Processos, a GSF reconhece um terceiro tipo, aqueles de atribuição e de identificação. As orações que expressam tais experiências giram em torno do Processo Relacional, usado normalmente para indicar seres no mundo com base em suas características e identidades.

Os Processos Material, Mental e Relacional são os principais tipos de Processos no sistema de Transitividade. Nos limites entre eles, encontramos três outras categorias de Processos. Não são tão claramente separadas, porém, são reconhecíveis na gramática como intermediárias entre os diferentes pares – compartilhando algumas características de cada um e, assim, adquirindo um caráter próprio, como explicam Halliday e Matthiessen (2014). Na fronteira entre o Processo Material e o Processo Mental, estão os Processos Comportamentais. Esses representam as manifestações externas de experiências internas, a atuação fora dos Processos de consciência, por exemplo, “as pessoas estão chorando”, e estados fisiológicos, por

exemplo, “eles estavam dormindo”. Na fronteira entre o Processo Mental e o Processo Relacional, está a categoria de Processos Verbais. Esses representam relações simbólicas construídas na consciência humana e manifestadas na forma de linguagem, quando utilizamos verbos de elocução como o verbo “dizer”, relacionando aquele que diz (*dizente*) e o que diz (*verbiagem*). Na fronteira entre o Processo Relacional e o Processo Material, estão os Processos Existenciais, pelos quais os fenômenos de todos os tipos são simplesmente reconhecidos para “ser” – para existir ou acontecer.

A seguir, expomos uma síntese dos tipos de Processos e seus Participantes, assim como as Circunstâncias possíveis na oração enquanto representação. Vale ressaltar que os Processos não são categorias discretas, uma vez que existe uma indeterminação entre eles, configurando o que é chamado na GSF como *a indeterminação sistemática*. As relações co(n)textuais determinam a manifestação dos diferentes tipos de Processos, tendo em vista a inconstância da língua, como discutem Fuzer e Cabral (2014).

O sistema de Transitividade afeta não apenas o verbo que serve como Processo, mas também os Participantes e as Circunstâncias, conforme Halliday e Matthiessen (2014). Assim, conforme o Processo representado, os Participantes recebem diferentes classificações. Outro ponto importante é que as orações que comportam distintos Processos contribuem também de forma diferente com o texto. A opção por uma ou por outra estrutura se adequará ao contexto de uso. Veremos mais detalhes a seguir.

Os Processos Materiais compõem orações de forma a manifestar *fazeres e aconteceres*. Esse Processo promove uma mudança no que se refere ao fluxo de eventos, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014). Essas mudanças experienciais são manifestadas por um Participante denominado Ator. Esse direciona sua ação a um Participante denominado Meta, e, se necessário, é adicionada uma ou mais Circunstância (s) à oração. Em uma frase como “Maria cortou o pão”, “Maria” seria o *ator*, “cortou” indica o Processo e “o pão” aponta a Meta desse Processo realizado por “Maria”.

É importante adicionar que as orações que englobam dois Participantes, como no exemplo citado acima, configuram-se como orações transitivas. No entanto, quando envolvem apenas um Participante, por exemplo, quando há somente o Ator, configuram-se como orações intransitivas. Além dos papéis mencionados, há uma série de outros papéis participantes que podem estar envolvidos no Processo Material, são eles: Iniciador, Escopo, Beneficiário e Atributo.

As orações Materiais podem se classificar também em criativas e transformativas. Nos Processos criativos, os Participantes desenvolvem a existência do Processo, como em “As rochas se formaram” (Intransitivo) e “A pressão formou as rochas” (Transitivo); já nos Processos transformativos, ocorre uma mudança de algum aspecto, como em “As rochas quebraram em pequenos pedaços” (Intransitivo) e “A pressão quebrou as rochas em pequenos pedaços” (Transitivo)<sup>14</sup>. Assim, enquanto um Processo criativo representa a construção da existência de um Participante, o Processo transformativo representa uma mudança de um Participante que já existe, ou seja, o Processo resulta em uma troca ou alteração de algum efeito no mundo físico.

Como já exposto, os Participantes são concretizados por grupos nominais. Eles representam pessoas, ideias, lugares, objetos, animais etc, desde que estejam envolvidos em um determinado Processo Experiencial. Os Participantes principais do Processo Material já foram apresentados acima, Ator e Meta, falta-nos apresentar como se estabelecem os Participantes do tipo Iniciador, Escopo, Beneficiário e Atributo.

Como aborda a GSF, em um Processo Material, sabemos que o agente é o Ator quando a oração é provida de Meta; quando isso não ocorre, o agente pode estar presente como o Iniciador do Processo. Isso ocorre nos casos em que os Processos Materiais se mostram causativos ou podem ser, atributivos, por exemplo, “O sol amadureceu a fruta (fez a fruta amadurecer)” ou “Sua voz acalmou o público” (deixou o público calmo). Esses casos pertencem ao tipo Iniciador, uma vez que, ao se afirmar que o sol amadureceu e que sua voz se acalmou, o significado muda de “fazer” (maduro, calmo) para “tornar-se” (maduro, calmo).

O Escopo, por sua vez, é representado por aquele que não é afetado pelo Processo Material, sendo apenas uma referência para ele. Ao construir o domínio em que o Processo se desenrola, denomina-se Escopo-entidade, como em “O casal continuou *a viagem*”. Ao construir o próprio Processo, o Participante é denominado Escopo-processo, como em “Pedro deu *um beijo rápido* na amiga”. O Escopo de uma oração Material não é de forma alguma afetado pelo desempenho do Processo. Ele pode interpretar uma entidade que existe independentemente do Processo, mas que indica o domínio sobre o qual o Processo ocorre.

O Beneficiário configura-se como o Participante que recebe o efeito do Processo, é o caso de “O casal cedeu sua casa *aos desabrigados*”. Halliday e Matthiessen (2014) subclassificam o Participante Beneficiário em Recebedor e Cliente. No primeiro caso, o

---

<sup>14</sup> Exemplos retirados de Halliday e Matthiessen (2014, p. 230) e traduzidos por nós. O original diz: Rocks formed. / The pressure formed rocks. / The rocks broke (into small pieces). / The pressure broke the rocks (into small pieces).

Participante recebe bens materiais de um Ator, como em “Eu emprestei meu carro *ao meu irmão*”. No segundo caso, o Participante recebe, não bens materiais, mas serviços, como em “O editor escreveu uma crônica *para o jornal*”. As duas funções de Recebedor e Cliente se assemelham, uma vez que ambos interpretam um papel Beneficiário. Eles representam aquele em proveito de quem se realiza o Processo, em termos de bens ou serviços. O Recebedor é aquele a quem são dadas mercadorias; o Cliente é aquele para quem os serviços são feitos. Clientes tendem a ser mais restritos do que Recebedores. Um Cliente também pode aparecer em uma oração intransitiva, mas tipicamente o recebedor/cliente é realizado por um grupo nominal. Assim como a Meta, eles são afetados pelo Processo; mas, enquanto a Meta diz respeito ao Participante que é impactado pelo Processo, o Recebedor/Cliente é o único que se beneficia dele.

Finalmente, temos o Atributo, que se configura como uma característica de um dos Participantes da oração. Vale ressaltar que o Atributo, nos Processos Materiais, aproxima-se do que as gramáticas tradicionais identificam como Predicativo do Sujeito ou do Objeto em predicados verbo-nominais. É o que ocorre, por exemplo, em “João deixou *limpa* a sala”. O Atributo não é tão comum em orações Materiais, mas ocorre em dois casos. O primeiro é de natureza *resultativa*, em que se constrói uma qualidade resultante do Ator ou da Meta após manifestação do Processo, como se encontra no exemplo acima (“João deixou *limpa* a sala”). O segundo, de natureza descritiva, se constrói na especificação do estado em que o Ator ou a Meta se encontram ao concretizarem o Processo, como em “Joana despediu-se *triste* do último relacionamento”.

No que tange às Circunstâncias, estas inserem informações significativas para a completude oracional, descrevendo o contexto no qual se realizam os Processos. São manifestadas por meio de grupos adverbiais ou preposicionais, podendo aparecer em todos os Processos. As Circunstâncias fazem referência a tempo, modo, espaço, causa, assunto, companhia, condição etc. No exemplo exposto acima, para indicar o Atributo, no caso, “Joana o enganou *por todo esse tempo*”, os termos em destaque contemplam uma Circunstância temporal, apontando um espaço de tempo nada modesto em que Joana enganou alguém.

Quando as experiências manifestadas linguisticamente dizem respeito às nossas faculdades mentais, temos orações que comportam Processos Mentais. Esses Processos podem indicar percepção, desejo, cognição etc. No que se refere aos Participantes, quem realiza o Processo Mental é intitulado de Experienciador, e a direção da experiência expressa é intitulada Fenômeno. Assim, quando uma oração evidencia experiências internas, implica a existência de

um Experienciador, um Processo Mental e um Fenômeno, conforme Halliday e Matthiessen (2014).

Seguindo a concepção dos autores, a função léxico-gramatical de Experienciador se dá devido ao fato de os Participantes, nesse tipo de Processo, serem normalmente humanos, em sua individualidade ou coletividade, ou entidades que possam manifestar sensações, uma vez que se pressupõe, na construção oracional, um alguém que perceba, que sinta, que deseje, que ame, por exemplo.

Dessa forma, na estrutura “Maria admira o mar”, contempla-se os três itens mencionados (*Experienciador*: Maria; *Processo Mental*: admira; *Fenômeno*: o mar). Em caso de necessidade complementar, insere-se uma Circunstância.

Os Processos Mentais, na GSF, são classificados em quatro tipos, que são: os perceptivos, que dizem respeito às percepções referentes aos fenômenos experienciais do mundo, com base nos cinco sentidos humanos; os cognitivos, que dizem respeito ao que é pensado na consciência humana; os afetivos, que dizem respeito às expressões de sentimento e afeição; e os desiderativos, que condizem com as expressões verbais de indicação de vontade, ânsia, desejo etc.

Conforme Halliday e Matthiessen (2004; 2014), como os demais sistemas experienciais, não é possível determinar, de fato, a experiência representada nesse tipo de Processo, uma vez que as relações contextuais podem atribuir novos significados a expressões usadas tipicamente. Dessa forma, um mesmo verbo, no caso, o verbo “ver”, pode indicar, a depender do contexto, experiência sensorial de percepção, como em “Vejo o mar da minha janela”; ou experiência cognitiva, como em “Vejo (concluo) que você saiu”, pois ninguém atende à porta. Vale reforçar essa ideia com o que assinala Vendrame (2010). A autora discute a polissemia de verbos desse tipo, indicativos dos sentidos sensoriais, e conclui que eles podem (i) apresentar uma informação linguística retransmitida pelo falante; (ii) apresentar um cálculo mental do falante; (iii) apresentar uma dedução baseada em evidências sensoriais e (iv) expressar que o falante presenciou um Estado-de-Coisas acontecer. Com isso, de fato, as relações contextuais são significativas na compreensão dos significados que os Processos podem adquirir, não sendo possível, portanto, fixá-los totalmente em classificações, mas compreender que, embora haja uma nomenclatura, é necessário entender sua flexibilidade oriunda do contexto de uso.

O Processo Relacional estabelece uma relação entre duas entidades, e é utilizado, normalmente, na representação de seres com relação às suas características e identidades,

podendo ser de ordem Intensiva, ao identificar um ser; Circunstancial, ao apontar para uma circunstância, seja tempo, modo, lugar, companhia; e Possessiva, ao informar uma entidade de posse, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

As orações que comportam os Processos Relacionais Intensivos caracterizam uma entidade. Os Participantes desse Processo são denominados Portador e Atributo, manifestados no exemplo a seguir: “Você é grato?”. “Você” representa o Portador, e “grato” representa o Atributo. No que diz respeito ao Processo Relacional Circunstancial, estes circunstanciam, ou melhor, apontam para uma circunstância relacionada a um Portador. Os Participantes são, então, o Portador e o Atributo circunstancial, como em “A apresentação será na sala de defesa”. Neste exemplo, “A apresentação” representa o Portador, e a sala de defesa representa o Atributo circunstancial de lugar. Já os Processos Relacionais Possessivos indicam relações de posse entre Participantes, que são o Possuidor e o Possuído, como podemos verificar em “A Universidade é de todos”. “A Universidade” representa o Possuído, e “todos” representa o Possuidor, conforme Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

De forma geral, os Processos Relacionais podem funcionar como Atributivos ou Identificadores. Nos Processos Relacionais Atributivos, um Participante se apresenta como atributo de outro; já nos Processos Relacionais Identificadores, um Participante se apresenta como identidade de outro. Por exemplo, em “Maria é esforçada” está em voga nesta oração o Processo Relacional do tipo Atributivo, uma vez que “Maria” é Portador, e “esforçada” é o Atributo. Já no seguinte exemplo “Maria é a professora de português”, temos um Processo Relacional de ordem Identificativa, pois apresentamos um Identificado, “Maria”, e um Identificador, “a professora de português”.

Conforme Fuzer e Cabral (2014), as orações Atributivas têm o potencial para construir as relações abstratas de membros de uma classe, atribuindo a uma entidade características comuns aos membros dessa classe, enquanto as orações Identificativas têm o potencial de uma entidade ser usada para identificar outra. Vale adicionar, ainda, que essas últimas são reversíveis semanticamente, ao contrário das Atributivas, que não podem trocar de lugar na estrutura sintagmática sem acarretar mudança temática e de significado representacional.

Os Processos denominados por Halliday e Matthiessen (2014, p. 304 e 305) de Processos Verbais são descritos como os Processos do “dizer”. E auxiliam diversos discursos, pois funcionam como pontes para indicações de diálogos, citações, relatos, argumentos etc. Esses Processos podem ser de Atividade e de Semiose. Os Processos verbais de atividade

apontam um alvo, como os verbos “acusar”, “criticar” e “culpar” e encaminham uma fala, como em “conversar” e “falar”. Os Processos de Semiose contemplam verbos neutros, como “contar” e “dizer”, verbos de indicação, como “anunciar”, “convencer” e “prometer” e verbos de comando, como “ameaçar”, “exigir” e “convencer”.

Como estabelece a GSF, os Participantes principais são o Dizente (emissor), a Verbiagem (aquilo que é dito, e pode representar um conteúdo ou um dizer), o Receptor (aquele para quem se diz algo) e o Alvo (a entidade atingida pelo Processo de dizer), como podemos identificar em “O presidente falou palavras em uma reunião ministerial”. A expressão “O presidente” representa o Dizente, a expressão “palavras” representa a Verbiagem e “em uma reunião ministerial” representa a Circunstância. Já no exemplo “O povo pede ao presidente um pouco de consciência com os direitos humanos”, a expressão “o povo” condiz com o Dizente, “ao presidente” diz respeito ao Receptor e “um pouco de consciência com os direitos humanos” representa a Verbiagem.

O Alvo, por sua vez, é o Participante que representa uma entidade atingida pelo Processo de “dizer”. Assim, o Dizente age verbalmente sobre outro Participante, aproximando-se do que ocorre nos Processos Materiais, como em “O povo acusa *ministérios* de agressão aos direitos humanos”. A expressão “ministérios” comporta-se como o Alvo da acusação.<sup>15</sup>

Os Processos do tipo Comportamental são tipicamente humanos, e dizem respeito ao caráter psicológico e fisiológico, como “respirar”, “tossir”, “sorrir”, “sonhar” e “olhar”, como mencionam Halliday e Matthiessen (2004; 2014). No entanto, os Processos Comportamentais, por vezes, fundem-se com outros Processos, uma vez que alguns casos são difíceis de delimitar, aproximando-se dos Processos Materiais, Mentais e Verbais no que tange ao significado.

Verbos como “olhar” e “sorrir” condizem com essa categoria. Os Participantes característicos desse tipo de Processo é o Comportante (*behave* – aquele que se comporta), identificado como uma entidade consciente, que realiza Processos relacionados a “fazer”, “sentir” e “dizer”, como em “Maria se levantou cedo para estudar”, em que “Maria” figura como o comportante que realiza o Processo Comportamental de levantar.

Nos Processos Existenciais, enquadra-se a existência de uma entidade. O verbo comum nesse tipo de Processo é o “haver”, não apresentando Sujeito na língua portuguesa. O Participante principal é o Existente (aquela/aquele/aquilo que existe), podendo representar uma

---

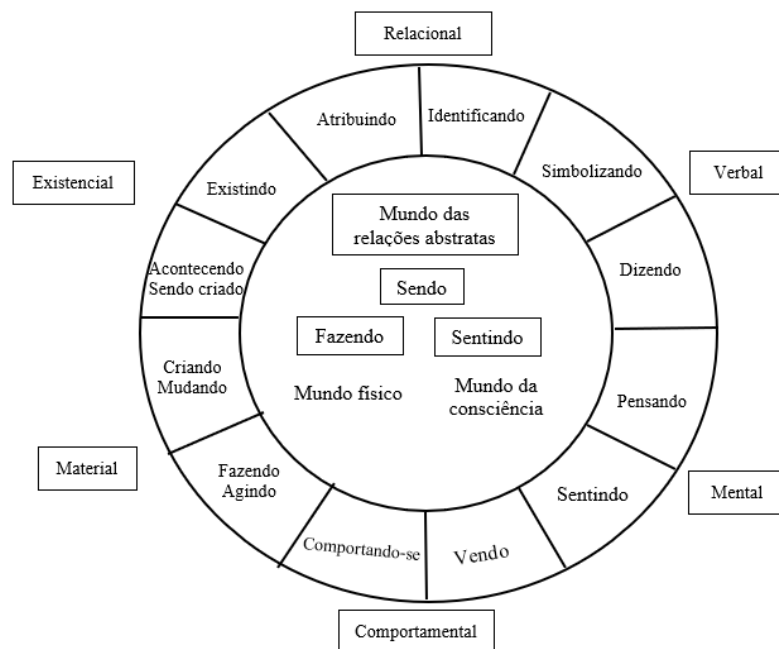
<sup>15</sup> Os exemplos citados foram formulados pela autora com base nas leituras realizadas.

pessoa, um objeto, uma instituição ou uma abstração, além de uma ação ou evento, conforme a GSF (2014).

A estrutura básica da oração que comporta esse tipo de Processo é então: Processo + Existente, como no exemplo “*Há* problemas na escrita do trabalho”, em que “*Há*” configura o Processo Existencial e “problemas” representa o Participante Existente. Assim como o verbo “*haver*”, podem ocorrer os verbos “*existir*”, “*acontecer*”, “*perdurar*”, “*ter*” etc.

Finalizando a abordagem sobre os Processos, é válido entendermos, ainda, que Halliday e Matthiessen (2014) adicionam que o modelo de experiência proposto, interpretado através do sistema gramatical de Transitividade, condiz com uma das regiões dentro de um espaço contínuo; mas a continuidade não é entre dois polos. Os autores usam a comparação da cor, ou seja, a gramática interpreta a experiência como as cores de um gráfico, em que temos vermelho, azul e amarelo como cores primárias, e roxo, verde e laranja nas fronteiras; não como um espectro físico, com vermelho em uma extremidade e violeta na outra. Vejamos a figura abaixo.

Imagem 2 - Tipos de Processos Experienciais



Fonte: Tradução e adaptação de Halliday e Matthiessen (2014, p. 216).

Baseados na GSF (2014), a figura acima representa os tipos de Processos como um todo, com setores representando os diferentes tipos. As áreas centrais representam partes prototípicas dos tipos de Processos. No entanto, as regiões são contínuas, sombreando uns nos



outros e estas áreas fronteiriças representam o fato de que os tipos de Processos são categorias difusas.

### **3.3 Síntese conclusiva**

Neste capítulo, apresentamos uma visão geral sobre a perspectiva do Funcionalismo linguístico, considerando que essa corrente de estudo analisa a língua no processo interativo, em que é considerado o propósito do ato de fala, seus Participantes e seu contexto discursivo.

Logo após, apresentamos a caracterização da Linguística Sistêmico-Funcional, em seguida, apresentamos a GSF, desenvolvida por Halliday e Matthiessen, que concebe a língua como uma rede de sistemas conectados de que o falante faz uso para produzir significados em situações comunicativas.

Apresentamos, ainda, que a Metafunção Interpessoal da linguagem considera a oração como troca. Os significados interpessoais são constituídos pelo sistema de MODO. O falante organiza as orações como atos de fala em asserções, perguntas, ofertas e comandos, de forma a realizar papéis em interações retóricas, promovendo a interação com o ouvinte. Essa organização prevê recursos linguísticos significativos na manifestação de opiniões e atitudes, tais como os relativos ao subsistema de Modo, à Polaridade e à Modalidade.

E, finalmente, expomos que, ao representar a experiência, a oração interpreta uma infinidade de mudanças no fluxo de eventos. Essas mudanças ocorrem a partir de configurações distintas, englobando Processos, Participantes envolvidos neles e qualquer Circunstância, o que constitui a Metafunção Experiencial, que condiz com o trato da oração enquanto representação do mundo interior e exterior, contemplando seis tipos de Processos (Material, Mental, Relacional, Comportamental, Verbal e Existencial) que utilizaremos na análise dos tipos de experiências que, ao serem narradas, são alvos de Modalização.

## **4 MODALIDADE E MODALIZAÇÃO NA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Neste capítulo, tratamos do tema da nossa pesquisa, a Modalização. Como estamos lidando com esse fenômeno, em sua especificidade, é mister explicitar a sua tipificação na língua, os avanços nos estudos da linguagem e as lacunas que instigam novas pesquisas, entre outros tópicos. Sabemos que revisar a literatura na qual nos ancoramos objetiva utilizar, reconhecer e dar crédito à criação intelectual de outros autores para demonstrar consciência sobre a singularidade da pesquisa e indicar que nos qualificamos como membros de determinada cultura disciplinar por meio da familiaridade com a produção de conhecimento prévio na área, como apontam Motta-Roth e Hendges (2010).

Para tanto, damos início à exposição sobre os aspectos teórico-conceituais da categoria modalidade a partir do olhar de diferentes linguistas e caminhamos, em seguida, para o estudo da modalização tal como é tratada na Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiessen (2014). Fazendo isso, apontamos caminhos de investigação do fenômeno mencionado que evidenciam o posicionamento do presente trabalho no âmbito dos estudos de descrição e análise linguística.

### **4.1 Visão geral sobre a Modalidade**

Para começo de discussão, deixamos claro que a modalidade está relacionada, nos estudos linguísticos, à atitude do falante em um certo enunciado. Ao construirmos a ideia de atitude, podemos relacioná-la a variados elementos relativos à linguagem. Podemos associar a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado, a atitude do falante em relação ao seu ouvinte e a atitude do falante/escritor em relação ao contexto comunicativo vigente no processo de interação.

No âmbito da Linguística, as concepções teóricas sobre a modalidade são diversificadas e desdobram-se, de um lado, no decorrer de uma linha formalista e, por outro lado, no decorrer de uma linha pragmático-cognitivo-funcionalista, como aponta Mello (2009), apresentando, em alguns casos, graus de sobreposição. Não pretendemos aqui retomar toda a discussão sobre a indeterminação de fronteiras da categoria Modalidade, como já mencionou Prata (2008), ao realizar uma abordagem sobre as questões envoltas na delimitação desta

categoria, mas fazemos, a seguir, um breve apanhado sobre o conceito de modalidade no âmbito da Linguística.

As divergências no que tange à delimitação, constituição e identificação dos diferentes tipos de modalidade ainda são questões tratadas entre os estudiosos do fenômeno. No entanto, muitos que não estudam frequentemente esse aspecto da linguagem ou que iniciaram recentemente os estudos nessa categoria discursiva, divergem, inicialmente, na sistematização do tema, e associam modalidade a modo, visto que este último é o que muitas gramáticas tradicionais trazem mais próximo do tema modalidade. Nesse sentido, explicamos brevemente essa distinção.

Sabemos que, nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa, a conceituação e o estudo da categoria modo estão relacionados às formas verbais, indicando a intenção (i) de afirmar ou indicar uma certeza (Indicativo); (ii) de expressar um desejo ou uma dúvida (Subjuntivo) ou (iii) de indicar uma ordem, um conselho ou um pedido (Imperativo). É, como afirma Almeida (1989), ao expor que a própria palavra modo já se explica. Modo, na conjugação de um verbo, vem a ser a maneira pela qual se realiza a ação expressa por esse verbo. De três maneiras, podemos enunciar uma ação; daí, os três modos verbais mencionados acima.

Para Bechara (2009), o modo é inerente ao verbo, e se apresenta conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente, podendo ser: a) Indicativo – em referência a fatos verossímeis ou tidos como tais: canto, cantei, cantava, cantarei; b) Subjuntivo (conjuntivo) – em referência a fatos incertos: talvez cante, se cantasse; c) Condicional – em referência a fatos dependentes de certa condição: cantaria; d) Optativo – em relação à ação como desejada pelo agente: (...) e viva eu cá na terra sempre triste; e) Imperativo – em relação a um ato que se exige do agente: cantai.

Dubois (2006), em seu dicionário de Linguística, fornece a definição de que modo é uma categoria gramatical, em geral, associada ao verbo, e que traduz o tipo de comunicação instituído pelo falante entre ele e seu interlocutor (estatuto da frase) ou a atitude do falante com relação aos seus próprios enunciados. Informa-se, ainda, que modalidade é uma categoria sinônima de modo, que se apresenta geralmente associada ao verbo, indicando o tipo de comunicação instituído pelo falante entre ele e o seu interlocutor.

Lyons (1970), por sua vez, defende que o modo, assim como o tempo, é frequentemente realizado pela flexão do verbo ou por sua modificação com a ajuda de

auxiliares. Para o autor, a modalidade é vista como uma consequência da aplicação do modo verbal, e as frases que trazem esse traço são aquelas que expressam alguma atitude do locutor.

Percebemos, então, que modo é visto comumente como um recurso mais gramatical ligado às formas verbais (morfemas flexionais), à estrutura da oração (Sujeito+Finito), como na GSF, e, embora seja possível relacionar em alguns aspectos com a modalidade, há consideráveis diferenças entre eles.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 142), por sua vez, tratam MODO, em caixa alta, como o sistema geral da oração enquanto sistema interpessoal. Dentro dele, os autores colocam os elementos de Modo e Resíduo. Esse Modo, constituinte do sistema geral, contempla a relação do Sujeito<sup>16</sup> (grupo nominal que pode ser retomado por pronomes) e Finito (elemento verbal que indica o tempo ou a opinião do falante). É a relação entre Sujeito e Finito que constitui o modo oracional, isto é, que qualifica o tipo de ilocução contida numa oração (Imperativo, Interrogativo, Declarativo). E, neste último, podem operar as avaliações relacionadas às funções de fala nas trocas de informações e de bens e serviços, que dizem respeito às modalidades.

Tratando agora da modalidade, o conhecimento sobre esse fenômeno da linguagem não é recente, pois se inicia na Lógica aristotélica, correspondendo a seis valores para sua construção: verdadeiro, falso, possível, impossível, necessário e contingente. No decorrer do tempo, diversos filósofos se dedicaram a estudá-la, ganhando destaque o estudo dos valores de verdade.

Percebemos, assim, que as considerações sobre a modalidade são feitas desde a Antiguidade clássica. Os lógicos se preocuparam em organizar um sistema que abrangesse as proposições que expressassem determinado raciocínio. A classe da modalidade vista a partir da ótica dos estudos lógicos é reconhecida como aristotélica ou alética (palavra de origem grega, que significa *verdade*) e parte das modalidades fundamentais do possível e do necessário, e de suas respectivas negações. Com isso, a negação da necessidade e da possibilidade alética resulta nos dois outros valores das distinções desse tipo de modalidade. É o que Lyons (2009) designa como oponentes inversos ou duais. De tal modo, a expressão “Necessariamente, o céu é azul” é logicamente equivalente a “Não é possível que o céu não seja azul”. Os lógicos consideraram

---

<sup>16</sup> Halliday e Matthiessen (2014, p. 72) tratam da diferença entre Sujeito psicológico (Tema), Sujeito gramatical (Sujeito) e Sujeito lógico (Ator). Sendo uma codificação mais gramatical, o Sujeito que constitui o Modo oracional é o Sujeito gramatical. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 83), o Sujeito (gramatical) funciona na estrutura da oração como uma troca. Uma vez que uma cláusula tem significado como uma troca, uma transação entre Falante e Ouvinte; o Sujeito é a garantia da troca. É o elemento que o falante torna responsável pela validade do que está dizendo.

que a modalidade alética se baseava na necessidade mais que na possibilidade, e que a negação de uma proposição é função veritativa por definição desta modalidade, conforme Lyons (2009).

Infere-se, desse modo, a existência de uma interdependência ou uma inter-relação entre a modalidade alética e a modalidade linguística. Após a percepção da modalidade alética, os lógicos definiram outros dois eixos conceituais, o do conhecimento e o da conduta, nomeando-os, respectivamente, como modalidades epistêmicas e deônticas, conforme aponta Neves (2011). Não obstante, os objetivos da Linguística e da Lógica modal divergem no estudo da modalidade, uma vez que esta última se preocupa com a estrutura formal das modalidades em termos de valores de verdade dos conteúdos dos enunciados, independentemente da relação entre elas e os Participantes de uma interação verbal. Os estudos linguísticos, por sua vez, tratam de línguas naturais, efetivamente usadas, logo interessa, sobretudo aos linguistas funcionalistas, a relação mensagem/autor/leitor dentro de um contexto de interação.

Nos estudos linguísticos da modalidade no século XX, destaca-se Bally. Embora sua colaboração seja direcionada ao fator enunciativo da modalidade, também se debate, em Bally, a perspectiva lógico-filosófica desse fenômeno.

Charles Bally (1952) informa, em seus estudos iniciais sobre a modalidade, que a função lógica deste fenômeno é exprimir a reação do sujeito pensante a uma representação. Tal postura foi de real significado para o desenvolvimento dos estudos da modalidade, tanto para a Lógica como para a Linguística, ajudando a estabelecer um limite no tratamento dado ao tema pelas duas áreas. O autor contribuiu também com a teoria da enunciação, e dele advém a ideia de que a oração possui duas partes, repercutindo na noção de *dictum*, base da oração, e *modus*, operação do falante sobre o *dictum*, além de propor uma definição da frase que converte a análise lógica em análise psicolinguística.

Chegando às abordagens mais discutidas sobre a modalidade, alcançamos um “maleável” consenso de que a modalidade está genericamente associada à expressão da atitude do falante em relação ao seu enunciado. Estudiosos buscam analisar como essa dimensão atitudinal e opinativa do falante é configurada gramaticalmente nas línguas naturais. Diversos autores sugerem, ainda, escalas com graus ou níveis entre os domínios da certeza e da não certeza do falante em relação a algum conteúdo para a caracterização da modalidade.

Tendo em vista a complexidade de delimitação do tema modalidade, Meunier (1974) nos informa que o termo em destaque é saturado de interpretações que surgem explícitas ou não, dependendo de como os linguistas o utilizam, de acordo com a Lógica, a Semântica, a Psicologia, a Sintaxe, a Pragmática ou a Teoria da enunciação, havendo pontos de vista

linguísticos muito diversos para o termo nesses estudos, uma vez que se fala em recursos de diferentes níveis de análise da língua, como modos verbais; verbos modais; advérbios e construções modais; valores semânticos modais; modalização atitudinal etc.

De fato, modo e modalidade são categorias que ocupam muitos estudiosos nas discussões sobre os aspectos relativos à língua, mas nem sempre com o olhar que pretendemos dar ao tratamento da modalidade neste estudo. A modalidade como desdobramento da atitude do falante diante do seu enunciado é, com certeza, o ponto de partida para nossa abordagem linguística acerca desse fenômeno.

Vimos, há alguns parágrafos acima, a conceituação da modalidade do ponto de vista da Lógica. No entanto, deixamos claro que ela é vista por nós não em termos de julgamentos de verdade, sem considerar o falante, mas como uma estratégia que permite ao usuário da língua argumentar, expressar conhecimentos, crenças e vontades, utilizada por um agente provido de intenções comunicativas. Essas necessidades de expressão que levam o falante a modalizar o que diz centralizam a caracterização da modalidade como resultante da sua atitude.

Adiante expomos algumas conceituações de linguistas renomados acerca da modalidade, no intuito de localizar bem o nosso fenômeno de investigação dentro dos estudos da linguagem. Começamos com Palmer (1986), que considera a modalidade como a gramaticalização das atitudes e opiniões subjetivas dos falantes. Isso se explica porque, ao modalizar um enunciado, o falante faz escolhas em um sistema gramatical que se constitui também para essa função, isto é, por meio de recursos gramaticais que marcam a atitude do falante em relação ao seu enunciado. Para o linguista, o elemento de subjetividade é um ponto indispensável para definir esta categoria; uma vez que, por meio da modalidade, é expresso o comprometimento do falante com aquilo que ele exprime. Embora, na construção modal, não haja total transparência da origem do seu conhecimento, de suas crenças ou valores morais, o falante toma posição diante de seu enunciado.

Em Hengeveld (1988), a modalidade é definida como todos os meios linguísticos por meio dos quais um falante pode expressar seu comprometimento com a verdade da proposição. É possível estabelecer que, numa abordagem funcionalista, a partir do ponto de vista do autor, a modalidade linguística é uma categoria relacionada com a pretensão do falante, expressando maior ou menor grau de comprometimento com o conteúdo de verdade do que diz, tendo em vista um dado contexto comunicativo.

Givón (2001), por sua vez, afirma que a modalidade codifica a atitude do falante em relação à proposição. O autor defende que a modalidade abrange, entre outras coisas, noções

de realidade, no sentido de que ou há existência factual em algum tempo real ('verdadeiro') ou não há existência em nenhum tempo real ('falso') ou há existência potencial em algum tempo ainda por vir ('possível').

Sendo assim, a categoria modalidade, enfocada neste trabalho, condiz, nos estudos da linguagem, com o comportamento linguístico do falante dotado de intenções diante do que é dito. Assim, a atitude enunciativa do falante é posta em evidência. Percebemos que as abordagens da Lógica e da Linguística para a modalidade têm alguma relação, no entanto, é importante entendermos a distinção entre os dois tratamentos, a fim de que tenhamos coerência em relação aos nossos objetivos no que concerne a uma pesquisa linguística. A Lógica, assim, trata a modalidade na sua relação com os valores de verdade, que não dependem de uma avaliação do falante, e a Linguística trata a modalidade na relação mensagem/autor/leitor em determinado contexto de interação verbal.

#### ***4.1.1 Os tipos de modalidade***

Considerando a modalidade como a atitude do falante em relação ao que diz, apresentamos, de forma necessariamente sucinta, algumas propostas de classificação deste fenômeno linguístico. Sabemos, sem dúvida, dos pontos de divergência entre os critérios de distinção e o uso de terminologia igualmente divergente no tratamento desta categoria; sabemos, também, dos muitos consensos na literatura sobre o tema e da profundidade dos estudos em cada tipo. Tratamos de apresentar, adiante, os posicionamentos linguísticos que tentam categorizar a modalidade no processo de descrição da língua, uma vez que essa categorização pode levar a compreensões mais específicas e profundas do fenômeno e/ou gerar mais curiosidade sobre as nuances que a categoria apresenta, as tenuidades entre algumas tipologias e ainda as ramificações possíveis dentro da própria classificação. Sendo a língua viva, dinâmica e em constante evolução, a modalidade também tem passado por diversos questionamentos e aprofundamentos ao longo do tempo.

Inicialmente, lembramos que uma das classificações mais tradicionais é proposta por Lyons (1977). O linguista distingue três tipos de modalidade, configuradas como alética, epistêmica e deôntica. Por estar relacionada à verdade extensional de uma proposição, a modalidade alética diz respeito à Lógica e, por esse motivo, não teria interesse para a Linguística, como exposto acima. Segundo Lyons (1977), a modalidade epistêmica e a modalidade deôntica, também retomadas dos gregos, constituem, respectivamente, os domínios

do conhecimento e da conduta, frequentemente apontados nas diferentes tipologias de modalidade linguística. A modalidade epistêmica está relacionada ao conhecimento ou crença do falante em relação à verdade de uma proposição, enquanto a modalidade deôntica se relaciona aos atos realizados por agentes moralmente responsáveis e diz respeito às noções de obrigação e permissão.

Palmer (1986) também propõe um modelo de classificação para a modalidade linguística, organizando-a em três tipos: a epistêmica, a deôntica e a dinâmica. Segundo o teórico, a modalidade epistêmica é considerada um sistema modal que indica o grau de comprometimento do falante com seu enunciado. Essa ideia não se distancia da defendida por Lyons (1977), uma vez que esta modalidade está embasada na subjetividade do falante. A modalidade deôntica é entendida por Palmer (1986) como o sistema modal que apresenta um elemento de vontade e envolve a ação do falante ou de outra pessoa, sendo esse tipo de modalidade orientada para um agente. Já a modalidade dinâmica é classificada como o sistema modal relacionado ao significado de capacidade/habilidade ou disposição do sujeito, não mantendo, assim, relação com a expressão de opinião ou atitude do falante.

Givón (2001), no tratamento da modalidade, tem interesse nos traços tipológicos das línguas e faz considerações acerca do comportamento de modais em geral, destacando as relações entre modalidades *realis*, *irrealis*, tempo, aspecto, modo, tipo de oração e construções sintáticas específicas. O autor critica a forma como algumas dessas noções são estabelecidas na literatura. Para ele, por exemplo, *realis* e *irrealis* não estão relacionadas com mundos possíveis, como se defendia, mas com verbos que se referem a uma situação concebida como presente (por exemplo, “ter que”, “saber”) e os que se referem a situações possíveis (por exemplo, “querer”, “sonhar”, “acreditar”), em uma clara acepção funcionalista.

Votre e Oliveira (1996) pontuam que Givón (1995), em seu livro *Functionalism and Grammar*, trata a modalidade deôntica como dotada mais de viés pragmático; e a modalidade epistêmica, como dotada mais de viés semântico. O linguista apresenta, ainda, o enlace da modalidade epistêmica com a interação comunicativa intencional, discutindo que *irrealis* configura-se como categoria cognitivo-funcional e tipológico-gramatical, associando a epistêmico os valores de verdade, crença, probabilidade, certeza e evidência; e associando a deôntico os valores de desiderabilidade, preferência, intento, habilidade, obrigação e manipulação. Givón (1995) expõe, ainda, quatro tipos de modalidades proposicionais epistêmicas, apresentando-as como (i) verdade necessária vs pressuposição; (ii) verdade factual vs asserção *realis*; (iii) verdade possível vs asserção *irrealis*; (iv) não-verdade vs NEG-asserção.



Apresentamos também a tipologia de Hengeveld (2004), que utiliza dois critérios de classificação: o domínio modal e o alvo de avaliação ou orientação. No que diz respeito ao domínio, o autor subcategoriza a modalidade em cinco tipos: facultativo, relacionado às habilidades intrínsecas ou adquiridas; deôntico, relacionado às avaliações morais ou legais; volitivo, relacionado ao desejo; epistêmico, relacionado ao conhecimento sobre o mundo real; e evidencial, relacionado à fonte da informação apresentada. No que concerne ao alvo de avaliação, Hengeveld (2004) aponta que a modalidade pode ser orientada ao Participante, quando o alvo é a relação entre um Participante em um evento e a potencial realização desse evento; ao evento, quando o alvo é a descrição do evento contido na sentença, ou seja, a parte descritiva de uma sentença e se refere à avaliação objetiva do estatuto de realidade do evento; e à proposição, quando o alvo é o conteúdo proposicional de uma sentença, em que apresenta o grau de comprometimento do falante em relação à sua proposição.

O quadro abaixo mostra as combinações realizáveis entre os domínios e os alvos de avaliação modal proposto por Hengeveld (2004):

Quadro 2 - Classificação das modalidades conforme Hengeveld (2004).

Domínio \ Alvo	Participante	Evento	Proposição
<i>facultativa</i>	+	+	-
<i>deôntica</i>	+	+	-
<i>volitiva</i>	+	+	-
<i>epistêmica</i>	-	+	+
<i>evidencial</i>	-	-	+

Fonte: quadro adaptado de Hengeveld (2004).

Vale ressaltar que Hengeveld (2011) apresenta uma mudança nesse quadro. O linguista incorpora um quarto alvo de avaliação, a modalidade orientada para o Episódio que, em Hengeveld (2004), foi considerada como um subtipo de modalidade, a orientada para o evento epistêmica (objetiva). De acordo com Hengeveld (2011), a modalidade epistêmica objetiva caracteriza episódios em termos da (im)possibilidade de sua ocorrência em vista daquilo que é conhecido sobre o mundo. A distinção entre a modalidade orientada para o evento e a orientada para o episódio se relaciona com tempo. Na orientada para o episódio, o tempo é absoluto, independente; e, na orientada para o evento, o tempo é relativo, dependente.

Vale ressaltar que um dos tipos de domínio modal, o tipo evidencial, tem sido alvo de estudos recentes, estabelecendo outro lugar para a evidencialidade, de forma que a apresentam de maneira mais abrangente, como uma categoria hierarquicamente superior à

modalidade. Hengeveld (2011) também deixa de considerar a evidencialidade como um tipo de modalidade. No entanto, entendemos que a evidencialidade, conforme Bermúdez (2005), é o domínio semântico condizente com a fonte ou a origem da informação expressa no enunciado evidencial, e se chama evidência o elemento linguístico que marca ou refere a fonte de informação.

Ao discutir a relação entre modalidade e evidencialidade, Nuyts (1993) trata da distinção entre modalidade objetiva e modalidade subjetiva, estabelecida por Lyons (1977) e depois retomada por Hengeveld (1988). De acordo com o autor, todo julgamento modal faz referência a uma evidência. Isso pode variar no tocante à qualidade da evidência que se tem, mas, sem evidência, nenhuma avaliação de um estado de coisas é possível. Assim, para Nuyts (1993), a evidencialidade é uma dimensão semântica superior à modalidade, como discute Dall'aglio-Hattner (1996).

Outros autores, como Palmer (1986), incluem a evidencialidade na categoria de modalidade epistêmica, embora Nuyts (2005) considere distintas essas duas categorias. Isso porque, segundo o autor, a evidencialidade tem a ver com a expressão da natureza da fonte ou provas invocadas para assumir a existência de um estado de coisas, e não envolve uma avaliação especial quanto à sua veracidade ou falsidade.

Já para os estudiosos Halliday e Matthiessen (2014, p. 677), a noção de evidencialidade se relaciona ao grau de comprometimento do falante com a proposição, sendo a proposição avaliada como se fosse projetada por outra pessoa, além do falante. A evidencialidade, para os autores, está relacionada às orações Verbais (*people say/they say that / as pessoas dizem/eles dizem que...*) e Mentais de percepção (*I hear that / eu ouço isso*). Tratando-se das orações Mentais, os autores (2014, p. 256) mencionam que, dos quatro diferentes tipos de Processos Mentais que há (perceptivo, cognitivo, desiderativo e emotivo), a evidencialidade estaria mais voltada para o campo do “perceptivo” (*I hear/see that.../Eu ouço/vejo isso*), enquanto a Modalização volta-se mais ao campo do “cognitivo” (*I think that's the courier: that'll be the courier /Eu acho que é o correio: esse será (deve ser) o correio*). Vale adicionar que a GSF não considera a evidencialidade como um tipo de modalidade, mas a enquadra como uma avaliação modal que se manifesta por meio de verbos de Processos Verbais (*dizer, afirmar*) e Mentais (*ouvir, perceber*), bem como por meio de alguns adjuntos (*alegadamente, aparentemente, supostamente...*).

Na GSF, a modalidade se relaciona às funções que a língua tem de possibilitar a construção de proposições (informações) e de propostas (bens e serviços), o que os autores

denominam, respectivamente, de Modalização e Modulação, apresentando-se em graus. A intenção dos apontamentos é deixar claro que não tomamos como relevante, neste trabalho, as concepções recentes tratadas sobre evidencialidade e a linha tênue entre ela e a modalidade epistêmica. Interessa, então, à pesquisa, analisar as manifestações evidenciais que têm claro efeito na Modalização dos enunciados nas autobiografias, uma vez que, a depender do que o autor apresenta como fonte de uma determinada informação (o autor, uma terceira pessoa, o domínio comum) ou como modo de acesso a ela (percepção direta, inferência), é possível avaliar graus de probabilidade ou certeza em relação a essa informação.

Assim, consideramos a Modalização, no que toca ao valor *probabilidade*, como exposto na GSF, bastante aproximado à denominação de modalidade epistêmica, relacionando-se às noções de verdade, crença, probabilidade, certeza e evidência.

Seguindo o tratamento da classificação do fenômeno modalidade, tem sido visível, até agora, que dois tipos são tradicionalmente mais centrais, a epistêmica e a deôntica, visto que estão diretamente relacionados ao processo comunicativo. Essas duas modalidades mencionadas como centrais - epistêmica e deôntica - representam tipologias alicerces da modalidade linguística, por isso discorreremos um pouco mais sobre elas nos próximos parágrafos.

Primeiramente, a modalidade epistêmica representa uma das modalidades linguísticas mais presentes nas línguas em uso. O termo *epistêmico*, assim como *epistemologia*, é derivado da palavra grega que significa conhecimento. Portanto, nas palavras de Neves (2011), a modalização epistêmica (que basicamente envolve uma atitude do falante) necessariamente se relaciona com um conhecimento com o qual o falante pode ou não estar comprometido. O fato de a modalidade epistêmica, para alguns autores, se configurar também no domínio da especificação da fonte e do acesso a uma dada informação tem gerado ricas discussões a respeito deste assunto, como vimos acima, repercutindo na ascensão de uma nova categoria ou domínio funcional, configurado como a expressão da fonte de uma informação, ou seja, a evidencialidade.

Seguindo a discussão, para Neves (2011), a modalidade epistêmica está relacionada com a necessidade e a possibilidade epistêmicas, que são expressas por proposições contingentes, isto é, que dependem do conhecimento do falante sobre como o mundo é. O conhecimento do falante está na base das avaliações modais epistêmicas. Lyons (1977) expôs que a modalidade epistêmica faz referência às noções de possibilidade e necessidade, e que é possível considerar uma distinção dentro desta modalidade: a epistêmica objetiva, quando o

falante está comprometido com a factualidade do Estado-de-coisa descrito; e a epistêmica subjetiva, que concerne à expressão da opinião ou das inferências do falante.

A modalidade epistêmica, a partir da consideração de Nuyts (2005), está relacionada a uma estimativa tipicamente, mas não necessariamente, do falante, da chance de que um Estado-de-coisas expresso na frase seja aplicável ao mundo ou não. Se considerarmos os exemplos, no parecer de Nuyts (2005), afirmar que alguém deve estar com febre e afirmar que pode ser febre amarela, de forma incerta, deixa visível que o Estado-de-coisas é apresentado como possível de se manifestar no mundo. Percebemos que o falante avalia o fato de estar com febre como possível, atribuindo a ele um grau maior de possibilidade do que ao fato de ser febre amarela, visto que ele não tem conhecimento suficiente para essa última constatação. A modalidade epistêmica, assim, expressa a avaliação do falante sobre a realidade de um Estado-de-coisas com base no seu conhecimento de mundo, podendo também expressar o grau de comprometimento com a verdade da proposição contida no enunciado.

Já na percepção de Palmer (1986), a modalidade epistêmica é vista como um sistema modal, apontando o grau de comprometimento do falante com seu enunciado. Palmer defende que o sistema modal epistêmico pode ser dividido em sistema modal dos julgamentos e sistema modal das evidências. No primeiro caso, os julgamentos indicam proposições afirmadas com certa dúvida. No segundo caso, as evidências indicam proposições afirmadas com certa segurança, podendo ser passíveis de questionamentos e justificativas voltadas para a comprovação das evidências.

Quanto à modalidade deôntica, essa categoria está relacionada, na tradição, às noções de obrigação e permissão. Nos estudos clássicos de modalidade, a modalidade deôntica não inclui as noções semânticas como habilidade e desejo, que, em diversas línguas, têm expressão linguística semelhante às de obrigação e permissão. Assim, Lyons (1977) escreve que o termo deôntico (do grego ‘déon’: o que é devido, obrigado) é vastamente usado por filósofos para se referir a um ramo particular ou extensão da lógica modal: a lógica da obrigação e da permissão (...).

Para Neves (1996), a modalidade deôntica não está relacionada a uma avaliação do falante, mas a uma ação do próprio falante ou de outros. Aponta, ainda, que a modalidade deôntica está relacionada aos valores de permissão, proibição e obrigação.

Em Nuyts (2005), a modalidade deôntica é frequentemente definida em relação às noções de obrigação e permissão, e pode ser definida como uma indicação do grau de desejabilidade moral do Estado-de-coisas expresso na oração. Ela é representada de um modo

mais complexo por expressões de permissão, obrigação ou impedimento para que o agente apontado na oração realize ou deixe de realizar o Estado-de-coisas expresso por ela.

Já para Palmer (1986), a modalidade deôntica abarca o sistema modal dotado de um elemento de vontade envolvendo a ação do falante ou de outra pessoa, em que essa ação é orientada para um agente.

Dessa forma, os autores mencionados até o momento se aproximam, na delimitação da modalidade deôntica, ao reconhecerem, em seu caráter nocional, os elementos de vontade e obrigação e, na delimitação da modalidade epistêmica, ao identificarem nela uma avaliação quanto ao grau de possibilidade de um Estado-de-coisas, bem como a manifestação do grau de comprometimento do falante com o seu enunciado.

Percebemos, finalmente, que a descrição da tipologia da modalidade é uma tarefa de fundamental importância porque, ao analisar o discurso, especialmente quanto às formas mais conversacionais e dialógicas, todas essas variantes são prováveis de manifestação, e suas diferenças de significado podem ter um efeito marcante quanto aos desdobramentos e impactos do “como se diz”. Assim, a metáfora da modalidade está presente como uma propriedade essencial do ser humano enquanto falante de línguas, como defendem Halliday e Matthiessen (2014, p 183).

#### **4.2 A Modalidade na GSF: delimitação e ramificações**

Como percebemos acima, a modalidade apresenta-se como uma categoria discursiva usada para indicar intenções e atitudes do falante sobre o que está sendo dito. Partindo dessa noção, entramos agora nas considerações sobre essa categoria dentro da GSF. Primeiramente, retomamos que, para Halliday (2002), a oração organiza-se simultaneamente como representação da experiência, como evento de interação e como mensagem; e, por meio da oração, o falante age ao usar a linguagem em dado contexto comunicativo.

Essa interferência do falante sobre o que diz pode derivar de variadas escolhas dentro da sua gramática, podendo ser representadas por grupos adverbiais e grupos verbais, por exemplo, considerando, para este último, o tempo, o modo, dentre outras variações. Sabendo disso, a GSF concebe a gramática como um sistema de escolhas dos falantes para a produção, organização e manifestação de sentidos formulados com base nas escolhas linguísticas realizadas em meio a uma vasta rede de alternativas.

Entre todas as escolhas feitas pelo falante na formulação da oração como um evento de interação, uma troca, a GSF prevê a Modalidade (tratando agora Modalidade com inicial maiúscula devido à GSF tratar esse fenômeno enquanto um dos sistemas da língua). Para Halliday e Matthiessen (2014), a Modalidade recebe um tratamento semelhante ao já dado por outros estudos, embora se adicionem algumas peculiaridades. Dentre elas, vale ressaltar o fato de que os estudiosos mencionados estabelecem bem a diferença entre Modo e Modalidade, em que o Modo (formado por Sujeito e Finito) é um elemento gramatical do sistema de MODO, que, no inglês, é apresentado como um recurso gramatical que realiza, no nível léxico-gramatical, as proposições e as propostas, de forma a expressar distintas funções dos papéis de fala (indicativo (declarativo), o interrogativo e o imperativo). Já o sistema de Modalidade configura-se como um recurso léxico-gramatical que constrói um terreno de indeterminação de uma proposição ou de uma proposta, entre os polos do “sim” e do “não”, da Polaridade.

Já vimos que a GSF coloca em evidência, para o estudo da oração enquanto troca interativa, o operador verbal Finito. É a partir desse operador que atuam os sistemas de Polaridade e de Modalidade. A Polaridade é compreendida como a oposição entre positivo, como em “É. Faça isso!” e negativo, como em “Não é. Não faça isso!”. A Modalidade, por sua vez, é entendida como o julgamento do orador ou a solicitação do julgamento do ouvinte sobre o status do que está sendo dito, qualificando-o no contínuo entre os polos positivo e negativo da Polaridade. É o que ocorre nos seguintes exemplos: “Poderia ser...”, “Não poderia ser?”, “Você não deve fazer isso.” e “Você tem que fazer isso?”, conforme Halliday e Matthiessen (2014, p. 171 e 172).

Na GSF, tanto a Polaridade quanto a Modalidade são realizadas através do elemento Modo, manifestando-se, em inglês, por meio do elemento Finito ou através de um Adjunto. Vê-se que julgamentos interpessoais, ou avaliações, estendem-se além do sistema gramatical ‘núcleo’ da Modalidade, e inclui avaliações de temporalidade e intensidade realizadas como Modalidade por meio de Adjuntos.

Conforme Halliday (1985), a Modalidade é um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus entre os polos do “sim” e “não”. Refere-se a como falantes assumem uma posição, expressam uma opinião ou ponto de vista ou fazem um julgamento. Subdivide-se em Modalização e Modulação. A primeira, também chamada modalidade epistêmica por Lyons (1977); Palmer (1986); Neves (2011), Hengeveld (2004), Nuyts (2005), dentre outros, ocorre quando há troca de informações ou conhecimentos, relacionando-se à expressão da dúvida ou da certeza. As informações podem

ser expressas em graus de *probabilidade* ou *usualidade*. A segunda, também chamada modalidade deôntica por Lyons (1977); Palmer (1986); Neves (2011); Hengeveld (2004); Nuyts (2005), dentre outros, ocorre em propostas (ofertas e comandos), manifestando graus de obrigação e inclinação.

As orações que indicam trocas de bens e serviços, quando moduladas (ou deontizadas), são representadas em declarações, abandonando a forma imperativa tão comum a essas construções quando não são moduladas. Em português, o enunciado “Faça o seu trabalho” se configura como uma proposta, pois designa a função semântica de uma oração na troca de bens e serviços. Verificamos, então, a escolha do Imperativo no subsistema de Modo. Mas o enunciado “Você tem de fazer o seu trabalho”, sem o uso do Imperativo, continua sendo uma proposta, no entanto, se apresenta como construção modulada. O auxiliar modulou a proposta com indicação de obrigatoriedade, sem a presença do Imperativo que seria uma opção gramatical disponível no subsistema de Modo. Percebemos, então, que a Modulação substitui o emprego do Imperativo, característico das ordens e conselhos, numa espécie de metáfora gramatical, que, conforme Halliday (2002), é uma variação na forma de expressão de um dado significado.

Com isso, ao modularmos uma ordem ou comando, como no exemplo supracitado, teríamos obrigatoriamente uma metáfora gramatical, que é definida como um processo de reconstrução dos padrões de realização em uma língua – particularmente na conexão entre a gramática e a semântica.

Halliday e Matthiessen (2014) apresentam que o significado dos elementos modais dependerá da função da oração como evento interativo, ou seja, dos valores a serem trocados no processo de interação.

#### ***4.2.1 A delimitação da Modalidade na GSF***

Inicialmente, ressaltamos que os autores da GSF, ao realizarem uma abordagem sobre a Modalidade, partem do sistema de Polaridade. Esse termo foi introduzido por Halliday em 1956 para preencher uma lacuna terminológica. Linguistas também têm usado o termo "negação". A desvantagem com esse último termo é que ele é tratado, em primeiro plano, como um fator “negativo” sobre um “positivo”, e não destaca a natureza do contraste. Como

alternativa ao “positivo”, os linguistas também usaram “afirmativo”, mas este termo também tem sido usado como alternativa à “declarativa”, argumentam Halliday e Matthiessen (2014).

Segundo os autores mencionados, a oposição positiva/negativa tem alta tendência de ser gramaticalizada em cada língua, em associação com a oração como proposição (troca de informação) ou proposta (troca de bens e serviços). Tipicamente, uma oração positiva é formalmente não marcada, enquanto uma negativa é realizada por algum elemento adicional. Se levarmos em conta uma ampla gama de tipos de discurso, o fator positivo provavelmente funciona em torno de dez vezes com mais frequência que o fator negativo, como mencionam Halliday e Matthiessen (2014, p. 173)

O que carrega o recurso da Polaridade, positiva ou negativa, é o componente funcional da fala, se é uma proposição ou uma proposta. Vale adicionar que é a inversão de Polaridade na expressão que nos permite identificá-la com relação às orações contendo outras expressões negativas, como *não, nunca, ninguém, em lugar nenhum, raramente*. Vejamos os exemplos no inglês: “There’s no more paper in the box, is there?” (*Não há mais papel na caixa, certo?*), “They never came back again, did they?” (*Eles nunca mais voltaram, não é?*), “It seldom works that way, does it?” (*Raramente funciona assim, não é?*), e “No one with any sense would behave like that, would they?” (*Ninguém com bom senso se comportaria assim, não é?*). Todas essas orações têm Polaridade negativa, então, se uma expressão negativa é adicionada, torna-se assertiva, como em “Não tem mais papel não, não é?”. Vale ressaltar que essa situação é mais frequente no inglês. No entanto, em português, também é possível encontrarmos situações parecidas em contextos informais, como “Tu não vem hoje não, né?”. Em contraste, se a palavra negativa é parte de algum elemento no Resíduo, a oração em si pode ser positiva, como em “É uma pergunta que nunca foi realmente abordada, não é?”, comentam Halliday e Matthiessen (2014, p. 173)

Em uma oração interrogativa do tipo sim/não, que é precisamente um pedido de Polaridade, pois incide numa resposta positiva ou negativa, e, portanto, presumivelmente, não se pode antecipar à escolha, uma vez que uma das possibilidades pode ocorrer, o negativo aparece como uma opção marcada, pois enquanto o positivo não contém nenhuma sugestão sobre a resposta provável, o negativo é, na formulação tradicional, uma pergunta esperando a resposta *sim*, como em “*Haven’t you seen the news?*” (Você não viu as notícias?), assim assinalam os autores da GSF (p. 173). No entanto, é mister assinalar que esse evento, descrito na GSF com relação à língua inglesa, não coincide com o que ocorre em língua portuguesa; isso porque uma indagação como “Você não viu as notícias?” seria realizada na espera da resposta



“Não!”, repercutindo então na atualização das notícias por parte do falante ao seu ouvinte. Nesse caso, a negativa aparece como uma opção não marcada.

Como Halliday e Matthiessen (2014, p. 174) assinalam, na maioria das frases interrogativas, o negativo é mais variável. É bastante comum ocorrerem com o “porquê”, especialmente em contextos de desaprovação “*Why didn’t you tell me before?*” (Por que não me disse antes?). Em outras frases interrogativas, o negativo pode ser mais restrito. Ele ocorre diretamente como uma pergunta, por exemplo, “*Which ones don’t contain yeast?*” (Quais não contêm fermento?), e talvez em questões que podem funcionar como um tipo de eco, como em “*They didn’t have any bananas. – What didn’t they have?*” (Eles não tinham bananas. – Eles não tinham?), em que a resposta incide frequentemente em um “não”. Essa variação ocorrida no inglês também ocorre no português. Em outros casos ainda, o negativo tende a funcionar como o equivalente a um positivo generalizado, é o que vemos em “*I’d love to live in a house like that!*” (Eu adoraria viver em uma casa como essa); “*Who wouldn’t?*” (Quem não gostaria?). Essa construção equivale a “*Everybody would*” (Todo mundo adoraria isso), ainda em referência ao que mencionam os autores na GSF, na página mencionada.

Conforme expõem Halliday e Matthiessen (2014), as palavras “sim” e “não” são expressões diretas de Polaridade, mas elas têm mais de uma funcionalidade. Os autores elencam algumas delas. Em primeiro lugar, “sim” e “não” podem funcionar como declarações ou em resposta a uma pergunta; em reconhecimento a uma declaração; em compromisso a um comando ou na aceitação de uma oferta. Elas são então Adjuntos de modo. Nesta função, elas são fonologicamente salientes e, muitas vezes, carregam destaque tônico.

Mencionam os estudiosos (p. 175) que, em resposta a “*It’s Tuesday, isn’t it?*” (Hoje é terça-feira, não é?), nós podemos ter várias formas de negação. No item (b), exposto abaixo, conforme dispõe a GSF, a resposta consiste em duas frases; o primeiro “não” é tônico, como se mostra, e poderia ter ficado sozinho como uma resposta. Já em (c), o “não” é saliente, mas não é tônico, e a resposta é uma única oração. Em (a), vemos o típico “não” tônico. No entanto, todos os três representam o mesmo significado.

- (a) Não.
- (b) Não, não é.
- (c) Não é não.

Vale mencionar que, no caso de (c), ocorre o que chamamos de dupla negação em língua portuguesa e em outras línguas, utilizada normalmente quando se objetiva dar ênfase ao que está sendo emitido. Para Schwegler (1991), como menciona Furtado da Cunha (2000), as

negativas pós-verbais do português brasileiro estão associadas a funções pragmáticas distintas: a negativa padrão, considerada neutra, é usada para negar uma asserção, enquanto as negativas dupla e final, pressuposicionalmente marcadas, são usadas para rejeitar uma expectativa (explícita ou implícita) no discurso precedente.

Em segundo lugar, “sim” e “não” podem funcionar como parte de um tema textual continuativo e servem para sinalizar que um novo movimento está começando, mas não necessariamente uma nova voz do falante. Eles não têm função de fala própria e, portanto, apenas refletem a Polaridade atual, selecionando para positivo/negativo, como em “(...) E, portanto, não podem trazer um interruptor”. Neste caso, eles são quase sempre fonologicamente fracos.

Em terceiro lugar, “sim” (mas “não” não) pode funcionar como uma frase menor, como resposta a uma chamada. Ele carrega a tonicidade, tipicamente em um tom crescente, por exemplo “*Paddy!*” “– *Yes?*” (‘Paddy!’ ‘– Sim?’). Vale salientar que os autores da GSF não julgam necessário rotular esta função gramaticalmente.

Vimos que a Polaridade é, portanto, uma escolha entre “sim” e “não”, considerando algumas variações necessárias. Mas essas não são as únicas possibilidades; há graus intermediários, que se configuram como vários tipos de indeterminação que caem entre o “às vezes” ou o “talvez”, por exemplo. Esses graus intermediários, entre o polo positivo e o negativo, são conhecidos coletivamente como Modalidade, conforme Halliday e Matthiessen (2014, p. 176). *O que o sistema de Modalidade faz é interpretar a região da incerteza que fica entre “sim” e “não”, defendem os autores.*<sup>17</sup>

Os estudiosos pontuam que há mais de um caminho entre os dois, um para proposições e um para propostas. No primeiro caso, entre as certezas de “é” e “não é” e residem as avaliações de *probabilidade* de “deve ser”, “será”, “pode ser”, por exemplo. No segundo caso, entre os imperativos “Faça!” e “Não faça!”, estão as opções discricionárias “Você deve fazer”, “você pode fazer”. O espaço entre o “sim” e o “não” tem, portanto, um significado diferente para proposições e para propostas. Esclareceremos adiante.

Como está pautado em Halliday e Matthiessen (2014), no que tange às proposições, os significados dos polos positivo e negativo recaem, respectivamente, em positivo e negativo. Positivo para “é assim”, negativo para “não é assim”. Sabe-se que existem dois tipos de possibilidades intermediárias. A primeira diz respeito aos graus de *probabilidade*:

---

<sup>17</sup> Tradução nossa. O original diz: *What the modality system does is to construe the region of uncertainty that lies between ‘yes’ and ‘no’.* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 176)

“possivelmente/provavelmente/certamente”. A segunda diz respeito aos graus de *usualidade*: “às vezes/geralmente/sempre”. Os primeiros são referentes a “sim” ou “não”, ou seja, talvez sim, talvez não, com diferentes graus de *probabilidade* anexados. Quanto aos graus de *usualidade*, são relacionados a ambos, “sim” e “não”, ou seja, “às vezes sim”, “às vezes não”, com diferentes graus de frequência. São essas escalas de *probabilidade* e *usualidade* que constituem um dos tipos de Modalidade na GSF. Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que este tipo, para fins de distinção, é denominado Modalização. Frisamos que é a manifestação desta tipologia que nos propusemos a analisar nesta pesquisa, no que se refere ao discurso autobiográfico.

Tanto a *probabilidade* quanto a *usualidade*, conforme os autores (p. 176), podem ser expressas das mesmas três maneiras: (a) por um operador modal finito no grupo verbal, por exemplo, “Será (ou “você *acha* que é”) o John que vai sentar lá todos os dias?”; (b) Por um Adjunto modal de (i) *probabilidade* ou (ii) *usualidade*, por exemplo, “Provavelmente é o John, ele *geralmente* se senta lá todo dia”; (c) Por ambos, formando uma prosódia de modalização (Halliday, 1970, 1979), por exemplo, “Provavelmente será John, ele *geralmente* vai sentar lá todo dia”.

Conforme Halliday e Matthiessen (2014), em uma declaração, a Modalidade é uma expressão da opinião do falante, como no exemplo "Esse é John, eu acho"; em uma interrogação, a Modalidade é um pedido da opinião do ouvinte, como em “Será o John?” e “Você acha que é o John?”. A Modalidade é, portanto, fundamentada no início do papel de troca. Vale ressaltar que, mesmo um modal de alto valor, como “certamente” e “sempre”, é menos determinante do que uma forma polar. Assim, na oração “Esse é certamente John”, há menos certeza do que em “Esse é John”.

No que tange à Modalidade qualificando as propostas, os autores da GSF afirmam que os significados dos polos positivo e negativo são, respectivamente, *prescrever* e *proscrever*. Assim, no polo positivo, temos “Faça isso!” e, no negativo, “Não faça isso”, por exemplo. Aqui também tipos de possibilidades intermediárias entre os polos. Neste caso, dependerá da função de fala, se é um comando ou uma oferta. Nos casos de (i) comando, os pontos intermediários representam graus de obrigação, como “permitido/obrigatório”; nos casos de (ii) oferta, eles representam graus de inclinação: “dispostos para/determinado a”. Halliday e Matthiessen (2014) referem-se às escalas de obrigação e inclinação como Modulação, para distingui-los da Modalização, apontada cima.

Assinalam Halliday e Matthiessen (2014, p. 178) que a obrigação e a inclinação podem ser representadas: (a) por um operador modal Finito, por exemplo, “Você *deve* saber que eu vou ajudá-los”; (b) Por uma expansão do Predicador através do complemento de grupos verbais, manifestado (i) tipicamente por um verbo auxiliar, por exemplo, “Você *deveria* saber que eu vou ajudá-los” e (ii) por um adjetivo, por exemplo, “Estou *ansioso* para ajudá-los”.

Já vimos que propostas positivas ou negativas são trocas de bens e serviços entre falante e ouvinte, em que o falante está ou (i) oferecendo-se para fazer alguma coisa, por exemplo, “Devo ir para casa?” ou (ii) solicitando ao ouvinte que ele faça alguma coisa, por exemplo, “Você deve ir para casa!”, ou, ainda, (iii) sugerindo que ambos façam algo, por exemplo, “Vamos para casa!”. Eles raramente têm sujeitos em terceira pessoa, exceto como orações ou juramentos.

Em orações moduladas, ao ocorrerem com frequência como ofertas, comandos e sugestões (Eu preciso ir/ você deve ir/ devemos ir), implicam regularmente em uma terceira pessoa. Elas são declarações de obrigação e inclinação feitas pelo falante em relação aos outros, por exemplo, “John deveria saber que Maria vai ajudar”. Tais declarações de obrigação são comuns em textos regulatórios, e funcionam como proposições, uma vez que, para a pessoa endereçada, elas transmitem informações em vez de bens e serviços, apontam os autores.

Assim, conforme os autores da GSF, uma vez que uma proposta se torna discricionária, não impositiva, ela muda para o modo Indicativo para acomodar o operador modal. Orações modais são, em princípio, ambíguas entre proposição e proposta por indeterminação no sistema de Modalidade. Isso é mostrado quando o significado experiencial da oração aponta fortemente em uma direção ou outra, por exemplo, a frase “Ela deve ser muito descuidada” (*She must be very careless*) é provável que seja interpretada como proposição (Modalização), porque geralmente não ocorre de as pessoas apontarem um comando “de ser descuidado” a alguém; enquanto “Ela deve ser muito cuidadosa” (*She must be very careful*) é mais provável de ser interpretada como uma proposta (Modulação). Vale ressaltar que os autores relacionam esses exemplos ao inglês, mas, em língua portuguesa, temos essas duas possibilidades mencionadas, e ainda é possível assinalarmos como Modalização “Ela deve ser muito cuidadosa”, em que se aponta uma avaliação de certeza sobre uma qualidade do sujeito.

Tanto a Modalização quanto a Modulação podem, naturalmente, ocorrer em textos de todos os tipos; mas é provável que certos tipos de situação favoreçam mais a Modalização ou a Modulação. Por exemplo, a Modalização é favorecida em contextos em que se “expõem” a certeza do conhecimento que precisa ser avaliado. A Modulação do tipo “obrigação” é

altamente favorecida em textos que operam na regulação de documentos, como no caso de um extrato da constituição de uma associação, por exemplo. Em tais textos, os modais de obrigação “dever”, “poder” e “ser necessário” são muito comuns.

Vale ressaltar que Halliday e Matthiessen (2014) levantam muitas questões sobre a natureza desses sistemas modais, uma vez que a Modalidade é uma expressão de *indeterminação*. Apontam os teóricos que é exatamente pelo fator de indeterminação que se pode esperar que os próprios sistemas sejam notavelmente indeterminados; e adicionam que eles não são mais do que sistemas gramaticais em geral.

É possível, portanto, configurar o seguinte paradigma: “Isso deve ser verdade”; “Isso é certamente verdade”; “Isso certamente deve ser verdade”; “É provável que isso seja verdade”; “Provavelmente é verdade”; “Isso provavelmente é verdade”; “Isso pode ser verdade”; “Isso é possivelmente verdade”; “Isso pode possivelmente ser verdade”.<sup>18</sup> Para os autores, é esse paralelismo em sua construção do espaço semântico, dentro da região entre os polos positivo e negativo, que dá a unidade essencial para esta região em particular da gramática, a *probabilidade modal*, região de interesse nesta pesquisa.

Vimos as diferentes formas de expressar a Modalidade como variantes livres. Assim, casos como “Isso deve ser verdade” e “Isso é certamente verdade” podem parecer apenas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. *Mas elas não são*. Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que, para explorar a diferença entre elas, devemos introduzir duas outras variantes que cobrem a mesma gama de significados. Assim, na mesma categoria de alta *probabilidade*, também vamos encontrar expressões como “É certo”; “Isso é verdade” e “Tenho certeza de que isso é verdade”. Percebemos que o falante está explicitamente afirmando a fonte da convicção, sendo Objetivo, como em “É certo...”; ou apresentando um julgamento Subjetivo sobre a parte de que fala o falante, como em “Eu tenho certeza que...”. Em contraste com estes, algumas das versões apresentadas no último parágrafo deixam implícita a fonte da convicção, como em “Isso *provavelmente* é verdade”, e diferem ao longo da dimensão Subjetivo/Objetivo. Vale mencionar que, enquanto as formas adverbiais “provavelmente”, “certamente” etc maneiras de deixar a avaliação do falante Objetiva, a forma verbal “deve” e “pode”, por exemplo, levam um carregamento Subjetivo, ou seja, é do falante o próprio julgamento sobre o qual a validade da proposição é construída.

---

<sup>18</sup> Tradução nossa dos exemplos retirados da GSF. O original diz: that must be true; that’s certainly true; that must certainly be true; that will be true; that’s probably true; that will probably be true; that may be true; that’s possibly true; that may possibly be true. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 179)

Assim, Halliday e Matthiessen (2014) chegam a uma matriz de quatro combinações de recursos, organizada da seguinte forma:

Quadro 3 - Orientação e a manifestação da modalidade

	<b>Subjetivo</b>	<b>Objetivo</b>
<b>Implícito</b>	Deve	Certamente
<b>Explícito</b>	Tenho certeza que...	É certo que...

Fonte: Tradução e adaptação de Halliday e Matthiessen (2014, p. 181).

Essas opções estão presentes em todo o sistema. Os autores da GSF pontuam que a descrição da Modalidade é necessária porque, na análise do discurso, especialmente no que diz respeito às formas mais conversacionais, dialógicas, todas essas variantes são, susceptivelmente, atendidas, e suas diferenças de significado podem ter um efeito marcante sobre o desdobramento e sobre o impacto do discurso do falante/escritor no ouvinte/leitor.

Desse modo, a realização dos tipos de Modalidade pode variar entre dois tipos de orientação, se (i) Subjetiva ou Objetiva, e relacionada à transparência enunciativa, varia entre (ii) Implícita ou Explícita.

Assim, partimos agora para o tratamento específico da Modalização, nos termos da GSF, ou modalidade epistêmica, como tratada por outros autores, no que diz respeito ao seu subtipo *probabilidade*. Expomos, então, algumas considerações sobre o referido tipo de Modalidade: a Modalização.

#### **4.2.2 A Modalização na GSF**

Vimos que a Modalização é um dos tipos de Modalidade em Halliday (2004) e em Halliday e Matthiessen (2014), e é definida como uma das categorias do sistema de Modalidade, em que se descreve o conjunto de escolhas léxico-gramaticais possíveis dentro do sistema da língua para apontar os diferentes níveis de *indeterminação* de um falante com relação a um enunciado.

Vimos, na seção anterior, que a Modalização pertence ao sistema da língua e diz respeito ao grau de *probabilidade* e de *usualidade* que atribuímos, nas nossas manifestações linguísticas, a eventos da nossa realidade. Essa categoria acontece em trocas típicas realizadas entre os falantes e ouvintes, norteando a legitimidade dos enunciados quanto ao grau do que é provável e do que é usual na língua. Assim, um enunciado pode conter uma proposição avaliada

como mais ou menos provável de ser verossímil ou descrever um evento como mais ou menos usual.

A Modalização, como um tipo de Modalidade, manifesta-se entre os polos positivo e negativo, isto é, entre a afirmação e a negação de uma proposição, conforme as opções do sistema de Polaridade. Assim, o tipo *probabilidade*, integrante da Modalização, apresenta-se desde a noção de “certeza”, passando pela noção de “probabilidade” até a noção de “possibilidade”. Da mesma forma, o tipo denominado *usualidade*, segundo integrante da Modalização, manifesta-se desde a ideia de maior frequência, como “sempre”, passando pela ideia de menor frequência, como “usualmente” ou “normalmente”, até a ideia de frequência ainda menor, como “às vezes”.

É importante lembrar que essas manifestações ocorrem, normalmente, em orações declarativas, o que configura o modo Indicativo, apontado por Halliday e Matthiessen (2014), como modo prototípico em que a Modalização ocorre.

Como dissemos anteriormente, Halliday e Matthiessen (2014) apontam a orientação como um fator determinante da Modalidade, tanto no que tange à Modalização como no que tange à Modulação. Esse fator diz respeito à de que forma o modal é manifestado, se de forma Explícita ou Implícita, se de forma Subjetiva ou Objetiva.

No que diz respeito à Modalização, esta pode se manifestar como (i) Subjetiva Explícita, quando o falante avalia um Estado-de coisas de forma explícita, identificada, por exemplo, em “Na minha opinião, Maria sabe”; (ii) Subjetiva Implícita, que ocorre quando a opinião do falante é dada sem marcas claras no enunciado, como em “Maria deve saber”; (iii) Objetiva Explícita, fato manifesto quando a avaliação ocorre a partir de fatos que extrapolam a opinião do falante; é o que ocorre em “É provável que Maria Saiba” e (iv) Objetiva Implícita, quando a avaliação é feita com base em fatores que vão além da opinião do falante e isso fica subtendido na oração, como em “Maria provavelmente sabe”.<sup>19</sup>

Vale ressaltar que, no primeiro exemplo, percebemos que a construção “Na minha opinião” indica a probabilidade de a proposição ser verdadeira, tornando explícito o julgamento do falante, em contraste com o segundo exemplo, que carrega o julgamento na própria proposição e realiza a Modalização por meio do verbo modal apresentado. No terceiro caso, a construção adjetiva “É provável” manifesta a Modalização com base no conhecimento de mundo do falante, em que este não é a fonte dessa avaliação modal, mas a avaliação parece ser compartilhada, uma vez que não há marcas de posicionamento pessoal, e isso é mostrado de

---

<sup>19</sup> Exemplos retirados e traduzidos de Halliday e Matthiessen (2014, p. 693).

forma explícita; o que não ocorre no quarto caso, em que a transparência da posição do falante é camuflada pelo adjunto modal “provavelmente”. É sabido que a utilização de um adjunto modal na oração possibilita um caráter um tanto mais objetivo ao enunciado, uma vez que esses elementos são normalmente utilizados para expressar o modo e as características reais de como um evento ocorre, conforme Thompson (2004).

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), as relações que se estabelecem no trato da orientação modal se dão a partir das relações manifestadas no quadro abaixo.

Quadro 4 - Modalização: tipo e orientação combinados

	<b>Subjetivo</b>	<b>Subjetivo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Objetivo</b>
	<b>Explícito</b>	<b>Implícito</b>	<b>Implícito</b>	<b>Explícito</b>
<b>Modalização:</b> <i>probabilidade</i>	- <i>Eu acho</i> que Mary sabe; - <i>Na minha opinião</i> , Mary sabe	Mary <i>saberá</i>	Mary <i>provavelmente</i> sabe <i>Com toda probabilidade</i> , Mary sabe	É <i>provável</i> que Mary saiba
<b>Modalização:</b> <i>usualidade</i>		Fred se <i>sentará</i> bastante quieto	Fred <i>geralmente</i> se senta bastante quieto.	É <i>habitual</i> Fred sentar-se bastante quieto

Fonte: Tradução e adaptação feita por nós com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 693).

Vemos, no quadro acima, a orientação modal para a classificação da Modalização quanto à explicitação, e seus respectivos exemplos. Os termos em itálico representam a presença modal na oração. É importante ressaltar que não há indícios para a orientação Subjetiva no que tange à *usualidade*. Isso porque um julgamento do falante quanto à *usualidade* modal, marcada de forma explícita, não é um fato corriqueiramente modalizado na língua; é como dizer “Eu sempre estudo”. Nesse caso, é visível que a oração não condiz com uma avaliação modal do falante, mas com uma afirmação literal que descreve um evento na língua.

Vale reforçar que o fator Subjetivo e Objetivo se diferenciam quanto a saber se a avaliação é do falante (Subjetivo) ou compartilhada/impessoalizada (Objetivo); e que o fator Explícito e Implícito se diferencia quanto à transparência enunciativa na oração, se a avaliação deixa explícita ou implícita a fonte da avaliação.

Assim, percebemos que, para a análise das expressões que manifestam a Modalização, é importante considerar, primeiramente, a Polaridade, a orientação e o valor semântico manifestado. Por isso, utilizamos esses aspectos para o desenvolvimento deste



trabalho. No que se refere aos valores semânticos, apresentamos a escala do valor referente ao julgamento emitido, podendo ser alto, médio ou baixo, como apresentado no quadro a seguir.

Quadro 5 - Os valores da Modalização

Valores	Probabilidade	Usualidade
<i>Alto</i>	Certo	Sempre
<i>Médio</i>	Provável	Normalmente
<i>Baixo</i>	Possível	Às vezes

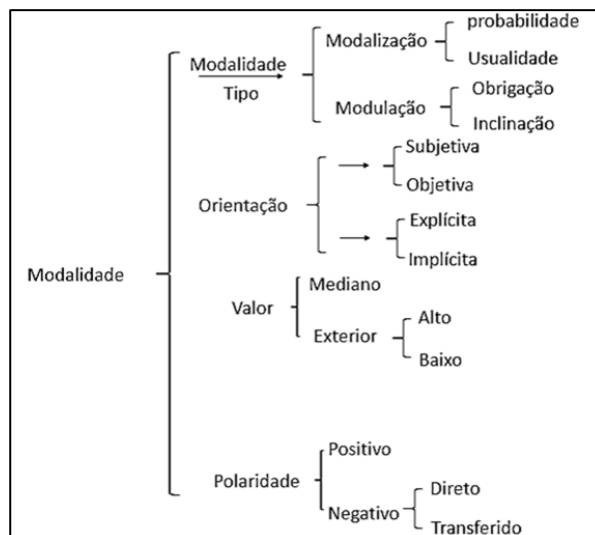
Fonte: Tradução e adaptação feita por nós com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 694).

Percebemos, assim, que há uma hierarquia nos valores da Modalização, indo desde a ideia do possível à ideia de certeza, no que tange à *probabilidade*; e desde a noção de menor frequência (às vezes) até a de maior frequência (sempre). Esses graus, como já exposto, são apresentados entre os polos positivo e negativo, da Polaridade, como as outras variáveis da Modalização.

**4.2.3 Resumo do tratamento da Modalidade na GSF**

Como exposto no decorrer deste capítulo, a Modalidade é tipificada, na Gramática Sistêmico-Funcional, conforme mostra o quadro abaixo.

Quadro 6 - Modalidade na Gramática Sistêmico-Funcional



Fonte: Tradução e adaptação de Halliday e Matthiessen (2014, p. 182).

Observamos, assim, que a Modalidade, enquanto categoria da língua, é analisada com base: (i) no *significado modal* inerente à intencionalidade do falante no discurso, interpretado, nesta pesquisa, com relação ao grau de *probabilidade* e *usualidade* que os autores de autobiografia imprimem, nas manifestações linguísticas, sobre experiências relatadas; (ii) na *orientação*, ou seja, se a atitude do falante é marcada de forma Subjetiva ou Objetiva; e se está Implícita ou Explícita no discurso; (iii) nos *valores* modais, pois um mesmo significado modal se manifesta em escalas de valores que alteram significativamente o enunciado, como vimos no quadro 5, apresentado acima, e (iv) na *Polaridade*, primeiro, devido ao entendimento de que os significados modais apresentam graus numa escala entre os polos positivo e negativo, e, segundo, porque as expressões polares podem interferir no valor da Modalização, alterando, de forma expressiva, o efeito modal no enunciado.

Como já expressei, para o desenvolvimento desta pesquisa, apoiamos-nos na Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiessen (2014), para o tratamento da Modalização, considerando, de início, a orientação, o valor e as relações de Polaridade, no que diz respeito ao papel das expressões modalizadas no contexto discursivo, dentre outras questões a serem discutidas adiante. Vale ressaltar que as opções descritas acima estão presentes em todo o sistema da língua, por isso os autores (re)escrevem a organização para a Modalidade como apresentado acima.

Apesar da dificuldade em delimitar e estruturar concepções acerca da Modalidade, buscamos, neste trabalho, descrever e analisar a Modalização, tratada na GSF, de forma a demonstrar que as relações léxico-gramaticais, semânticas e pragmático-discursivas envolvidas no seu uso estão em consonância ou se relacionam com as peculiaridades do gênero autobiografia, de forma a assessorar a tomada de posição do autor ao apresentar os momentos que julga mais relevantes da sua vida. Conduzimos a discussão sobre essa tipologia da Modalidade devido ao fato de ela ser um dos nossos focos nesta pesquisa, de forma a apresentar aspectos relevantes para a construção de autobiografias.

Tal construção gera uma interface conectada à interferência da construção do posicionamento do autor no discurso autobiográfico a partir da sua avaliação sobre os Estado-de-coisas com base nos seus conhecimentos e crenças sobre as realidades tratadas. A referência a uma crença, articulada linguisticamente no relato autobiográfico, que move processos de identificação, organiza escolhas e tomadas de decisões, configura a internalização de um padrão de posicionamento do falante, não em relação a *o quê*, mas em relação a *como* ele demonstra lexical e gramaticalmente sua tomada de posição, como princípio orientador da vida pessoal e

instaurador de relações intersubjetivas, repercutindo no reconhecimento da subjetividade do falante e na legitimação das suas crenças.

### 4.3 Síntese conclusiva

Neste capítulo, traçamos uma visão geral sobre a modalidade no campo dos estudos linguísticos. Inicia-se com uma discussão sobre modo e modalidade na percepção de alguns gramáticos e linguistas, e a exposição de algumas definições e tipologias propostas para o estudo da modalidade.

Após essa explicitação, segue-se uma apresentação de dois tipos de modalidades que, na tradição, são consideradas centrais nos estudos linguísticos: a modalidade deôntica e a epistêmica. Com as considerações de Lyons (1977), Neves (2011), Nuyts (2005), Palmer (1986), entre outros, vemos que os elementos de vontade e obrigação dizem respeito à modalidade deôntica, e que os elementos de possibilidade de um Estado-de-coisas e o comprometimento do falante com o seu enunciado dizem respeito à modalidade epistêmica.

Na seção seguinte, apresentamos a Modalidade enquanto sistema previsto na GSF, considerada como um recurso interpessoal presente na oração enquanto troca, interação. O falante participa do evento da fala, de forma a criar e estabelecer relações sociais, expressando, assim, sua opinião, julgamentos e atitudes. Analisar a Modalidade prevê a compreensão do sistema de Polaridade, que condiz com a escolha entre “sim” e “não”, considerando algumas variações necessárias. Entre essas duas possibilidades de escolha, há graus intermediários. É nesse ponto que habita a Modalidade, descrita por Halliday e Matthiessen (2014) como o sistema que interpreta a região da incerteza que fica entre "sim" e "não". Nessa região, o sistema de Modalidade qualifica propostas (troca de bens e serviços) e proposições (troca de informações) contidas em um enunciado. Para as propostas, tem-se a manifestação da Modulação; para as proposições, tem-se a Modalização.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), a Modalização é manifestada, em graus, por meio do subsistema de *probabilidade* (certamente, provavelmente, possivelmente) e do subsistema de *usualidade* (sempre, usualmente, às vezes). A Modalização pode também ser analisada quanto à orientação modal e à manifestação, que pode ser: (i) Subjetiva Explícita; (ii) Subjetiva Implícita; (iii) Objetiva Explícita e (iv) Objetiva Implícita.

Assim sendo, a Modalidade é analisada com base nos seguintes parâmetros: (i) no significado modal enquanto grau de *probabilidade* ou *usualidade*; (ii) na orientação e

explicitude de manifestação (Subjetiva ou Objetiva; Explícita ou Implícita); (iii) nos valores modais e (iv) na Polaridade (para os casos em que a Polaridade atua sobre os recursos modais e na compreensão de que a modalidade atua numa relação interpolar).

## 5 METODOLOGIA

Neste capítulo, expomos os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa. Apresentamos, adiante, informações sobre esta pesquisa no que diz respeito: (i) à natureza da pesquisa; (ii) à constituição e caracterização do *corpus*; (iii) às categorias de análise e (vi) aos procedimentos empregados para análise.

### 5.1 Natureza da pesquisa

Nesta seção, especificamos a recorrente pesquisa e buscamos deixar claro os questionamentos feitos e às hipóteses formuladas, de forma a verificar, no próximo capítulo, a relação das conjecturas traçadas com os resultados obtidos. A apresentação clara dos nossos objetivos, questionamentos e hipóteses é fundamental para que possamos demonstrar ao leitor se o propósito desta tese, está sendo, de fato, cumprido ou não.

A fim de contextualizar esta tese dentro do que se propõe a pesquisa científica, salientamos que as pesquisas, segundo Gil (2002), classificam-se, quanto a seus objetivos gerais, em três grupos: a) exploratórias – que buscam aprimorar ideias ou descobrir intuições, objetivando, portanto, tornar mais próxima a relação entre pesquisador e objeto; b) descritivas – que objetivam descrever as propriedades e subpropriedades de uma população ou um fenômeno, almejando estabelecer relações entre variáveis; c) explicativas – que procuram identificar os fatores motivadores ou as causas para a ocorrência de fatos das diferentes esferas do conhecimento científico.

Com base nessa classificação, desenvolvemos uma pesquisa descritivo-explicativa, uma vez que dois são os nossos propósitos centrais: a) descrever as múltiplas manifestações da Modalização no discurso autobiográfico e b) explicar, por meio da análise dos dados e da relação com fatores linguísticos, as causas ou as razões motivadoras do fenômeno em questão no referido discurso, a fim de identificar, na manifestação da Modalização, se há uma possível caracterização desse processo no gênero autobiografia.

Quanto ao embasamento teórico, como já explicitado, esta pesquisa fez a opção pela Linguística Sistêmico-Funcional, o que se justifica pelo interesse na relação existente entre língua, contexto e sociedade. Com essa opção teórica, pretendemos compreender a Modalização em autobiografias como recurso que auxilia (i) na construção do posicionamento do autor (sendo ela de uso indispensável no gênero) e (ii) no fortalecimento dos fundamentos

empíricos relacionados às manifestações modais de ordem epistêmica no português brasileiro contemporâneo.

No intuito de explicar o questionamento central sobre como se caracteriza a Modalização em autobiografias, procuramos respostas às seguintes questões de pesquisa: (i) Com que recorrência as expressões dos dois tipos de Modalização (*probabilidade e ususalidade*) são identificadas no *corpus* em análise? (ii) Que grau de *probabilidade e ususalidade* é mais recorrente no *corpus*? (iii) Quais os valores mais representativos da Modalização identificados nas autobiografias? (iv) Como e com que frequência são marcadas a orientação (Objetiva/Subjetiva) e a manifestação (Explícita/Implícita) da Modalização nas autobiografias analisadas? (v) Que efeitos geram os recursos de Polaridade nas manifestações modais das autobiografias sob análise? (vi) Que Processos Experienciais representados servem são escopos da Modalização? (vii) Quais as formas de expressão mais usadas pelos autores deixam marcas da Modalização nos seus textos? (viii) Qual o tempo verbal em que ocorrem as expressões verbais como marcas de Modalização? Que efeitos de sentido constroem? (ix) Em qual tipologia textual é mais recorrente o uso da Modalização?

Sendo estes os questionamentos norteadores da pesquisa, passamos, na seção seguinte, a uma caracterização geral dos textos autobiográficos que constituem os dados da pesquisa. O propósito desses textos escritos é a narração da história de vida dos autores por eles mesmos, com base em um determinado contexto social, sendo este, muitas vezes, influenciador, também, dos seus próprios posicionamentos. Segue a organização do *corpus* analisado.

## **5.2 Constituição e caracterização do *corpus***

Inicialmente, julgamos necessário retomar, rapidamente, os fatores que demonstram a relevância de uma investigação quanto aos recursos de Modalização do gênero discursivo autobiografia. Em primeiro lugar, no discurso autobiográfico, há implicações importantes da Modalização nos posicionamentos do autor, o que pode favorecer o uso de determinadas construções linguísticas. Em segundo lugar, consideramos a necessidade de uma análise do fenômeno da Modalização em gêneros narrativos e de caráter identitário. Em terceiro lugar, observamos a demanda investigativa de se relacionar gramática e discurso, numa investigação que extrapole, de alguma forma, os limites do texto.

Exposto isso, deixamos claro que o *corpus* desta pesquisa foi constituído a partir de sites de busca *online* para as manifestações do gênero discursivo autobiografia em livros

editados, de repercussão nacional. O *corpus* é composto por seis recortes de obras autobiográficas de autores brasileiros. São elas: (1) *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai (1979); (2) *Rita Lee, uma autobiografia*, de Rita Lee (2016); (3) *O que aprendi com o silêncio, uma autobiografia*, de Monja Coen (2019); (4) *Obra autobiográfica – Celso Furtado*, de Celso Furtado (1997); (5) *Guga, um brasileiro*, de Gustavo Kuerten (2014) e (6) *Paixão Pagu, Uma autobiografia Precoce?* de Patrícia Galvão (2005).<sup>20</sup> Cada recorte apresenta o mesmo volume textual em caracteres, por volta de 35.000.

Tomamos a decisão de utilizar a parte inicial das obras, ou seja, os primeiros capítulos, o que abarca, em média, quinze páginas de cada autobiografia. Essa decisão foi motivada pela praticidade desse recorte das obras para constituição do *corpus*. Embora não tenhamos formulado questões de pesquisa que demandasse uma comparação entre as obras, procuramos realizar o recorte de cada uma delas com base na quantidade de caracteres, porque o recorte por página, realizado inicialmente, estava incorrendo em uma desproporcionalidade de conteúdos entre as obras; pois encontramos diferenças de diagramação e, em algumas, identificamos ilustrações. Uma obra, por exemplo, tomava toda a página com pouco espaçamento nas laterais; a outra já apresentava maiores espaçamentos, por isso uniformizamos em caracteres, para evitar essa disparidade.

A escolha das referidas obras se deu por querermos trabalhar com autobiografias de autores brasileiros: (i) que apresentassem personalidade diferenciada, manifestando-a de forma autêntica; (ii) que mostrassem seus posicionamentos de forma particular, ressaltando as marcas que lhe destacam como figura pública ao narrar suas escolhas de vida, e (iii) que estivessem inseridas em épocas próximas, com relação ao uso da língua portuguesa. Além do interesse pelo gênero autobiografia, a escolha dessas obras foi motivada, também, por apresentarem histórias de personagens públicas e, por que não, revolucionárias dentro da sua escolha de vida.

As seis obras retratam posicionamentos relativos a eventos da vida dos autores, assim como apresentam traços referentes às suas crenças, narração de histórias alheias e aspectos referentes aos contextos de cada período, e parecem manter relação pela construção léxico-gramatical e semântica, visto que retratam partes da história de vida dos/pelos autores dentro do cenário brasileiro a partir da sua própria percepção.

---

<sup>20</sup> Entre parênteses, encontra-se o ano da edição consultada na pesquisa, embora algumas obras tenham edições anteriores.

A relação entre o discurso autobiográfico e o uso da Modalização é nosso foco de análise principal, como é sabido. Julgamos necessária a compreensão básica de que o falante utiliza a língua, primeiramente, com fins instrumentais, e só utilizamos algum instrumento com determinado propósito. Para que uma pessoa toque um instrumento musical como o violão, por exemplo, é preciso conhecer as notas musicais, organizar mentalmente a música escolhida, selecionar quem irá ouvir e, então, articular acordes, ritmo. Se tudo isso for racionalmente pensado, teremos uma canção muito bem tocada (e, talvez, cantada). Sabemos, no entanto, que, se o ouvinte for apenas o próprio músico ou se houver mais outro alguém, é possível haver uma alternância na manifestação da canção. Da mesma forma, acontece com o uso da língua dentro das diversas situações sociocomunicativas.

Conhecer a gramática da língua é basilar, mas, se o falante não apreender todos os pormenores que o cercam no contexto de interação, não atingirá seus propósitos comunicativos. Fatores relacionados aos elementos linguísticos e aos gêneros do discurso e suas instanciações, como o contexto sociocultural, a forma e os meios de divulgação da mensagem, dentre outros pontos, interferem na constituição, delimitação e desfecho da mensagem. Por isso, consideramos, também, embora não sejam o foco da pesquisa, alguns aspectos do entorno do discurso autobiográfico, pois cremos que estes podem gerar motivações nas escolhas linguísticas modalizadoras pelos autores mencionados.

Deixamos claro, com base na LSF, que consideramos os textos como o reflexo de uma estrutura de gênero e da variação linguística, que se concretizam por estruturas léxico-gramaticais particulares em cada situação de uso. Para essa compreensão, apoiamos-nos nos conceitos de Contexto de Cultura, Contexto de Situação e nas metafunções da linguagem.

Como apresentado no capítulo 3, que versa sobre o Funcionalismo linguístico, o conceito de Contexto de Cultura tratado pela LSF aproxima-se da noção de gênero, concebido por Halliday e Matthiessen (2014, p. 33) como um sistema de significados de nível superior, pois abarca as múltiplas manifestações comunicativas, visto como um ambiente de significados em que vários sistemas semióticos podem operar, inclusive os linguísticos.

O Contexto de Situação, por sua vez, possui maior delimitação, e é compreendido como o ambiente imediato de funcionamento do texto, sendo influenciado pelo Contexto de Cultura. Como visto anteriormente, o Contexto de Situação é constituído por três subcategorias: Campo (realização dos eventos criados pela linguagem), Relação (relações entre os agentes na criação dos eventos sociais) e Modo (a linguagem em sua manifestação, constituição e distribuição). A partir dessa delimitação, as metafunções da linguagem são concretizadas por



meio dos sistemas gramaticais, como os de Transitividade, Modo e Tema. No que se refere à autobiografia, o Campo se trata do objetivo comunicativo de compartilhar a própria trajetória de vida, de forma a apresentar as representações de mundo necessárias e planejadas pelo autor para cumprir o propósito comunicativo; as Relações são constituídas pela conexão entre autor e leitor (ao apresentar as relações emocionais, de poder, sociais, indispensáveis na composição da história de vida); e o Modo se refere a como se comporta o autor com a própria estruturação do texto autobiográfico.

Em linhas gerais, podemos estabelecer uma hierarquia na compreensão e constituição textual, que parte do entendimento do Contexto de Cultura para delimitação do Contexto de Situação. Este, por sua vez, instancia-se por meio do acionamento dos sistemas gramaticais previstos na GSF.

Uma vez que consideramos aspectos contextuais na análise das autobiografias, retomamos a ideia de que os gêneros manifestam significados conforme os múltiplos propósitos sociais do falante, seja informar, avaliar textos ou pontos de vista, entreter, dentre outras finalidades. Dentro dessa percepção, fica claro que o Contexto de Cultura se relaciona a essa noção, uma vez que se conecta ao uso da língua considerando-se o entorno social e cultural na contemplação dos propósitos do falante dentro das mais variadas situações comunicativas em que se encontra no processo de produção e compreensão de textos.

Dessa forma, contexto e texto integram-se no processo de significação, de organização e de construção da experiência humana. Considerando a relação entre texto e contexto para o entendimento do gênero autobiografia e da Modalização, reservamos, como já visto, o capítulo 2 para exposição dos aspectos referentes à autobiografia. A seguir, passamos à descrição das categorias que julgamos necessárias para a análise da Modalização no discurso autobiográfico.

### **5.3 Categorias para análise da Modalização nas autobiografias**

Uma vez que a Modalidade, enquanto sistema, “interpreta a região da incerteza que fica entre o “sim” e o “não”, e que a Modalização opera “entre as certezas de “ser” e de “não ser”, residindo a relativa probabilidade refletida em “deve ser”, “pode ser”, nas palavras de Halliday e Matthiessen (2014, p. 176), traduzidas por nós<sup>21</sup>, apresentamos nesta subseção os

---

<sup>21</sup> Tradução nossa. O original diz: “What the modality system does is to construe the region of uncertainty that lies between ‘yes’ and ‘no’” e “In between the certainties of ‘it is’ and ‘it isn’t’ lie the relative probabilities of ‘it must be’, ‘it will be’, ‘it may be’”. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 176)

aspectos que norteiam nosso estudo sobre a Modalização e sua contribuição na construção discursiva autobiográfica.

Antes de apresentarmos nossas categorias de análise, para fins de contextualização, retomamos as hipóteses formuladas no início deste estudo.

Como hipótese geral, supomos que a Modalização, no gênero autobiografia, se caracteriza por ancorar o posicionamento do autor na narração de suas experiências, de forma a avaliar, no campo da certeza e do comprometimento, conteúdos acerca da formação de sua subjetividade. Dito isso, retomamos, brevemente, as seguintes hipóteses específicas, formuladas no início da pesquisa:

- (i) Dos dois tipos de Modalização existentes (*probabilidade* e *usualidade*), destaca-se no *corpus* o tipo *probabilidade*;
- (ii) Há presença significativa do *alto grau* de *probabilidade* e de *usualidade* modal;
- (iii) A manifestação dos modais de indicação do valor de *certeza* e de *alta frequência* resultam de diversos usos da Modalização;
- (iv) A orientação e a manifestação modais caracterizam-se pela *subjetividade explícita* do autor;
- (v) Quanto à Polaridade dos enunciados, a Polaridade negativa *altera o valor da Modalização de um polo a outro*;
- (vi) As orações no contexto dos recursos de Modalização representam, mais frequentemente, *Processos Mentais*;
- (vii) Os autores escolhem como expressões da Modalização meios linguísticos muito frequentes nos textos analisados, tais como *verbos modais, verbos encaixadores epistêmicos, substantivos e advérbios*.
- (viii) O tempo de maior frequência para gerar efeitos modais nas autobiografias é o *Pretérito Perfeito do modo Indicativo*;
- (ix) Em trechos do tipo *Narrativo*, o uso de recursos de Modalização é mais frequente.

Sabendo que a presente descrição e análise diz respeito à investigação dos aspectos léxico-gramaticais, semânticos e pragmático-discursivos referentes à Modalização no discurso autobiográfico, apresentamos, a seguir, as nossas categorias de análise. Vale ressaltar que, em algumas delas, adicionamos determinadas informações que julgamos importantes; em outras, não vimos essa necessidade, visto que já foram discutidas na fundamentação teórica.

#### **a) Tipos de Modalização**

- (i) Probabilidade
- (ii) Usualidade

#### **b) Graus da Modalização**

- (i) Alto
- (ii) Médio
- (iii) Baixo

**c) Valores da Modalização**

Para o tipo *probabilidade*

- (i) Certeza
- (ii) Probabilidade
- (iii) Possibilidade

Para o tipo *usualidade*

- (i) Alta frequência (Frequentemente)
- (ii) Média frequência (Normalmente)
- (iii) Baixa frequência (Às vezes)

**d) Orientação e manifestação da Modalização**

- (i) Subjetivo Implícito – SI
- (ii) Subjetivo Explícito – SE
- (iii) Objetivo Implícito – OI
- (iv) Objetivo Explícito – OE

Com relação a essa categoria, vale salientar que a orientação modal é sistematizada de forma semelhante para todos os quatro tipos de modalidades previstas na GSF, salvo algumas exceções. Isso porque é sabido que não há formas sistemáticas para analisar a orientação Subjetiva Explícita nos casos de *usualidade* ou inclinação. Esse fato ocorre porque, sem construções codificadas por meio de Processos Mentais, torna-se difícil a percepção da presença de Modalização Subjetiva Explícita. Na GSF, está previsto que não há sentido na combinação “Eu acredito que, como de costume ...”, por exemplo. Esta é uma lacuna no sistema. Essas combinações particulares representariam domínios semânticos onde o falante não poderia prontamente agir como uma autoridade. Por isso, na análise do tipo modal de *usualidade*, não avaliamos a orientação Subjetiva Explícita.

**e) Polaridade e sua influência na expressão da Modalização**

Nesta categoria, deixamos claro que a Modalização se manifesta entre os polos “sim” e “não” da Polaridade, mas o que interessa, na análise dessa categoria, é a Polaridade que incide sobre verbos modais com repercussão sobre o valor instaurado. Assim, como a Polaridade positiva não é marcada em língua portuguesa, analisamos as expressões com incidência da Polaridade negativa, e categorizamos as expressões da seguinte forma:

- (i) Sem incidência da Polaridade negativa
- (ii) Com incidência da Polaridade negativa

#### **f) Processos Experienciais no escopo na Modalização**

Consideramos, neste ponto, as relações possíveis no que tange à função Experiencial, uma vez que é de nosso interesse também o conteúdo que é alvo de Modalização. Recorremos, assim, à compreensão do Sistema de Transitividade, por meio dos Processos e Participantes imbricados nas proposições analisadas a fim de esclarecer como fenômenos da experiência de mundo do autor são construídos linguisticamente e qual a natureza daqueles que têm maior incidência como escopos das qualificações modais. A seguir, encontram-se os Processos Experienciais que analisamos enquanto alvos dos efeitos modais.

- (i) Material
- (ii) Mental
- (iii) Relacional
- (iv) Verbal
- (v) Comportamental
- (vi) Existencial

#### **g) Expressões instauradoras da Modalização**

Esta categoria diz respeito às expressões que pertencem às formas de expressão que veiculam a Modalização. É a partir delas que analisamos os efeitos modais presentes nas autobiografias. São diversas as possibilidades de o autor deixar no enunciado graus de certeza sobre o que apresenta, mas determinadas expressões são utilizadas costumeiramente para indicar determinados significados. Devido a esse fato, acreditamos que certas expressões são mais frequentes para manifestar a Modalização do que outras. Por isso, havíamos estabelecido um quadro com expressões que julgamos serem de relativa estabilidade na instauração da Modalização. No entanto, no delineamento da pesquisa, lembramos que algumas expressões inusitadas manifestaram valor modal, o que nos leva a entender a maleabilidade da língua, uma vez que há, ao mesmo tempo, predominância de certas expressões para certos significados e há, também, o ineditismo de outras expressões que adquirem valor modal dentro de certos contextos, podendo estar envolvidas em processos de idiomatização.

Com isso, apresentamos, abaixo, as principais expressões encontradas no *corpus*. Algumas já haviam sido previstas, outras não. Vale ressaltar que há outras que ainda não foram adicionadas por serem, supostamente, pouco usadas.

- (i) Adjetivos em função predicativa
  - “é certo”, “é claro”, “é seguro”

“é provável”, “é esperado”, “é previsível”  
 “é possível”, “é capaz”, “é concebível”, “é aceitável”

(ii) Verbos de crença/cognição

“saber”, “descobrir”, “conhecer”, “entender”  
 “crer”, “esperar”, “prever”, “costumar”

(iii) Auxiliares modais

“dever”, “poder”

(iv) Advérbios/ expressões adverbiais (probabilidade)

“certamente”, “evidentemente”, “na verdade”, “de fato”, “com certeza”  
 “talvez”, “provavelmente”  
 “possivelmente”, “quem sabe”

(v) Advérbios/ expressões adverbiais (Usualidade)

“sempre”, “frequentemente”  
 “normalmente”, “geralmente”  
 “às vezes”, “raramente”, “pouco”

**h) Tempo/modo verbal**

Neste ponto, analisamos os tempos verbais da língua portuguesa para os modos Indicativo e Subjuntivo na manifestação da Modalização. Ao apresentar informações, o autor sinaliza o alcance da sua experiência por meio de marcas temporais que podem produzir efeitos significativos. Adiante, expomos os tempos que analisamos nas expressões verbais instauradoras da Modalização.

- (i) Presente do Indicativo
- (ii) Presente do Subjuntivo
- (iii) Pretérito Perfeito do Indicativo
- (iv) Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo
- (v) Pretérito Imperfeito do Indicativo
- (vi) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo
- (vii) Futuro do Presente do Indicativo
- (viii) Futuro do Pretérito do Indicativo
- (ix) Futuro do Subjuntivo
- (x) Não se aplica

**i) Tipologia textual**

Neste ponto, encontram-se os aspectos relacionados à natureza do conteúdo das autobiografias que repercutem na análise de ordem textual e pragmático-discursivo, uma vez que podem interferir na constituição, contextualização e desfecho textual. Esses aspectos podem determinar certas escolhas linguísticas em detrimento de outras e explicar as possíveis razões de determinadas ocorrências. A seguir, apresentamos as tipologias analisadas.

- (i) Descritiva
- (ii) Narrativa
- (iii) Argumentativa

Com relação a essa categoria, utilizamos alguns tipos trabalhados por Travaglia (1991), sendo eles o narrativo, o descritivo e o argumentativo, como exposto acima. Os dois primeiros são constitutivos da Tipologia 1 (descritivo, injuntivo e narrativo) e o terceiro constitui a Tipologia 2 (argumentativo “stricto sensu”), na classificação de tipologia textual de Travaglia (1991). A primeira tipologia é caracterizada pela perspectiva do produtor do texto com relação ao objeto do dizer quanto ao *fazer / acontecer* ou quanto ao *conhecer / saber* e sua inserção no tempo e/ou no espaço ou não. No caso da tipologia 2, o autor cria os textos argumentativos “stricto sensu” de forma a acionar meios para convencer e persuadir o seu leitor, buscando a adesão ao que diz.

Com base no exposto, apresentamos, abaixo, um modelo estrutural de como procedemos, inicialmente, a análise das ocorrências, por meio de uma ficha de análise dos casos estudados.

Quadro 7 - Exemplificação da ficha de análise das ocorrências

<p><b>Ocorrência (98)</b>  <b>“Talvez</b> eu tenha a expressão confusa. Há uma intoxicação de vida. (PP – pág. 03)”</p> <p><b>a) Tipo de Modalização</b></p> <p>(X) Probabilidade ( ) Usualidade</p> <p><b>b) Grau de Modalização</b></p> <p>( ) Alto ( ) Médio (X) Baixo</p> <p><b>c) Valor da Modalização</b></p> <p><i>Tipo Probabilidade</i>          ( ) Certeza ( ) Probabilidade (X) Possibilidade</p> <p><i>Tipo Usualidade</i>          ( ) Alta frequência ( ) Média frequência ( ) Baixa frequência</p>
--

**d) Orientação e manifestação da Modalização**

- Subjetivo-explicito    Subjetivo-implícito  
 Objetivo-explicito    Objetivo-implícito

**e) Incidência de Polaridade negativa**

- Sim    Não

**f) Processos Experienciais que escopam a Modalização**

- Processo Material    Processo Comportamental  
 Processo Mental    Processo Verbal  
 Processo Relacional    Processo Existencial

**g) Temporalidade das expressões verbais de Modalização**

- Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo    Pretérito imperfeito do Indicativo  
 Presente do Indicativo    Futuro simples do Indicativo  
 Pretérito Perfeito do Indicativo    Futuro do Pretérito do Indicativo  
 Presente do Indicativo    Pretérito Imperfeito do Subjuntivo  
 Futuro do Subjuntivo    Não se aplica

**h) Tipologia textual**

- Narrativo    Descritivo    Argumentativo

Fonte: quadro organizado pela autora.

As categorias de análise apontadas acima se relacionam às questões de pesquisa formuladas, tendo em vista o objetivo de investigar a Modalização enquanto âncora para a construção do posicionamento do autor no discurso autobiográfico. Discurso esse que resgata e retrata, em suas imagens, memórias de ordem sociocultural, individual e global em um determinado contexto histórico. Assim, é fundamental compreendermos como conteúdos que remetem às experiências, às crenças e aos posicionamentos do falante são apresentados dentro de tão rico discurso. O estudo funcionalista da linguagem ancora bem a busca por entender as motivações para o uso das expressões linguísticas dentro dos mais variados contextos, de forma a, por meio da descrição e análise, interpretar manifestações linguísticas dentro dos diversos gêneros que circulam como práticas sociais, isso porque, como sabemos, o discurso constrói a gramática do falante/autor e é construído por ela.

**5.4 Procedimentos de análise**

Sabemos que a Modalização marca graus de *probabilidade* e *usualidade* na avaliação de eventos, e produz efeitos de objetividade ou subjetividade em relação aos conteúdos modalizados, por meio de expressões linguísticas.

Com base nos preceitos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, investigamos a Modalização no gênero autobiografia, assim como os aspectos que caracterizam o fenômeno modal no referido gênero do discurso, apontando caminhos para a compreensão da Modalização enquanto instrumento para marcar o posicionamento do autor ao narrar fatos da sua vida.

Para isso, analisamos o *corpus* em quatro procedimentos básicos:

- (i) Leitura das autobiografias e identificação, nos recortes que constituem o *corpus*, de contextos linguísticos de Modalização decorrentes do uso de expressões linguísticas, como verbos modais, advérbios etc.
- (ii) Análise qualitativa das expressões identificadas, considerando cada contexto linguístico de Modalização identificado (ocorrência) segundo os parâmetros de análise apresentados acima.
- (iii) Análise quantitativa das ocorrências de Modalização identificadas no *corpus* por meio do uso do pacote computacional SPSS para verificação de frequência relativa a cada parâmetro de análise.
- (iv) Interpretação dos resultados da análise quantitativa para verificação das hipóteses formuladas.

Para a quantificação dos dados, utilizamos, como procedimento estatístico, o software SPSS (*Statistical Package for Social Science*-versão para Windows). Escolhemos este programa, porque, com ele, é possível transformar as análises das ocorrências em dados estatísticos, de forma a calcular a frequência, assim como fazer o cruzamento de variáveis, caso necessário.

Para isso, consideramos estabelecer algumas relações entre os aspectos que investigamos da Modalização, de forma a comprovar as interferências por meio do valor do Qui-quadrado. Este, conforme Guy e Zilles (2007), diz respeito a um procedimento relevante que permite calcular a probabilidade de que uma dada inter-relação entre categorias de análise seja verdadeira. Para isso, o valor deve ser  $\leq 0,05$  (critério mais comumente aceito nos estudos estatísticos). Dessa forma, consideramos esse valor para traçar a relevância do cruzamento entre algumas categorias.



Além disso, o programa permite a transformação de dados estatísticos em gráficos. Sendo assim, possibilita-nos realizar uma análise quantitativa de forma mais interativa. Adicionamos, ainda, que o SPSS, segundo Ferreira (1999), oferece as seguintes ferramentas que nos são necessárias: (i) editor de dados, permitindo a introdução, modificação, correção e visualização de informações; (ii) “Viewer”, parte onde se observam todos os resultados estatísticos, os gráficos, as tabelas; (iii) tabelas dinâmicas, permitindo a exploração de dados; (iv) gráficos e (v) acesso à base de dados, permitindo adição de arquivos de texto. Utilizar o SPSS como recurso de análise é oportuno, uma vez que as ocorrências podem ser guardadas e classificadas para rodagem posterior de dados, a fim de identificar a frequência de cada contexto de Modalização, tanto de maneira individual como comparativa.

## 5.5 Síntese conclusiva

Este capítulo se destinou a apresentar o processo metodológico utilizado para realização desta pesquisa. Retomamos, primeiramente, as questões motivadoras deste estudo, que orientam a análise da Modalização no gênero autobiografia. Apresentamos, também, a perspectiva teórica adotada para a concepção de gênero, com base na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que considera gêneros como processos de significados de nível superior, que abarca as múltiplas manifestações comunicativas, destinadas a determinados objetivos, incidindo, mais proximamente, no que se configura como Contexto de Cultura.

A seguir, apresentamos a constituição do *corpus*, que é composto por recortes de seis obras autográficas: (1) *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai (1979); (2) *Rita Lee, uma autobiografia*, de Rita Lee (2016); (3) *O que aprendi com o silêncio, uma autobiografia*, de Monja Coen (2019); (4) *Obra autobiográfica – Celso Furtado*, de Celso Furtado (1997); (5) *Guga, um brasileiro*, de Gustavo Kuerten (2014) e (6) *Paixão Pagu, uma autobiografia precoce*, de Patrícia Galvão (2005). Cada parte tem quantidade aproximada de caracteres, por volta de 35.000.

Retomamos nossas hipóteses para, então, apresentarmos nossas categorias de análise. Estas dizem respeito: (i) aos tipos de Modalização; (ii) aos graus de Modalização; (iii) aos valores da Modalização; (iv) à orientação e manifestação da Modalização; (v) à incidência da Polaridade negativa no efeito da Modalização; (vi) aos Processos Experienciais no escopo na Modalização; (vii) às formas de expressão da Modalização para os graus de *probabilidade*; (viii) ao tempo verbal e (ix) à tipologia textual predominante dos contextos de modalização no

*corpus* analisado. Apresentamos, em seguida, um modelo de ficha para ilustrar como procedemos a análise das expressões da Modalização.

Finalmente, deixamos em evidência os passos para realização da pesquisa, a partir de quatro procedimentos de análise, considerando: (i) a identificação das expressões modais, leitura e delimitação do *corpus*, assim como dos contextos linguísticos do fenômeno em análise; (ii) a análise qualitativa, considerando o contexto linguístico de Modalização conforme as categorias de análise; (iii) a análise quantitativa, por meio do uso do SPSS; (iv) a interpretação dos dados de análise quantitativa para verificação das hipóteses. Informamos, também, que utilizamos como procedimento estatístico o software SPSS (*Statistical Package for Social Science*-versão para Windows), pois o programa permite a tradução da análise das ocorrências em dados estatísticos, o cálculo da frequência, a realização de cruzamento de variáveis, bem como a conversão dos resultados estatísticos em gráficos e tabelas.

## 6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA MODALIZAÇÃO EM AUTOBIOGRAFIAS

Neste capítulo, apresentamos os resultados da descrição e análise da Modalização no *corpus* constituído proveniente de autobiografias, de forma a identificar características da manifestação desse tipo de modalidade no gênero citado e cumprir nosso objetivo de investigar a existência de uma relação entre a manifestação da Modalização e a construção discursiva de autobiografias. Para isso, como já explicitado, utilizamos como aporte teórico a Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiessen (2014).

Na realização desta pesquisa, iniciamos com a identificação de contextos de ocorrência de manifestações da Modalização no material constituído de autobiografias. Todas as obras constitutivas desse *corpus* foram escritas em língua portuguesa contemporânea, por autores brasileiros, e retratam diferentes contextos socioculturais. A fim de analisar a relação entre o fenômeno da Modalização e a construção autobiográfica, buscamos (i) descrever as marcas de Modalização nos referidos textos e (ii) discutir sobre a relação entre essas marcas, seus efeitos e os aspectos da autobiografia.

### 6.1 Aspectos da Modalização em autobiografias

Expomos, a seguir, os resultados da análise quantitativa referentes à manifestação da Modalização nas autobiografias que constituem o *corpus*, e nossa interpretação, tendo em vista as categorias relacionadas à função Interpessoal e Experiencial da linguagem para o tratamento da Modalização, como descrito na metodologia.

Antes de apresentar os resultados, pontuamos algumas observações. Em primeiro lugar, estejamos atentos, pois a Modalização pode ser manifestada de variadas formas na qualificação de informações. Essas informações (proposições), como sabemos, podem ser qualificadas, numa escala de Modalização, quanto à *probabilidade* e quanto à *usualidade*. Assim, na oração configurada como troca de informações, manifestam-se graus de certeza e de frequência em relação a elas, como apontam Halliday e Matthiessen (2014).

Em segundo lugar, na Gramática Sistêmico-Funcional, Halliday e Matthiessen (2014, p. 177) apresentam que a Modalidade, de forma geral, é manifestada por meio de três maneiras: (a) por meio de um finito, operador modal no grupo verbal, como em “*Deve* ser o John”; (b) por meio de um adjunto modal, como no exemplo “*Provavelmente* é o John” e “*Ele geralmente* se senta lá o dia todo” e (c) por meio de ambos, apresentados juntos, formando uma

prosódia da Modalização, como em “*Provavelmente deve* ser o John, ele *geralmente* vai sentar lá todo dia”. Deixamos claro que identificamos essas três formas de manifestação apontadas pelos autores da GSF no nosso *corpus*, mas encontramos, também, outros meios de expressão que, em língua portuguesa, são meios lexicais de Modalização, como alguns verbos de crença e cognição; e ainda identificamos outros que, dentro dos textos em análise, assumiram o papel de modalizadores, como é o caso de alguns adjetivos e substantivos que expressam dúvida, convicção, dentre outros.

Em terceiro lugar, cientes das expressões e dos aspectos formais da Modalização que identificamos no *corpus* apresentado, esclarecemos que as seguintes categorias foram organizadas para análise, não apenas das expressões, mas dos contextos em que elas operam a Modalização nos textos autobiográficos. São elas: (i) tipos de Modalização; (ii) graus de Modalização; (iii) valores da Modalização; (iv) orientação e manifestação da Modalização; (v) Polaridade da Modalização; (vi) Processos Experienciais no escopo da Modalização; (vii) formas de expressão da Modalização; (viii) Tempo/Modo dos verbos modalizadores e (ix) tipologia textual. Logo após a apresentação e discussão dos resultados referentes às categorias, discutimos sobre alguns casos curiosos de Modalização identificados nas autobiografias. Adicionamos também alguns cruzamentos provenientes de categorias que pareceram estar relacionadas.

Feitas essas observações, damos início à apresentação e discussão dos resultados relativos à Modalização nas autobiografias que constituem o nosso *corpus*.

### **6.1.1 Tipos de Modalização nas autobiografias**

Conforme Halliday e Matthiessen (2014), a Modalização opera nas proposições, e o seu significado pode ser expresso em graus numa escala estabelecida entre o polo positivo do “sim” e o polo negativo do “não”, dentro do que os autores apresentam como Polaridade. Esse significado diz respeito a dois tipos, que correspondem às noções de *probabilidade* e *usualidade* atribuídas a um dado conteúdo (fato, opinião) conforme a avaliação feita e apresentada pelo autor.

Como hipótese para essa categoria, acreditamos, inicialmente, que, dos dois tipos de Modalização, destacar-se-ia o tipo *probabilidade*. Como apresentamos abaixo, nossa hipótese foi confirmada. Expomos adiante uma tabela assinalando a frequência dos tipos de

Modalização presentes nas autobiografias analisadas. Ressaltamos que os resultados apresentados nas tabelas dizem respeito à totalidade de ocorrências identificadas no *corpus*.

Tabela 1: Tipos de Modalização nas autobiografias

<b>Tipos de Modalização</b>	<b>Frequência</b>	<b>Total percentual</b>
<b>Probabilidade</b>	179	57%
<b>Usualidade</b>	135	43%
<b>Total</b>	314	100%

Fonte: tabela elaborada pela autora com base nos dados coletados do SPSS.

As manifestações da *probabilidade* e da *usualidade* no *corpus* analisado totalizam 314 ocorrências, com um total de 179 (57%) para o tipo *probabilidade* frente a 135 para os casos de *usualidade* (43%), como é possível ver na tabela acima. Dessa forma, embora os dois tipos de Modalização estejam presentes na narrativa com frequência não muito discrepante, o tipo *probabilidade* foi mais escolhido pelos autores na construção escrita das suas experiências de vida. Ilustramos esses dois tipos de Modalização nos fragmentos abaixo.

(1) **Acredito** que foi a partir daquele momento que “las mujeres” passaram a relevar meus desajustes comportamentais. (RL – p. 16)

(2) Era nessas noites que mamãe ia **sempre**, levando consigo as três filhas: Wanda, Vera e eu, e também Maria Negra (...) (AGD - p. 14)

Na ocorrência (1), identificamos o tipo *probabilidade* expresso por meio do verbo de significação plena “acreditar”, em que a autora se compromete com a verdade da proposição, mas não apresenta seu conteúdo como uma realidade factual, uma vez que diz respeito à crença da narradora sobre a veracidade do que informa adiante. Mesmo não se tratando de uma realidade factual, o significado expresso pelo modal em destaque indica o valor de “certeza” dentro da escala “possibilidade-probabilidade-certeza”, como disposto em Halliday e Matthiessen (2014, p. 177), pois expressa uma relação estreita da autora com o que julga ser verdade.

No fragmento (2), a Modalização tem como foco demonstrar a frequência com que determinada ação ocorria dentro da narrativa. No caso, a ida da mãe da autora a apresentações teatrais de rua acontecia com alta frequência, aproximando o grau de *usualidade* dessa ação

para bem próximo de um dos polos, incidindo no valor mais alto dentro da escala “às vezes-geralmente-sempre”, sendo esse fato visto como corriqueiro.

Em ambas as situações, baseados no que apresentam Halliday e Matthiessen (2014, p. 176-177), as manifestações da Modalização, mesmo que de alto valor, são ainda menos determinados do que a forma polar livre de Modalidade. Por exemplo, “Acredito que foi a partir daquele momento...” é menos certo do que “Foi a partir daquele momento...”. Da mesma forma, a frequência na ação descrita em “Era nessas noites que mamãe ia sempre” é menor do que em “Era nessas noites que mamãe ia...”. Assim, a Modalização (i) é usada quando o autor das autobiografias não pretende apresentar informações com certeza plena, mas tem convicção sobre o que afirma e, por alguma razão, não quer se comprometer totalmente, e (ii) é usada para indeterminar a frequência de dada situação, seja por desconhecimento, seja por buscar aproximar a avaliação do que parece ser real na sua percepção.

Percebemos, então, que o tipo *probabilidade* é mais frequente do que o tipo *usualidade*. No entanto, a diferença de frequência entre os dois (57% e 43%) é pequena. Essa minúscula diferença talvez se justifique porque a qualificação modal quanto à *usualidade* dos fatos exerce importante papel nas narrativas das experiências vividas, pois algumas dessas experiências ganham relevância à medida que se repetem na história de vida dos autores.

### **6.1.2 Graus e valores da Modalização**

Halliday e Matthiessen (2014, p. 176) estabelecem uma categorização para os tipos de Modalização em graus intermediários, uma vez que a Modalidade ocorre entre os polos “sim” e “não”. Esse fato permite aos autores a possibilidade de tomada de posição sobre determinado dito sem radicalizar para um desses polos, isto é, sem deixar de marcar uma relativa indeterminação ao se posicionar.

A existência desses graus em que atua a Modalização permite que esteja à disposição do falante variadas chances de marcar seu não comprometimento com o que profere ou de se comprometer levemente com isso, caso seja sua intenção. Dessa forma, temos para as nuances de *probabilidade*, os seguintes graus: alto (certeza), médio (probabilidade) e baixo (possibilidade). Já para as nuances de *usualidade*, temos os seguintes graus: alta frequência (sempre), média frequência (geralmente) e baixa frequência (às vezes).

Ressaltamos que, como apresentado em Halliday e Matthiessen (2014, p. 693- 694), o valor mediano é claramente separado dos dois valores "externos" pelo sistema de Polaridade. Dessa forma, o valor médio é aquele em que a partícula negativa é livremente transferível entre

a proposição e a modalidade, como ocorre em: (1a) É provável que Maria não saiba; (1b) Não é provável que Mary saiba e (2a) Fred geralmente não fica; (2b) Fred não costuma ficar. Com os valores externos, por outro lado, se a negação for transferida, o valor muda (de alto para baixo ou de baixo para alto), como em (1a) É certeza que Maria sabe; (1b) Não é certeza que Mary saiba e (2a) É possível que Maria saiba; (2b) Não é possível que Maria saiba.<sup>22</sup>

Inicialmente, havíamos colocado como hipótese que o grau alto da Modalização teria maior destaque. Nossa hipótese foi, de fato, confirmada. Expomos abaixo nossos resultados para as possibilidades dos graus da Modalização presentes no *corpus* investigado.

Tabela 2 - Graus de Modalização nas autobiografias

<b>Tipos de graus</b>	<b>Frequência</b>	<b>Total percentual</b>
<b>Alto</b>	139	44,3%
<b>Baixo</b>	126	40,1%
<b>Médio</b>	49	15,6%
<b>Total</b>	314	100%

Fonte: tabela organizada pela autora com base nos dados obtidos no SPSS.

A tabela acima nos mostra que o grau “alto” teve maior representatividade nas autobiografias em análise, com 138 ocorrências, seguido pelo grau “baixo”, com 129 ocorrências e do grau “médio”, com 47 ocorrências. Cada grau apontado acima tem um valor diferente para cada tipo de Modalização, como expomos acima. A diferença entre os graus “alto” e “baixo” não é muito significativa (44,3% e 40,1%). Além disso, percebemos, ainda, que o fato de o grau “médio” se manifestar muito menos do que os graus alto e baixo pode ser indício de que a Modalização é usada muito mais para marcar graus extremos de *probabilidade* e *usualidade*.

No que se refere aos valores da Modalização, nossa hipótese era de que os valores de *certeza* e de *alta frequência* seriam mais frequentes na instauração do fenômeno referido. A hipótese foi confirmada, como é apresentado na tabela abaixo. Vejamos.

Tabela 3 - Valores da Modalização nas autobiografias

<sup>22</sup> Tradução nossa. O original diz: (1a) it’s likely Mary doesn’t know; (1b) it isn’t likely Mary knows/ (2a) Fred usually doesn’t stay; (2b) Fred doesn’t usually stay. (1a) it’s certain Mary doesn’t know; (1b) it isn’t certain Mary knows/ (2a) it’s possible Mary doesn’t know; (2b) it isn’t possible Mary knows. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 693- 694)

Tipos de valores	Frequência	Total percentual
<b>Certeza</b>	72	22,9%
<b>Alta frequência</b>	67	21,3%
<b>Possibilidade</b>	79	25,2%
<b>Baixa frequência</b>	48	15,3%
<b>Probabilidade</b>	28	8,9%
<b>Média frequência</b>	20	6,4%
<b>Total</b>	314	100%

Fonte: tabela organizada pela autora com base nos dados obtidos no SPSS.

Para cada grau, temos um valor correspondente no que tange a cada tipo de Modalização. Podemos observar que o grau alto diz respeito aos valores de “certeza” e de “alta frequência”, respectivamente, dos tipos *probabilidade* e *usualidade*. Estes se mostraram como escolhas mais frequentes na constituição do discurso autobiográfico, seguidos do grau baixo, que representa os valores de “possibilidade” e de “baixa frequência”, finalizando com o grau médio, representando os valores de “probabilidade” e “média frequência”.

Sabendo que a Modalização é uma fuga dos polos de afirmação e negação da proposição, é perceptível que os autores apresentaram o percurso das suas vidas tendendo a um “sim” ou a um “não”, mas não o firmaram. Fizeram julgamentos do que consideram certo ou incerto, construindo posicionamentos, de forma assertiva. Vejamos os seguintes fragmentos.

- (3) Era uma moleca impossível. Eu **sabia** que enganava todo mundo. (PP – p. 05)
- (4) **Sempre** nos cumprimentávamos e trocávamos algumas palavras. Nesse dia ele me presenteou com um livro. (MC – p. 17)
- (5) Terminei em pranto comovido, sem **saber** por que chorava. (MC – p. 24)
- (6) **Às vezes** eu saía da cama para passar um tempinho com ele lá, que ficava sozinho no escuro. Um dia, amanheceu morto. (RL – p. 14)

No exemplo (3), a escolha do verbo de significação plena “saber” caracteriza o grau alto de certeza; manifesta uma atitude de confiança no que a autora crê, caracterizando como próximo ao aspecto factual o conteúdo do que informa. Essa possibilidade de escolha semântica ocorre quando a autora apresenta suas crenças ou fatos relacionados à percepção sobre si em certas situações.

Em (4), a frequência do cumprimento e da conversa entre a autora e o amigo é apresentada como alta. Como a narrativa autobiográfica objetiva, antes de tudo, apresentar a



trajetória de vida do autor do texto, focalizando sua história individual, são recorrentes apontamentos que indiquem a alta frequência com que determinadas situações ocorriam, especificamente, uma vez que as ações recorrentes que aconteceram em sua vida parecem ter um impacto maior na construção da sua história.

No grau baixo de Modalização, que é o campo semântico da “possibilidade” e da “baixa frequência”, chegando bem próximo daquelas situações relacionados ao “desconhecimento”, estão os fragmentos (5) e (6).

Em (5), a autora afasta-se bastante da certeza sobre o que afirma, uma vez que a expressão “sem” incide uma negação sobre o verbo “saber”, de forma a demonstrar desconhecimento sobre a razão por que Monja Coen chorava após seu primeiro retiro espiritual. A Polaridade negativa, assim, desloca a Modalização do campo da certeza para o campo da possibilidade, do distanciamento em relação a uma informação. Em (5), a autora sugere a existência de uma causa possível para o choro, causa que ela não sabe precisar qual é. Fatos como esse deixam na autobiografia, além do desconhecimento mencionado, marcas de descontrole sobre o fato relatado pelos autores, casos parecidos ocorrem em outros momentos das narrativas, como em trechos do tipo: “não sabia o que fazer”, “nem sei bem o que aconteceu”, “não sabíamos como”.

No que diz respeito à *usualidade*, a baixa frequência de determinadas ações pode representar a frustração em relação ao desejo de que algumas experiências fossem mais frequentes, como ocorre no fragmento (6), em que foram poucas as vezes que Rita Lee pode estar com seu gatinho, devido à proibição do pai, por exemplo.

Vejamos agora o trecho abaixo.

(7) Se meu pai ficasse sabendo, **provavelmente** iria atrás do sujeito para matá-lo e não seria bom para ninguém o chefe da família ir pra cadeia... (RL – p. 16)

(8) Na mesa da copa, **geralmente** eu me sentava num banquinho mais alto, na cabeceira. (MC – p. 27)

Os dois itens estabelecem o meio termo no uso dos graus da Modalização. Não se apresenta o teor de confiança nem de descomprometimento, afastando-se do polo positivo do “sim” e do polo negativo do “não”, constituindo o território da “dúvida” e da “relativa frequência”; acerca-se, então, do campo da “probabilidade” e da “média frequência”. Essa construção parece ocorrer quando o autor não sabe ou não se lembra, com exatidão, de alguma

informação, mas objetiva retratar um acontecimento importante. Para isso, faz estimativas e opta por escolhas que produzam o efeito de imprecisão, que expressem uma probabilidade de ocorrência. No caso dos fragmentos, percebemos que, em (7), a autora não sabe ao certo se o pai seria capaz ou não de matar alguém que causasse algum tipo de violência à filha, mas percebe como considerável a chance de isso ocorrer; em (8), a Monja Coen conta que normalmente se sentava em determinado banquinho, e que ali sua mãe lhe ensinara a escrever seu nome. Não estabelece uma constância do “sempre”, mas também não mostra que eram situações raras, estabelecendo uma frequência temporal mediana para elas.

Interessante observar que os resultados apontam em direção aos dois polos, “sim” e “não”, o que parece indicar que os autores modalizam seus textos objetivando uma tomada de posição, buscando transparecer predominantemente conhecimento e desconhecimento, assim como frequência ou infrequência, deixando a avaliação no grau de “média” certeza e “média” frequência em terceiro plano.

Percebemos, assim, que o valor de *certeza* e o grau de *alta frequência* com que os autores modalizam seus textos apontam indícios de que a Modalização é um recurso relevante no gênero autobiografia, mas não em todos os graus. Acreditamos que a presença significativa desse grau e desses valores de Modalização mostrou-se como traço característico nas autobiografias em função da credibilidade que dão aos autores e da relevância que emprestam às experiências por eles narradas, auxiliando no posicionamento dos autores como narradores de sua história de vida. Dessa forma, o valor de certeza credencia mais o narrador para o relato dos fatos; e o valor de alta frequência qualifica os fatos narrados como relevantes para a composição da autobiografia do narrador.

### **6.1.3 Orientação modal**

A orientação concebe a maneira como a Modalização é manifestada, se Subjetiva ou Objetiva, considerando, para isso, a transparência enunciativa, se Explícita ou Implícita, ou seja, conforme a delimitação da fonte é apresentada na oração, conforme Halliday e Matthiessen (2014, p. 181-184). Segundo os autores, no estudo e na delimitação da Modalidade, é importante a análise de aspectos que abarquem as variações que circundam os significados expressos pelos meios modais. Com base nisso, percebemos que, para um mesmo grau de *probabilidade* e de *usualidade*, a Modalização pode variar quanto a se manifestar como

Subjetiva ou Objetiva; e a indicar se esse efeito resulta da presença Explícita ou Implícita de marcas na oração.

Para ilustrarem a análise dos parâmetros de orientação e manifestação modais, Halliday e Matthiessen (2014, p. 181) comparam algumas frases. Em “Estou certo de que isso é verdade”, marca-se, explicitamente, no contexto, que o falante é a fonte da avaliação modal, no que se refere a um julgamento Subjetivo (a crença do autor de que algo é verdade). Esse mesmo julgamento Subjetivo é realizado em “Isso deve ser verdade”, em que a proposição se caracteriza como *opinião*; no entanto, não está explícita a presença do autor como fonte da Modalização. Já em “É certo que isso é verdade” e “Certamente isso é verdade”, temos, na primeira construção, um posicionamento Objetivo (uma vez que não há traço na oração de que essa avaliação é opinião do falante), manifestado de forma Explícita por meio de um adjetivo em função predicativa; e, na segunda oração, em que temos o uso do advérbio “certamente”, também temos uma avaliação Objetiva, no entanto, o autor deixa Implícita a fonte do julgamento modal referente à proposição.<sup>23</sup>

Por ser a autobiografia um gênero em que o autor narra a própria vida segundo a sua percepção a respeito de suas experiências, formulamos a hipótese de que a orientação e a manifestação modais caracterizar-se-iam pela *Subjetividade Explícita* do autor. No entanto, pelos resultados obtidos, não confirmamos essa hipótese. Apresentamos, a seguir, os resultados da análise das ocorrências identificadas no *corpus*.

Tabela 4 - Orientação da Modalização nas autobiografias

TIPOS DE ORIENTAÇÃO	FREQUÊNCIA	TOTAL PERCENTUAL
<b>Objetiva Implícita</b>	202	64,4%
<b>Subjetiva Explícita</b>	53	16,9%
<b>Subjetiva Implícita</b>	37	11,7%
<b>Objetiva Explícita</b>	22	7%
<b>Total</b>	314	100%

<sup>23</sup> Tradução e adaptação nossa do seguinte trecho: Up to now we have treated the different ways of expressing modality simply as if they were free variants: as if that must be true and that’s certainly true are just different ways of saying the same thing. But they are not. In order to explore the difference between them, we should introduce two further variants that cover the same range of meanings. Keeping to the same category of high probability, we will also find expressions such as it is certain (that) that is true and I’m certain (that) that is true. Notice what is happening here. With these last examples, the speaker is explicitly stating the source of the conviction: it is either being said to be **objective**, as in it is certain ..., or presented as a **subjective** judgement on the speaker’s part, as in I’m certain that .... By contrast with these, the versions presented earlier leave **implicit** the source of the conviction. But they also differ along the **subjective/ objective** dimension: whereas the adverbial form certainly is a way of objectifying the speaker’s evaluation, the verbal form must carries a **subjective** loading – it is the speaker’s own judgement on which the validity of the proposition is made to rest (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 181)

Fonte: tabela organizada pela autora com base nos dados obtidos no SPSS.

Como apresentado na tabela, a frequência da orientação modal mostrou-se relevante para a Objetividade Implícita nos dados levantados das autobiografias (64,4%). Os valores da tabela acima dizem respeito aos dois tipos de Modalização, mas, tratando cada um separadamente, temos, no eixo da Modalização-*probabilidade*, dentre as 179 ocorrências, um total de 69 para o tipo de orientação Objetiva Implícita; 53 para o tipo Subjetiva Explícita, 36 para o tipo Subjetiva Implícita e 21 para o tipo Objetiva Implícita.

No eixo da *usualidade*, tivemos 133 ocorrências de orientação *Objetiva Implícita*, 1 de *Subjetiva Implícita* e 1 de *Objetiva Explícita*. Muitas construções com marca de *usualidade* trazem, como forma linguística de expressão, advérbios de frequência, e, como apontamos acima, essas expressões reforçam o caráter Objetivo da Modalização, ocultando também, na proposição, a fonte que faz a avaliação modal.

Pudemos perceber, de forma geral, uma saliência nas modalizações com orientação *Objetiva Implícita*, sendo esta mais que o dobro da segunda orientação mais identificada nos dados, a *Subjetiva Explícita*. Na análise das autobiografias, esperávamos uma proeminência da Modalização *Subjetiva*, visto que se trata de um gênero em que são retratadas as experiências de vida dos autores, narradas por eles mesmos a fim de construir a história da sua personalidade. Surpreendeu-nos, portanto, que a marcação da subjetividade do autor não tenha sido predominantemente identificada na oração. Observamos, então, que as construções em que a marcação da *Objetividade* ocorre apresentam-se como modalizações de fatos em que o autor parece evitar a narrativa em perspectiva muito pessoal; e ocorre, também, quando modaliza experiências de outrem ou quando relata questões socialmente/familiarmente compartilhadas. Vejamos os exemplos abaixo:

(9) O que se **sabe** é que no fim da noite sobrou o papel do pierrô abandonado para Ulysses Guimarães, moço rioclarense que também paquerava Chesa e sua amiga Dalva de Oliveira, com quem minha mãe dava canjas em festas e recitais da cidade. (RL – p. 18)

(10) **Certamente**, a morte morrerá com a sua vinda. (PP – pág. 11)

(11) **Acreditei** numa aproximação mais intensa, num laço mais profundo de sentimento. (PP – p. 08)

(12) **Em geral**, logo em seguida vinha a fita cômica. (AGD - p. 15)

O fragmento (9) exemplifica o que pontuamos acima, ou seja, o fato de a autora utilizar-se da objetividade ao avaliar experiências de outrem, uma vez que a informação apresentada não se baseia na sua experiência individual, mas em experiências compartilhadas que, embora sejam apresentadas a partir da sua percepção, envolvem questões que fogem do seu pleno controle, pois dizem respeito ao julgamento compartilhado por outras pessoas no enredo.

O excerto (10) representa o que apontamos como uma questão que possui reforço pessoal e social. Nesse trecho, a autora aponta que a “morte”, associando-a às suas decepções, morreria com a vida do seu filho; fato normalmente associado ao impacto emocional positivo que a maternidade causa na vida de uma mulher. A Objetividade recai na proposição pelo fato de o escopo da Modalização ser uma concepção fixa compartilhada no seio familiar e social. Vale ressaltar, ainda, como apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 181), que a forma adverbial é uma boa maneira de objetivar a avaliação do falante.

Já no fragmento (11), a expressão modal em destaque determina a subjetividade da avaliação, isso porque a flexão do verbo na primeira pessoa “eu” é fator indicativo de subjetividade, marcada de forma Explícita, porque fica evidente, em língua portuguesa, a fonte do julgamento.

No trecho (12), temos um exemplo típico de *usualidade* com manifestação Implícita, que ocorre quando não há explicitação de quem faz o julgamento contido na proposição; e orientação Objetiva, identificada quando a Modalização não se apresenta como uma avaliação individual do autor. No excerto em destaque, a Modalização, quanto à frequência, é expressa com base na experiência vivida pela autora com relação aos momentos de entretenimento com a família, ao frequentar o cinema de rua.

Vale ressaltar, que expressões identificadas como “em geral”, “geralmente”, foram formas de modalizar o enunciado por meio da *usualidade*, deixando, na proposição, como qualquer tipo de Modalidade, o aspecto da incerteza, característico desse fenômeno linguístico. Como já apontamos acima, com base na caracterização feita na GSF, enunciar que “Em geral, logo vinha a fita cômica”, por exemplo, é menos certo que enunciar “E logo vinha a fita

cômica”. Embora a Modalização nos termos da *usualidade* gere desconfortos<sup>24</sup> no tratamento da Modalização, ela mostrou ser um recurso proeminente no gênero autobiografia, modalizando a proposição de forma a avaliar as nuances de frequência com que determinadas experiências transcorreram.

Antes de passarmos para o próximo ponto, ressaltamos que, embora a subjetividade seja considerada por alguns autores como um traço inerente à Modalidade, como faz Palmer (1986), Halliday e Matthiessen (2014), no entanto, apontam que o fator subjetividade é marcado gramaticalmente no enunciado, por isso, os autores da GSF trazem esse fator sempre relacionado a sua manifestação na oração.

Especificamente na análise do *corpus* desta pesquisa, em alguns casos em que interpretamos a ocorrência como sendo de Modalização Objetiva, o conteúdo da proposição é tratado como consensual entre um grupo de pessoas, sendo uma avaliação socialmente compartilhada, podendo sua marcação na oração ocorrer ou não.

Vale ressaltar, ainda, que há casos, nas autobiografias, em que o uso dos auxiliares modais, por exemplo, é feito acompanhado da primeira pessoa do discurso, desviando-se da categorização comum dada a eles, na GSF, como sendo de orientação Subjetiva de manifestação Implícita. É o que ocorre em “Certa vez, eu **devia** ter uns cinco ou seis anos e Virgínia dez (...) (RL – p. 21)”. Assumimos que, nesses casos, a orientação modal passa a ser Subjetiva Explícita. É sabido que o verbo modal (*dever, poder*) é característico da Modalização com fonte Implícita, mas, nesse caso, o pronome de primeira pessoa coloca o autor como parte do alvo e como fonte da Modalização, isso porque o autor da autobiografia é narrador-personagem do enredo.

Outro ponto a considerar diz respeito aos advérbios modalizadores em *-mente* expressarem Modalidade Objetiva. Essa é uma diferença entre a Gramática Sistêmico-Funcional e a Gramática Funcional. Para a maioria dos autores que trabalham com a noção de enunciados em camadas, os advérbios modalizadores em *-mente* expressam subjetividade, porque não poderia ser negado juntamente com a proposição, sendo, portanto, exterior a ela. Essa análise não ocorre na percepção da GSF.

Com isso, deixamos claro que a construção da orientação Subjetiva da Modalização ocorre, geralmente, por meio de verbos modais e verbos de significação plena, indicativos da

---

<sup>24</sup> O desconforto mencionado é relativo ao fato de o tipo modal da *usualidade* (frequência) não ser muito discutido nas tipologias de modalidade.

opinião do autor. Já a construção da orientação Objetiva ocorre, muitas vezes, por meio de adjetivos, advérbios, expressões adverbiais ou nomes. Expressões como “*na verdade*” ou “*a verdade é que*” possuem valor adverbial, por isso, em ocorrências com essas expressões, analisamos como de orientação Objetiva. O fato de a fonte ser Implícita ou Explícita depende da intensidade da certeza ou da frequência com que a Modalização é instaurada sobre a proposição; assinalando a presença ou não, na oração, da fonte do julgamento modal. Expressões como adjetivos em função predicativa, tais como “É provável”, “É certo”, “É possível” evidenciam explicitamente que a avaliação não apresenta uma opinião do autor; enquanto marcas pronominais deixam em evidência a marca Explícita do autor como avaliador. Por outro lado, as formas adverbiais e os verbos modais deixam rastros da objetividade e da subjetividade modal, respectivamente, na oração, e, muitas vezes, são ótimas formas de deixar a avaliação do autor Implícita.

Supomos, então, a existência de uma escala de menor a maior grau de objetividade da Modalização. Sabendo-se que a objetividade é reforçada e creditada pela implicitude modal, sugerimos a seguinte escala, indo da avaliação menos subjetiva até a mais subjetiva do autor.

***Objetiva Explícita > Objetiva Implícita > Subjetiva Implícita > Subjetiva Explícita***

Dessa forma, tratando-se da orientação da Modalização, concluímos a predominância da *Objetividade*, apresentada de forma *Implícita*; e da *Subjetividade*, apresentada de forma *Explícita* nas autobiografias analisadas, como assinaladas no destaque acima. A predominância da Modalização Objetiva nos leva a Bakhtin (2011), ao tratar da autobiografia. O autor faz a seguinte afirmação “biografia e autobiografia são a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida” (BAKHTIN, 2011, p. 139). Assim, o autor, sendo parte integrante do todo artístico, não coincidiria com o sujeito de quem se fala; buscando, assim, objetivar as informações transferidas. Entendemos, dessa forma, que a autobiografia não pode ser analisada apenas por sua perspectiva subjetiva; uma vez que ela é um gênero que sugere a integração coletiva, pois, ao narrar a sua história, o indivíduo revela que compartilha com a sua comunidade as suas percepções e sua visão de mundo, e concede ao leitor/público o acesso ao contexto sociocultural em que se desenvolve sua história de vida.

Concluímos, então, que o resultado apontado acima se dá porque, ao escrever uma autobiografia, o autor planeja (i) relatar artisticamente fatos da sua própria existência; (ii) contar

histórias de terceiros que fizeram parte da sua vida para ancorar sua narração e (iii) apresentar suas crenças, costumes e experiências. Sabendo desses pontos, acreditamos que, ao planejar o que está descrito, os autores modalizam seus enunciados objetiva e subjetivamente, muitas vezes, não deixando marcas na oração. Assim, intercalam entre a objetividade e a subjetividade no intuito de apresentar informações acerca da sua individualidade e dos eventos que os cercam, de forma a dar crédito ao que apresentam, uma vez que são celebridades que não falam de si como indivíduos comuns, mas como personagens importantes em uma determinada área no contexto sociocultural (música, futebol, religião etc). A narração da história de vida desses indivíduos é delineada, então, de forma que eles são mostrados como ícones de alguns valores e práticas culturais.

Por fim, é no terreno da orientação *Objetiva Implícita* que repousa a avaliação modal dos autores das autobiografias. Embora os textos analisados sejam narrativas de experiências na constituição da história de vida de determinada pessoa, a explicitude nem sempre caracteriza a oração modalizada. Há diversas situações dentro das narrativas em que os autores não intencionam deixar evidente a marcação de julgamentos feitos, mas parecem estar em busca de levar o leitor a tomar conhecimento do fato e de certa avaliação sobre ele, sem necessariamente deixar transparecer seu posicionamento individual. Resultado semelhante foi encontrado em Nogueira (2005), na análise da manifestação da modalidade epistêmica em artigos de opinião, em que a modalidade objetiva se mostrou, de igual forma, mais frequente. Nesse caso, os artigos de opinião não são textos de sequência narrativa predominante, mas apresentam, como as autobiografias, autoria identificada e espaço para a manifestação de opiniões. Ainda assim, a modalidade dita Objetiva mostrou-se uma escolha mais frequente do autor, que confere uma aparente isenção em relação aos fatos apresentados.

#### **6.1.4 Polaridade da Modalização**

Apresentamos, a seguir, algumas considerações acerca das expressões de Polaridade relacionadas às marcas de Modalização presentes nas autobiografias em estudo. É válido lembrar que a Polaridade é a expressão do “sim” e do “não” na construção do enunciado, considerando mais de uma funcionalidade para esses polos. A indeterminação que compõe a parte intermediária localizada entre os polos, como já vimos anteriormente, diz respeito às Modalidades, com base em Halliday e Matthiessen (2014).



No tocante aos significados presentes nos polos positivo e negativo, como exemplificamos no capítulo que versa sobre a Modalização, podemos considerar as seguintes funcionalidades, em consonância com a GSF (2014, p. 173 e 174): (i) “sim” e “não” podem funcionar como declarações ou em resposta a uma pergunta, são então adjuntos modais, e fonologicamente salientes; (ii) “sim” e “não” podem funcionar como parte de um tema textual continuativo e servem para sinalizar que um novo movimento está começando, são fonologicamente fracos, e (iii) “sim” (mas “não” não) pode funcionar como uma frase menor, como resposta a uma chamada.

No que diz respeito ao ponto (i), não temos recorrência de uso no *corpus*, pois não estudamos o discurso direto, mas apenas os enunciados dos narradores na sua emissão avaliativa nos termos da Modalização. No entanto, há casos de perguntas retóricas, em que foi possível perceber a negação com a funcionalidade descrita no ponto (i), vejamos:

(13) A quantos seriados assistiu? *Nem sei*, perdi a conta. (AGD - p. 15)

A expressão adverbial de negação da Modalização opera como resposta a uma pergunta feita pela própria autora. Esse fato não é comum entre aqueles que nos propusemos analisar, pois buscamos os enunciados dos autores sobre os fatos que apresentam na construção da sua história de vida. E esse tipo de negação é mais comum no discurso direto. Mesmo assim, é possível identificá-lo, de forma rara, nos eventos de perguntas retóricas, como apresentado.

O ponto (ii) diz respeito à negação como tema textual continuativo; aquele tema que indica uma relação com o discurso anterior. É o que ocorre no exemplo a seguir:

(14) Um relacionamento que eu nunca tivera, *não* tinha e **jamais** teria. (MC – p. 33)

A segunda oração, que comporta o modelo padrão de negação “não”, é construída na intenção de formar uma gradação, conectando-se com a oração anterior e a posterior, constituindo, assim, o proposto no item (ii), em que uma vaga possibilidade instaurada pela forma verbal é negada (“jamais teria”).

O ponto (iii) ocorre nos casos em que o “sim” funciona como resposta (casos como “- Ana, quer um livro novo? – Sim”), mas, como não analisamos aqui eventuais passagens de discurso direto, esse uso, então, não será tratado aqui.

Deixamos claro que a análise da Polaridade foi feita nos contextos de ocorrência das expressões modais. Assim, o alvo da Modalização não é o mesmo da negação, já que a Modalização se dá entre os polos positivo e negativo de uma dada proposição. A Polaridade aqui observada é a que se manifesta no contexto da marca de Modalização, sendo ela mesma o alvo da negação. Essa marca de negação só está sendo analisada na pesquisa porque ela tem efeito sobre a Modalização da proposição.

De início, colocamos como hipótese que a influência da Polaridade negativa alteraria o valor da Modalização, indo de um polo a outro. Apresentamos, a seguir, a tabela com o resultado da análise quanto ao fato de a Polaridade incidir sobre a Modalização. Em seguida, fazemos algumas considerações sobre o assunto e, logo após, alguns destaques que julgamos necessários sobre a temática. Observemos a tabela abaixo.

Tabela 5 – A influência da Polaridade na Modalização

<b>Polaridade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Total percentual</b>
<b>Polaridade positiva</b>	275	87,6%
<b>Polaridade negativa</b>	39	12,4%
<b>Total</b>	314	100%

Fonte: tabela organizada pela autora com base nos dados obtidos no SPSS.

A tabela nos mostra que os autores das autobiografias se utilizam mais de asserções positivas do que de negativas ao modalizarem seu enunciado. A Polaridade positiva é realizada de forma não marcada, enquanto a Polaridade negativa é marcada através do uso do elemento responsável pela negação. Nas autobiografias, os autores usaram termos como “não”, “nem”, “nada”, “nenhum”, “jamais” para marcar a negação ao avaliar conteúdos relacionados às situações narradas.

Os resultados da análise nos levam a considerar que o advérbio “não” (e similares) pode: (i) deslocar a Modalização entre os polos, invalidando o significado inicial; (ii) expressar negação adverbial para fins de atenuação e (iii) expressar negação para fins de intensificação. Analisemos o seguinte fragmento:

(15) Se ficaram de jejum por seis anos, **não** se *sabe*. (RL – p. 21)

Esse caso em destaque representa a negação do efeito de “certeza”, aspecto da Modalização, evento comum nos textos estudados. No excerto em ênfase, a manifestação da Modalização por meio do verbo “saber”, que indica a certeza da avaliação modal, sofre transferência desse valor para o valor baixo de conhecimento, que diz respeito ao eixo da “possibilidade”, indo, assim, ao extremo mais próximo do polo negativo. Situação parecida ocorre com as expressões em evidência abaixo.

(16) **Não** havia *dúvida* para mim de que o homem europeu estava em busca de um caminho que o liberasse de seu passado, que lhe acenasse com um futuro que não abrigasse tanto ódio. (CF – p. 17)

Nesse excerto, o advérbio “não” dentro da construção “Não havia dúvida” opera como negação da avaliação de dúvida presente nessa estrutura. Nesse caso, a negativa constitui uma expressão parcialmente cristalizada, permitindo a transmutação do valor de dúvida para o valor de certeza. O substantivo “dúvida”, originalmente, indica o grau mediano da “probabilidade”. A negação, então, possibilita que o valor saia do campo da dúvida e vá para o campo da certeza (grau alto).

No caso da *usualidade*, por sua vez, a negativa pode atenuar ou asseverar a frequência modal. Vejamos os fragmentos:

(17) Na minha cabeça, ele **não** perdia *nunca*, ganhava tudo: discussões e partidas. (GUB – p. 19)

(18) **Não** é *sempre* que se pode testemunhar a gestação do futuro de toda uma geração. (CF – p. 14)

Nesses dois casos, vemos duas situações diferentes. No primeiro, a Polaridade negativa intensifica (não nega) o valor modal de baixa frequência expresso pelo advérbio “nunca”, atestando a avaliação de Guga sobre a visão que tinha do seu pai, de ser sempre um campeão, quase invalidando a possibilidade mínima de ele perder alguma discussão ou partida. No caso, a forma polar “não” intensifica essa ínfima (mas possível) frequência de seu pai perder discussões e partidas.

No segundo fragmento, a negativa atenua o valor modal de alta frequência. O autor aponta para determinada situação que presenciou, como algo não muito recorrente. A negação,

então, atenua o advérbio de alta frequência “sempre”. Nesse caso, ao expor que “não é sempre”, temos as possibilidades de ocorrência das escalas anteriores, ou seja, de ser “normalmente” (grau médio) ou “raramente” (grau baixo).

Vale ressaltar que não mencionamos aspectos da Polaridade positiva, pois o valor negativo é o marcado se comparado ao positivo. Como é comum nas línguas naturais, a língua portuguesa codifica mais a negação. O valor positivo não costuma ser marcado gramaticalmente, sendo inerente à oração não negada.

Em suma, a negação (i) aparece nas autobiografias para expressar o deslocamento do grau da Modalização, apontando valor diferente ao da expressão modal manifestada na oração acerca do julgamento sobre a experiência apresentada; (ii) aparece para atenuar o valor modal, diminuindo o compromisso do autor com o conteúdo enunciado, e (iii) é usada para intensificar o valor modal, realçando a posição do autor, quando o foco é asseverar a certeza ou a não certeza do que é expresso. A depender do que toma como alvo, a negação pode alterar consideravelmente o valor modal implicado, mas nem sempre é a negação sozinha, muitas vezes, sendo preciso articular com outros efeitos de sentido produzidos no contexto da oração.

Utilizar a Modalização já é, por natureza, usar uma marca de incerteza, e a Polaridade porta-se como uma escolha do autor que, ao incidir sobre a expressão modalizadora, acaba por atingir a proposição modalizada, indicando posições atitudinais mais asseveradas ou atenuadas, de forma a gerar o efeito pretendido na expressão da percepção do autor sobre os fatos narrados.

### ***6.1.5 Processos Experienciais no escopo da Modalização***

É sabido que os Processos Experienciais, na GSF, são representações das situações constituintes da experiência. Concebem, assim, aspectos do mundo físico, mental e social. Dessa forma, tomar conhecimento sobre eles tornou-se importante no nosso estudo para compreendermos que representações do mundo narrado pelos autores são alvos da Modalização nos textos autobiográficos. Por isso, buscamos responder ao seguinte questionamento “Que Processos Experienciais são escopos da Modalização nas autobiografias?”

Na GSF, os Processos organizam a oração como representação. Como já vimos anteriormente, podem ser classificados em três grandes grupos principais: Material, Mental e Relacional. São adicionados a esses outros três grupos intermediários, que são: Verbal,

Comportamental e Existencial. Cada tipo de Processo, como vimos, prevê distintos tipos de Participantes.

Para essa categoria, nossa hipótese foi que a Modalização seria caracterizada, prioritariamente, por escopar Processos Mentais, uma vez que o referido fenômeno linguístico é manifestado para ancorar as tomadas de posição dos autores. Os resultados que obtivemos, no entanto, foram diferentes. Vejamos abaixo.

Tabela 6 – Processos Experienciais no escopo da Modalização

<b>Tipo</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
<b>Material</b>	154	43,5%
<b>Relacional</b>	86	24,3%
<b>Mental</b>	43	12,1%
<b>Existencial</b>	13	3,7%
<b>Verbal</b>	10	2,8%
<b>Comportamental</b>	8	2,3%
<b>Total</b>	314	100%

Fonte: tabela organizada pela autora com base nos dados obtidos no SPSS.

Conforme os dados apontam, os autores modalizaram, mais frequentemente, Processos de cunho Material. Esses Processos representam mudanças provocadas por um Participante (Ator), que podem *ou não* afetar outro Participante (Meta), gerando algum tipo de mudança. Os julgamentos referentes aos Processos Materiais constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis.

Nas obras analisadas, esses Processos são muitos e diversos, indicam ações do mundo físico e/ou acontecimentos referentes à trajetória de vida dos autores das autobiografias. Os Processos Materiais ancoram o desenvolvimento das narrativas com ações que buscam mostrar o percurso dos eventos que compuseram a história de cada autor (*realizar, ganhar, perder, nascer*). Narrados pelos autores paulatinamente, esses Processos são qualificados pelo processo de Modalização de forma a apontar marcas do posicionamento do autor referentes aos feitos contados.

Os resultados nos informam que os Processos Materiais, alvos da Modalização, auxiliam na criação do caráter narrativo das autobiografias, delineando a constituição do gênero. Vejamos os seguintes exemplos:

(19) Morríamos de rir com os pastelões voando à procura do alvo, **sempre acertando** na cara do desprevenido. (AGD - p. 15)

(20) **Sabia** que realizava qualquer coisa importante contra todos os princípios, contrariando a ética conhecida e estabelecida. (PP – p. 03)

No primeiro exemplo apontado acima, temos, como Ator, “os pastelões” e, como Meta, a “cara do desprevenido”. O verbo de significação plena “acertar” aponta para a ação de “acertar um alvo”. Nesse caso, temos uma expressão do tipo *usualidade*, “sempre”, e incide na alta frequência com que um evento divertido ocorria na infância da autora. Nesse caso, a expressão modal de alta frequência tem como efeito indicar um Processo que, devido ao evento ocorrer continuamente, apresenta uma relevância significativa na vida da autora. A Modalização, nesse ponto, incide em um Processo Material, e auxilia na construção discursiva, deixando o Processo apresentado no campo da factualidade enquanto estrutura modalizada, uma vez que apresenta um evento ocorrido em um determinado espaço de tempo da infância da autora. O episódio é encaminhado de forma a demonstrar o alcance do ápice do fato narrado, incidindo no aspecto factual do feito contado pelo autor: o acerto do pastelão na cara de um desprevenido.

No segundo exemplo, a autora instaura a Modalização com o verbo “saber” no Processo Material “realizar”, apresentando que tinha certeza sobre a realização da ação que descrevera anteriormente, e aponta que sabia das consequências. Embora o verbo de significação plena “saber”, ao mesmo tempo, modalize a proposição e indique um Processo Mental, esse fato incide em um Processo Material, que é alvo modal do que se avalia: o fato de realizar ações contra os princípios sociais, relatado pela autora, ciente do prejuízo que poderia causar. A oração completiva que é escopo de Modalização descreve um Processo Material, Processo esse que representa as travessuras feitas conscientemente pela autora.

Como a autobiografia foca em experiências, lembranças sobre o passado, situações vivenciadas, sejam boas ou ruins, ou seja, contam histórias, é necessária a apresentação de Processos do mundo real, concreto, e possíveis de serem constatados por outros; embora também sejam contados fatos de outras naturezas, como mental e relacional. Contar a nossa vida nos leva a rememorar, principalmente, situações do mundo real, relevantes para nossa percepção. Isso nos leva a entender e constatar que, nas autobiografias, os autores modalizaram, prioritariamente, suas proposições tomando como alvo acontecimentos relacionados aos “fazeres” e “aconteceres”.

Sendo assim, os Processos em evidência são característicos das autobiografias e fundamentais para se perceberem as situações, as aventuras, ações e acontecimentos alvos do posicionamento do autor ao apresentar sua história de vida.

Conforme vimos na tabela acima, nas ocorrências analisadas, o Processo que ocupou o segundo lugar de maior ocorrência nas proposições modalizadas, foi o Processo Relacional. Esse Processo apresenta dois modos de relações, o de identificação e o de caracterização do que é apresentado, servindo para relacionar duas entidades diferentes, o que pressupõe sempre a existência de dois Participantes.

Como já assinalamos acima, as línguas expressam significados relacionais intensivos, circunstanciais e possessivos. Essas relações exercem duas funções dentro do sistema de Transitividade: atribuir e identificar. Cientes disso, observemos o excerto abaixo, em que a Modalização escopa um Processo Relacional:

(21) Sua devolução de saque era **possivelmente** a melhor do circuito. (GUB – p. 09)

Sabendo que esses tipos de Processos são normalmente usados para representar seres no mundo, no que se refere às suas características e identidades, o excerto apresenta uma oração relacional do tipo intensiva, que caracteriza uma entidade como “a melhor do circuito”. Sendo assim, o exemplo é constituído pela avaliação de possibilidade do autor acerca do Processo representado pelo verbo “ser”. Sabemos que os Processos Relacionais representam, principalmente, uma relação entre entidades, de forma a caracterizá-las (orações atributivas) ou a identificá-las (orações identificadoras). No fragmento destacado, embora haja, inegavelmente, um elogio, “Sua devolução de saque” é identificada como sendo “a melhor do mundo”.

Já no exemplo abaixo, o Processo Relacional não se encontra explicitado por meio do verbo “ser”, que pode ser interpretado no contexto. No caso, o modal “geralmente” sugere a ideia de que, embora os parisienses sejam recatados com determinada frequência, eles lançavam olhares curiosos, pediam autógrafos etc.

(22) Nas ruas, os parisienses, **geralmente** recatados, me lançavam olhares curiosos, pediam autógrafo, vinham elogiar, dar força. (GUB – pág. 13)

Embora o verbo esteja oculto no sintagma, percebemos uma relação atributiva presente no trecho modalizado, classificando-o como construção relacional; isso porque é

possível a leitura “os parisienses são geralmente recatados”, isto é, “geralmente, têm o atributo do recato”.

Outro fato também interessante ocorrido nos Processos alvos da Modalização diz respeito a verbos com significado tradicionalmente Material apresentarem significado Relacional, como ocorre em:

(23) Tudo, sem esse intervalo, sairia **certamente** mais confuso e incompreensível.  
(PP – p. 09)

Nesse fragmento, a forma verbal “sairia”, que indica tradicionalmente um Processo Material do tipo intransitivo, pois costuma envolver apenas um Participante, apresenta-se, na oração como Processo Relacional, pois induz ao significado semelhante a “seria”, gerando uma relação de caracterização entre duas entidades (*tudo seria confuso e incompreensível*).

É possível entender, então, que os autores das autobiografias, ao impugnam a Modalização nos seus textos, escopam, consideravelmente, orações que representam seres e eventos relevantes para cada história, de forma a caracterizá-los e identificá-los; deixando nas autobiografias, como em todo bom texto narrativo, uma avaliação na descrição de personagens, locais, situações. Atribuição e Identificação são dois elementos constitutivos das passagens de descrição que se faz conforme a percepção do autor dessas narrativas; por isso, nas autobiografias aqui referidas, esses elementos foram tão frequentemente alvos de apreciação modal.

Os Processos Mentais, por sua vez, representam a experiência interna do falante, lembranças, reflexões, julgamentos, e apresentou a terceira posição de maior frequência no *corpus* analisado. A autobiografia, como gênero de narrativa pessoal, cujo traço significativo é a inserção do próprio escritor como personagem principal, mostrou-se um terreno consideravelmente fértil para a avaliação de Processos de natureza interna. É sabido que os Processos Mentais pressupõem dois Participantes, sendo um Participante humano ou com características humanas, que o permite pensar e sentir - o dito Experienciador - como já mencionado anteriormente; e um segundo Participante, que se relaciona ao que é pensado, sentido, percebido – o Fenômeno. Este pode ser representado também por orações. Para exemplificação desse Processo, vejamos o exemplo abaixo:

(24) **Sempre** gostei do apelido, e tinha um aspecto carinhoso que me tranquilizava.  
(GUB – p. 11)



(25) Sentia-me amparada e **sabia** que meu pai e minha mãe confiavam em mim.  
(MC – p. 33)

Percebemos, nesses trechos, que os Processos Mentais sublinhados “gostei” e “confiavam” diferenciam-se dos Processos analisados anteriormente. É perceptível que os Participantes estão envolvidos em atividades mentais. Com relação às autobiografias, a utilização desses tipos de verbos pode contribuir para que os autores possam representar diferentes experiências cognitivas e emocionais, servindo também para construir o fluxo de consciência do falante/escritor, como mencionaram Fuzer e Cabral (2014, p. 54).

O Processo Mental representado pela forma verbal “gostei” apresenta um Processo Mental de ordem emotiva por parte do autor, que é representado como Experienciador, em relação ao apelido (Fenômeno) que, segundo seu julgamento, evocava o carinho com que seu treinador lhe chamava. Os Processos Mentais normalmente possuem um Participante animado que pensa, deseja, percebe algo.

No segundo fragmento, identificamos um Processo Mental referente à cognição, que inclui o “confiar”. O verbo de significação plena “confiar” representa um aspecto cognitivo, que incide na conclusão que a autora chega em relação a uma experiência mental manifestada pelos pais.

A consciência, então, é fator proeminente na identificação dos Processos Mentais. Isso se torna coerente quando lembramos que o gênero avaliado aqui é a autobiografia. Lembra-nos o trabalho de Andrade (2011), que traz para nós a percepção de que o narrador, dentro da autobiografia, é representado por vários tipos de Processos, com considerável destaque para os Processos Mentais, pois representa a visão do autor sobre si mesmo (e sobre as situações que compõem a sua trajetória).

A pesquisa de Hoy e Rodrigues-Júnior (2019) também nos fez refletir sobre os Processos Mentais no gênero autobiografia. Os autores discutem sobre esses Processos na representação do dinamismo subjetivo da narradora, em Inês de Minha Alma. Concluíram, de fato, que os Processos Mentais foram recursos relevantes para a representação do dinamismo subjetivo do narrador dentro do texto. Esse texto investigado pelos estudiosos é de natureza autobiográfica, o que nos levou a relacionar a pesquisa por eles desenvolvida com nossos resultados.

Os Processos Existenciais, Verbais e Comportamentais escoparam com menor frequência a Modalização no *corpus* analisado. Os Processos Existenciais retratam a existência

de um Participante no mundo, e se encontram entre os Processos Materiais e os Relacionais. Já os Processos Verbais representam o que se diz, expressa uma atividade linguística, localizando-se no intermeio entre os Processos Relacionais e os Mentais. Os Processos Comportamentais, por sua vez, representam a manifestação fisiológica ou psicológica da experiência humana, e está na fronteira entre os Processos Materiais e os Mentais.

O fato de a Modalização pouco tomar como alvo esses Processos talvez possa ser explicado pelo fato de os autores minimamente se posicionaram em relação a ditos, a interações dialogais, a comportamentos humanos ou, ainda, à existência de situações ou seres, no que toca ao *corpus* em análise. No entanto, revendo os dados da pesquisa, percebemos que muitos Processos classificados como Materiais ou Mentais poderiam ser analisados como Comportamentais, a depender da análise. Isso porque alguns Processos Materiais, se forem vistos como *exteriorização psíquica* de um estado mental, poderiam ser classificados como Comportamentais. É o que ocorre com o Processo “ofender”, incidindo sobre um “fazer”, que diz respeito a “causar uma ofensa a alguém”, ao mesmo tempo que pode indicar um comportamento. Vejamos o excerto.

(26) Ainda hoje o meu agradecimento vai para o homem que **nunca** me ofendeu com a piedade. (PP – p. 08)

Se observarmos que uma ofensa é a exteriorização de um desejo de causar um mal a alguém, consideraríamos “ofender” como Processo Comportamental, resgatando sua fronteira também com o Processo Mental. Sendo assim, é possível considerar as três possibilidades. O mesmo fato ocorre em outras situações semelhantes, como nos exemplos abaixo. Vejamos.

(27) Outro por quem se apaixonou foi um coroinha francês, paciente do meu pai, Bernard, lindo e loiro, que **sempre** ajudava o mesmo padre na missa das dez numa outra igreja. (RL - p. 26)

(28) **Nunca** deu um só pedaço ao meu pai – ele recebia o que minha mãe lhe entregava. (MC – p. 29)

(29) Nos debates **sempre** se voltava a esses pontos, que brotavam das profundas ansiedades que existiam em todos. (CF – p. 17)

Em (27), a Modalização recai sobre o verbo “ajudar”, que se apresenta, originalmente como aquele que indica um “fazer” que parte de um Participante em direção a

outro, o que configura um Processo Material. Em uma outra leitura, é possível compreender também que a ação desse Processo incide em um comportamento humano, de caráter físico, no caso, que diz respeito à assistência que o coroinha, por quem a autora se apaixonou, oferecia ao padre, encaixando-se como Processo Comportamental.

Em (28), o Processo resultante do verbo de significação plena “dar” também pode ter uma leitura de ordem Material ou Comportamental. Nesse caso, identificamos como Processo, inicialmente, Material porque traduz a ideia de um Participante entregar ou ceder algo a outro para que o desfrute. No entanto, é possível perceber essa ação como um comportamento externo. No exemplo, é relatado o fato de o avô de Monja Coen não gostar do seu pai, e, na ocasião familiar em que compartilhavam pedaços de cana-de-açúcar, a todos os demais presentes era entregue o alimento, mas a ele não era. Comportamento percebido pela família e significativo para a autora, que veio a relatá-lo. Poderíamos afirmar, então, que esse Processo, dentro do contexto em análise, sugere um “fazer” como a exteriorização de um sentimento (ou ausência dele) do avô em relação ao pai da Monja Coen.

O caso (29) nos pareceu curioso. A Modalização age sobre o verbo “voltar”. O Processo, nesse caso, permite três leituras. A primeira leva-nos a analisá-lo como Processo Material, pois representa um “fazer” que promove uma mudança no fluxo de eventos, gerando o efeito de um Participante “retornar a determinados pontos”. A segunda possibilita-nos compreender, dentro do contexto dos debates mencionados, a ação de estabelecer a “volta” à conclusão do autor de “o marxismo ser a saída mais significativa no momento”. Essa ação, leva-nos à compreensão de que esse “voltar-se” repercute em uma ação física de “voltar” a atenção para uma dada questão, quebrando uma certa estabilidade na discussão. A terceira diz respeito ao efeito dialogal do Processo, levando-nos a entender que a Modalização atua sobre um Processo Verbal também, uma vez que o autor aponta que “se voltava sempre a esses pontos”, ou seja, “falava-se novamente disso”, já que o contexto mencionado é um debate.

Essa última leitura também é possível em outros casos comuns no *corpus* quanto à análise dos Processos que sofreram Modalização. São aqueles casos em que ora identificamos um Processo Material ora um Processo Verbal. Observemos os fragmentos abaixo.

(30) Quando ele nos levava a algum passeio, se eu queria tomar sorvete, por exemplo, eu **nunca pedia** diretamente. (MC – pág. 33)

(31) **Às vezes**, a gente fazia um ou outro comentário sobre as partidas do dia, mas, na maior parte da refeição, Rafa narrava os passeios com a namorada. (GUB – pág. 10)

No fragmento (30), evidenciamos a Modalização do tipo *usualidade* atuar sobre uma ação que prevê um Participante, em que se gera uma mudança no fluxo de eventos. O Processo oriundo de “pedir” indica a solicitação de um pedido. Implica, assim, na presença do que é pedido (escopo). Está implícito, mas recuperável no contexto (sorvete). Em uma outra percepção, a ação de “pedir” ocorre mediante a uma manifestação verbal, uma atividade linguística, o que incide em um Processo Verbal. Não diríamos, então, que seriam excludentes, mas que as duas percepções são pertinentes na leitura dos Processos alvos de Modalização. Isso nos informa que a Modalização, nas autobiografias, toma como escopo ações de ordens múltiplas, incidindo em fazeres que ora se confundem com comportamentos e ora se confundem com dizeres. Isso nos faz lembrar que alguns Processos (Comportamental, Verbal e Existencial) ficam na fronteira de outros Processos. O Comportamental está na fronteira entre o Processos Material e o Mental, por isso ele tem características desses dois Processos. O Processo Verbal fica, tipicamente, na fronteira entre o Mental e o Relacional; e, quando se afasta dessa fronteira, parece mesmo um Processo Material (mais físico) ou Comportamental (ainda com traço mental).

Abaixo apresentamos outros casos típicos de Processos Existenciais, Verbais e Comportamentais identificados nos dados.

(32) **Parecia** que não havia mais ninguém. (MC – pág. 27)

(33) Encerrei aí meu caso com Bopp e **nunca** mais falamos em tal. (PP – pág. 06)

O fragmento (32) retrata a Modalização escopando um Processo Existencial, que, devido à Polaridade negativa, diz respeito à *probabilidade* da não existência de alguém. Vale salientar que os Processos Existenciais representam a existência de uma entidade sem a necessidade de outra predicação. Dessa forma, o único Participante obrigatório é o Existente; este não possui significado experiencial. No parecer de Thompson (2014), o principal aspecto desse Processo é a renúncia do falante ao representar o Existente envolvido em qualquer tipo de ação. Com isso, as informações relacionadas ao Participante podem ser disponibilizadas por meio das Circunstâncias.

No exemplo (33), percebemos a expressão da Modalização “*nunca* mais” indicando uma baixa ou quase nula frequência sobre um Processo Verbal. Orações desse tipo de Processo têm como ponto central um “dizer” e auxiliam variados textos por sua característica de fala, inclusive textos narrativos. No entanto, no que se refere a receber a avaliação da Modalização, Processos desse tipo não foram frequentes, uma vez que o objetivo central da narrativa aqui estudada é apresentar fatos significativos ocorridos ao longo da vida de cada autor. Certamente, os Processos Verbais são constituintes da narrativa, mas, no que se refere a sofrer Modalização, não contamos com uma frequência representativa.

Dessa forma, ao constituir o gênero autobiografia, o autor opta por modalizar orações que comportam Processos da experiência humana, fazendo a Modalização recair, de forma proeminente: (i) em Processos Materiais, utilizados para representar “fazer” e “acontecer” do mundo exterior, em que, por vezes, esses “fazer” adquirem significados “Comportamentais” e “Verbais”, a depender do contexto; (ii) em “Processos Relacionais”, utilizados para representar seres no mundo, de modo a informar características, identidades e posses, e (iii) em Processos Mentais, utilizados para representar aspectos relacionados à experiência interna, afetos, reflexões, julgamentos.

Percebemos, assim, que os autores modalizam seus enunciados de forma a trocar informações, a fim de transparecer nos enunciados graus de *probabilidade* e de *usualidade* ao julgarem eventos, aspectos e relações referentes ao que consideram significativo para a constituição da sua trajetória de vida. Assim, o julgamento modal deixado pelos autores repercute, em sua maioria, em experiências do mundo material, relacional e mental. Dessa forma, o comprometimento epistêmico dos narradores se liga, em geral, a um papel semântico relacionado a um ator que causa mudanças no mundo físico, o que nos permite estabelecer uma interseção entre a Modalização e o aspecto narrativo das autobiografias.

Feitas as considerações sobre os Processos da experiência humana que receberam os efeitos da Modalização nas autobiografias analisadas, pareceu-nos instigante buscar entender, mesmo que não tenhamos formulado questões de pesquisa e hipóteses sobre possíveis condicionamentos entre as categorias de análise desta pesquisa, a possibilidade de conexão entre esses Processos e os subtipos de Modalização. Percebemos que poderia haver uma motivação significativa desses referidos efeitos em determinados Processos escopados. Vejamos a tabela abaixo.

Tabela 7: Interseção entre os Processos Experienciais e o tipo de Modalização

PROCESSOS EXPERIENCIAIS	TIPO DE MODALIZAÇÃO		Total
	Probabilidade	Usualidade	
Material	69 (21,97%)	85 (27,07%)	154 (49,04%)
Relacional	62 (19,75%)	24 (7,64%)	86 (27,39%)
Mental	32 (10,19%)	11 (3,50)	43 (13,69%)
Existencial	10 (3,18%)	3 (0,96%)	13 (4,14)
Verbal	3 (0,96%)	7 (2,23%)	10 (3,18%)
Comportamental	3 (0,96%)	5 (1,59%)	8 (2,55%)
<b>Total</b>	179 (57%)	135 (43%)	314 (100%)

Fonte: tabela organizada pela autora com bases nos dados obtidos do programa SPSS.

Com base na tabela exposta, percebemos que há uma relação significativa entre os Processos da experiência e os tipos de Modalização. A tabela nos informa que o tipo *usualidade* atuou com maior frequência em Processos Materiais; Processos esses de maior relevância no que tange à atuação da Modalização no *corpus* investigado. Esses Processos, que se relacionam ao mundo físico, mais concretos, são, mais frequentemente modalizados pelo tipo *usualidade*. Como sabemos, o tipo modal mencionado modaliza o discurso de forma a apresentar graus de frequência acerca de um dado evento narrado. Como os Processos Materiais são usados para indicar “fazer” e “acontecer” do mundo exterior, o tipo *usualidade* torna-se uma estratégia expressiva para pontuar com que frequência os fatos de maior relevância na vida dos autores ocorreram, assim como determinadas ações transcorreram, a fim de, por meio desse fator de recorrência (e vice-versa), seja assinalado também o grau de importância dos feitos na vida dos autores. Vejamos o seguinte exemplo:

(34) A gente **sempre** deu um passo de cada vez. Mas aquilo era um salto extraordinário, que já envolvia meu país inteiro. (GUB – p. 14)

No trecho acima, o advérbio de alta frequência “sempre” assinala a constância de vezes com que Guga e o treinador “deram um passo de cada vez”, deixando claro que seguiram firmes no propósito traçado por eles. Percebemos, então, que a *usualidade* atua sobre um processo de “fazer”, uma vez que agiam em prol de um resultado constantemente. Vale ressaltar, nesse caso, que adiante vem uma oração adversativa informar que o evento a ser narrado, em seguida, não seria somente um passo, mas um grande salto. No entanto, é

importante marcar que o efeito de alta frequência em “dar um passo de cada vez” foi um fator relevante na vida do autor.

A Modalização do tipo *probabilidade*, no Processo Material, também foi mais frequente do que nos outros Processos. Casos como esse já foram discutidos na análise de ocorrências semelhantes do *corpus*, por isso não nos deteremos aqui. O tipo *probabilidade* atuou consideravelmente também em Processos Relacionais, voltados para representar seres no mundo, no que se refere às suas características, identidades e posses. Os autores, então, instauraram suas avaliações com relação aos graus de certeza ao apresentar caracterizações de pessoas, ou situações, significativas no seu trajeto.

Percebemos também que Processos Relacionais, Mentais e Existenciais, de ordem mais abstrata, são, mais frequentemente modalizados pelo tipo *probabilidade*. Possivelmente, esse fato ocorre porque o efeito da *probabilidade* parte de um julgamento em que se deixam impressas as percepções do autor sobre os acontecimentos narrados; os efeitos da *usualidade* parecem mais tangíveis, pois, embora estejam no campo da avaliação modal, retratam a frequência com que esses acontecimentos se tornaram reais para o autor. Por isso, deduzimos que o efeito da *probabilidade*, aspecto relacionado à avaliação epistêmica, parece atuar na avaliação tanto de Processos do mundo físico como do mundo abstrato. Já os efeitos da *usualidade* parecem conectar-se mais aos Processos do mundo físico.

#### **6.1.6 Expressões instauradoras da Modalização nas autobiografias**

Os dois tipos de Modalização (*probabilidade e usualidade*) são manifestados por meio de formas léxico-gramaticais características para cada tipo de Modalidade. Mesmo assim, a língua e suas múltiplas possibilidades de escolha tornam conveniente tomarmos consciência das formas responsáveis por modalizar o texto autobiográfico a fim de discutirmos se há uma motivação para a escolha de determinadas formas em lugar de outras. Como hipótese para essa categoria, supomos que a Modalização, no gênero autobiografia, seria caracterizada por ancorar o posicionamento do autor, preferencialmente nessa ordem, por meio de *verbos modais*, *verbos de significação plena*, *substantivos*, *advérbios*. No entanto, essa hipótese não foi confirmada. Após categorizarmos e quantificarmos as expressões instauradoras da Modalização nos dados, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 8 - Expressões instauradoras da Modalização nas autobiografias

Formas de expressão	Frequência	Total percentual
<b>Advérbio</b>	127	40,4%
<b>Expressão adverbial</b>	58	18,5
<b>Verbo de significação plena</b>	52	16,6%
<b>Verbo auxiliar modal</b>	39	12,4%
<b>Substantivo</b>	14	4,5%
<b>Verbo em forma nominal</b>	9	2,9%
<b>Adjetivo</b>	6	12,4%
<b>Adjetivo em função predicativa</b>	5	1,6%
<b>Oração idiomatizada</b>	3	1,3%
<b>Construção modalizadora</b>	1	0,3%
<b>Total</b>	314	100%

Fonte: tabela organizada pela autora com bases nos dados obtidos do programa SPSS.

Sabendo da recorrência de uso do advérbio na modalização das autobiografias, daremos início às considerações por essa classe de palavras. Logo após, faremos algumas considerações sobre as formas de expressão mais recorrentes.

*a) Advérbios e expressões adverbiais*

Ao investigarmos o uso dos advérbios e das locuções adverbiais modalizadoras nas autobiografias, identificamos, por exemplo, as seguintes formas adverbiais para os graus de *probabilidade*: realmente, com certeza, certamente, na verdade, de fato, talvez, provavelmente, possivelmente, quem sabe. Analisemos os recortes abaixo para que compreendamos sua função enquanto escolha modalizadora por parte dos autores.

(35) Tudo, sem esse intervalo, sairia **certamente** mais confuso e incompreensível.  
(PP – p. 09)

(36) **Realmente**, eu já tinha feito 20 anos, mas parecia **com certeza** muito nova naquele dia. (PP – p. 10)

Em (35), a forma adverbial “certamente” deixa no enunciado o valor de certeza da impressão da autora sobre o que poderia ocorrer. Essa certeza é manifestada ao apresentar sua percepção referente ao intervalo que precisava ter sem escrever para diminuir as confusões e



incompreensões que lhe vinham à cabeça. Vemos que a autora também modaliza o enunciado por meio do tempo verbal “futuro do pretérito” do modo indicativo, presente na forma “sairia”, o que atenua o valor de certeza expresso. Apesar da possibilidade proveniente dessa forma verbal, a autora se compromete com a avaliação feita por meio da forma adverbial “certamente”. Esse fato se sobressai na construção da Modalização instaurada.

O interessante nas relações da Modalização e do comprometimento do falante com os graus de certeza sobre a verdade da proposição é que, muitas vezes, isso ocorre de forma sistemática. Assim, em muitas ocasiões, o modalizador não age sozinho, mas de forma articulada com outras formas que produzem efeitos de asseveração ou atenuação do valor modal instanciado por esse modalizador.

No fragmento (36), o significado de confirmação da certeza também é expresso pela autora, de forma a assegurar seu julgamento. O valor modal é construído pela locução adverbial que vem adiante “com certeza”. Em primeiro lugar, a autora utiliza o advérbio “realmente” para marcar a sua lembrança de que, de fato, ao tempo do ocorrido, “já tinha feito 20 anos”. Em segundo lugar, a asseveração instaurada adiante com a locução adverbial “com certeza” aponta uma situação não factual (parecia com certeza muito nova aquele dia) para o que é dito a seguir, uma vez que completa o significado de uma forma verbal de ordem cognitiva.

É importante observar, ainda em (36), que o advérbio de certeza “realmente” revela que a autora assegura seu compromisso de atribuir um carácter factual à informação apresentada e sua atitude revela a certeza sobre o que afirma, embora o restante da oração não contribua para isso. A seguir, baseada nas experiências vividas, a autora também expressa certeza, mas em relação a um conteúdo de carácter não factual, apresentado como sua percepção, introduzida pelo verbo de cognição “parecer”.

Com relação à forma de expressão “realmente”, Castilho (2000) caracteriza-a como um modalizador epistêmico asseverativo que expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo conteúdo é apresentado como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas; por tratar-se de uma necessidade epistêmica, manifesta, assim, no falante, alto grau de comprometimento com o conteúdo proposicional.

Como já vimos, os efeitos da Modalização, para o tipo *probabilidade*, se dão nos graus dispostos na escala “possível-provável-certo”. Antes de apresentarmos as expressões que representam os graus mais baixos da Modalização, esclarecemos alguns pontos sobre esses

referidos graus. O limite entre o “possível” e o “provável” se dá da seguinte forma: no campo do “possível”, estão os eventos que têm chance de acontecer, mas não são garantidos, não são admissíveis, então podem acontecer como algo raro; no campo do “provável”, os eventos têm grande chance de ocorrer. Sacconi (2005, p. 296), ao tratar do limite entre “possibilidade” e “probabilidade”, formula a seguinte frase: “Um terremoto de grandes proporções, no Brasil, é *possível* acontecer, mas não *provável*”.

Conscientes disso, apresentamos, a seguir, casos em que os graus mediano e baixo de *probabilidade* são manifestados no texto por meio de advérbios e locuções adverbiais.

(37) Meus pais acreditavam na escola da vida. A única que haviam cursado. **Talvez** por isso eu atingia os oito anos sem ter sentado em banco de sala de aula. (AGD – p. 140)

(38) Conseguiu, a custo, divisar ao longe, sombra ligeiramente mais escura do que as negras águas daquele mar imenso. **Provavelmente**, seria terra... Certamente uma ilha perdida em meio ao oceano. (AGD – p. 155)

(39) O jovem rondava a casa todas as noites, na esperança de ver a bela, dar-lhe um adeus de longe ou, **quem sabe**, ter a ventura de uma rápida conversa. (AGD – p. 68)

No recorte de número (37), percebemos o grau baixo de *probabilidade* produzido por meio do advérbio “talvez”. O grau baixo desse tipo de Modalização representa o campo da “possibilidade”. Então, o fato de a narradora não ter ido à escola até os oito anos é possível de ser justificado pelo fato de que “seus pais acreditavam na escola da vida”. A justificativa para ir tardiamente à escola, então, pode ter sido outra, não confirmada pela autora, e isso é marcado na oração, de forma a tornar “possível” que o porquê de iniciar a escola somente aos oito anos tenha sido a crença dos seus pais na escola da vida.

O mesmo efeito de sentido, apontado anteriormente, vemos na expressão modal de (38). No entanto, há algumas ponderações a fazer. O valor de “probabilidade”, manifesto pelo advérbio “provavelmente”, referindo-se à informação de “ser terra”, é utilizado devido ao “avistamento de uma sombra mais escura do que as negras águas”, mas não era possível ter-se alguma certeza sobre “ser terra”. Adiante, baseada nas experiências vividas, a autora aproxima

o julgamento emitido a uma certeza, retratando um efeito gradativo de percepções, ou seja, sendo terra em meio ao mar, *certamente* seria ali uma ilha perdida no oceano.

Esses dois tipos de advérbios mencionados acima, Tescari Neto (2008) assinala-os como atitudinais aspectuais, colocando-os na categoria dos modalizadores epistêmicos de factualidade indeterminada.

O fragmento (39), por sua vez, apresenta a expressão adverbial “quem sabe”. É manifestado um grau baixo de certeza de o evento ocorrer, isto é, o evento é avaliado como uma “possibilidade”. Há, não apenas pouca certeza, mas desejo, volição em relação ao conteúdo exposto adiante (“ter a ventura de uma rápida conversa”). Essa expressão apaga, em grande parte, a responsabilidade do autor com a certeza do que apresenta. O fato é narrado pela autora, mas se refere a um evento ocorrido com uma terceira pessoa. No entanto, é evidenciada sua percepção sobre o transcorrer da situação, indicando que percebia as expectativas que o jovem tinha de ter algum contato com a irmã.

As formas adverbiais, então, mostraram-se significativas na instauração da *probabilidade* modal. Ilari (1996) apresenta que é curioso afirmar até que ponto a presença do advérbio “certamente”, em especial, depende do contexto de demonstração/argumentação ou o reforça; seja como for, ele aparece na conclusão (não nas premissas), e responde por duas funções: 1) realçar a verdade da própria conclusão (reforço) e 2) dar a entender que seria incorreto endossar opiniões contrárias (dissuasão).

Assim, no que diz respeito ao tipo *probabilidade*, o advérbio constitui uma expressão modal de uso frequente nas autobiografias, de forma a indicar aspectos modais com destaque para a percepção de certeza do autor sobre a proposição, quando consideramos a leitura contextual para determinação da classificação do valor. Constatamos que os advérbios de certeza asseveram os enunciados e são usados também, de forma significativa, no tipo textual argumentativo. Dessa forma, os advérbios e as expressões adverbiais instauradores da Modalização, no que toca ao tipo *probabilidade*, têm presença proeminente nas autobiografias analisadas, sendo escolhas recorrentes feitas pelos autores na construção desse tipo de discurso.

Partindo, agora, para algumas considerações sobre os advérbios e expressões adverbiais como expressões do tipo *usualidade*, é mister retomar que, com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 316), a *usualidade* é uma avaliação modal referente à posição do falante em uma escala entre positivo e negativo (*sempre / nunca*), estando relacionada à categoria de

extensão, mas não podendo ser considerada igual a ela. Esta última diz respeito à extensão da repetição da ocorrência do processo, não estando necessariamente conectado à avaliação modal.

Nesse sentido, para indicar a atitude do autor por meio da Modalização, é possível também fazer uso das possibilidades dentro da escala de *usualidade*, como já mencionamos. Tal feito é avaliado com base na frequência com que uma experiência do autor é estabelecida, considerando aspectos relativos à atitude, ao tempo e ao espaço referenciados pelo autor. Os graus de *usualidade* são marcados, prioritariamente, por advérbios e expressões adverbiais, possibilitando que o autor reforce ou amenize seu comprometimento com o que enuncia ao apresentar sua percepção com base nas experiências vividas. Vejamos alguns fragmentos.

(40) **Sempre** me protegeria — disso estava certa — com sua força e sua bondade, contra todas as injustiças, contra qualquer diabo que quisesse se apoderar de minha sombra. (AGD – p. 24)

(41) Vovó usava **sempre** um avental sobre seus vestidos simples. (MC – p. 30)

Os dois excertos acima dizem respeito ao grau alto do valor de *usualidade*. No primeiro caso, por meio do advérbio “sempre”, a narradora marca a ideia de que “seu pai a protegeria sempre com força e bondade”; essa certeza advinha das múltiplas vezes em que se sentiu protegida pelo pai. O adjetivo “certa”, que vem a seguir, realça a certeza da continuidade dessa proteção, e deixa evidente sua aproximação com a certeza sobre a proteção do seu pai, que se estenderia numa constância de ações futuras. A forma verbal “protegeria” reforça a natureza modal do advérbio “sempre”, que projeta sua percepção até o campo da não factualidade.

Vale ressaltar que, mesmo com expressões que possam garantir a aproximação do grau de certeza ao polo positivo, tanto com base no aspecto da recorrência de ações como no aspecto do grau da certeza manifestado, o referido enunciado se relaciona a uma não factualidade, prevista no uso da forma verbal no futuro do pretérito “protegeria”, tempo verbal utilizado para assinalar ocorrências não concretizadas e incertas. Mesmo assim, a expectativa da autora, sua percepção, construída por meio da sequência de experiências habitualizadas, constroem a sua confiança e certeza em relação à constância das atitudes do pai.

No exemplo (41), o advérbio de alta frequência é utilizado para ancorar o hábito da avó da Monja Coen em usar um avental por cima do vestido simples, revelando não somente a constância na continuidade de determinadas ações de um personagem, mas a imagem que se fixou na memória da autora. Na narrativa autobiográfica, advérbios de frequência assinalam o aspecto habitual referente às experiências do autor a partir da sua percepção. O autor apresenta seu conhecimento dentro de uma escala de possibilidades, e utiliza os advérbios e expressões adverbiais para assessorar seus propósitos comunicativos na representação de relações experienciais.

Vejamos, agora, essas próximas ocorrências identificadas nas obras autobiográficas.

(42) Eu já havia frequentado reuniões do aa e do na, mas aquilo era um brainwash (lavagem cerebral). Quando um dependente se interna, **geralmente** há medicações químicas e naturebas (até mesmo placebos), diminuindo a dosagem à medida que o viciado vai se desintoxicando psicologicamente. (RL – p. 272)

(43) Chegávamos em casa exaustas, mas pelos seus cães mamãe enfrentava tudo, modificava até sua maneira de ser — **normalmente** cordial e cerimoniosa —, tornando-se **às vezes** dura e intransigente, como no caso ocorrido com dona Luiza, irmã de dona Josefina. (AGD – p. 53)

(44) Confesso que eu era meio loira gelada, e uma das **raras vezes** em que realmente joguei as tranças, e deu ruim, foi para um recém-chegado jornalista inglês da revista Rolling Stone, Mick Killingbeck, quando este foi fazer uma matéria com os Mutas lá na Cantareira. (RL – p. 119)

No caso (42), o advérbio “geralmente” manifesta média frequência da *usualidade*, que contempla o valor de “normalidade”. Diz respeito ao grau que se estabelece entre os valores externos de alta e baixa frequência. Nessas situações, apresenta-se a incidência de média constância do evento alvo da Modalização, o que permite compreender que a frequência do que é experienciado pelo autor não é o bastante para aproximá-lo do campo da certeza proposicional. Neste excerto, a informação apresentada é baseada no conhecimento de mundo da autora ao saber sobre o que é indicado, na maioria das vezes, para os dependentes químicos, fato que não ocorre na situação em específico. O advérbio modal “geralmente” marca, então, a expectativa que a autora tinha de determinado comportamento, e a quebra dessa expectativa

torna tal comportamento, em sua avaliação, não totalmente frequente, assumindo um grau menor de *usualidade*.

Os outros dois excertos são exemplos manifestantes da pouca frequência no que diz respeito à *usualidade*. No fragmento (43), percebemos que, ao avaliar a certa constância com que sua mãe era cordial e cerimoniosa (normalmente), a autora menciona os poucos momentos (às vezes) em que isso não se verificava: nos casos de defesa dos seus cães. Em (44), aponta-se, também, uma mínima frequência de situações (“raras vezes”) em que a autora julgou “estar interessada em alguém”, uma vez que menciona ter sido constantemente “loira gelada”, atribuindo a ela atitudes de pouco interesse em relacionamentos. Vale ressaltar que, em quase todas as construções com casos de *usualidade*, há marcações do tempo “pretérito imperfeito”, usado, em quase todos esses casos, para assinalar situações de ordem habitual ou frequentativa. Mesmo que não concebamos a rigidez da estrutura sintática oracional, considerando a língua enquanto sistema, vemos uma motivação constante entre os termos da oração que, combinados, cumprem a função estabelecida por quem enuncia.

Sendo assim, nos casos referidos por último, as expressões adverbiais são utilizadas para marcar situações esporádicas dentro de uma *usualidade* predisposta. Nesse sentido, percebemos, então, que os autores das autobiografias: (i) usam expressões de alta frequência para indicar o quão verdadeiro é algo ocorrido recorrentemente em sua vida; (ii) empregam expressões de média frequência ao apontarem eventos encaixados dentro de uma “normalidade” e (iii) empregam expressões de baixa frequência ao apresentarem a excepcionalidade de certos acontecimentos que ocorriam verdadeiramente, com relação a si ou a terceiros. Ao julgar o quão frequente algo é verdadeiro, os autores das autobiografias utilizam-se da *usualidade* modal.

#### *b) Verbos de significação plena*

Dentre os verbos plenos que foram identificados nas narrativas autobiográficas, percebemos uma saliência no uso de verbos de crença e cognição. Esse fato pode ter se dado devido a alguns fatores. Em primeiro lugar, observamos que, ao modalizar o enunciado de uma autobiografia, verbos desse tipo apresentam-se, muitas vezes, como encaixadores de uma oração completiva, com verbo finito ou não finito (nominalizada), de forma a introduzir o conteúdo do conhecimento na troca enunciativa. Podemos ver isso no exemplo a seguir.

(45) A questão é que eu não me **convencia** de que era bom o bastante para derrotar alguém muito mais capacitado que eu. (GUB – p. 09)

Entendemos, nesse excerto, que a expressão “(não me) convencia” manifesta Modalização ao indicar uma baixa certeza sobre o conteúdo proposicional. O autor apresenta pouco comprometimento interno com o conteúdo a seguir sobre seu desempenho. Percebemos que a oração completiva verbal “de que eu era bom o bastante”, complemento do verbo “convencer”, com interferência da Polaridade negativa (*não me convencia*), apresenta o conteúdo em relação ao qual o autor se distancia. Como a autobiografia é composta por experiências do autor, por suas percepções sobre as realidades que transcorreram em sua vida, é comum a exposição ou de conhecimentos individuais ou que ele julga serem compartilhados por pessoas de seu convívio. Introduce-se, assim, frequentemente, por meio de orações completivas, informações que assinalam conhecimentos e crenças que o autor apresenta no contexto da narrativa.

Em segundo lugar, verbos de cunho cognitivo e de crença modalizam o enunciado de forma subjetiva, indicando a percepção sobre as nuances de *probabilidade* com que uma situação é vista como verdadeira pelo próprio autor. Vejamos.

(46) Até hoje desconheço os motivos, apenas **sei** que somente um mês após o nascimento das meninas dispuseram os pais a fazer o registro das filhas. (AGD – p. 13)

No fragmento (46), percebemos que o verbo “saber”, ao ser manifestado na primeira pessoa, demonstra a subjetividade exposta sobre o conhecimento da autora, pouco fundamentado, acerca do registro feito tardiamente pelos pais. A autora demonstra, assim, uma posse da informação, embora não tenha embasamento para justificar sua crença, fato demonstrado na oração “até hoje desconheço os motivos” e por meio da expressão “apenas”. Ao fazer escolhas, a autora se compromete com o que é dito de forma explícita, fato que ocorre também com outros verbos semelhantes na autobiografia, como o verbo “pensar”, “parecer”, “entender” e “crer”.

Os verbos epistêmicos subjetivos, em muitas manifestações modais do *corpus*, são marcados gramaticalmente no enunciado pelo uso da primeira pessoa, de forma a apresentar atitudes e impressões dos autores em relação aos fatos da sua vida. No entanto, em outras situações, vemos expressões em terceira pessoa que, de igual forma, assinalam traços da

subjetividade do autor acerca da certeza do que é dito. É o que ocorre, por vezes, com o uso verbo “parecer”, por exemplo. Dessa forma, o autor deixa marcas da sua identidade ao apontar crenças e conhecimentos na apresentação de fatos vivenciados por ele e pelos que compuseram seu eixo familiar e social. Vejamos agora os fragmentos a seguir para uma breve ilustração.

(47) **Sabíamos** por experiência que as classes dominantes dispunham de meios para manipular e domesticar as massas. (CF – p. 15)

Nesse fragmento, a certeza sobre o enunciado está em evidência. Nessa situação, é apresentado um caso de primeira pessoa do plural, e ocorre o que Nuyts (2012) chama de intersubjetividade. Esse fato se dá quando a avaliação é partilhada entre o avaliador e um certo grupo de pessoas. São poucas as modalizações desse tipo no *corpus*, mas ocorrem e deixam na oração marcas de uma subjetividade “compartilhada”.

Observamos, ainda, que todas as ocorrências de Modalização no uso dos verbos de crença e cognição referem-se a uma avaliação de alta *probabilidade*, à certeza da proposição, exceto quando há expressões de Polaridade negativa que atuam sobre a Modalização. Cremos que isso implica na exposição de eventos de Processo Mental, podendo ser de ordem factual quando o complemento é introduzido pelo conector “que”; ou não-factual, quando introduzido por “se”, como menciona Travaglia (2016). Vejamos alguns dados que encontramos no *corpus*.

(48) **Sei** *que* chorei muito, que quase enlouqueci, e que estive doente. (PP – p. 10)

(49) Em Rio Claro também ficava a fábrica da Caracu, não **sei** *se* ainda continua lá. (RL - p. 31)

No trecho (48), o verbo “saber”, empregado em primeira pessoa, apresenta o conteúdo da oração completiva como um conteúdo factual, certo, segundo a percepção da autora ao narrar aquele momento desafiador. Em (49), a informação complementar do verbo “saber” não é apresentada como certa, motivada pela marca da Polaridade negativa do advérbio “não”, que atua sobre o verbo “saber” (“não sei”) e, principalmente, motivada pela conjunção “se”, que reforça a dúvida da autora sobre tal informação.



Dessa forma, percebemos que os verbos de significação plena usados como modalizadores no *corpus* estudado se mostram representativos na escrita do referido gênero, uma vez que (i) projetam um conteúdo do conhecimento com base nas experiências vividas; (ii) manifestam a subjetividade do autor e (iii) expõem eventos de ordem factual ou não-factual na perspectiva do que o autor sabe ou pensa saber. Verbos desse tipo caracterizam-se, assim, como recursos bastante comuns em autobiografias.

*c) Verbos auxiliares modais*

Na Gramática Sistêmico-Funcional, o sistema de MODO destaca-se como responsável pelo acionamento da função Interpessoal na oração. Esse comporta o Modo e o Resíduo, como já explicitamos acima. O primeiro é constituído de Sujeito e Finito, e o segundo é constituído de Predicador, Complemento e Adjuntos. Retomamos essa nomenclatura para lembrar que os verbos auxiliares modais operam como Finitos, uma vez que este é parte do grupo verbal que traz marcas do tempo, da opinião do autor e da Polaridade.

Os verbos auxiliares modais, por natureza, são formas bastante usadas quando o intuito do autor é modalizar seu texto, deixando marcas do seu posicionamento. A pluralidade de efeitos e sentidos que os auxiliares podem manifestar é, sem dúvida, ponto para muitas pesquisas. Assim, como podem ancorar outros tipos de Modalidade, cumpre lembrar que nos interessam, nesta pesquisa, os verbos auxiliares modais identificados como meios de expressão da Modalização, nos termos da GSF. No *corpus* constituído para a análise, os verbos “dever” e “poder” foram identificados em 38 ocorrências. Segue uma tabela com a distribuição desses dois verbos nos dados.

Tabela 9 - Verbos auxiliares modais nas autobiografias

MODALIZADORES	FREQUÊNCIA	TOTAL PERCENTUAL
---------------	------------	---------------------

<b>Poder</b>	32	84,2%
<b>Dever</b>	6	15,8%
<b>Total</b>	38	100%

Fonte: tabela elaborada pela autora com base nos dados obtidos do SPSS.

A tabela mostra que o verbo auxiliar modal “poder” mostrou-se mais recorrente no *corpus*, com 32 ocorrências, frente a 6 ocorrências do verbo “dever”. Ressaltamos que o modal “dever” expressa grau alto de *probabilidade* (valor de certeza), como descrito na GSF (p. 695), e o modal “poder” manifesta o grau baixo de *probabilidade* (o valor de possibilidade). Sabendo disso, vejamos os fragmentos de usos do modal “poder” identificados nos textos analisados.

(50) Fiquei doidinha! Meu Deus do céu, *só* **pode** ser a alma da velha, pensei. Agarrei Luiz. (AGD - p. 74)

(51) Tinha plena consciência de todas as consequências que eu **poderia** ser obrigada a enfrentar. (PP – p. 03)

(52) Isso **podia** ser verdade, mas não nos era dado comprovar. (CF – p. 18)

No recorte (50), percebemos que a autora busca gerar uma expectativa sobre a possibilidade do que seria a imagem avistada (“*só* **pode** ser a alma da velha”). A partícula asseverativa “*só*”, que indica a exclusão de outras possibilidades elucidativas diferentes da apresentada na informação, afasta o valor epistêmico da não-certeza. Assim, apesar do contexto de irrealidade, a Modalização se faz no grau de *probabilidade* média, de relativa certeza do que se comunica, embora haja contradições nos fragmentos posteriores. A questão envolta do auxiliar “poder” é que a possibilidade de se concretizar o julgamento do falante pode ser real, mas essa chance é rara.

Em (51), o conteúdo vem duplamente modalizado, tanto pela escolha do auxiliar “poder” como pelo tempo “futuro do pretérito” da forma verbal “*poderia*”. A autora apresenta seu pouco comprometimento com o que enuncia, manifestando o caráter de possibilidade de determinadas expectativas com base nas suas experiências vividas, demonstrando incerteza, mas ciência da possibilidade.

Já em (52), o autor apresenta a possibilidade de determinado fato “ser verdade”, mas baixo comprometimento com a veracidade da informação, confirmada na oração seguinte. Afirma-se uma possibilidade, e essa é contrariada logo em seguida, estabelecendo uma impossibilidade de certeza, visto não “ser possível comprovar”.

No trabalho de Martins e Oliveira (2015), o verbo “poder” pode figurar em enunciações em que o autor expõe um posicionamento acerca da realidade, um posicionamento acerca de si mesmo ou, ainda, projeta uma possibilidade a partir de uma atitude de descomprometimento com o que diz. Nesse eixo do posicionamento descomprometido, evidenciamos que o verbo auxiliar modal “poder” apresentou ocorrências nas autobiografias de forma a marcar: (i) variações de posicionamentos do autor sobre determinadas histórias narradas; (ii) variações de posicionamentos do autor sobre si mesmo e (iii) graus de julgamentos

do autor sobre a possibilidade de certo feito externo a ele ser verdade. Percebemos, então, que a construção “poder + infinitivo” estabelece múltiplas relações semânticas na proposição, com especial destaque para o valor de “possibilidade”, podendo variar o valor do grau de Modalização a partir dos efeitos das demais expressões presentes na oração, de forma a aproximar ou afastar o valor epistêmico de certeza das construções dos autores das autobiografias.

No que concerne ao verbo auxiliar modal “dever”, verificamos que esse assinala o grau alto de *probabilidade* modal, que se dá no terreno da “certeza” sobre o que é afirmado, como está explicitado em Halliday e Matthiessen (2014, p. 695). Esses casos ocorrem, em sua maioria, na Modalização manifestada no presente do indicativo ou pretérito imperfeito (que funciona também como um presente no passado narrado). Percebemos, no entanto, que, em construções com o tempo futuro do pretérito, que assinala maior imprecisão sobre o que é dito, ou na ocorrência de advérbios de “probabilidade”, o valor recai no eixo do “provável”, que caracteriza o grau mediano de “probabilidade”. O uso do modal “dever” pelos autores das autobiografias é feito normalmente em um sentido que se aproxima da certeza, pois parte de uma percepção subjetiva, muitas vezes, não justificada nos arredores da oração. Vejamos as seguintes ocorrências:

(53) Mamã **devia andar** *mesmo* muito preocupada comigo, pois tornara-se liberal, soltando-me um pouco as rédeas. (AGD – p. 199)

(54) Não posso fazer um cálculo exato de sua idade, mas, *certamente*, ela **devia beirar** os trinta anos — considerada já por todos uma solteirona, sem perspectivas de amor ou casamento. (AGD – p. 142)

(55) Provavelmente, comentavam, a criança havia sido enterrada viva. **Devia ter** sido acometida de um ataque de catalepsia. (AGD – p.42)

No primeiro caso, percebemos o traço comum do valor modal de “dever”, que é o de “certeza”, visto que se aproxima mais do polo positivo do “sim”. A autora se posiciona apresentando uma justificativa para o provável estado de preocupação da sua mãe, no caso, motivado pelo fato de ela “haver-lhe soltado as rédeas”. Vale ressaltar que o advérbio “mesmo” intensifica o valor modal, impulsionando-o ainda mais para o valor de certeza. Nesse exemplo,

verificamos que a oração adiante é de caráter explicativo, e assinala a provável causa de a mãe estar preocupada com a narradora.

Em (54), o valor modal expresso pela construção epistêmica com o modalizador “dever” é reforçada pelo advérbio “certamente”, o que permite uma *aproximação* até o grau alto do tipo *probabilidade*, o valor de certeza. O comprometimento modal se estabelece, embora seja antecedido pelo comentário “Não posso fazer um cálculo exato de sua idade”, com que o autor apresenta a impossibilidade de comprovação de sua conjectura.

Esse fato não ocorre em (55), uma vez que o valor do verbo modal é atenuado pelo advérbio “provavelmente”, o que o aproxima do grau médio, estabelecendo uma sequência de probabilidades. Primeiro, que seria provável a menina ter sido enterrada viva e, depois, que seria provável que ela tivesse tido um ataque de catalepsia, por isso havia sido enterrada ainda com vida.

Esses dois auxiliares modais, “poder” e “dever”, fazem parte da construção de autobiografias, uma vez que essas constituem textos em que o autor expressa uma incerteza sobre os fatos que apresenta, porque não teve acesso, de todos os ângulos, aos fatos de sua experiência. E isso pode funcionar como recurso que caracteriza a autobiografia como uma narrativa de natureza pessoal, produzida segundo a perspectiva do autor-narrador-personagem; de forma a possibilitar, por vezes, o seu descomprometimento, ao mesmo tempo em que o autor não deixa de apresentar os fatos de que julga ter algum conhecimento a respeito.

Percebemos que a maioria dos casos assinala uma avaliação sobre a *probabilidade* baixa e alta da certeza de uma informação, em que é responsabilidade exclusiva do avaliador apresentar esse julgamento, podendo ocorrer alterações de sentido a depender dos demais elementos presentes na oração. Finalmente, as autobiografias mostraram-se terrenos férteis para o modal epistêmico “poder”, não sendo comum o uso do verbo modal “dever”, fato esse motivado também pela orientação objetiva com que os autores modalizam seus textos.

#### *d) Adjetivos em função predicativa*

Como vimos acima, não identificamos muitas construções com adjetivos em função predicativa nas autobiografias. Isso nos leva a não inserir essa categoria nos possíveis grupos de expressões que caracterizam, tipicamente, a Modalização nesse gênero. Vejamos essas ocorrências que encontramos.

(56) Acompanhá-vamos os seriados durante meses a fio, um pedacinho por semana, parando sempre na hora do maior suspense, **é claro**. (AGD - p. 15).

(57) **É possível** que fossem chapéus fora de moda, refugos, entrando no bolo da liquidação para desocupar espaço. (AGD – p. 83)

No primeiro recorte, há a expressão “é claro”. Essa expressão apresenta um valor de certeza e de expectativa cumprida sobre a informação proferida, no caso, o fato de pararem de assistir no momento de suspense dos seriados. Vemos, assim, o comprometimento da narradora diante do que é exposto. Já em (57), a construção “é possível” projeta como uma possibilidade o conteúdo da oração subordinada “que fossem chapéus fora de moda...”. Nos dois casos, há traços de objetividade, no entanto, embora no excerto (56) haja a marcação da primeira pessoa do discurso, que configura uma marca de subjetividade na oração, o fato de que o evento tenha sido compartilhado entre a autora e demais pessoas, razão porque ela utiliza o verbo na primeira pessoa do plural na oração seguinte (“acompanhá-vamos”), indica que essa era uma informação não apenas pertencente a ela ou ao seu grupo familiar, mas uma informação relativa a ambos, o que, de certa forma, torna a construção objetiva.

Embora esses casos não sejam comuns no gênero autobiografia, é possível que o autor se utilize de estruturas desse tipo ao querer afastar-se do compromisso com a informação. Como vimos, construções com adjetivos são modelos de Modalização objetiva, manifestada de forma implícita e com variável valor na escala de *probabilidade*.

Não pontuamos os outros casos de expressões modais por terem apresentado baixa frequência de ocorrência na constituição autobiográfica.

Concluimos, então, que as formas de expressão da Modalização com maior incidência foram as formas adverbiais e verbais. Na autobiografia, o autor/narrador, de identidade semelhante, ao relatar experiências da sua vida, incluindo questões de ordem pessoal, particular e social, assume (i) *total compromisso* com a verdade relacionada aos fatos vivenciados na sua vida particular, e assume (ii) *parcial compromisso* com a verdade de informações referentes a outros, normalmente, a eventos relacionados a pessoas que não pertencem ao seu núcleo mais íntimo. Neste último caso, a narração é feita com base na percepção do autor, mas sem que ele assumisse total conhecimento sobre a veracidade do que comunica.

Sendo assim, sabendo que a autobiografia busca apresentar a história de vida de uma pessoa, e a Modalização busca deixar no enunciado graus de manifestação da certeza e da

frequência do que determinada pessoa apresenta, consideramos que a Modalização na autobiografia apresenta marcas de posicionamentos do autor nos enunciados, que resultam no aumento ou na diminuição da certeza relativa a acontecimentos significativos na vida do autor.

Embora não haja questões de pesquisa e hipóteses sobre possíveis subordinações entre as categorias de análise desta pesquisa, buscamos entender melhor a relação entre as expressões instauradoras da Modalização e os dois tipos modais tratados aqui, *probabilidade* e *usualidade*. Então, cruzamos os resultados das duas categorias, e obtivemos os seguintes resultados.

Tabela 10 - Expressões e tipos da Modalização

EXPRESSÕES INSTAURADORAS DA MODALIZAÇÃO	TIPO DE MODALIZAÇÃO		TOTAL
	Probabilidade	Usualidade	
Verbo modal	<u>39</u>	0	39
Adjetivo	6	0	6
Adjetivo em função predicativa	5	0	5
Advérbio	<u>39</u>	<u>88</u>	127
Construção modalizadora	1	0	1
Expressão adverbial	12	<u>46</u>	58
Oração idiomatizada	3	0	3
Substantivo	14	0	14
Verbo de significação plena	<u>51</u>	1	52
Verbo em forma nominal	9	0	9
<b>Total</b>	179	135	314

Fonte: tabela elaborado pela autora com base nos dados obtidos do SPSS.

Os resultados apresentados acima, provenientes do cruzamento realizado no programa SPSS, foram significativos no que diz respeito ao teste qui-quadrado. Isso nos leva a algumas conclusões. Primeiro, entendemos que as expressões que mais manifestaram o tipo *probabilidade* foram os verbos de significação plena, os advérbios e os verbos modais. Como vimos acima, verbos indicativos de aspectos cognitivos, tais como “saber”, “perceber”, “achar” etc foram escolhas frequentes para expressar o grau alto de certeza relativos às proposições, e o grau baixo, quando polarizado negativamente. Advérbios do tipo “certamente”,

“provavelmente” e “talvez”, por exemplo, foram outras opções de modalizar as proposições a fim de assinalar avaliações do campo epistêmico. Os verbos modais, principalmente o “poder”, como vimos acima, também foram usados. O cruzamento nos mostrou que a *probabilidade*, nas autobiografias analisadas, é manifestada, predominantemente, por verbos (plenos e modais) e por advérbios.

Em segundo lugar, percebemos que as expressões que mais instauraram o tipo *usualidade* foram os advérbios e as expressões adverbiais; expressões essas usadas para apontar circunstâncias ao verbo. Nesse caso, foram usadas para expressar a frequência das ações narradas, e, com isso, sinalizaram o que foi muito ou pouco representativo na vida dos autores.

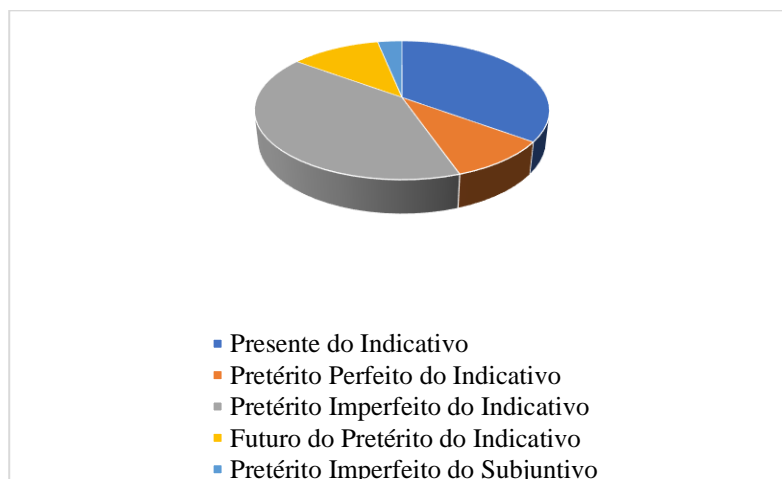
Finalmente, os resultados acima confirmam que a Modalização atua, no que diz respeito ao *corpus* analisado, com mais recorrência, por meio de determinadas expressões, que são advérbios, expressões adverbiais, verbos de significação plena e verbos modais.

### **6.1.7 Tempo e modo verbais em associação às marcas de Modalização**

Ao analisarmos as formas de expressão usadas na Modalização em autobiografias, identificamos, nos verbos de crença e cognição e nos verbos auxiliares modais, marca temporal significativa. O tempo/modo verbal pode ser um aspecto relevante na Modalização, por isso pensamos que o autor, ao modalizar seu texto no tratamento da sua história de vida, pode optar por determinados tempos verbais em lugar de outros, de forma conivente com sua intenção comunicativa.

Por esse motivo, analisamos as formas verbais usadas como recursos de Modalização, categorizando-as conforme os tempos previstos nas gramáticas da língua portuguesa, correspondentes aos modos Indicativo e Subjuntivo, de uso comum. Apresentamos anteriormente a hipótese de que se sobressairia o tempo Pretérito Perfeito do modo Indicativo, em função do caráter narrativo do gênero. No entanto, identificamos a seguinte frequência no *corpus*: (i) Pretérito Imperfeito do Indicativo (38 ocorrências); (ii) Presente do Indicativo (33 ocorrências); (iii) Futuro do Pretérito do Indicativo (11 ocorrências); Pretérito Perfeito do Indicativo (9 ocorrências) e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (3 ocorrências). Esses dados estão distribuídos no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Tempo e modo das expressões verbais da Modalização nas autobiografias



Fonte: gráfico elaborado pela autora com base nos dados obtidos do SPSS.

Entendemos que o Pretérito Imperfeito e o Presente do Indicativo se manifestam, mais frequentemente, nas expressões verbais do *corpus*, no que toca à Modalização, por indicarem ou expressarem um julgamento a respeito de fatos e ações corriqueiras que acontecem ou aconteceram habitualmente na vida dos autores. Com relação ao Pretérito Imperfeito do Indicativo, Travaglia (2016, p. 21) aponta que esse tempo pode exprimir um processo passado com duração no tempo, podendo também ser usado para expressar irrealidade.

Vale comentar, também, que as formas da Modalização, nos tempos verbais mencionados, ocorrem, muitas vezes, em estruturas em que a perspectiva de rememoração do evento é simultânea à própria narração do evento. Observemos os fragmentos dispostos abaixo.

(58) Um vento gelado e um cachecol escocês voando. "Não diga nada. Vamos voltar para a cidade". **Parece** que foram essas as palavras. (PP – p. 04)

(59) **Sabia** que Oswald não me amava. (PP – p. 08)

No caso (58), o uso da forma verbal no tempo Presente do Indicativo mostra o julgamento do autor no tempo concomitante à construção da autobiografia sobre as prováveis palavras que teriam sido ditas. A Modalização opera a partir de uma perspectiva simultânea ao momento de escrita. Em (59), o tempo Pretérito Imperfeito do Indicativo assinala uma percepção da autora/personagem no tempo do evento narrado, quando ela tinha “certeza” de que Oswald não a amava. Nesses casos de uso de verbos encaixadores (que fazem projeção)



em que o autor se reporta a uma situação, afirmando que ele ou alguém tinha uma informação ou crença, surgiu uma dificuldade de análise. Esses verbos podem ser considerados, para alguns estudiosos, meramente descritivos de uma situação, de maneira a informar o que ele e os personagens sabiam, em que acreditavam, ou podem ser considerados de funcionalidade modalizadora, pois resultam de uma avaliação do autor sobre o que ele e esses personagens sabiam ou em que acreditavam. Esta última foi a interpretação assumida na pesquisa.

Parece-nos que a escolha pelo tempo Presente ocorre quando o objetivo do autor é deixar marcas de sua percepção sobre o que é dito no momento paralelo à escrita, ou seja, longe dos fatos narrados, e a escolha do tempo Pretérito Imperfeito se dá quando o autor apresenta sua avaliação dentro daquela situação contada. Travaglia (2016, p. 21) menciona o aspecto cursivo desse tempo verbal, que é identificado ao expressarmos o que se estava processando no passado, quando sobreveio outra ação ou fato. Vale ressaltar que o tempo Presente do Indicativo é não marcado, podendo assinalar aspectos do Presente, do Passado e do Futuro. Já o Presente do Subjuntivo, tradicionalmente, se associa mais à Modalização. No entanto, como a autobiografia foca nos eventos ocorridos no passado do autor até o presente momento, não tivemos significativas marcas do modo Subjuntivo, principalmente com relação ao Presente e ao Futuro, pois o objetivo é apresentar os fatos que compõem a experiência de quem escreve.

A certeza sobre o que é apresentado torna-se mais mitigada quando o autor opta pela utilização do tempo futuro do pretérito no que toca aos verbos auxiliares modais; isso porque esses verbos expressam o caráter *irrealis*, ponto característico do tempo futuro. Sendo assim, um verbo modal com marca de futuro do pretérito constituiria um “pleonasma” da modalidade. Vejamos o excerto abaixo.

(60) Só da dissolução **poderia** surgir a verdadeira personalidade. (PP – p. 03)

O verbo modal “poderia” apresenta, como uma possibilidade, “surgir a verdadeira personalidade”, empregada no Futuro do Pretérito. Esse tempo assevera a incerteza sobre a proposição, deixando mais destacada ainda a baixa probabilidade de o evento ocorrer. Vale ressaltar que “só da dissolução” é apresentada como uma condição (única) para que essa possibilidade talvez se confirme.

A Modalização, portanto, quando manifestada por meio de verbos e auxiliares, apresenta recorrência significativa do Pretérito Imperfeito e do Presente do Indicativo. Esses dois tempos estão relacionados, uma vez que o Pretérito Imperfeito pode aludir, de forma geral, a um “presente no passado”, sinalizando um costume, um hábito ou a duração da ação mencionada. É possível supor, também, que esse tempo afasta o autor do seu comprometimento com a verdade enunciada, enquanto o tempo Presente assevera a sua responsabilidade acerca da certeza ou da não-certeza da proposição. Concluimos, então, que esses dois tempos são aspectos consistentes dos verbos modalizadores epistêmicos, usados para a construção do discurso autobiográfico, e formam boas escolhas quando o objetivo é a expressão da perspectiva dos autores ao apresentarem suas histórias de vida.

### **6.1.8 Tipologia textual e Modalização**

Nesta subseção, apresentamos nossa avaliação quanto à tipologia textual dos fragmentos em que foram identificadas as expressões de Modalização. Lembramos que tipo textual, de acordo com Marcuschi (2007), se refere à construção teórica definida pela natureza linguística de sua comunicação. Consiste em diferentes possibilidades de escolhas linguísticas de um texto, sendo elas de ordem lexical, sintática, morfológica. Travaglia (2018) aponta que tipologia textual é caracterizada pela instauração de determinado modo de interação, segundo perspectivas que podem variar, constituindo critérios para o seu estabelecimento. Sabendo disso, os tipos textuais aqui analisados são dados pela perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer, do conhecer/saber e de sua inserção ou não no tempo e/ou no espaço.

Pelos próprios aspectos do gênero autobiografia, era esperado, e colocamos como hipótese, que os trechos modalizados fossem, em sua maioria, fragmentos textuais da tipologia Narrativa. Sim, estatisticamente, isso ocorreu. Do total de ocorrências, 294 são do tipo Narrativo; seguido pela tipologia Descritiva, com 11 casos e, por último, pela tipologia Argumentativa, com 9 casos. A tabela a seguir apresenta a frequência das tipologias identificadas nos dados.

Tabela 11 - Tipologia textual e Modalização nas autobiografias

<b>Tipologia textual</b>	<b>Frequência</b>	<b>Total percentual</b>
<b>Narrativa</b>	294	93,6%
<b>Descritiva</b>	11	3,5%
<b>Argumentativa</b>	9	2,9%

<b>Total</b>		314	100%
--------------	--	-----	------

Fonte: tabela organizada pela autora com base nos dados obtidos no SPSS.

Fazemos as seguintes considerações referentes à relação entre a manifestação da Modalização e as tipologias textuais constituintes das autobiografias: (i) a Modalização constitui escolhas de posicionamento dos autores ao apresentar como sucederam acontecimentos da sua vida; (ii) adjuntos adverbiais modais como “certamente” mostraram-se frequentes opções para os autores construírem trechos de cunho argumentativo e (iii) na descrição de fatos e pessoas, os autores parecem optar por advérbios de frequência como “sempre” e “geralmente”, respectivamente, de graus alto e mediano de *usualidade*. Observemos os excertos abaixo para fins de ilustração.

(61) Terminei em pranto comovido, sem **saber** por que chorava. (MC – p. 24)

(62) Porque Maria Negra e não Maria da Conceição, se seu nome era este? Não foi **certamente** por racismo que lhe deram o apelido, isso não! (AGD – p. 12)

(63) Revólver **sempre** à mão, dedo no gatilho, não errava o alvo, boa pontaria. Admirava Maciste, quase o temia ("Maciste, o Poderoso"), o homem mais forte do mundo... (AGD - p. 16)

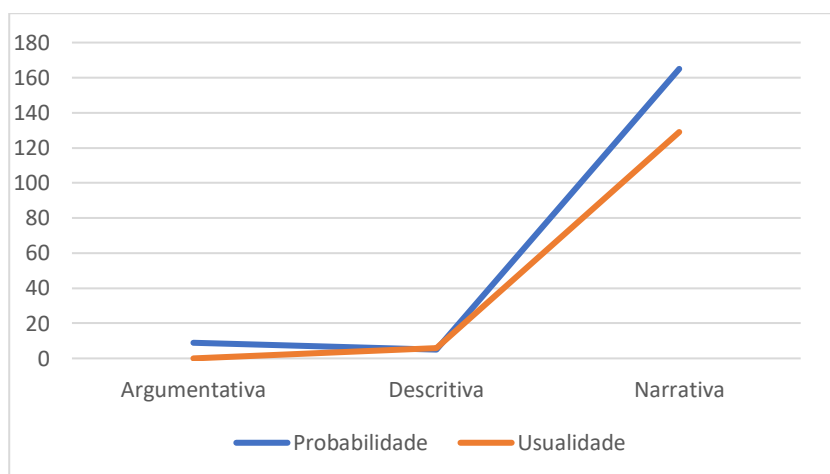
Em (61), percebemos que a autora narra uma situação vivenciada ao iniciar o caminho de prática da meditação. Os fatos são apresentados, marcando o não conhecimento da autora sobre os motivos que a levaram ao choro diante de determinada situação. Situações desse tipo (percepção relativa ao desconhecimento sobre fatos narrados) constituem escolhas significativas realizadas pelos autores das autobiografias.

No trecho (62), o advérbio “certamente” manifesta uma força argumentativa, reforçada adiante pela expressão “Isso não!”, apresentando, em seguida, as razões da autora em defesa de sua família, alegando que não cometeram racismo ao chamar a moça de Maria Negra. É importante observar que a tipologia argumentativa se fundamenta na perspectiva do autor do texto considerando a imagem que ele faz do leitor como alguém que concorda ou não com o que ele diz; por isso esses traços argumentativos mostram-se dentro da narrativa em momentos polêmicos em que o autor especula sobre as razões para os fatos narrados e se posiciona em seguida. São momentos em que, possivelmente, o leitor teria críticas a determinadas ações que representassem possível prejuízo a algum direito humano ou a alguma tradição social, por exemplo.

Já no fragmento (63), temos um trecho descritivo exibindo traços de comportamento do pai de Rita Lee. A forma adverbial “sempre” assinala a alta frequência com que o pai aparecia com determinados aspectos que lhe causavam admiração. O uso de advérbios de frequência para assinalar a Modalização da descrição de fatos, eventos ou pessoas mostrou-se recorrente nas escolhas constitutivas de descrições dos textos autobiográficos.

O fato de algumas expressões aparecerem com maior frequência em determinadas tipologias nos levaram a refletir sobre a interferência do fator tipologia e outras categorias. Fazendo a interrelação entre algumas, percebemos que a tipologia textual pode ser fator de motivação para o uso de expressões que indiquem *probabilidade* ou *usualidade* modal. Vejamos o gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Tipologia textual e tipo de Modalização



Fonte: gráfico organizado pela autora com base nos dados obtidos no SPSS.

O gráfico acima nos informa que os tipos de Modalização se mostram projetados com maior frequência em trechos característicos da tipologia Narrativa. Percebemos que, embora o gênero autobiografia abrigue mais a tipologia textual Narrativa, outras tipologias, mesmo com pouca representatividade, abrigaram expressões de natureza modal. O gráfico nos mostra que na tipologia textual Narrativa, o uso maior foi de expressões de ordem epistêmica (165 ocorrências). O mesmo ocorre na tipologia Argumentativa. Nesse tipo textual, no entanto, não evidenciamos marcas de *usualidade*, talvez pelo fato de que esse tipo de Modalização é mais característico na narração e descrição dos fatos, em que a frequência (ou não frequência dos acontecimentos) pode ser indicativo do que é relevante ou não para o autor de autobiografias. A tipologia Argumentativa, por sua vez, como objetiva a defesa de ideias,

posturas, almejando o convencimento do leitor, não parece ser conivente com o uso de expressões modais relacionadas à frequência, mas, sim, a crenças, conhecimentos etc.

Assim, como apresentamos acima, embora alguns advérbios modais tenham composto as tipologias secundárias, como a Argumentativa, a representatividade maior foi, de fato, nos trechos de caráter narrativo, principalmente advérbios que expressão valores referentes ao tipo *probabilidade*. Isso nos leva a entender que as narrativas não intencionam somente a contação de um enredo e seus aspectos, mas nelas os autores também podem tomar posições, mostrar opiniões e deixar traços atitudinais por meio de expressões modais; isso nos credita ao que colocamos no início deste trabalho, como defendeu Neves (2006): que todo ato de enunciar implica modalizar.

Concluímos, dessa forma, que a Modalização é um recurso característico na constituição de autobiografias no que toca ao aspecto narrativo do texto; no entanto, outros tipos de texto constituintes do gênero, como o tipo Argumentativo e o Descritivo, também apresentam traços da Modalização. Percebemos, assim, que determinadas expressões modais parecem ser motivadas previamente pela escolha tipológica textual, visto que são recursos disponíveis na gramática da língua para o autor efetivar seus objetivos discursivos, como ocorreu com o uso de formas adverbiais de certeza modal nos fragmentos argumentativos, por exemplo, ou com o uso de formas adverbiais de frequência para assinalar descrições de recorrências.

## 6.2 Casos inusitados de Modalização

Um caso inusitado que surgiu no decorrer da nossa análise foi o aparecimento de expressões de ordem epistêmica, mas não convencionais, como a expressão “se não me engano”. Os autores pareceram usar expressões desse porte quando não têm certeza dos conteúdos que apresentam, como no caso abaixo, em que a autora não possui certeza sobre o fato de o prédio Martinelli ser o arranha-céu pioneiro de São Paulo, e também do Brasil, como apresentado adiante.

(64) Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o "Prédio Martinelli" — arranha-céu pioneiro de São Paulo, **se não me engano** do Brasil — fora ainda construído. (AGD – p. 14)

A autora tem conhecimento sobre o que apresenta, mas se distancia da certeza de uma informação em particular, deixando no enunciado o efeito de sentido de “ser provável” que o Martinelli seja também o prédio pioneiro do Brasil. Casos como esses nos fazem pensar sobre a flexibilidade da língua e sobre as múltiplas possibilidades léxico-gramaticais que temos ao nosso alcance para construir percepções sobre a *probabilidade* e sobre a *frequência* de uma dada situação. Outras expressões como “não havia dúvida” e “não há dúvida”, por exemplo, também foram opções dos autores ao construírem a narrativa de sua trajetória e ao se posicionarem sobre ela enquanto a apresentavam.

É importante ressaltar que expressões como essas são usadas nas autobiografias também em virtude da certa informalidade do gênero. Por ser de natureza individual e possibilitar a construção em primeira pessoa, expressões idiomáticas coloquiais são opções possíveis aos autores para modalizarem seu texto; o mesmo não ocorreria, com frequência, em textos de âmbito mais formal, como editoriais. Dessa forma, é possível afirmar que expressões idiomáticas são possibilidades consistentes na construção autobiográfica.

Outra expressão interessante que compõe o *corpus* é a expressão “quem sabe”, no indicativo de possibilidade modal. Embora tenhamos analisado como expressão adverbial, esta forma é alvo de muitas discussões, uma vez que se encontra em processo de gramaticalização, visto ser a união de uma forma pronominal e uma verbal, que pode indicar habilidade física e mental, volição e, ainda, a possibilidade epistêmica, aqui tratada. Nesse ínterim, Nogueira (2010), ao analisar a gramaticalização da expressão “quem sabe”, considera que os diferentes usos dessa expressão parecem configurar o percurso de uma construção ainda composicional em que se expressam condições internas de habilidade do agente, associadas ao mundo socio-físico, para um uso epistêmico, indicativo de possibilidade no terreno das especulações do discurso.

Sendo ela também uma expressão idiomatizada utilizada pela informalidade do gênero, aparece em alguns enunciados reforçando o efeito de sentido de possibilidade, como apresentado abaixo.

(65) **Quem sabe**, no fundo, *talvez* fizessem parte da propaganda de sua "frota" de transportes. (AGD – p. 07)

O exemplo mostra que, mesmo com a utilização da expressão “quem sabe”, a autora fez uso do modalizador disponível há mais tempo no sistema da língua, o advérbio “talvez”, enfatizando a dúvida em relação ao evento apresentado. Devido ao caráter de dúvida, incerteza, hipótese da expressão “quem sabe”, ela é costumeiramente seguida por um verbo no modo subjuntivo, que indica desejo, dúvida, hipótese. Os autores utilizaram a expressão direcionada a um fato de natureza incerta, quando a autora afirma que “as carrocinhas e os burros estavam presentes em todas as paisagens” como possibilidade de já funcionarem como propaganda. Zélia referia-se, nesta parte, a Rocco, locador da casa em que moravam.

Ainda no que tange à expressão destacada no exemplo acima, no trabalho desenvolvido por Silva e Lucena (2010), a expressão modalizadora “quem sabe” constitui-se uma forma que está em um estágio inicial de mudança linguística (gramaticalização), podendo passar, em determinados contextos, a ser analisada como um advérbio de dúvida, como expomos acima, deixando de funcionar como uma construção composta por uma forma gramatical e outra independente (item gramatical + item lexical pleno: pronome interrogativo + verbo de cognição). As pesquisadoras consideraram a hipótese de que, na manifestação da modalidade epistêmica, o item “talvez” seria uma forma não-marcada e “quem sabe” seria uma forma marcada. Silva e Lucena (2010) mencionam ainda a distinção *realis/irrealis* relacionada às duas formas linguísticas mencionadas, e observaram que esse grupo de fatores é um importante traço distintivo entre os modalizadores “talvez” e “quem sabe”, de forma a entenderem que o primeiro é mais utilizado para afirmações factuais e o segundo para afirmações indicativas da não-factuality.

No caso do tipo *usualidade*, algumas expressões inusitadas também foram opções dos autores ao narrarem sua história de vida. Expressões do tipo “diariamente”, “inúmeras vezes”, “com frequência”, “quase nunca”, “nem sempre” foram escolhidas para apontar a indeterminação da frequência com que ocorria um dado fato apresentado ao leitor. As expressões “quase nunca” e “nem sempre” foram algumas das formas usadas pelos autores para apresentar exceções para as formas mais próximas dos polos (alta e baixa frequência), evitando os graus extremos.

Percebemos, então, que não podemos trabalhar as formas da Modalização como elementos fixos de expressão da *probabilidade* e da *usualidade*. Há uma grande variedade de recursos para geração dos efeitos e sentidos pretendidos na Modalização. Percebemos que isso ocorre, principalmente, quando os aspectos do gênero desenvolvido motivam esse fato. A

possibilidade de uma relativa informalidade do gênero autobiografia motiva, por exemplo, a escolha de expressões idiomáticas para modalizar o texto, gerando maior proximidade com o leitor.

Para finalizar, apresentamos um quadro em que se dispõem, resumidamente, as categorias da Modalização e exemplos de sua manifestação no *corpus* analisado.

Quadro 8 – Categorias da Modalização e sua manifestação nas autobiografias analisadas

CATEGORIAS DA MODALIZAÇÃO ANALISADAS		MANIFESTAÇÃO DA MODALIZAÇÃO NO CONTEXTO DAS AUTOBIOGRAFIAS	
Tipos de Modalização		<i>Probabilidade</i>	<b>Acredito</b> que foi a partir daquele momento que (...) (RL – p. 16)
		<i>Usualidade</i>	Era nessas noites que mamãe ia <b>sempre</b> (...) (AGD - p. 14)
Graus da Modalização		<i>Alto</i>	<b>Sempre</b> nos cumprimentávamos e trocávamos algumas palavras. Nesse dia ele me presenteou com um livro. (MC – p. 17)
		<i>Médio</i>	Se meu pai ficasse sabendo, <b>provavelmente</b> iria atrás do sujeito para matá-lo (...) (RL – p. 16)
		<i>Baixo</i>	<b>Às vezes</b> eu saía da cama para passar um tempinho com ele lá (...) (RL – p. 14)
Valores da Modalização	Probabilidade	<i>Certeza</i>	Eu <b>sabia</b> que enganava todo mundo. (PP – p. 05)
		<i>Probabilidade</i>	(...) ex-sargento da Revolução de 1932 e <b>provável</b> futuro assassino de Getúlio Vargas. (RL – pág. 10)
		<i>Possibilidade</i>	Se ficaram de jejum por seis anos, <b>não se sabe</b> . (RL – pág. 21)
	Usualidade	<i>Alta frequência</i>	Acordava <b>todos os dias</b> antes do amanhecer para fazer zazen. (MC – pág. 21)
		<i>Média frequência</i>	Na mesa da copa, <b>geralmente</b> eu me sentava num banquinho mais alto, na cabeceira. (MC – p. 27)
		<i>Baixa frequência</i>	Meu marido e eu brigávamos <b>às vezes</b> – nem me lembro exatamente por quê. (MC – pág. 18)
Orientação e manifestação da Modalização		<i>Subjetivo Implícito – SI</i>	(...) que por definição não se <b>podem</b> reger democraticamente. (CF – pág. 15)
		<i>Subjetivo Explícito – SE</i>	No book do show que a gente ganhava na entrada havia o nome de todo o elenco, o dele ( <b>não sei</b> como lembro disso!)
		<i>Objetivo Implícito – OI</i>	Tudo, sem esse intervalo, sairia <b>certamente</b> mais confuso e incompreensível. (PP – pág. 09)
		<i>Objetivo Explícito – OE</i>	Tinha desejo, vontade, garra, mão, perna, braço, tudo em ponto de bala, mas faltava o indispensável para avançar: me convencer de que <b>era possível</b> . (GUB – pág. 09)
Polaridade e sua influência na expressão da Modalização		<i>Polaridade positiva</i>	A dor delas <b>certamente</b> foi muito, mas muito maior do que a minha. (RL – pág. 16)
		<i>Polaridade negativa</i>	(...) <b>não</b> havia a menor <b>dúvida</b> , ela queria mesmo desabafar, chamar o marido de irresponsável: "...um atrevido é o que ele é!" (AGD – pág. 04)



<b>Processos Experienciais no escopo na Modalização</b>	<i>Material</i>	<b>O capitalismo terá exacerbado certos instintos (...) do homem, mas certamente não os <u>criou</u>.</b> (CF – pág. 17)
	<i>Mental</i>	Eu não <b>sei</b> se você <i>compreende</i> , Geraldo, o terrível dessas sensações. Lembra-se de um conto do Poe a que eu me referi um dia. (PP – pág. 06)
	<i>Relacional</i>	A questão é que eu <i>não</i> me <b>convencia</b> de que <i>era</i> bom o bastante para derrotar alguém muito mais capacitado que eu. (GUB – pág. 09)
	<i>Verbal</i>	Hoje <b>parece</b> apenas que lhe <i>conto</i> que fui à quitanda comprar laranjas. (PP – pág. 04)
	<i>Comportamental</i>	Meu marido e eu <i>brigávamos às vezes</i> – nem me lembro exatamente por quê. (MC – pág. 18)
	<i>Existencial</i>	<i>Houve</i> uma discussão maior que as habituais, mas, como <b>sempre</b> , amigável. (PP – pág. 10)
<b>Expressões instauradoras da Modalização</b>	<i>Advérbios</i>	Os temores de dona Angelina tinham uma explicação: <b>sempre</b> levava uma vida de apertos (...) (AGD, pág. 05)
	<i>Expressões adverbiais</i>	<b>Sem dúvida</b> essa analogia foi esclarecedora para mim. (MC – pág. 26)
	<i>Verbos de significação plena</i>	<b>Sabia</b> que realizava qualquer coisa importante contra todos os princípios, contrariando a ética conhecida e estabelecida. (PP – pág. 03)
	<i>Verbos modais</i>	<b>Pode</b> haver coisa mais comovente... (AGD - pág. 17)
<b>Tempo/modo verbal</b>	<i>Pretérito Imperfeito do Indicativo</i>	Mas <b>considerava</b> a economia como um instrumento para penetrar no social e no político (...) (CF – pág. 15)
	<i>Presente do Indicativo</i>	Só <b>sei</b> que desse dia em diante as mulheres olhavam para mim como a pequena órfã. (RL – pág. 16)
	<i>Futuro do Pretérito do Indicativo</i>	Só da dissolução <b>poderia</b> surgir a verdadeira personalidade. (PP – pág. 03)
	<i>Pretérito Perfeito do Indicativo</i>	<b>Percebi</b> que minha tigela era imprópria. (MC – pág. 23)
	<i>Pretérito Imperfeito do Subjuntivo</i>	Era, naturalmente, contra os padrões, como se não <b>pudesse</b> ser de outra forma, mas nunca pesquisei o motivo e nem as causas ou razões da luta de classes. (PP – pág. 05)
<b>Tipologia textual</b>	<i>Narrativa</i>	<b>Sem dúvida</b> essa analogia foi esclarecedora para mim. (MC – pág. 26)
	<i>Argumentativa</i>	Porque Maria Negra e não Maria da Conceição, se seu nome era este? Não foi <b>certamente</b> por racismo que lhe deram o apelido, <i>isso não!</i> (AGD – p. 12)
	<i>Descritiva</i>	Revólver <b>sempre</b> à mão, dedo no gatilho, não errava o alvo, boa pontaria. Admirava Maciste, quase o temia ("Maciste, o Poderoso"), o homem mais forte do mundo... (AGD - p. 16)

### 6.3 Síntese conclusiva

Neste capítulo, pudemos analisar as propriedades funcionais e formais da Modalização com base nas categorias de análise previamente delimitadas e nas características do *corpus* para identificação de aspectos relativamente recorrentes no gênero autobiografia. Analisamos e descrevemos os tipos de Modalização presentes no *corpus* constituído, e concluímos que os dois tipos de Modalização estiveram presentes na narrativa, com maior saliência para o tipo *probabilidade* (tipo de Modalização relacionado aos graus de certeza que o autor tem sobre a veracidade do que informa) e menor saliência para o tipo *usualidade* (tipo de Modalização relacionado aos graus de frequência que o autor aponta para as experiências informadas).

Apresentamos os resultados para os graus e valores da Modalização, em que obtivemos maior número para o grau “certeza” e para o grau de “alta frequência” com que os autores modalizam seus textos. Comentamos que a frequência maior do referido grau e do valor de Modalização mostrou-se característico nas autobiografias, em função, possivelmente, do tipo textual narrativo do gênero.

Pontuamos que, quanto à orientação e à manifestação da Modalização, tivemos a predominância da Objetividade implícita como orientação modal no *corpus*. Nas construções em que a marcação da Objetividade ocorre, apresentam-se avaliações referentes (i) a situações que o autor não almeja marcar-se enfaticamente como fonte daquela avaliação; (ii) a experiências de outrem ou (iii) a questões socialmente estereotipadas. No que toca à incidência da Polaridade, observamos que o advérbio “não” (e similares) pode (i) deslocar a Modalização entre os polos; (ii) expressar negação adverbial de atenuação e (iii) expressar negação para fins de asseveração. Concluímos, ainda, que o *corpus* apresentou mais expressões de Modalização sem a influência da Polaridade negativa.

Com relação às tipologias textuais constituintes das autobiografias, apresentamos que: (i) a Modalização constitui escolhas de posicionamento dos autores ao apresentarem como sucederam acontecimentos da sua vida e, possivelmente, opera mais em trechos da tipologia Narrativa porque esse tipo textual é predominante nas autobiografias; (ii) os adjuntos adverbiais modais como “certamente” mostraram-se opções para os autores construírem trechos de cunho argumentativo e (iii) na descrição de fatos e pessoas, os autores parecem optar por advérbios de frequência como “sempre” e “geralmente”, respectivamente, de graus “alto” e “mediano” de *usualidade*.

No que tange aos conteúdos experienciais que são alvos de qualificação modal, nossos resultados apontam que alguns aspectos do gênero autobiografia motivam a opção do autor por modalizar orações que comportam Processos da experiência humana, fazendo a Modalização recair, de forma proeminente: (i) em Processos Materiais, utilizados para representar fazeres e aconteceres do mundo exterior; (ii) em Processos Relacionais, utilizados para representar seres no mundo, de modo a informar características, identidades, posses, e (iii) em Processos Mentais, utilizados para representar aspectos relacionados à subjetividade. Ressaltamos que alguns Processos Materiais assumem significados comportamentais e verbais, a depender da leitura feita, demonstrando ambiguidades recorrentes.

Informamos, ainda, que as formas linguísticas mais escolhidas pelos autores na instauração da Modalização foram, predominantemente, *advérbios*, *expressões adverbiais*, *verbos de significação plena e verbos auxiliares modais*. Na apresentação da sua trajetória, os autores dos textos autobiográficos parecem assumir (i) total compromisso com a verdade dos fatos vivenciados na sua vida particular e (ii) parcial compromisso com a verdade dos fatos referentes a outros. Analisamos o tempo e modo das formas verbais que expressam a Modalização e concluímos que há maior frequência do (i) Pretérito Imperfeito do Indicativo (nas proposições modalizadas na perspectiva do evento passado), seguido do (ii) Presente do Indicativo (nas proposições modalizadas em que a lembrança de eventos ocorre paralelamente à escrita da autobiografia).

Percebemos, então, que não há padronização exata no uso dos modalizadores nas autobiografias, sendo possível encontrar formas de expressão variadas no uso da modalidade, como é o caso de expressões idiomáticas como “se não me engano” e expressões adverbiais como “quem sabe” e “nem sempre” e, por fim, apresentamos um quadro que mostra resumidamente as categorias e suas manifestações no *corpus* investigado.

## 7 CONCLUSÃO

Sabendo que as modalidades são recursos de avaliação da proposição à disposição dos falantes de uma língua, e que a Modalização diz respeito à qualificação da oração como uma “troca”, isto é, em sua função Interpessoal, localizando uma proposição entre os polos positivo e negativo, de forma a expressar graus de *probabilidade* e de *usualidade*, como dispõe Halliday e Matthiessen (2014), nosso objetivo, nesta pesquisa, foi investigar as expressões que operam a Modalização no gênero autobiografia, aquele relacionado à escrita da vida de uma pessoa contada por ela própria.

Para isso, deixamos claro que (i) consideramos a autobiografia e sua relação com a construção da subjetividade de um indivíduo, assumindo a ideia do pacto autobiográfico discutido por Lejeune (1975), que se baseia na afirmação de identificação entre autor, narrador e personagem; (ii) utilizamos os preceitos teóricos disponíveis na Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiessen (2014), pois nos pareceu coerente lidar com uma teoria que fornece ferramentas úteis para se avaliar múltiplas instâncias de interação linguística em determinados contextos de comunicação, fazendo-se possível analisar elementos linguísticos que cumprem funções para fins específicos no uso da língua; (iii) assumimos a Modalização como avaliação da proposição, indeterminando-a em escalas entre o sim e o não, com efeitos de certeza e de frequência do que se apresenta e (iv) constituímos e analisamos um *corpus* com um recorte de seis obras autobiográficas de autores brasileiros contemporâneos, pertencentes à realidade cultural do Brasil, quanto ao uso de expressões da Modalização que pudessem ancorar o posicionamento desses autores ao tratarem da sua história de vida.

O desenvolvimento desta pesquisa nos levou, portanto, a conceber que a Modalização auxilia na construção das experiências do autor no campo da certeza e do comprometimento ao construir conteúdos acerca da formação da sua história de vida. Essa constatação se dá a partir dos resultados obtidos por meio das categorias de análise que nos permitiram algumas conclusões a esse respeito.

Percebemos, inicialmente, ao localizarmos 314 ocorrências no *corpus* constituído, que os autores das autobiografias se utilizam da Modalização como um dos recursos disponíveis para ancorar seus posicionamentos na construção da sua subjetividade. Entendemos que os autores se apropriam tanto da construção dos efeitos de sentido no eixo do “certo”, do “provável” e do “possível” como procuram indeterminar graus de frequência ao narrar eventos significativos da sua experiência.

Observamos que, na narração dos fatos que constituíram o trajeto de vida do narrador, ele apresenta os eventos fundamentais da sua existência até o momento presente, de forma a registrar, no seu texto, valores de “certeza” e de “alta frequência” acerca das experiências relatadas. Isso nos leva a entender que a Modalização se mostra significativa na construção da autobiografia no que diz respeito ao *grau alto*, que incide no valor de “certeza” sobre o que se informa, e no valor de “alta frequência” dos fatos narrados.

Apreendemos, também, que o gênero autobiografia comporta naturalmente marcações da subjetividade do autor, mas, ao fazer uso da Modalização, por meio de advérbios e expressões adverbiais - principalmente - avaliam *objetivamente* o dito; relacionado às experiências que circundaram as fases da sua vida, envolvendo pessoas diversas, assim como aspectos estereotipados no seu entorno social. Outro ponto importante é que, juntamente aos aspectos da Modalização deixados nos textos, os autores, por vezes, usam expressões polares negativas, fazendo com que o valor da Modalização se desloque de um extremo a outro, ou seja, transite entre os polos. Além do efeito do deslocamento do valor modal, o uso da polaridade negativa parece atenuar ou intensificar a certeza ou a frequência sobre a verdade do que é dito.

Identificamos que os autores modalizam seus textos escopando, principalmente, Processos Materiais, que se ligam a fazeres e aconteceres do mundo físico; o que nos leva a entender que a Modalização é opção prioritária na ancoragem da narração de eventos concretos constituintes da construção da história de vida dos autores. Vale ressaltar, que, na análise dessa categoria, foi possível observar que alguns Processos, em determinados contextos, assumiram outros significados. É o caso dos Processos Materiais, que, em algumas situações, permitiram mais de uma compreensão, dentre elas, analisamos ocorrências que, além do entendimento material, mostraram-se também no campo comportamental e verbal, entre outras situações. Além disso, observamos que os efeitos do tipo *probabilidade* recaíram significativamente em Processos Mentais, Relacionais e Existenciais, de incidência mais abstrata.

Outro fato que nos permite relacionar a Modalização e a autobiografia é o uso mais frequente da Modalização em passagens de tipologia Narrativa, predominante no gênero. Ela se manifesta como um recurso mobilizado pelos autores ao tomarem posicionamento na narração de acontecimentos da sua vida. Percebemos a motivação da escolha de determinados advérbios, como “certamente”, para ancorar a tipologia Argumentativa, assim como, nos trechos descritivos, identificamos expressões de frequência como “sempre” para assinalar características de pessoas ou eventos tratados. Notamos também que o tipo *probabilidade* atuou

de forma significativa na tipologia Narrativa; e aspectos da *usualidade* não foram relevantes em passagens de ordem Argumentativa.

Deixamos claro, assim, que as hipóteses específicas que traçamos foram confirmadas parcialmente, isso porque algumas delas foram confirmadas, outras não. Dentre as *confirmadas* temos as seguintes (de acordo com a numeração apresentada na metodologia): (i) dos dois tipos de Modalização existentes (*probabilidade* e *usualidade*), destaca-se no *corpus* o tipo *probabilidade* (57% de ocorrências); (ii) há presença predominante do alto grau de *probabilidade* e de *usualidade* modal (44,3%); (iii) a manifestação dos modais de indicação do valor de “certeza” e de “alta frequência” resultam do uso mais recorrente da Modalização (totalizaram 44,2%); (v) quanto à Polaridade da Modalização dos enunciados, a Polaridade negativa altera o valor da Modalização de um polo a outro (podendo também atenuar e intensificar o valor modal) e (vi) em trechos do tipo Narrativo, o uso de modalizadores é mais frequente (93%).

Dentre as hipóteses não confirmadas, temos: (iv) a orientação modal é marcada pela *Subjetividade explícita* do autor, hipótese que não se confirma, pois a frequência maior foi de orientação *Objetiva implícita* (64,4%); (vii) os recursos de Modalização tomam como escopo, mais frequentemente, Processos Mentais, hipótese não confirmada (embora tenhamos tido considerável presença desses Processos recebendo os efeitos da Modalização), pois o alvo mais frequente da qualificação modal são os Processos Materiais (42%); (viii) os autores escolheram predominantemente expressões da Modalização como *verbos modais*, *verbos encaixadores epistêmicos*, *substantivos* e *advérbios* para se posicionar diante dos fatos da vida narrados, hipótese parcialmente confirmada, pois a predominância foi da classe de *advérbios e expressões adverbiais* (58,9%), seguida pelos *verbos de significação plena* (16,6%) e pelos *verbos auxiliares modais* (12,4%); e, por último, (ix) o tempo de maior relevância para gerar efeitos modais é o Pretérito Perfeito, hipótese contrariada pelo resultado de que o tempo predominante dos verbos modalizadores foi o *Pretérito Imperfeito e o Presente do Indicativo*.

Dessa forma, ao tratar de relatar sua história de vida, os autores parecem marcados por experiências comuns e pelo compartilhamento de eventos dentro de uma escala de tempo e faixa etária combinados, de forma a apreender as relações do seu entorno, para então apropriar-se das escolhas semânticas e morfossintáticas disponíveis àquele propósito, para suscitar, nesse intermeio, reflexões, percepções, julgamentos e indeterminações sobre o que é dito e, assim, promovem, por meio da Modalização, os seguintes efeitos de sentido: (i) menos responsabilidade sobre certas informações de cunho comprometedor; (ii) compromisso com a

verdade relacionada aos fatos vivenciados na sua vida particular; (iii) possibilidade de suscitar no leitor nuances de dúvida sobre fatos de que não tem pleno conhecimento e (iv) afastamento do seu caráter avaliativo Subjetivo, em vários casos, para oferecer maior credibilidade sobre o que enunciam.

Com base no exposto, e cientes de que: (i) a Metafunção Interpessoal representa as relações que estabelecemos no convívio social e, por meio delas, construímos nossa identidade; (ii) a Metafunção Ideacional representa os significados experienciais que são construídos na semântica por meio dos Processos; (iii) a autobiografia constitui um gênero discursivo de narrativa pessoal, que conta com a inserção do próprio escritor como personagem principal, *defendemos e concluímos que as representações interpessoais da Modalização e os aspectos experienciais envolvidos constituem recursos de importância crucial na constituição de autobiografias de forma a ancorar os posicionamentos do autor.*

Com isso, nossa hipótese geral de que a Modalização se caracteriza no gênero autobiografia por ancorar o posicionamento do autor na narração de suas experiências, de forma a avaliar, no campo da certeza e do comprometimento, conteúdos acerca da formação de sua subjetividade, está confirmada, embora algumas das nossas hipóteses específicas sobre aspectos relativos à expressão da Modalização não tenham sido confirmadas.

O fato de uma recorrência maior em determinadas expressões, graus, valores, por exemplo, comumente manifestantes da Modalização não ter sido identificada nos dados; assim como o fato de outras inusitadas serem utilizadas, leva-nos a perceber que a linguagem é naturalmente complexa e ela se resolve por meio de escolhas significativas em cada contexto. Poderíamos sugerir, então, que a não utilização dos efeitos da Modalização, em sua diversidade de formas de expressão, para assessorar o autor na constituição dos posicionamentos acerca dos fatos da sua vida, narrados na construção da sua autobiografia, comprometeria, significativamente, a construção discursiva desse gênero.

Acreditamos, com isso, que os resultados obtidos nesta pesquisa contribuem com os estudos em descrição e análise da modalidade, em específico, da Modalização, e pode fazer-se útil para estudos relacionados à compreensão e construção linguística no que diz respeito à constituição discursiva autobiográfica. É possível que esse estudo auxilie também práticas pedagógicas relacionadas ao gênero autobiografia em sala de aula; de forma que os futuros escritores do gênero entendam que expressões linguísticas da Modalização são opções estratégicas para a formação dos posicionamentos do autor ao discorrer sobre suas diversas experiências vividas. Isso leva à compreensão de que os efeitos que constroem esses

posicionamentos, como a instauração de efeitos de certeza, de possibilidade, de conhecimento, de desconhecimento, por exemplo, indiciam a formação da subjetividade do autor.

Vale considerar que, haja vista a dificuldade em responder todos os questionamentos iniciais referentes à pesquisa, assinalamos algumas lacunas que poderiam ser preenchidas em trabalhos futuros. A primeira diz respeito a uma necessidade de aprofundamento nos estudos acerca dos Processos da experiência que recebem a Modalização em autobiografias. Embora consideremos esse aspecto como uma categoria nesta pesquisa, findamos o trabalho com a consciência de que ele merece maior atenção. São muitas as questões envolvidas nessa compreensão, mas não nos delongamos na discussão sobre esse tema por termos cumprido nosso intuito com esse fator enquanto categoria.

A segunda lacuna compete na possível busca e análise de formas relativamente fixas da Modalização em textos autobiográficos escolares, a fim de propor um direcionamento da categoria linguística para a aplicação ao ensino. Isso se justifica porque terminamos esta pesquisa com a consciência de que o estudo da Modalização em autobiografias pode ser bastante útil na compreensão e *constituição* do gênero.

Uma outra possibilidade de pesquisa seria estender os estudos da modalidade em autobiografias, de forma a tratar de outras tipologias modais, como a Modulação, no tratamento dado por Halliday e Matthiessen (2014), no que se refere, especificamente, às manifestações de vontade e desejo no discurso autobiográfico.

Poderíamos ainda apontar uma possível lacuna no sentido de analisar os efeitos da Modalização em partes distintas de obras autobiográficas, de forma a comparar o início e o fim da narrativa, por exemplo. Terminamos a pesquisa com alguns questionamentos, como o seguinte: caso tivéssemos feito um recorte da parte final das obras analisadas, teríamos tido o mesmo resultado? Não sabemos.

Finalmente, foi satisfatória a realização desta pesquisa, embora terminamos com a compreensão do quão ainda há para se investigar a respeito da autobiografia e, principalmente, a respeito da Modalização. O campo indeterminado da modalidade deixa muitas lacunas nos estudos linguísticos sobre o assunto. Certos disso, acreditamos que esta pesquisa seria uma pequena faixa de mar em meio ao oceano de possibilidades de investigação que é possível fazer no campo das modalidades.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1989.
- ANDRADE, L. A. C. **Narrativa autobiográfica de um imigrante nos EUA**: Um Estudo de Caso pelo Viés da GSF; Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais. 2011.
- BAKHTIN, M. **O autor e a personagem na atividade estética**. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. M., Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BALLY, Charles. **Le langage et la vie**. Genève: Droz, 1952 (1913).
- BECHARA, **Evanildo**. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.
- BERMÚDEZ, F. **Evidencialidad**. La codificación lingüística del punto de vista. Stockholm: Stockholms Universitet. 2005.
- CASTILHO, Ataliba T. **O modalizador realmente no português falado**. Alfa; 47-169. 2000.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COEN, Monja. **O que aprendi com o silêncio**. 1ª edição. Editora: Academia. 232 páginas. ISBN-10: 8542217780. 2019.
- CUNHA, M. A. F. **Variação e mudança no domínio funcional da negação**. Gragoatá. Niterói, n. 9, p. 155-170, 2. sem. 2000.
- CUNHA, M. A. F. OLIVEIRA, M. R. MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj. ISBN 85-7490-240-3. 2003.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. **A functional analysis of epistemic modality**. Alfa (São Paulo), v.40, p.151-173, 1996.
- DIK, Simon. C. **The Theory of Functional Grammar**. Ed by Hengeveld (Kess) Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, vol. 1. 1997.
- DROGA, L. e HUMPHREY, S. **Grammar and meaning** : an introduction for primary teachers. Australia : Target Texts. 2003.
- DUBOIS, Jean ET al. **Dicionário de Linguística**. 11 reimp. São Paulo: Cultrix, 2006.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional grammar**. London: Printer Publisher. 1994.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to sytemic functional linguistics**. 2ª ed. London: Continnum. 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo. As ideias do círculo de Bakhtin**. 1ª edição. Editora Parábola. 2009.

FERREIRA, Armando M. **SPSS: Manual de Utilização**. Escola Superior Agrária de Castelo Branco. 1999.

FURTADO, Celso. **Obra autobiográfica**. 1ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2014.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras. 2014

GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. 1ª edição. Editora: Agir. 2005.

GATAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1979. (Disponível também em: <http://twixar.me/W5KT>. Acesso em: 30 out. 2019)

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. Parábola Editorial: São Paulo, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **Estrutura e função da linguagem**. In: LYONS, John (org.). *Novos horizontes em linguística*. Trad. de Jesus Antônio Du-rigan. São Paulo: Cultrix, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Language, context and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective** (2nd ed.). Oxford: Oxford University Press.1989

HALLIDAY, M. A. K. **El lenguaje como semiótica social: la interpretación social del lenguaje y del significado**. Traducción de Jorge Ferreiro Santana. Santafé de Bogotá, Colombia: Fondo de Cultura Económica. 1998.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **Judge Takes No Cap in Mid-sentence** (Sinclair Open Lecture S.). University of Birmingham. 2002.

HALLIDAY, Michael A. K. & MATTHIESSEN, Christian M. I. M. Halliday's **introduction to functional grammar**. London: Routledge. 2014.

HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. *In: Journal of Semantics*, v. 6, p. 227-269. 1988.

HENGEVELD, K. **Illocution, mood, and modality**. *In: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim. Morphology: a handbook on inflection and word formation*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

HENGEVELD, K. **Introduction: Transparency in Functional Discourse Grammar**. *In: Linguistics in Amsterdam*, v. 4, n 2, 2011.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: University Press, 2008.

HOY, G. M. V.; RODRIGUES JÚNIOR, A. S. **Os processos mentais como leitmotiv na representação do dinamismo subjetivo da narradora em Inés del Alma Mía e na tradução brasileira Inês de Minha Alma**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 58, n.1, p. 363-388, abr. 2019.

HYMES, D. H. **On Communicative Competence**. *In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. The Communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

ILARI, Rodolfo. **Advérbios focalizadores**. *In: ILARI, Rodolfo (ed.) Gramática do português falado II: níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP. (1996).

KUERTEN, Gustavo. **Guga, um brasileiro**. 1ª edição. Editora: sextante. 2014.

LEJEUNE, Philippe. **Le Pacte autobiographique**. Paris: Ed. Du Seuil, 1975.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEE, Rita. **Rita Lee, uma autobiografia**. 1 edição. Globo Livros. 2016. Disponível em: <http://twixar.me/b5KT>. Acesso em: 30 out. 2019.

LYONS, John. **Linguistique générale; introduction à la linguistique théorique**. Trad. F. Dubois-Charlier et D. Robinson. Paris: Larousse, 1970.

LYONS, J. Modality. In: **Semantics**. v.2. Cambridge, Cambridge University Press, p. 787-849. 1977.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução: Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009

MAIA-VASCONCELOS, Sandra; CARDOSO, Maria. **Novas fronteiras linguísticas: um estudo sobre o gênero autobiográfico**. Revista de Literatura e Linguística: EUTOMIA, v. 1. 03, 2009.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra. **História de vida e genealogia: categoria narrativa específica em busca do tempo perdido**. Linha d'Água, n. 24 (2), p. 313-328, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. MACHADO, Ana Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTIN, J. R. & ROSE, David. **Working with Discourse – Meaning beyond the clause**. Open Linguistics Series. Continuum International Publishing Group Ltd. ISBN 0-826455-07. 2008.

MARTINS; OLIVEIRA, Lauriê; Nathália. Artigo: **A gramaticalidade do verbo modal poder: usos identificados e evidências sobre sua atuação em contextos de pedido e permissão**. Simpósio Linguagem, Teoria, Análise e Aplicações. Programa de Pós-graduação em Letras – UERJ. 2015.

MARINO Neto, F.; **A manifestação da modalidade epistêmica em narrativas orais**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. 2006.

MELLO, H. R.; MELO, E. L.; CARVALHO, J. M.; CORTES, P. O. **Prolegômenos sobre modalidade**. Domínios de Linguagem, v. 5, p. 104-134, 2009.

MEUNIER, André. “**Modalités et Communication**”, in *Langages*. 1974.

MITIDIARI, A. L. **Como e porque (des)ler os clássicos da biografia**. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 2010.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Gabriela Rabuske. **Produção textual na universidade**. Série Estratégias de ensino. n. 20. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, Fábio Santiago. **Modalização como Fenômeno Discursivo em Notícias de Popularização da Ciência**. Revista Investigações (Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco), v. 23, n. 2, 2010.

NEVES, M. H. M. **Teorias sintáticas e análises gramaticais**. Estudos Linguísticos, Ribeirão Preto, v.25, p.53-62, 1996.

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. 2ªed. – São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** 2. ed. São Paulo: Ed. UNES. 2011.

NOGUEIRA, Marcia T. **A modalidade epistêmica em artigos de opinião.** 2005.

NOGUEIRA, Márcia T. **Gramaticalização de quem sabe.** Workshop Internacional sobre Gramaticalização. Faculdade de Letras da UFMG. 2010.

NUYTS, J. **Epistemics modal adverbs and adjectives and layered representation of conceptual and linguistic structure.** *Linguistic*, v. 31, p. 933-969, 1993.

NUYTS, J. The modal confusion: On terminology and the concepts behind it. *In: KLINGE, A.; MÜLLER, H.H. (eds.). Modality: Studies in form and function*, London: Equinox, 2005.

NUYTS, J. **Notions of (inter) subjectivity.** *English Text Construction*. 2012.

PASSEGGI, M. C. **A experiência em formação.** *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011

PASSEGGI, M. C. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. *In: Mignot, A. C., Sampaio, C. S., & Passeggi, M. C. Infância, aprendizagem e exercício da escrita.* (pp. 133-148). Curitiba, PR: CRV. 2014.

PALMER, F. R. **Mood and Modality.** Cambridge: Cambridge University Press, p 96, 1986.

PEZATTI, Erotilde G. **O Funcionalismo em linguística.** *In: MUSSALIM & BENTES.* (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos.* Volume 3. 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

PRATA, Nadja Paulino Pessoa. **A categoria modalidade e a (in)determinação de fronteiras.** *In: Simpósio mundial de estudos de língua portuguesa*, 1, São Paulo; *Encontro gramatical de português*, 3, 2008.

RIESSMAN, C. K. **Narrative analysis.** Newbury Park: Sage, 1993.

SACCONI, L. A. **Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa.** São Paulo: Harbra, 2005.

SANTOS, Yuri A. B.; TORGA, Vânia L. M. **Autobiografia e (res) significação.** *Bakhtiniana*, São Paulo, 15 (2): 119-144, abril/jun. 2020.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SCHWEGLER, Armin. **Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese** - a change in progress. *Orbis*, V. 34, p.187-214, 1991.

SILVA, Klébia; LUCENA, Isabel. **Quem sabe/talvez**: uma análise variacionista da modalidade epistêmica no português oral culto de fortaleza. *Revista do GELNE*. 2010. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9349/6703> Acesso em: 17/01/2022.

TESCARI NETO, Aquiles. **AdvPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes**: um estudo translinguístico. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. (Dissertação). 2008.

THOMPSON, N. **Communication and Language**. A Handbook of Theory and Practice, London: Palgrave MacMillan. 2004.

THOMPSON, Geoff. **Introducing Functional Grammar**. 3ª ed. London: Routledge. 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Tese de doutorado, Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, 2 volumes. 1991.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Planejamento de textos para sua produção**. In COELHO, Fábio André; PALOMANES, Roza (orgs.). Ensino de produção textual. São Paulo: Contexto. p. 87-107. ISBN: 978-85-7244-954-0. 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Tipologia textual e ensino de língua**. Domínios da Linguagem. Uberlândia, v. 12, n 3. ISSN 1980-5799. set. 2018.

VENDRAME, Valéria. **Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão de evidencialidade em língua portuguesa**. Tese de doutorado em Linguística. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto. 2010.

VOTRE, Sebastião Josué. & NARO, Anthony Julius. **Mecanismos funcionais do uso da língua**. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; & MOLLICA, M. C. (orgs.). Variação e discurso. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

## ANEXO 1: DADOS REFERENTES À CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Significado das siglas ao lado da expressão
(1) AGD – Anarquistas, graças a Deus
(2) RL – Rita Lee, uma autobiografia
(3) MC – Monja Coen: O que aprendi com o silêncio: uma autobiografia.
(4) CF – Celso Furtado - Obra autobiográfica
(5) GUB - Guga, um brasileiro
(6) PP - Paixão Pagu. A autobiografia precoce de Patrícia Galvão.

Quantidade de caracteres com espaço referente ao recorte de cada obra
AGD: 35.300 - RL: 35.842 - MC: 35.592 - CF: 35.990 - GUB: 35.887 - PP: 35.847

<i>Corpus de ocorrências - Parte 1</i>
<b>Parte 1 - Trechos com expressões instauradoras da Modalização (<i>probabilidade</i>)</b>
A dor delas <b>certamente</b> foi muito, mas muito maior do que a minha. (RL – pág. 16)
Mary nasceu com o chamado “coração de boi”, embora <b>certamente</b> haja um nome mais sofisticado para o órgão dilatado em um recém-nascido que não mate de susto a mãe da criança ao ouvir o diagnóstico (RL – pág. 20)
Tomara a decisão de voltar à Europa fascinado pelo inusitado da cena social e humana que aí se armara, <b>certamente</b> sem precedentes, por sua amplitude e complexidade, na história dos homens. (CF – pág. 14)
O capitalismo terá exacerbado certos instintos destrutivos do homem, mas <b>certamente</b> não os criou. (CF – pág. 17)
Porque Maria Negra e não Maria da Conceição, se seu nome era este? Não foi <b>certamente</b> por racismo que lhe deram o apelido, isso não! (AGD – pág. 12)
Pode ser a maneira menos eficaz, mas <b>quicá</b> seja a de efeitos mais duráveis. (CF – pág. 16)
Com respeito à Alemanha, a visão é mais equilibrada, <b>talvez</b> porque durante séculos viram nos povos germânicos discípulos aplicados, ansiosos por reconhecimento. (CF – pág. 17)
<b>Pode</b> ser a maneira menos eficaz, mas quicá seja a de efeitos mais duráveis. (CF – pág. 16)
O individualismo <b>pode</b> conduzir à torre de marfim de Hesse, mas é a razão histórica que retrograda um povo civilizado ao barbarismo. (CF – pág. 19)
No book do show que a gente ganhava na entrada havia o nome de todo o elenco, o dele (não sei como lembro disso!) era Dieter Langer, um alemão alto, lindo e loiro. (RL - pág. 26)
Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o "Prédio Martinelli" — arranha-céu pioneiro de São Paulo, <b>se não me engano</b> do Brasil — fora ainda construído. (AGD - pág. 14)
Tinha desejo, vontade, garra, mão, perna, braço, tudo em ponto de bala, mas faltava o indispensável para avançar: me convencer de que <b>era possível</b> . (GUB – pág. 09)
Palacetes rodeados de parques e jardins, construídos, em geral, de acordo com a nacionalidade do proprietário: os de estilo mourisco, em sua maioria, pertenciam a árabes, <b>claro!</b> (AGD – pág. 03)
Esse harém desvaído estava sob o comando de Charles, meu pai, 45 anos mais velho que eu, fã de Inezita Barroso, ex-sargento da Revolução de 1932 e <b>provável</b> futuro assassino de Getúlio Vargas. (RL – pág. 10)

Mas a falta de informação era tanta que até a adolescência <i>eu mal sabia</i> que eles existiam. (GUB – pág. 16)
No dia em que os médicos decidiram que nada mais <b>poderia</b> ser feito, seus olhos azuis estavam bem abertos. (MC – pág. 32)
Para quem me viu jogando nessa época, <b>não existia ideia mais delirante</b> do que pensar que um dia eu seria número 1 do mundo por 43 semanas. (GUB – pág. 18)
Aquilo ecoou na minha cabeça: “Brasileira? Não é <b>possível!</b> Nunca ouvi falar!” (GUB – pág. 16)
Como? Estaria eu <b>realmente</b> vendo isso? (MC – pág. 20)
No caso da reforma em casa alheia, <b>não havia a menor dúvida</b> , ela queria mesmo desabafar, chamar o marido de irresponsável: "...um atrevido é o que ele é!" (AGD – pág. 04)
Se ficaram de jejum por seis anos, não se <b>sabe</b> . (RL – pág. 21)
<b>Não havia dúvida</b> para mim de que o homem europeu estava em busca de um caminho que o liberasse de seu passado, que lhe acenasse com um futuro que não abrigasse tanto ódio. (CF – pág. 17)
Por mais que o grito de incentivo de Larri, “Vamos, Cavallo!”, se unisse aos brados de “Allez, Gugá!” dos franceses, por mais que o Rafa e meus amigos me passassem força, eu não conseguia me <b>convencer</b> . (GUB – pág. 14)
Eu não <b>sei</b> se você compreende, Geraldo, o terrível dessas sensações. Lembra-se de um conto do Poe a que eu me referi um dia. (PP – pág. 06)
Não <b>acreditei</b> . Aliás, não havia nenhum sentimento profundo em mim para que eu eliminasse escrúpulos. (PP – pág. 06)
A questão é que eu não me <b>convencia</b> de que era bom o bastante para derrotar alguém muito mais capacitado que eu. (GUB – pág. 09)
O livro também entrevistava um mestre zen. O que seria o zen? Eu não <b>sabia</b> . (MC – pág. 18)
Cada um retomou seu aquecimento e eu não <b>sabia</b> o que fazer, se batia mais forte para impressionar ou se escondia o jogo para aumentar a surpresa na hora derradeira. (GUB – pág. 10)
Não <b>sei</b> se você sabe como conheci Oswald. Ele leu coisas minhas, mostradas por Fernandinho Mendes. (PP – pág. 06)
Não <b>sei</b> como me prestei àquilo. Hoje, tudo me parece inacreditável. (PP – pág. 07)
Não <b>sei</b> , Geraldo, se você pode compreender o que senti naquela noite. (PP – pág. 11)
Mostrava a dificuldade, que por todas as partes se manifestava, de compatibilizar as sociedades democráticas com as instituições militares, que por definição não se <b>podem</b> reger democraticamente. (CF – pág. 15)
Mamãe não <b>poderia</b> desejar coisa melhor, pois de arrumações não entendia nada e muito menos de cozinha. (AGD – pág. 05)
A divergência de interesses levava a um impasse, mas não <b>podia</b> haver dúvida de que a prolongação deste desfavorecia os Estados Unidos. (CF – pág. 19)
Mas a gente não <b>podia</b> simplesmente fechar a porta. (GUB – pág. 12)
Partindo, deixei o alvorecer dos primeiros sorrisos e não <b>pude</b> acompanhar os sintomas que se agravam no olhar da primeira compreensão humana. (PP – pág. 11)
Era, naturalmente, contra os patrões, como se não <b>pudesse</b> ser de outra forma, mas nunca pesquisei o motivo e nem as causas ou razões da luta de classes. (PP – pág. 05)
Meu marido e eu brigávamos às vezes – <i>nem</i> me lembro <b>exatamente</b> por quê. (MC – pág. 18)
A quantos seriados assisti? <i>Nem sei</i> , perdi a conta. (AGD - pág. 15)



Nem <b>sei</b> quantos parentes estão espalhados pelo mundo. (MC – pág. 28)
Nunca <b>soube</b> , nem me preocupei. (MC – pág. 24)
Que decisão tomou Amadeu Strambi, eu nunca <b>soube</b> . (AGD - pág. 13)
Eu não me animo a extrair conclusões, sem a <b>certeza</b> da sua exatidão. (PP – pág. 11)
<b>Sem dúvida</b> essa analogia foi esclarecedora para mim. (MC – pág. 26)
<i>Sem</i> me <b>convencer</b> de que dava para ganhar, a chance era que eu caísse ali mesmo. (GUB – pág. 09)
Terminei em pranto comovido, sem <b>saber</b> por que chorava. (MC – pág. 24)
A gente achou isso curioso, sem <b>saber</b> que era o início de um fenômeno global. (GUB – pág. 10)
Quando segui para a Bahia, já estava grávida sem o <b>saber</b> . E, quando fui viver com Oswald, já existiam a mãe e a gratidão. (PP – pág. 07)
Mas <b>a verdade</b> é que, com a independência da Índia, o Império entrara em franca desagregação sem que nenhum dos dois partidos políticos tomasse consciência do fato e o tivesse em conta no debate sobre o futuro do país. (CF – pág. 14)
<b>A verdade</b> é que já no Brasil fora induzido a modificar meu plano de viagem pela Europa. (CF – pág. 15)
<b>A verdade</b> é que, na época, em nada me atraíam os títulos, particularmente os universitários. (CF – pág. 16)
<b>A verdade</b> é que Marx, como Aristóteles, escrevera sobre tudo, o permanente e o cotidiano, podendo-se dele derivar linhas de pensamento com implicações muito diversas. (CF – pág. 17)
Acompanhávamos os seriados durante meses a fio, um pedacinho por semana, parando sempre na hora do maior suspense, <b>é claro</b> . (AGD - pág. 15)
<b>Na verdade</b> , para mamãe, o fato de ler em voz alta no cinema não representava nenhum trabalho, nenhum ato de bondade, apenas sentia prazer nisso. (AGD - pág. 16)
Contou que a “pobre mãe” era <b>na verdade</b> uma megera que a culpava pelo abandono do pai e a mantinha num <i>mezzo</i> cativo indigente (...) (RL – pág. 19)
<b>Na verdade</b> , meu interesse pela planificação ia mais longe do que a economia. (CF – pág. 15)
<b>Na verdade</b> , eu precisava ser. Queria que ele tivesse de mim o mesmo orgulho que eu tinha dele. (GUB – pág. 18)
<b>Realmente</b> , eu já tinha feito 20 anos, mas parecia com certeza muito nova aquele dia. (PP – pág. 10)
O que se <b>sabe</b> é que no fim da noite sobrou o papel do pierrô abandonado para Ulysses Guimarães, moço rioclarense que também paquerava Chesa e sua amiga Dalva de Oliveira, com quem minha mãe dava canjas em festas e recitais da cidade. (RL – pág. 18)
Tudo o que eu sentia era necessidade de me convencer de que <b>era possível</b> ganhar. (GUB – pág. 11)
Não sei como me prestei àquilo. Hoje, tudo me parece <b>inacreditável</b> . (PP – pág. 07)
Inscrevi-me para participar do chamado Festival Mundial da Juventude, a realizar-se em Praga, o que me abria a <b>possibilidade</b> de cruzar a Alemanha, e para integrar uma brigada francesa que deveria participar da construção de uma estrada de ferro na Bósnia. (CF – pág. 17)
<b>Talvez</b> minha falta de escrúpulos aceitasse a solução Bopp, se não houvesse outra já encaminhada, de um modo mais adequado às minhas decisões futuras. (PP – pág. 06)
A ideia era assistir ao meu primeiro jogo e, como <b>a lógica dizia</b> que eu ia perder logo, passear depois pela Europa. (GUB – pág. 11)

A <b>verdade</b> é que, se bem que as feridas da guerra continuassem abertas — as massas de semi-famintos andavam de um para outro lugar e dezenas de milhões de pessoas continuavam “deslocadas” —, a questão da paz e da guerra ocupava o centro dos debates, pairando no ar a ameaça de um conflito. (CF – pág. 19)
A mágica de escrever. Momento inesquecível. <b>Absolutamente</b> presente. Momento zen. (MC – pág. 27)
Não lembro de ter sentido dor, nem do que aconteceu em seguida, <b>certamente</b> deletei esse capítulo. (RL – pág. 16)
O que ocorresse na França teria <b>certamente</b> repercussão em outros países, e aí a confrontação se mostrava mais acirrada em razão do estreito alinhamento do Partido Comunista à política externa da União Soviética. (CF – pág. 19)
Tudo, sem esse intervalo, sairia <b>certamente</b> mais confuso e incompreensível. (PP – pág. 09)
<b>Certamente</b> , a morte morrerá com a sua vinda. (PP – pág. 11)
A facilidade encontrada e a <b>certeza</b> de uma conclusão, de acordo com seus desejos, que eram apenas desejos. (PP – pág. 08)
A guerra demonstrara <b>claramente</b> que uma adequada regulação do sistema econômico podia assegurar o pleno emprego, aspiração maior de povos que haviam sido vitimados por uma depressão sem precedentes. (CF – pág. 15)
Ocorre que as posições das duas principais potências ocupantes eram <b>claramente</b> dissimétricas. (CF – pág. 19)
Esse visual lisérgico era, <b>claro</b> , obra da mulherada quando ainda nem existia televisão. (RL – pág. 10)
A menos de 24 horas da partida, estava <b>claro</b> que Kafelnikov era um jogador de tênis de outro nível, muito melhor do que eu. (GUB – pág. 09)
<b>Com certeza</b> , havia uma necessidade, mas não era nenhuma das chamadas necessidades, ou melhor, a necessidade nada tinha a ver com a entrega fisiológica do corpo. (PP – pág. 03)
Os de varandas de altas colunas, que imitavam os “palázzos” romanos antigos, denunciavam — <b>logicamente</b> — moradores italianos. (AGD – pág. 03)
O quadro na Alemanha era <b>realmente</b> tétrico, certas populações parecendo haver regredido à idade da caverna. (CF – pág. 14)
Os jovens tchecos com quem tomei contato multiplicavam argumentos para demonstrar que o seu era um país democrático à maneira ocidental, com uma pluralidade de partidos e eleições <b>realmente</b> livres, como se estivessem em uma posição defensiva. (CF – pág. 18)
Mas, quando Rudá nasceu, havia o conceito de responsabilidade. Como se <b>fosse possível</b> plasmar uma vida com nossa vontade. (PP – pág. 09)
Ali instalaria sua primeira oficina mecânica. <b>Impossível</b> melhor localização! (AGD – pág. 03)
(mais tarde pude saber que era <i>absolutamente</i> <b>impossível</b> que um monge japonês entrasse por aquela porta, pois ela era mantida trancada). (MC – pág. 20)
Lá não se pode ir como turista, e para fazer estudos se necessita de um convite especial que nas circunstâncias presentes é praticamente <b>impossível</b> obter”. (CF – pág. 16)
<b>Podia-se dizer e ler</b> tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome, tudo por extenso — sem criar equívocos — e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse. (AGD - pág. 14)
Durante o festival, não houve qualquer <b>possibilidade</b> de contato real com membros da delegação soviética, que não fosse com os poucos elementos destacados expressamente para esse fim. (CF – pág. 18)

A brasileira Anna Stella Schic, que contribuiu para o brilho do festival com um belo concerto de piano, teve a <b>possibilidade</b> de aproximar-se de colegas soviéticas também concertistas. (CF – pág. 18)
Meu amigo <b>possivelmente</b> via nisso uma manifestação de arrogância ou de ingenuidade, mas não se atrevia a dizê-lo, pois desejava preservar a minha confiança. (CF – pág. 16)
Sua devolução de saque era <b>possivelmente</b> a melhor do circuito. (GUB – pág. 09)
A <b>probabilidade</b> era pequena, mas em algum momento eu teria que mostrar que tinha jogo e não estava blefando. (GUB – pág. 09)
Se meu pai ficasse sabendo, <b>provavelmente</b> iria atrás do sujeito para matá-lo e não seria bom para ninguém o chefe da família ir pra cadeia... (RL – pág. 16)
Outros povos também haviam sofrido com a guerra, mas <b>quicá</b> em nenhuma parte o povo tenha pagado um preço tão elevado por não se haver submetido nem deixado subjugar. Agora estavam ali organizados e decididos a construir um futuro melhor. (CF – pág. 18)
Contemporizando o crime da pata, <b>talvez</b> meu pai tenha comido Debora como punição pela audácia de Virgínia ao questioná-lo sobre por que o macho seria sempre o dono da verdade no meio de uma maioria de fêmeas. (RL – pág. 21)
Os carros ainda eram grandes e <b>talvez</b> houvesse uns cinco centímetros entre o para-choque da traseira de um carro e o para-choque da dianteira do carro logo atrás. (MC – pág. 17)
Quis me inscrever, mas disseram que <b>talvez</b> eu não estivesse preparada, que seria necessário comer em tigelas e com pauzinhos (hashis). (MC – pág. 22)
E também havia um detalhe que <b>talvez</b> pudesse funcionar: Kafelnikov começava devagar e demorava para engrenar. (GUB – pág. 09)
<b>Talvez</b> porque já caminhasse fora dos conceitos humanos. (PP – pág. 03)
<b>Talvez</b> eu tenha a expressão confusa. Há uma intoxicação de vida. (PP – pág. 03)
<b>Talvez</b> eu tudo fosse capaz de fazer em benefício de meus pais e meus irmãos. (PP – pág. 05)
<b>Talvez</b> não termine nunca. (PP – pág. 09)
<b>Talvez</b> ela tivesse razão. Eu queria amá-lo. (PP – pág. 10)
(...) dissolvida no asco e na dor de mais uma decepção, a maior <b>talvez</b> que Oswald me fez sofrer. (PP – pág. 10)
<b>Talvez</b> , numa outra ocasião, a minha reação não fosse tão intensa, nem me surpreendesse tanto, mas naquele momento foi odiosa. (PP – pág. 11)
<b>Quem sabe</b> , no fundo, talvez fizessem parte da propaganda de sua "frota" de transportes. (AGD – pág. 07)
<b>Considerava</b> que a evolução nos Estados Unidos se prestava melhor à observação porque ali, mais do que em qualquer outra parte, as formas de controle democrático de raiz comunitária permaneciam vivas. (CF – pág. 15)
A divergência de interesses levava a um impasse, mas <b>não</b> podia <b>haver dúvida</b> de que a prolongação deste desfavorecia os Estados Unidos. (CF – pág. 19)
<b>Sabia</b> que realizava qualquer coisa importante contra todos os princípios, contrariando a ética conhecida e estabelecida. (PP – pág. 03)
Hoje <b>parece</b> apenas que lhe conto que fui à quitanda comprar laranjas. (PP – pág. 04)
<b>Parecia</b> que, se deixasse, eles morariam lá até a competição acabar. (GUB – pág. 12)
Mas agora ele <b>parecia</b> seguro de que eu ia chegar ao topo da montanha. Naquele instante, Rafa acreditava muito mais em mim do que eu mesmo. (GUB – pág. 14)
<b>Parece</b> que a paralisia começa desta vez. (PP – pág. 03)
<b>Impossível</b> , nesses momentos, se entender fosse lá o que fosse. (AGD - pág. 16)

A verdade é que Marx, como Aristóteles, escrevera sobre tudo, o permanente e o cotidiano, <b>podendo-se</b> dele derivar linhas de pensamento com implicações muito diversas. (CF – pág. 17)
<b>Imagino</b> que meu pai não tenha entendido a peça, mas que saiu apaixonado pela atriz, saiu. (RL – pág. 19)
<b>Parece</b> que até aí aconteceu mais ou menos como previram, a coisa toda só desandou quando, munidos do comprovante de venda, chegaram ao tal terreno e os poceiros, já donos do pedaço, os receberam a bala. (RL – pág. 22)
Um vento gelado e um cachecol escocês voando. "Não diga nada. Vamos voltar para a cidade". <b>Parece</b> que foram essas as palavras. (PP – pág. 04)
<b>Parecia</b> que ninguém se apressava na Costa Oeste dos Estados Unidos. (MC – pág. 17)
<b>Parecia</b> que não havia mais ninguém. (MC – pág. 27)
A diferença do ocorrido na Primeira Grande Guerra, quando as destruições se circunscreveram a certas áreas, a devastação dentro e fora dos sistemas de produção fora de tal ordem que o sacrifício de toda uma geração <b>parecia</b> inevitável. (CF – pág. 14)
Realmente, eu já tinha feito 20 anos, mas parecia <b>com certeza</b> muito nova aquele dia. (PP – pág. 10)
<b>Acreditava</b> na minha coragem, na minha força, na minha vontade, em meu raciocínio. (PP – pág. 06)
<b>Acreditei</b> numa aproximação mais intensa, num laço mais profundo de sentimento. (PP – pág. 08)
<b>Acredito</b> que foi a partir daquele momento que las mujeres passaram a relevar meus desajustes comportamentais. (RL – pág. 16)
Mas tive <b>certeza</b> que era por causa desse monge japonês, de branco, que eu estava ali. (MC – pág. 20)
Eu tinha <b>certeza</b> que sabia comer com os hashis, comentei no Zen Center de Los Angeles. (MC – pág. 22)
Saí de lá com a <b>certeza</b> de que queria morar na comunidade, largar o marido e o emprego, e me tornar uma trainee (aprendiz). (MC – pág. 24)
Se houvesse um confronto entre os dois, eu tinha <b>certeza</b> de que o pai seria o vencedor. (GUB – pág. 19)
Desde aquele dia <b>compreendi</b> que minha irmã mais nova tinha um relacionamento com nosso pai que era de grande intimidade. (MC – pág. 33)
Mas <b>considerava</b> a economia como um instrumento para penetrar no social e no político, e avançar na compreensão da História, particularmente quando esta ainda se exibia como presente a nossos olhos. (CF – pág. 15)
Acumulara algumas economias e <b>considerarei</b> que o melhor presente que podia dar a mim mesmo era propiciar-me os meios para observar de perto o drama europeu. (CF – pág. 14)
Não sei como me prestei àquilo. Hoje, tudo me <b>parece</b> inacreditável. (PP – pág. 07)
Realmente, eu já tinha feito 20 anos, mas <b>parecia</b> com certeza muito nova aquele dia. (PP – pág. 10)
Mesmo sendo um observador neófito, eu podia <b>perceber</b> que aquela grande nação, que mais do que qualquer outra contribuía para formar a civilização tecnológica, agora parecia jogar cabra-cega. (CF – pág. 15)
<b>Percebi</b> que minha tigela era imprópria. (MC – pág. 23)
Sentia-me amparada e <b>sabia</b> que meu pai e minha mãe confiavam em mim. (MC – pág. 33)
Era uma moleca impossível. Eu <b>sabia</b> que enganava todo mundo. (PP – pág. 05)
<b>Sabia</b> que Oswald não me amava. (PP – pág. 08)

<b>Sabíamos</b> por experiência que as classes dominantes dispunham de meios para manipular e domesticar as massas, impondo uma nova ordem em que cada um encontra segurança ao renunciar a suas aspirações mais nobres. (CF – pág. 15)
Até hoje desconheço os motivos, <i>apenas sei</i> que somente um mês após o nascimento das meninas dispuseram os pais a fazer o registro das filhas. (AGD - pág. 13)
Só <b>sei</b> que desse dia em diante as mulheres olhavam para mim como a pequena órfã. (RL – pág. 16)
<b>Sei</b> que coloquei força máxima em todos os golpes, cada saque, direita, esquerda, cruzada e paralela, um alucinado mirando no alvo e disparando em linha reta sem se distrair. (GUB – pág. 21)
No fundo, eu penso na defesa dos detalhes, porque <b>sei</b> que os detalhes justificarão em parte minha maneira de ser. (PP – pág. 03)
<b>Sei</b> que lhe embriaguei. Que falei muito. Que me levaram ao Luciano Gualberto. (PP – pág. 04)
<b>Sei</b> que vivíamos economicamente em condições piores que as famílias vizinhas, mas nunca deixamos de ser os fidalgos da vila operária. (PP – pág. 05)
<b>Sei</b> que chorei muito, que quase enlouqueci, e que estive doente. (PP – pág. 10)
Tampouco podíamos ter <b>dúvida</b> de que a ideia de Marx de que a própria crise engendraria uma nova formação social “mais racional” era do reino da utopia. (CF – pág. 15)
Calado, passei por ele ainda tentando encontrar um jeito de me <b>convencer</b> de que ia dar. (GUB – pág. 11)
Tudo o que eu sentia era necessidade de me <b>convencer</b> de que era possível ganhar. (GUB – pág. 11)
A gente <b>achou</b> isso curioso, sem saber que era o início de um fenômeno global. (GUB – pág. 10)
Certa vez, eu <b>devia</b> ter uns cinco ou seis anos e Virgínia dez, rolava um joguinho de cartas com duas garotas, Silvinha, um pouco mais velha que eu, e sua irmã Ana Maria, que regulava em idade com minha irmã. (RL – pág. 21)
Certa vez, numa dessas férias no Guarujá, eu <b>devia</b> ter uns sete anos e entrei na turma dos moleques de rua que a cada dia combinava de roubar uma maçã dali (...) (RL - pág. 24)
Mas, Geraldo, é que hoje estou cheia de <b>dúvidas</b> . (PP – pág. 11)
Imaginara poder estender minhas incursões à Europa do Leste, em particular à União Soviética, cuja experiência em planificação econômica me <b>parecia</b> ser algo que não devia ignorar. (CF – pág. 15)
Os projetos de previdência e assistência social, que tiveram no Plano Beveridge sua melhor expressão, constituíram valioso avanço, mas não iam à raiz do problema, <b>pensava</b> eu. (CF – pág. 15)
Por mais que a gente afaste a imagem de nossos pais transando, o lance é que, para ter filhos, eles <b>devem</b> ter trepado <i>mesmo</i> . (RL – pág. 21)
Tudo estava bem e tranquilo – tanto quanto <b>pode</b> ser em famílias grandes – até que meus pais se casaram. (MC – pág. 30)
Na sequência, superei o austríaco Thomas Muster, atualmente quinto do ranking, número 1 do mundo no ano anterior e campeão de Roland Garros em 1995, numa partida que <b>pode</b> ser resumida como um drama com final feliz. (GUB – pág. 09)
Você <b>pode</b> dizer, como me disse uma vez Odila, minha única amiga, que eu não amava meu filho. (PP – pág. 10)
<b>Pode</b> haver coisa mais comovente... (AGD - pág. 17)
Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. <b>Poderia</b> ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados (...) (AGD - pág. 14)

Ganhei uma chave, como só os residentes tinham, assim <b>poderia</b> usar o zendo (sala de zazen) sempre que quisesse e mesmo que o Zen Center estivesse fechado, sem atividades regulares. (MC – pág. 23)
Não era a pessoa que era amiga. Era o cargo, as possíveis vantagens que <b>poderia</b> obter. (MC – pág. 31)
Em memorando, que se tornaria público alguns anos depois, Kennan chamou a atenção para o fato de que a normalização da vida econômica na Europa <b>poderia</b> ser alcançada em período relativamente curto com base numa ajuda concentrada dos Estados Unidos sob a forma de transferências unilaterais. (CF – pág. 19)
Só da dissolução <b>poderia</b> surgir a verdadeira personalidade. (PP – pág. 03)
Isso <b>podia</b> ser verdade, mas não nos era dado comprovar. (CF – pág. 18)
Somente assim elas <b>podiam ficar</b> a par das coisas, graças à solicitude da boa dona Angelina. (AGD - pág. 16)
Eu me surpreendi que alguém <b>pudesse</b> se aborrecer num lugar tão agradável e nessa procura tão instigante. (MC – pág. 26)
“ <b>Deve</b> ter um jeito de ganhar desse cara, tem que ter!”. (GUB – pág. 09)
“Preciso achar o caminho, <b>deve</b> ter um jeito, tenho que conseguir”, eu não parava de pensar. (GUB – pág. 21)
Inscrevi-me para participar do chamado Festival Mundial da Juventude, a realizar-se em Praga, o que me abria a possibilidade de cruzar a Alemanha, e para integrar uma brigada francesa que <b>deveria</b> participar da construção de uma estrada de ferro na Bósnia. (CF – pág. 17)
Como <b>pode</b> assegurar-se a democracia de que as forças econômicas, organizadas [à semelhança] das instituições militares, não tentem assenhorear-se do Estado?”. (CF – pág. 15)
Ainda estavam próximos os dias da Grande Aliança, em que havíamos imaginado viver, no pós-guerra, em um “mundo só”, onde cada povo <b>poderia</b> beneficiar-se, na formulação de sua política, dos acertos e erros de todos os demais. (CF – pág. 16)
Acumulara algumas economias e considerei que o melhor presente que <b>podia</b> dar a mim mesmo era propiciar-me os meios para observar de perto o drama europeu. (CF – pág. 14)
A guerra demonstrara claramente que uma adequada regulação do sistema econômico <b>podia</b> assegurar o pleno emprego, aspiração maior de povos que haviam sido vitimados por uma depressão sem precedentes. (CF – pág. 15)
Na União Soviética se demonstrava que esse bem por todos almejado também <b>podia</b> ser obtido na paz. (MC – pág. 15)
Tampouco <b>podíamos</b> ter dúvida de que a ideia de Marx de que a própria crise engendraria uma nova formação social “mais racional” era do reino da utopia. (CF – pág. 15)
Tinha plena consciência de todas as consequências que eu <b>poderia</b> ser obrigada a enfrentar. (PP – pág. 03)
Com Euclides, eu <b>poderia</b> ter isolamento, solidão, liberdade. (PP – pág. 04)
E só à noite, quando alguma vez <b>podia</b> fugir de todo o mundo, quando ninguém me observava, então eu o beijava tão levemente. (PP – pág. 10)
Então, comecei a compreender que se <b>podia</b> conseguir mais do ato sexual, que para mim nunca passara de uma dádiva carinhosa de meu corpo ausente. (PP – pág. 11)
Se você <b>soubesse</b> como ele era lindo no seu pijaminha, o polegar deformado na boca e a outra mão atrapalhada nos cabelos... (PP – pág. 10)
<b>Corpus de ocorrências - Parte 1</b>
<b>Parte 2 - Trechos com expressões instauradoras da Modalização (usualidade)</b>

As luzes se acendiam, os comentários no intervalo, enquanto todo mundo se ajeitava e se refazia da emoção sofrida, eram <b>sempre</b> os mesmos (...) (AGD - pág. 16)
Revólver <b>sempre</b> à mão, dedo no gatilho, não errava o alvo, boa pontaria. Admirava Maciste, quase o temia ("Maciste, o Poderoso"), o homem mais forte do mundo... (AGD - pág. 16)
Outro por quem se apaixonou foi um coroinha francês, paciente do meu pai, Bernard, lindo e loiro, que <b>sempre</b> ajudava o mesmo padre na missa das dez numa outra igreja. (RL - pág. 26)
As imagens, estátuas, representações de Budas e Bodisatvas (seres iluminados) estão <b>sempre</b> sobre uma flor de lótus e muitos carregam botões de lótus em suas mãos, simbolizando a pureza. (MC – pág. 31)
Outros automóveis foram aparecendo, papai <b>sempre</b> a par das novas marcas e dos novos tipos, procurando compreender e dissecar os estranhos motores a explosão, penetrar em seus mistérios. (AGD – pág. 04)
Os temores de dona Angelina tinham uma explicação: <b>sempre</b> levava uma vida de apertos; casara-se muito jovem, quase uma criança, apenas completara quinze anos e o noivo dezoito. (AGD, pág. 05)
Ao se conhecerem, os Strambi já tinham três filhos, e o nascimento dos que foram surgindo, daí por diante, coincidiu <b>sempre</b> com os de casa (...) (AGD – pág. 11)
Na presença da empregada, marido e mulher discutiam como chamar a menina a nascer — Dona Angelina tinha seus macetes, adivinhava <b>sempre</b> o sexo do filho que carregava no ventre (...) (AGD – pág. 12)
Era nessas noites que mamãe ia <b>sempre</b> , levando consigo as três filhas: Wanda, Vera e eu, e também Maria Negra (...) (AGD - pág. 14)
O conjunto musical que acompanhava a exibição dos filmes compunha-se de três figuras: piano, violino e flauta. Ano entra, ano sai, o repertório dos músicos era <b>sempre</b> o mesmo. (AGD - pág. 15)
Morríamos de rir com os pastelões voando à procura do alvo, <b>sempre</b> acertando na cara do desprevenido. (AGD - pág. 15)
O frágil homenzinho de chapéu-coco e bengala acabava <b>sempre</b> por levar a melhor (...) (AGD - pág. 15)
Acompanhávamos os seriados durante meses a fio, um pedacinho por semana, parando <b>sempre</b> na hora do maior suspense, é claro. (AGD - pág. 15)
Dava pontapés e empurrões nas portas das privadas, <b>sempre</b> ocupadas, mesmo não tendo necessidade de lá entrar. (AGD - pág. 16)
Terminava <b>sempre</b> recebendo um doce beijinho de sua namorada, que o esperava montada de lado num belo cavalo ou sentada na porteira do rancho. (AGD - pág. 16)
Mas não perdia muito, pois em casa ouvia mamãe repetir a fita, detalhe por detalhe, às pessoas que não tinham podido ir ao cinema e que a procuravam depois. Isso acontecia <b>sempre</b> . (AGD - pág. 17)
Quando Charles acordava, <b>sempre</b> às quatro da manhã, os espertinhos voavam para os muros e só voltavam às sete da noite, depois que o Sargento ia dormir. (RL – pág. 10)
Nesse mesmo corredor havia um banheiro completo, com um chuveiro elétrico que <b>sempre</b> dava choque ao botar a mão no registro (...) (RL – pág. 11)
A garagem também era propriedade exclusiva de Charles e de suas ferramentas <b>sempre</b> em ordem impecável. (RL – pág. 12)
O reclame-hit dos biscoitos Aymoré, “Eu sou um índio camarada, amigo da garotada”, patrocinava <b>diariamente</b> uma hora seguida de =w1 `78oody Woodpecker em inglês. (RL – pág. 15)

Quando o Sargento saía, as soldadas faziam festa. <b>Sempre</b> que isso acontecia, Chesa tinha um insight de carregar o piano de armário até a calçada. (RL – pág. 17)
O pai, um galã latin lover tipo Valentino, assim que desembarcou sumiu nos braços das nativas e a mãe foi bater na porta da minha avó Rita ( <b>sempre</b> ela) (...) (RL – pág. 19)
A mais baixinha do colégio foi <b>sempre</b> a primeira da classe, autodidata, lia e escrevia desde os três anos. (RL – pág. 20)
Mary <b>sempre</b> foi chegada em príncipes gays. (RL - pág. 26)
<b>Sempre</b> nos cumprimentávamos e trocávamos algumas palavras. Nesse dia ele me presenteou com um livro. (MC – pág. 17)
Seja o que for que esperássemos encontrar ela <b>sempre</b> dizia que lá não encontraríamos. (MC – pág. 19)
Na hora do almoço, em vez de ir meditar pelas igrejas do centro de Los Angeles. ou nos jardins suspensos, como <b>sempre</b> fazia, fui a uma loja procurar o material exigido. (MC – pág. 23)
Pessoas desconhecidas sentavam ao meu lado, mas eu <b>sempre</b> sentava comigo mesma. (MC – pág. 23)
No altar de Manjusri Bodisatva – o ser iluminado da sabedoria, imagem principal de uma sala zen de meditação – <b>sempre</b> há um vaso de flores, uma tacinha com água pura, uma vela e um incensário. (MC – pág. 24)
Joko Sensei me acompanhava e estimulava nas entrevistas individuais que tínhamos <b>semanalmente</b> . (MC – pág. 24)
De preto ficava cinza, tanto que eu o usava e lavava. Estava <b>sempre</b> bem passado. (MC – pág. 25)
Quase <b>sempre</b> precisava de advertências e castigos. (MC – pág. 29)
Vovó usava <b>sempre</b> um avental sobre seus vestidos simples. (MC – pág. 30)
Meu avô era brincalhão, alegre, e tinha uma lata de cor alaranjada com castanhas-do-pará. Delícia. Trabalhava muito. Usava óculos de aros arredondados, <b>sempre</b> de terno. (MC – pág. 30)
Mas ele <b>sempre</b> esteve presente e me apoiou nos momentos difíceis da vida. (MC – pág. 33)
Meu pai <b>sempre</b> me deu a impressão de ser ateu. (MC – pág. 33)
Não <b>é sempre</b> que se pode testemunhar a gestação do futuro de toda uma geração. (CF – pág.)
Nos debates <b>sempre</b> se voltava a esses pontos, que brotavam das profundas ansiedades que existiam em todos. (CF – pág. 17)
Na noite anterior às quartas de final, eu, Larri, Rafa e Letícia fomos jantar no lugar de <b>sempre</b> , a pizzaria Victoria, perto do hotel Montblanc, um duas estrelas simplesinho em que nos hospedávamos em Paris. (GUB – pág. 10)
Meu ritual era assim: antecipar a partida na cama, no chuveiro, no sonho, <b>sempre</b> buscando a tão almejada confiança. (GUB – pág. 10)
Tomei café com Larri, conversamos, fomos para o complexo de Roland Garros, almoçamos o macarrãozinho de <b>sempre</b> para dar energia. (GUB – pág. 10)
<b>Sempre</b> gostei do apelido, e tinha um aspecto carinhoso que me tranquilizava. (GUB – pág. 11)
Na minha casa, a conquista de um <b>sempre</b> foi a conquista de todos. (GUB – pág. 14)
A gente <b>sempre</b> deu um passo de cada vez. Mas aquilo era um salto extraordinário, que já envolvia meu país inteiro. (GUB – pág. 14)



Íamos <b>sempre</b> aos dois principais clubes da cidade, o Lira e o LIC, e, mais tarde, à Astel, o clube da associação de funcionários da Telesc, estatal que então operava o sistema de telefonia de Santa Catarina. (GUB – pág. 18)
<b>Sempre</b> procurei evitá-lo, quando isso não impunha uma quebra de resolução. (PP – pág. 04)
(...) <b>sempre</b> achei trágica minha vida. (PP – pág. 04)
Bopp me acompanhava <b>diariamente</b> quando deixava o Conservatório. (PP – pág. 05)
Eu <b>sempre</b> fui, sim, uma mulher-criança. (PP – pág. 05)
Não é necessário dizer nada mais sobre isso. Bastou para que <b>sempre</b> me sentisse sentimentalmente acorrentada. (PP – pág. 06)
Por isso mesmo, <b>sempre</b> procurou alimentar minhas tendências que podiam provocar reações estranhas (...). (PP – pág. 08)
Depois vieram outros casos. Oswald continuava relatando <b>sempre</b> . (PP – pág. 09)
Houve uma discussão maior que as habituais, mas, como <b>sempre</b> , amigável. (PP – pág. 10)
Contemporizando o crime da pata, talvez meu pai tenha comido Debora como punição pela audácia de Virgínia ao questioná-lo sobre por que o macho seria <b>sempre</b> o dono da verdade no meio de uma maioria de fêmeas. (RL – pág. 21)
Ser possuída ao máximo. <b>Sempre</b> quis isto. (PP – pág. 03)
Se conformar? Não era esse o fraco de dona Angelina. O menino <b>jamais</b> seria chamado de Mário. Ela o apelidou em seguida de Tito e Tito ficou para sempre. (AGD – pág. 11)
Em frente à nossa casa ficava a padaria América, cujo dono, um simpático português que arrotava tão alto que a rua toda ouvia, facilitava na cumplicidade fornecendo restos de massarocas diversas de modo a <b>nunca</b> faltar alimento para o zoo noturno. (RL – pág. 10)
Esta é da série “como fazer da Páscoa um enterro histórico e o pacto de <b>nunca</b> comer pato até o fim da eternidade”. (RL – pág. 13)
<b>Nunca</b> me castigaram, nem mesmo com aquele eventual tapinha na bunda que minhas irmãs volta e meia levavam. (RL – pág. 16)
Foi difícil e estimulante. Havia começado a conhecer minha mente num nível de intimidade <b>jamais</b> imaginado. (MC – pág. 23)
Eu havia visto as pessoas que limpavam a sala deixar a porta aberta por alguns momentos, contudo <b>nunca</b> pensei em entrar sozinha. (MC – pág. 25)
<b>Nunca</b> perdi um único período de prática. (MC – pág. 26)
<b>Nunca</b> deu um só pedaço ao meu pai – ele recebia o que minha mãe lhe entregava. (MC – pág. 29)
<b>Nunca</b> comentou nada de sua vida pública nem do trabalho. Em casa era brincalhão e alegre como meu avô. (MC – pág. 31)
<b>Nunca</b> falou mal dele para nós. (MC – pág. 32)
Quando ele nos levava a algum passeio, se eu queria tomar sorvete, por exemplo, eu <b>nunca</b> pedia diretamente. (MC – pág. 33)
Fiquei pasma. <b>Jamais</b> falaria assim com meu pai. (MC – pág. 33)
Um relacionamento que eu <b>nunca</b> tivera, não tinha e <b>jamais</b> teria. (MC – pág. 33)
Em um número da revista Esprit dedicado a “marxismo aberto contra marxismo escolástico”, Emmanuel Mounier dizia que o marxismo, em cem anos, havia sido morto verbalmente mais vezes do que o cristianismo no correr dos séculos, e que ainda assim o seu impacto na consciência humana persistia tão forte como <b>jamais</b> fora. (CF – pág. 17)
Depois era tentar manter o ritmo acelerado, forçando, até o meu limite, de um jeito que <b>nunca</b> havia feito. (GUB – pág. 09)
<b>Às vezes</b> , a gente fazia um ou outro comentário sobre as partidas do dia, mas, na maior parte da refeição, Rafa narrava os passeios com a namorada. (GUB – pág. 10)

Na minha cabeça, ele <i>não</i> perdia <b>nunca</b> , ganhava tudo: discussões e partidas. (GUB – pág. 19)
E eu <b>nunca</b> pude atingir o máximo do êxtase-aniquilamento: o silêncio das zonas sensitivas. (PP – pág. 03)
Eu <b>nunca</b> consegui perceber minha perversidade. (PP – pág. 03)
A questão social, durante esse tempo, <b>nunca</b> foi examinada com algum interesse. (PP – pág. 05)
Era, naturalmente, contra os padrões, como se não pudesse ser de outra forma, mas <b>nunca</b> pesquisei o motivo e nem as causas ou razões da luta de classes. (PP – pág. 05)
Um dia, fui recebida com uma tempestade de chinelos, por ter esquecido o tempo numa manifestação de trabalhadores, mas <b>nunca</b> supus que me ofertasse, um dia, inteiramente à causa proletária. (PP – pág. 05)
Encerrei aí meu caso com Bopp e <b>nunca</b> mais falamos em tal. (PP – pág. 06)
<b>Nunca</b> tinha podido ler e esse prazer novo era ainda um outro motivo de vida. E a criancinha que ia nascer. (PP – pág. 07)
Mas havia as paredes da incompreensão atemorizante. <b>Nunca</b> pude sequer oferecer-me totalmente. (PP – pág. 08)
Ainda hoje o meu agradecimento vai para o homem que <b>nunca</b> me ofendeu com a piedade. (PP – pág. 08)
Ou então, que pelo menos ele não tivesse ilusões que o decepcionassem mais tarde, que <b>nunca</b> passeasse sua imaginação por caminhos de coisas inexistentes. (PP – pág. 09)
<b>Nunca</b> mais poderia suportar Oswald e julguei nunca mais poder suportar o contato masculino. (PP – pág. 11)
Nunca mais poderia suportar Oswald e julguei <b>nunca</b> mais poder suportar o contato masculino. (PP – pág. 11)
Éramos crianças. <b>Raramente</b> saíamos as três. Geralmente meu pai saía apenas comigo e com minha irmã mais velha. (MC – pág. 33)
Quem sabe, no fundo, <b>talvez</b> fizessem parte da propaganda de sua "frota" de transportes. (AGD – pág. 07)
Na mesa da copa, <b>geralmente</b> eu me sentava num banquinho mais alto, na cabeceira. (MC – pág. 27)
Éramos crianças. Raramente saíamos as três. <b>Geralmente</b> meu pai saía apenas comigo e com minha irmã mais velha. (MC – pág. 33)
Palacetes rodeados de parques e jardins, construídos, <b>em geral</b> , de acordo com a nacionalidade do proprietário (...) (AGD – pág. 03)
(...) a torneira da pia <b>quase sempre</b> entupida, do malcheiroso toaleta, era nesse momento disputadíssima pelas crianças na ânsia de tomar água. (AGD - pág. 16)
Subíamos no palquinho encenando as magrelas felizes, exigindo o fim da obrigação de tomar óleo de fígado de bacalhau <b>todas as manhãs</b> (...) (RL – pág. 10)
Lá estava o harém reunido na mesa do almoço, <b>todos os anos</b> preparado por meu pai, quando entra o chef Charles, triunfante, carregando Debora (...) (RL – pág. 13)
Tinha também os peixinhos dourados Teco e Bola, e Nicky, a canarina. Quem cuidava deles era o Sargento, e rolava um cirquinho <b>todas as manhãs</b> . (RL – pág. 14)
<b>Todo ano</b> ganhávamos entradas para o Holiday on ice de um dos pacientes que trabalhava na produção do espetáculo. (RL - pág. 26)
Eu tinha pouco mais de 30 anos, pesava 47 quilos e malhava três horas por dia, <b>todos os dias</b> da semana, em aulas de balé clássico, junto a atores, atrizes e bailarinos profissionais. (MC – pág. 17)

Minha rotina foi se modificando. Acordava <b>todos os dias</b> antes do amanhecer para fazer zazen. (MC – pág. 21)
Meu hakama – vestuário típico dos samurais, espécie de saia-calça – teve de ser tingido <b>inúmeras vezes</b> . (MC – pág. 25)
Essa madeira representava o corpo dos fundadores, os quais, <b>todas as manhãs</b> , eu acordava, banhava e depois lhes servia água pura, água quente adocicada, doce e chá. (MC – pág. 25)
Essas tensões se traduziam em greves que paralisavam <b>com frequência</b> importantes segmentos da atividade econômica, e em pressão inflacionária que desestimulava a poupança. A eficácia do sistema produtivo estava, portanto, comprometida. (CF – pág. 19)
Levou alguns anos às voltas com automóveis, atendendo chamados, consertando aqui, quebrando a cabeça ali, às vezes ganhando muito, <b>às vezes</b> levando calote (...) (AGD – pág. 06)
Maria Negra, sem ligar para o frio e nem para o sono, via o dia clarear, esperando ansiosa sua nova patroazinha; ela chegaria — tinha fé em Deus — antes da criança da vizinha, <b>mais uma vez</b> no páreo com sua patroa (...) (AGD - pág. 12 e 13)
<b>A única vez</b> que foram roubados foi um escândalo na rua. (RL – pág. 12)
<b>Às vezes</b> eu saía da cama para passar um tempinho com ele lá, que ficava sozinho no escuro. Um dia, amanheceu morto. (RL – pág. 14)
Até a inacreditável Yma Sumac se apresentou lá <b>uma vez</b> . (RL – pág. 15)
Nunca me castigaram, nem mesmo com aquele eventual tapinha na bunda que minhas irmãs <b>volta e meia</b> levavam. (RL – pág. 16)
Visitava minha filha <b>uma vez por ano</b> , e ela passava uma das férias comigo em Los Angeles. (MC – pág. 18)
Meu marido e eu brigávamos <b>às vezes</b> – nem me lembro exatamente por quê. (MC – pág. 18)
Voltei, sozinha, <b>mais duas vezes</b> ao Zen Center de Los Angeles. (MC – pág. 20)
<b>Algumas vezes</b> , ao sair do banco, passava pelo Zen Center para meditar. (MC – pág. 22)
<b>De vez em quando</b> havia uma outra pessoa sentada, que antes de ir embora sussurrava em meu ouvido: “Ao sair, apague a vela”. (MC – pág. 23)
<b>Algumas vezes</b> a não dormir em casa. (MC – pág. 31)
A mais nova, que morava com ele, <b>quase nunca</b> víamos. (MC – pág. 33)
<b>De vez em quando</b> , olhava de rabo de olho para a quadra 3 e, desesperado, via que o russo não errava uma bendita duma bola. (GUB – pág. 10)
Mesmo os melhores do mundo só apareciam <b>umas duas vezes</b> por ano na minha TV, e ainda assim jogando a final. (GUB – pág. 16)
Quando, <b>às vezes</b> , eu procurava uma evasão e me fechava, então surgia a hostilidade. (PP – pág. 06)
Pretendo relatar somente, sem julgamento preconcebido, mas é que, <b>às vezes</b> , as próprias condições que me acompanham no momento em que escrevo fazem boiar esses raciocínios-conclusões. (PP – pág. 11)
Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, <b>muitas vezes</b> chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora (...) (AGD - pág. 14)
<b>Muitas vezes</b> , em noites de chuva, quando a patroa desistia de sair com as crianças, chegava mesmo a ir sozinha. (AGD - pág. 14)
<b>Em geral</b> , logo em seguida vinha a fita cômica. (AGD - pág. 15)
Assim, alguns domingos à tarde, eu entrava, <b>muitas vezes</b> , num zendo vazio. (MC – pág. 23)

Estudávamos uma apostila organizada por um discípulo de Yasutani Hakuun Roshi – mestre zen japonês que havia ido aos Estados Unidos <b>várias vezes</b> liderando retiros e auxiliando o jovem Maezumi Roshi a transmitir os ensinamentos. (MC – pág. 26)
Em um número da revista Esprit dedicado a “marxismo aberto contra marxismo escolástico”, Emmanuel Mounier dizia que o marxismo, em cem anos, havia sido morto verbalmente <b>mais vezes</b> do que o cristianismo no correr dos séculos, e que ainda assim o seu impacto na consciência humana persistia tão forte como jamais fora. (CF – pág. 17)
<b>Muitas vezes</b> , dizia que não ia ter entrevista fora do estabelecido na programação, que eu precisava me concentrar para manter o desempenho. (GUB – pág. 12)
Nas ruas, os parisienses, <b>geralmente</b> recatados, me lançavam olhares curiosos, pediam autógrafa, vinham elogiar, dar força. (GUB – pág. 13)
Se quiser, <b>dia sim, dia não</b> , vê jogos de Roger Federer, Novak Djokovic e Rafael Nadal. (GUB – pág. 16)
Não contavam pontos para nada e a premiação para o primeiro lugar <b>às vezes</b> era um perfume. (GUB – pág. 19)
<b>Muitas vezes</b> minhas mãos se enchiam na oferta de ternura. (PP – pág. 08)
<b>Muitas vezes</b> fui obrigada a auxiliá-lo, para evitar complicações até com a polícia de costumes. (PP – pág. 09)
Aliás, eu <b>nem sempre</b> poderia escrever. (PP – pág. 09)
É tão difícil retroceder quando isso significa uma passagem violenta de um estado para outro. <b>Passar de novo</b> pelo mesmo caminho de trevas percorrido... (PP – pág. 09)
<b>Nem sempre</b> posso localizar o fato dentro do tempo. (PP – pág. 09)
(...) e era <b>costume</b> que cada vizinho pendurasse uma joia no manto de veludo azul. (RL – pág. 11)
Kafelnikov estava um pouco mais devagar do que de <b>costume</b> . (GUB – pág. 21)
(...) A segunda etapa terminava num altarzinho com uma imagem grande de Nossa Senhora Aparecida, que Chesa <b>costumava</b> levar de casa em casa na rua (...) (RL – pág. 11)

## REFERÊNCIAS DAS OBRAS RECORTADAS PARA CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. 1ª edição. Companhia das Letras. 1979.

LEE, Rita. **Rita Lee, uma autobiografia**. 1. ed. – São Paulo: Globo, 2016.

COEN, Monja. **O que aprendi com o silêncio**: uma autobiografia. 1ª edição. Academia. 2019.

FURTADO, Celso. **Obra autobiográfica**. Companhia das letras. 2014.

KUERTEN, Gustavo. **Guga, um brasileiro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**. A autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Editora Agir. 2005.